

TATIANA CALHEIROS LAPAS LEÃO

**AS EXIGÊNCIAS DE CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO
DO TRABALHADOR PARA O MERCADO DE TRABALHO
PÓS-AUTOMATIZAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – CURSO DE MESTRADO
CAMPO GRANDE-MS
2008**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Coordenadoria de Biblioteca Central – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

L576e Leão, Tatiana Calheiros Lapas.
As exigências de criatividade na educação do trabalhador para o mercado de trabalho pós-automatização / Tatiana Calheiros Lapas Leão. - Campo Grande, MS, 2008.
204 f.; 30 cm.

Orientador: Inara Barbosa Leão.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Centro de Ciências Humanas e Sociais.

1. Criatividade (Educação). 2. Trabalhadores – Educação. I. Leão, Inara Barbosa. II. Título.

CDD (22) 370.118

TATIANA CALHEIROS LAPAS LEÃO

**AS EXIGÊNCIAS DE CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO
DO TRABALHADOR PARA O MERCADO DE TRABALHO
PÓS-AUTOMATIZAÇÃO**

Dissertação apresentada como exigência final para obtenção do grau de Mestre em Educação, à Comissão Julgadora do Programa de Pós-Graduação em Educação - Curso de Mestrado do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Inara Barbosa Leão.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – CURSO DE MESTRADO
CAMPO GRANDE-MS
2008**

COMISSÃO JULGADORA:

Prof^a. Dr^a. Inara Barbosa Leão

Prof. Dr. Wanderley Codo

Prof^a. Dr^a. Fabiany de Cássia Tavares Silva

Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo as implicações para a educação dos trabalhadores da exigência de aplicação da criatividade aos processos de trabalho. A nossa hipótese é que tal exigência se refere à utilização dos processos psicológicos do pensamento produtivo, como descrito por Luria (1979); uma vez que na fase atual do desenvolvimento do Capitalismo, o trabalho de produzir algo novo já pode ser atribuído às máquinas computadorizadas e as necessidades de produtos são manifestadas coletivamente e apreendida por mecanismos de pesquisas de mercado ou opinião. Para realizarmos a pesquisa, observo os pressupostos do Materialismo Histórico Dialético como orientadores na delimitação do referencial teórico e metodológico. Este nos exigiu a construção de uma base empírica, para a qual colhi dados junto à um representante de uma empresa que mantém a contratação de trabalhadores na dependência da criatividade do trabalhador; e realizei uma pesquisa bibliográfica sobre a evolução histórica do trabalho social, enfocando, principalmente, a relação entre a caracterização da criatividade e sua demanda e aplicação na produção. Desenvolvi uma análise histórica acerca das concepções de homem e de seus processos psíquicos relacionando-os com os processos produtivos e educacionais dos períodos que se destacaram pela utilização da maquinaria e pelo reconhecimento histórico da aplicação de criatividade na produção. Após a caracterização teórica da problemática e de suas determinações que orientem a sua exploração inicial, ocorreu a coleta de dados junto ao curso de Administração, de uma Instituição de Ensino Superior e um empregador; para, através dos discursos do professor, coordenador de curso e do responsável pelo processo de recrutamento, seleção e avaliação da empresa, entender qual é a real exigência apresentada ao trabalhador, como condição para ocupar um posto de trabalho. Finalmente concluímos que a exigência de criatividade é realmente feita, mas como pensamento produtivo, pois, nunca os homens foram tão produtivos nos seus trabalhos, quanto atualmente, entretanto, o que não são é remunerados por tanta produtividade. E o que se destaca é que toda essa produtividade vem se concentrando em um número cada vez menor de trabalhadores, enquanto os outros não têm como produzir por falta dos instrumentos para tal, que estão concentrados nas mãos dos donos do capital.

Palavras chave: Educação; Trabalho; Criatividade.

ABSTRACT

The present work has as study object the implications on the education of laborers of the requirement for using creativity in the labor processes. Our hypothesis is that such demand refers to the use of the psychological processes of the productive thought, as described by Luria (1979); once in the current phase of the development of the Capitalism, the job of producing something new can already be attributed to computerized machines and the needs of products are manifested collectively and apprehended by mechanisms of opinion market research. For us to accomplish the research, we observed the Dialectic Historical Materialistic suppositions as guidelines in the marking of the theoretical and methodological referential. This required that we construct an empiric base, for which we gathered data from a representative of a company that maintains recruiting of laborers in the dependence of the creativity of the laborer; and we accomplished a bibliographical research about the historical evolution of the social labor, focusing, mainly, on the relationship between the characterization of the creativity and its demand and application in the production. We developed a historical analysis concerning man's conceptions and of his psychic processes relating them with the productive and educational processes of the periods in which he markedly used machinery and by the historical recognition of the application of creativity in production. After the theoretical characterization of the problem and of its determinations that guide the initial exploration, we collected data at the course of Administration, of a higher education Institution and of an employer; for, through the speeches of the teachers, of the course coordinator and of the person responsible for the processes of recruitment, selection and evaluation of the company, to understand which is the real demand introduced to the worker, as his condition to occupy a workstation. Finally we find that the requirement of creativity is actually made, but as productive thinking, therefore, never the men were so productive in its work, as now, however, are not what is paid for so much productivity. And what stands out is that all this productivity has been concentrating on an ever smaller number of workers, while others do not have to produce for lack of instruments for this, which are concentrated in the hands of the owners of capital.

Keywords: Education; Labor; Creativity.

*Dedico esse trabalho ao meu esposo
Hernani Barbosa Leão
e as minhas filhas
Carolina Lapas Leão e Ana Paula Lapas Leão,
pelo amor e carinho, dedicação, compreensão,
tolerância e contribuição nos momentos mais turbulentos.*

*Aos meus Pais Manoel Lapas e Maria José Calheiros Lapas,
sem os quais, não teria conseguido chegar até aqui.*

*À Diva Nair Barbosa Leão
pelo apoio e incentivo incondicional.*

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Inara Barbosa Leão, pela amizade, compreensão e pela sabedoria na orientação desta dissertação, que dedicou boa parte do seu tempo para que esse trabalho se concretizasse, e que serei eternamente grata.

Ao Professor Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório, por todas as horas de conversas e conhecimentos adquiridos nesses longos anos de amizade e trabalho.

À Professora Dra. Fabiany de Cássia Tavares Silva e ao Professor Dr. Wanderley Codo, pelas valiosas contribuições oferecidas na minha qualificação.

À Professora Dra. Alda Maria do Nascimento Osório, educadora, pesquisadora e profissional competente a quem eu agradeço muito pelas palavras sinceras, pela amizade e principalmente pelo carinho durante todos esses anos.

À todos os professores do Curso de Mestrado do PPGEduc/UFMS, pela competência, pelo nível da qualidade de ensino e por todo conhecimento propiciado.

Aos meus colegas de turma pela troca de conhecimento, experiências e pela amizade.

Aos meus irmãos, Mamedy, Débora, Ligia e Nádia pelo apoio e compreensão pelas horas de ausência.

À minha família, pelo carinho e confiança no meu trabalho.

*Quem separou desde o início pensamento do afeto
fechou definitivamente para si o mesmo caminho para
a explicação das causas do próprio pensamento,
porque a análise determinista do pensamento
pressupõe necessariamente a revelação dos motivos,
necessidades, interesses, motivação e
tendência motrizes do pensamento,
que lhe orientam o movimento nesse ou naquele aspecto.
De igual maneira, quem separou o pensamento do afeto
inviabilizou de antemão o estudo da influência reflexiva
do pensamento sobre a parte afetiva e volitiva da vida psíquica.
(VYGOTSKY, 2001, p. 16).*

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR COORDENADOR DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO.....	181
ANEXO 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O REPRESENTANTE DO EMPREGADOR	184
ANEXO 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E TERMO DE ANUÊNCIA	187
ANEXO 4 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR COORDENADOR DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO (S1)	190
ANEXO 5 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM UMA REPRESENTANTO DO EMPREGADOR (S2)	198

SUMÁRIO

RESUMO	4
ABSTRACT	5
LISTA DE ANEXOS	9
APRESENTAÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – UM HISTÓRICO DAS CRIAÇÕES DO TRABALHO SOCIAL	17
1.1 A ATIVIDADE TRABALHO SOCIAL E SUAS CRIAÇÕES	17
1.2 AS CARACTERÍSTICAS DAS FORMAS DE PRODUÇÃO DO TRABALHO SOCIAL QUE CRIARAM OS DIFERENTES PERÍODOS HISTÓRICOS	20
1.3 COMO A CRIATIVIDADE DO CAPITALISMO ATUAL CRIOU O TRABALHO CRIATIVO	51
CAPÍTULO II – OS PROCESSOS CRIATIVOS DOS PENSAMENTOS PRODUTIVOS NA PERSPECTIVA SOCIO-HISTÓRICA	59
2.1 A CRIATIVIDADE SEM PROCESSOS DE PENSAMENTO	60
2.2 A CRIATIVIDADE COMO PROCESSO PSICOLÓGICO DO PENSAMENTO PRODUTIVO.....	71
2.3 O PROCESSO PSICOLÓGICO DA ATIVIDADE CRIADORA	88
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DISCURSOS	96
3.1 A ANÁLISE DO DISCURSO.....	103

3.2 A ANÁLISE DO DISCURSO DO S1 - COORDENADOR DE CURSO	
DE ADMINISTRAÇÃO	111
3.3 A ANÁLISE DO DISCURSO DO S2 – REPRESENTANTE DO	
EMPREGADOR	143
GUIA DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS	174
ANEXOS	180

APRESENTAÇÃO

A aplicação de tecnologia no trabalho humano revoluciona, a cada momento, a forma de trabalhar e produzir uma vez que aumenta a produtividade ao mesmo tempo em que, dispensa trabalho humano. Esta condição contraditória da relação dialética em que o trabalho humano cria formas de dispensar trabalho humano tem implicações para a constituição dos sujeitos e da própria sociedade, uma vez que para o ser humano o trabalho não é apenas uma atividade de subsistência.

A partir dos autores que analisam os aspectos contidos nesta problemática e, que serão mencionados no decorrer deste trabalho, busquei apreender na História do trabalho o porquê da exigência da criatividade como característica necessária para o trabalhador ser absorvido pelo mercado de trabalho atual, se a automatização está substituindo o homem na maioria das atividades produtivas. Fica também demonstrado que a cada ato de criação do homem para solucionar os problemas dados na produção, elimina-se postos de trabalho por tornar a força de trabalho humana dispensável por se acrescentar capacidades dos homens às máquinas por meio de tecnologias. Com a compreensão desta questão delineada, busquei a relação entre a exigência em pauta e as suas implicações para a educação dos trabalhadores.

No relatório final desta pesquisa desenvolvida durante o Curso de Mestrado em Educação, apresento os resultados alcançados na investigação do objeto de estudo: a exigência de criatividade na educação do trabalhador para o mercado de trabalho pós-automatização.

Nossa preocupação se prendeu à hipótese que tal exigência se refere ao Pensamento Produtivo, como descrito por Luria (1979), no qual a criatividade é um dos processos necessários ao pensamento que não se limite a reproduzir; diferentemente do entendimento que toma a criatividade como uma característica diferenciada do pensamento, como algo raro e especial dentre as atividades subjetivas humanas. Isto porque, na fase atual do desenvolvimento do Capitalismo, os trabalhos de criar e produzir novos produtos já estão atribuídos às máquinas computadorizadas e a necessidade desses novos produtos é manifesta coletivamente e apreendida por mecanismos de pesquisas de mercado ou opinião.

Ao oferecer subsídios para o entendimento das relações que se estabelecem entre as exigências do mercado de trabalho e a educação dos trabalhadores, os resultados que alcancei podem contribuir com os propósitos da Linha de Pesquisa Educação e Trabalho, vinculada ao

Programa de Pós-graduação em Educação - Curso de Mestrado, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; por permitir o aprimoramento das explicações sobre os aspectos contraditórios da relação entre educação que constitui a consciência do trabalhador e necessidades reais da forma de produção capitalista e dos meios empregados nesta.

A preocupação com o que é abordado no presente estudo deve-se a trajetória de formação da autora, na qual quando da realização do Curso de Graduação em Artes Visuais, ofereceu Mini-cursos ¹ em Artes Plásticas aos alunos do Ensino Médio. A partir desses, percebi a necessidade de continuar pesquisando sobre a “Criatividade” no desenvolvimento do processo da linguagem artística e sua implicação no pensamento produtivo, o que já resultou na monografia de conclusão do curso de Artes Visuais: “O Processo do Pensamento Criativo”. Desde então, mantenho a constante preocupação em compreender como ocorre o processo de criação e os questionamentos, as buscas e as soluções que surgem em resposta às exigências do dia-a-dia, o que necessariamente me conduziu à ocorrência destes no universo do trabalho.

Estou abordando a questão pela visão psicológica por entender que esta oferece maiores contribuições para o esclarecimento dessa problemática, uma vez que se refere aos processos subjetivos do trabalhador em particular. Ainda que as discussões dos estudiosos de diferentes áreas do conhecimento sobre a criatividade tragam contribuições inegáveis para a valorização da produção criadora; pude entender que, até então, os seus objetivos fundamentais foram facilitar o desenvolvimento da criatividade como uma das condições de liberdade e ampliação da consciência integral dos seres humanos; entretanto agora defronto-me com a sua transformação explícita em aspecto psicológico funcional para a produção capitalista.

Como diferentes processos gestados socialmente, quando confrontados com as possibilidades individuais de pensar e sentir, criam novos processos de representação do mundo e permitem a “criatividade”; a Teoria Psicológica Socio-Histórica nos mostra que os processos psicológicos e suas possibilidades nos são transmitidos por outros sujeitos sociais. Por isso, os esforços para conhecer são, também, formas de nos apropriarmos de diferentes modos de expressão da realidade. Por isso, no presente estudo, propus-me a utilizar o referencial teórico e metodológico dessa perspectiva, tendo o materialismo histórico-dialético como base, para verificar se a minha hipótese de que o conceito de criatividade utilizado

¹ Esses projetos são realizados dentro da Disciplina Prática de Ensino III, do Curso de Artes Visuais, com duração de 25 (vinte e cinco) horas, através de docência.

atualmente pelo mercado de trabalho refere-se a outra função psicológica – o pensamento produtivo, tal como ele se constitui e se apresenta para a solução de problemas ao longo do desenvolvimento socio-histórico e, do qual os diferentes meios e processos de produção são uma das suas explicitações.

Ao analisar as obras de Vygotsky (1982, 1988, 1993, 1994, 1996/2004, 1999/2001, 2000, 2003 e 2005), Luria (1979, 1991, 1992 e 1994) e Leontiev (1978), entendi que por esses autores e outros estudiosos nessa perspectiva considerarem o homem como um ser histórico e social, constituído a partir das atividades que desenvolvem nas interações sociais estabelecidas com o meio, destacam a função do trabalho social para a configuração dos instrumentos psíquicos e técnicos para tal.

Na história da humanidade evidencia-se, portanto, a importância do conhecimento sobre como os homens realizam a troca dos produtos entre si e que o rendimento dos meios tecnológicos está sempre ligado ao desenvolvimento da ciência, em cada sociedade. Entretanto, para o homem produzir necessitava fazer parte de uma organização social, relacionar-se entre si, incluindo as formas de propriedade sobre os meios de produção, e as formas de distribuição do que se produz.

Essas organizações sociais, segundo Ferretti (1988, p. 87) “[...] compreenderam um conjunto das relações ‘materiais’ e ‘espirituais’ que se estabelecem entre os homens em um momento das forças produtivas”, ou seja, a sociedade.

Portanto, a orientação metodológica buscou contemplar as exigências para a abordagem de processos psicológicos e concomitantemente ao entendimento das implicações das mudanças no processo de produção. Devido a estes condicionantes e o indispensável aprofundamento dos conhecimentos adquiridos na graduação pretendi apoiar-me na história e na dialeticidade como recursos metodológicos para a investigação; uma vez que o critério de “[...] cientificidade, da objetividade e da neutralidade [...] está vinculado a uma concepção da realidade, de mundo e de vida no seu conjunto”. (FRIGOTTO, 1997, p. 77). Também fez parte deste processo a pesquisa empírica, que por se dedicar ao tratamento da face derivada dos experimentos ou de observação da realidade, permite a análise de algumas das suas múltiplas determinações.

Além do objetivo geral, já anunciado, destaco os objetivos específicos, que implicaram em buscar na história do trabalho como e por que o processo criativo do pensamento produziu a automação dos meios de produção e suas implicações para a atividade psicológica criativa. A partir destes resultados realizei uma análise para apreender se o processo de formação intelectual construído no Ensino Superior atualmente considera esse

conceito/exigência. O entendimento desta situação, aparentemente incoerente, foi proporcionado pelas explicitações e interpretações dos discursos de sujeitos representativos dos empregadores e dos educadores.

A realização desse trabalho contemplou algumas etapas, com a utilização de técnicas diferenciada para o levantamento dos dados e suas análises, conforme os objetivos que orientaram as suas elaborações. A pesquisa bibliográfica, pela qual realizei o estudo histórico das alterações do trabalho social, embasou a construção dos instrumentos da fase subsequente, utilizados na coleta de dados empíricos, realizada através de entrevistas nas quais busquei me apropriar dos conhecimentos oriundos das experiências dos educadores e empregadores, que estão vinculados ao mundo do trabalho, em Campo Grande/MS. Assim, pretendi entender a experiência, sem caráter científico, derivada da prática e da observação da realidade que os entrevistados detinham; tal como nos exige o empirismo.

Diante disto e considerando estes elementos, esta dissertação consta de três capítulos.

No **CAPÍTULO I – UM HISTÓRICO DAS CRIAÇÕES DO TRABALHO SOCIAL**, apresento alguns momentos da história do trabalho e da forma de produção nos diferentes períodos históricos: da Comunidade Primitiva, passando pela Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna, Idade Contemporânea enfocando principalmente os momentos em que a criatividade foi decisiva para a sua evolução após a automatização. Discuto ainda diferentes características do trabalho social, como a criatividade e a automatização influenciam nos processos de trabalho e, por fim, como a criatividade vem sendo utilizada atualmente.

Destaco no **CAPÍTULO II – OS PROCESSOS CRIATIVOS DO PENSAMENTO PRODUTIVO NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA** discuto as teorias sobre criatividade e processos de pensamento criativo desenvolvidas sob o enfoque socio-histórico. Trato ainda da criatividade sem processos de pensamentos e como processo psicológico do pensamento produtivo além dos processos da atividade criadora.

No **CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DISCURSOS**, apresento o capítulo orientado pelos princípios da pesquisa qualitativa e a análise da entrevista em que os dados foram coletados e analisados a partir das orientações para análise do discurso, no sentido de verificarmos como a exigência de criatividade se relaciona com as necessidades dos trabalhadores e, por fim, as **CONSIDERAÇÕES FINAIS**.

CAPÍTULO I

UM HISTÓRICO DAS CRIAÇÕES DO TRABALHO SOCIAL

Nesse capítulo apresento alguns momentos da história do trabalho, nos quais, a criatividade foi decisiva para a sua evolução, antes e após a automatização. Começarei trazendo para discussão, as diferentes características da forma de produção do trabalho social com a intenção de contextualizar a exigência atual de criatividade para oferta de produtos do trabalho, seja na fabricação de objetos ou na prestação de serviços. Em seguida, buscarei mostrar como a criatividade e a automatização influenciaram nos processos trabalho ao longo da história e, por último, abordarei como a criatividade vem se manifestando no trabalho hoje. Esta recomposição histórica permite-nos verificar se a hipótese de que essa exigência de criatividade - como vem sendo utilizada hoje - para ingresso e permanência no mercado de trabalho refere-se à outra função psicológica: **o pensamento produtivo**; tal como ele se constitui e se apresenta para a solução de problemas ao longo do desenvolvimento socio-histórico.

1.1 A ATIVIDADE TRABALHO SOCIAL E SUAS CRIAÇÕES

O trabalho para o ser humano não é apenas uma atividade de subsistência, mas uma parte da própria ontologia do homem, ou seja, ao produzir os bens necessários para sua sobrevivência, numa época determinada pelo avanço de suas ferramentas de trabalho, ele mesmo cria e recria a humanidade.

Como afirma Leão (1999, p. 32), o trabalho é um “[...] processo mediado simultaneamente pelos instrumentos e pela sociedade”, e que, devido a esta condição determinante do progresso da atividade trabalho, implica na necessidade de se conhecer a sociedade e encontrar explicações para sua história, através de experiências acumuladas.

É a esta mesma necessidade que se refere Antunes (2004, p. 14) ao destacar o trabalho como “[...] condição básica e fundamental de toda a vida humana. E, em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem”.

Outra concepção que levo em consideração é a de que o trabalho humano também é uma atividade tanto formadora em alguns momentos quanto penosa em outros, entretanto necessária para a evolução dos seres humanos.

Dentre estes vários significados, encontro a descrição de trabalho oferecida por Ferreira (2001, p. 679) como sendo:

1. aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; 2. Atividade coordenada de realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento.
3. Trabalho remunerado ou assalariado; serviço, emprego; 4. Local onde se exerce essa atividade. 5. Qualquer obra realizada; [...].

Todo o trabalho supõe um esforço físico ou intelectual e mesmo que seja majoritariamente intelectual, necessita do esforço físico, pois o trabalho intelectual “[...] se faz acompanhar pelo esforço corporal; uso as minhas mãos e os músculos do braço enquanto datilografo estas páginas que vou pensando”, ou inversamente, como exemplifica a autora com o trabalho do pedreiro que “[...] usa sua inteligência ao empilhar com equilíbrio os tijolos sobre o cimento ainda não solidificado” (ALBORNOZ, 1986, p. 11). Considera-se assim, o esforço físico um desgaste fisiológico devido a uma atividade muscular, entretanto, o esforço mental também é um desgaste fisiológico só que devido à atividade mental, na qual o trabalho que o operador executa requer controle voluntário das atividades e processos mentais. Também a monotonia do trabalho promove desgaste fisiológico devido ao uso constante dos mesmos músculos, com movimentos similares em operações repetitivas.

No contexto industrial, o trabalho com meios automatizados é “[...] um esforço planejado e coletivo”, que se diferencia do conceito de trabalho propriamente dito, que seria “[...] aquele que traduz a palavra grega *poiesis*, o fazer, a fabricação, criação de um produto pela arte, é a obra da mão-humana que maneja instrumentos que a imitam [...]” (ALBORNOZ, 1986, p. 25). Neste segundo sentido, trabalho, o fazer humano tem a qualidade de permanência, de superação no tempo do próprio trabalhador.

Porém, o que se deve considerar é que para a realização do trabalho, físico ou intelectual, o homem desenvolve atividades coordenadas, aplicando suas forças para determinado fim. Para isso, utiliza-se de instrumentos que chegam a graus elevados de complexidade e sofisticação e que neste processo de inovação a criatividade relaciona-se ao trabalho humano em diversos aspectos.

Ferretti (1988, p. 83), por sua vez, diz que o trabalho é o “[...] processo através do qual o homem produz as coisas necessárias. [...] através da transformação da natureza”, com o

objetivo de obter os produtos necessários para sua sobrevivência, podendo utilizar-se das mãos ou de instrumentos. Esses instrumentos de trabalho são considerados como meios de trabalho, tal como, os materiais auxiliares que os trabalhadores utilizam para fabricação dos produtos: a tinta que irá utilizar para pintar um móvel ou o óleo que irá utilizar para lubrificar uma máquina, dentre outros. Defende ainda que os ‘objetos de trabalho’ e os ‘meios de trabalho’ formam os ‘meios de produção’. Esses meios não são suficientes para a obtenção do produto se não forem acionados no processo de trabalho pelo ‘cérebro, músculos e membros’ do trabalhador que é conceituado pela Economia Política como “força de trabalho”. Afirma que trabalho, força de trabalho, processo de trabalho e forças produtivas determinam a produtividade do trabalhador e as define como sendo:

Trabalho (que é o rendimento derivado da aplicação da força de trabalho aos meios de produção, resultando em algo concreto), **força de trabalho** (que é a energia do trabalhador aplicada na produção) e o **processo de trabalho** (que é o processo pelo qual o trabalhador, aplicando suas forças de trabalho aos meios de produção, obtém o produto). As forças que resultam da combinação e aproveitamento dos elementos que compõem o processo de trabalho são chamados de **forças produtivas**. Elas determinam a **produtividade do trabalhador**. (FERRETTI, 1988, p. 86, grifos do autor).

O mesmo autor (1988, p. 87, grifos do autor), ao discutir sobre esses elementos que constituem a atividade trabalho chama a atenção para a correção do conceito de processo de trabalho salientando que: “[...] é o processo de formação de um objeto *determinado* em um produto *determinado*, que se realiza através de uma atividade humana *determinada*, utilizando meios de trabalho *determinados*”. Portanto, são elementos da atividade trabalho que devem ser entendidos dentro de suas especificidades, conforme determinada época histórica e determinada sociedade, e o modo de produção é uma forma que a sociedade adquiriu historicamente para a produção de bens.

Ao discutir os aspectos psicológicos gerados e utilizados historicamente no trabalho, Leontiev (1978, p. 74), afirma que compõem um “[...] processo que liga o homem à natureza, o processo de ação do homem sobre a natureza”, e caracteriza-o de duas formas: a primeira pelo fato da fabricação de instrumentos e a segunda, por ser realizado na condição de atividade comum a todos; ou seja, na relação que ocorre entre os homens da sociedade.

Isso demonstra que desde o início o trabalho é mediatizado ao mesmo tempo pelos instrumentos e pela sociedade e, a maneira como o homem organizou-se para produzir seus bens de consumo, moradia, como também, o pensamento, a ação/atividade e a forma de

relacionar-se com os outros constituem as formações sociais, com seus diferentes modos de produção.

Considerando tais fatos e a constante preocupação em entender como ocorre o processo de criação², bem como as buscas, os questionamentos e as soluções que surgem em resposta às exigências do dia-a-dia, é que voltei a atenção para este grande universo que é o trabalho e, também, no sentido de compreender como vem sendo construído este processo.

Iniciarei esta contextualização pela Comunidade Primitiva, passando pela Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e a Contemporaneidade, enfocando principalmente os aspectos do trabalho e dos processos de produção que se destacam pela criação de meios que promoveram seus desenvolvimentos.

1.2 AS CARACTERÍSTICAS DAS FORMAS DE PRODUÇÃO DO TRABALHO SOCIAL QUE CRIARAM OS DIFERENTES PERÍODOS HISTÓRICOS

As características da forma de produção do trabalho social no período das Comunidades Primitivas têm suas gêneses nas transformações dos aspectos naturais pelo domínio humano sobre a natureza. Inicia-se no Período denominado de Terciário, quando uma raça de macacos antropomorfos, bem desenvolvido, viviam em árvores, formavam manadas e coletavam alimentos. Considera-se que trabalhavam, uma vez que foi como conseqüências desse tipo de vida, no qual as mãos desempenhavam funções distintas das dos pés ao trepar nas árvores e ao caminhar pelo chão, que adotaram a posição ereta, permitindo que as mãos executassem funções cada vez mais variadas, como recolher e sustentar alimentos, empunhar um pedaço de pau para se defenderem de seus inimigos. Conseqüentemente promoveram alterações no meio em que viviam ao reduzir os alimentos naturais disponíveis e tornarem necessário a migração com conseqüências diretas para alteração da flora e fauna.

Antunes, (2004, p. 22) afirma que neste Período “O trabalho começa com a elaboração de instrumentos [...]”, os quais representam os achados arqueológicos mais antigos da pré-história que demonstram que esses povos criaram “[...] instrumentos de caça e de pesca, sendo os primeiros utilizados também como arma”. Esses achados demonstram

² “[...] II – criação: invenção, modelo de utilidade, desenho industrial, programa de computador, topografia de circuito integrado, nova cultivar ou cultivar essencialmente derivada e qualquer outro desenvolvimento tecnológico que acarrete ou possa acarretar o surgimento de novo produto, processo ou aperfeiçoamento incremental, obtida por um ou mais criadores; [...]”. (BRASIL, 2004, p. 1).

também a passagem da alimentação vegetal para a mista: caça e pesca sobre o que este autor (2004, p. 23) enfatiza que significou um aspecto fundamental para a transformação do macaco em homem, pois o,

[...] consumo de carne na alimentação significou dois novos avanços de importância decisiva: o uso do fogo e a domesticação de animais. O primeiro reduziu ainda mais o processo de digestão, já que permitia levar a comida à boca como se disséssemos, meio digeridas; o segundo multiplicou as reservas de carne, pois agora, ao lado da caça, proporcionava uma nova fonte para obtê-la em forma mais regular. A domesticação de animais também proporcionou, com o leite seus derivados, um novo alimento, que era pelo menos do mesmo valor que a carne quanto à composição.

A carne influenciou muito mais no cérebro, que passou a receber substâncias em quantidade maior e, com isto, a cada geração o homem foi aperfeiçoando-se, cada vez mais forte e rapidamente, levando-o a novos meios de emancipação da natureza: aprendeu a separar os alimentos que eram comestíveis e a viver em qualquer tipo de clima, tornando-se o único animal a fazer isso por conta própria.

Outra mudança que também influenciou neste processo foi a do clima, que obrigou o homem a procurar habitação e a cobrir seu corpo protegendo-o do frio e da umidade. Por estas exigências criaram novos ambientes de trabalho, que separaram o homem dos demais animais, pois com a cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro, este foi executando operações mais complexas, nas quais, o trabalho se aperfeiçoava, fazendo surgir novas atividades.

Neste período, a atividade humana distinguiu-se da dos outros animais devido principalmente ao desenvolvimento cerebral, que permitiu que o trabalho dos homens se tornasse consciente e intencional, enquanto a atividade dos demais animais seguiu sendo instintivas e, portanto, inconscientes.

Em outras palavras, o domínio que se iniciou com o desenvolvimento da mão aperfeiçoada pelo trabalho, e a ajuda mútua, levaram os humanos a, constantemente, descobrirem nos objetos e novas propriedades, até então, desconhecidas. Neste processo, o homem tornou-se cada vez mais hábil e pôde utilizar as mãos como instrumento de trabalho. Esse desenvolvimento, ao demonstrar as vantagens dessa atividade para cada indivíduo contribuiu forçosamente para agrupar ainda mais os membros em sociedade, pois, esta forma de vida capacitava-os progressivamente para realizar ações diversas com a finalidade de satisfazer as necessidades dos indivíduos e do grupo. O fato dos instrumentos de trabalho serem rudimentares nestas formações sociais primitivas e não ajudarem com efetividade a

fazer frente às forças da natureza e aos animais ferozes também promoveram a integração às comunidades como o único caminho a seguir: trabalhar, produzir e repartir os produtos sobre a base dos princípios comuns.

Daí a necessidade da propriedade comum sobre a terra e outros meios de produção e de trabalho coletivo. Porém, a produção cooperativa dos tempos da pré-história obedecia à impotência do indivíduo e de nenhuma maneira à socialização dos meios de produção. Porque as forças da natureza o oprimiam e as más condições de alimentação os incapacitavam para trabalhar de forma continuada durante um período prolongado de tempo. Por isso os primeiros agregados humanos, a conduta dos indivíduos e suas relações entre si estavam regulados pelos costumes: o trabalho comum e a ajuda mútua.

Quintero (1963, p. 30, trad. nossa) afirma que a domesticação de plantas e animais deu lugar a uma divisão natural do trabalho, na qual “[...] as novas formas de atividade-trabalho aumentaram a produtividade de maneira sensível, tornando possível a concentração de uma população maior em um espaço reduzido”.³ Dessa forma, a agricultura e a criação de animais asseguravam uma alimentação mais abundante em um espaço menor. Entretanto, esta mesma divisão do trabalho provocou substituições na organização social primitiva que no começo foi uma divisão natural, rudimentar, do trabalho, embasada no “sexo” e “idade”. As especializações do homem na caça e das mulheres na coleta de alimentos e vegetais e nos afazeres domésticos elevaram em certa medida a produtividade do trabalho. (QUINTERO, 1963; BRAVERMAN, 1981; PONCE, 1992).

Já o pensamento foi como o trabalho, uma atividade social precocemente desenvolvida, por meio da linguagem. As forças contrastantes (as humanas e as da natureza) impulsionaram o desenvolvimento dessa técnica muito especial, com a qual o integrante da comunidade primitiva acreditava influenciar na natureza, que o condicionava, e que lhe permitiria a submeter. Essa técnica era a magia.

É importante destacar também outra relação que se deu neste período e contribuiu para o desenvolvimento do trabalho, que foi a domesticação dos animais e seu emprego na agricultura promovendo o desenvolvimento da humanização.

[...] aumentaram de tal modo o poder do trabalho humano que a comunidade, a partir desse momento, começou a produzir mais do que o necessário para o seu próprio sustento. Apareceu um excedente de produtos, e o intercâmbio desses bens, que até então eram exíguo, adquiriu tal vulto que se foram acentuando as diferenças de ‘fortuna’. (PONCE, 1992, p. 24, grifo do autor).

³ “Las nuevas formas de la actividad-trabajo aumentaron la productividad de manera sensible, haciendo-se posible la concentración de una población mayor em um espacio reducido”. (QUINTERO, 1963, p. 30).

Pelo exposto, considera-se que as primeiras condições da existência humana e que acarretaram a hominização do cérebro, dos órgãos de atividade externa e dos sentidos, foram o trabalho e constituição da linguagem. Na pré-história, a necessidade de domínio sobre a natureza promove a divisão natural do trabalho, a produção cooperativa e a importância que teve a maneira como realizaram as trocas dos produtos entre eles.

Esta etapa já demonstrava que a adaptação ao meio promoveu a passagem do animal para o modo de vida terrestre e o desenvolvimento do córtex cerebral permitiu o nascimento do psiquismo sensorial, a partir do qual se iniciam as atividades dos reflexos psíquicos devidos à percepção das propriedades do meio externo. Com isso, a evolução da vida é transformada pela organização física dos órgãos dos sentidos, órgãos da ação e do sistema nervoso que têm como objetivo refletir a realidade do meio. Porém, a construção da atividade consciente, que se baseia na passagem as formas humanas e na atividade do trabalho, está ligada às leis do desenvolvimento socio-histórico.

Com estes avanços, as Comunidades passaram a produzir para suprir as suas necessidades e para realizarem trocas. Assim, como descreve Quintero (1963, p. 17, trad. nossa) “A vida em sociedade, capacitava o homem progressivamente para realizar ações diversas com a finalidade de satisfazer as necessidades dos indivíduos e do grupo”⁴.

Um novo modelo de organização social foi estabelecido com a divisão da sociedade em classes sociais e marcado culturalmente pela criação da escrita (4.000 a.C. a 3.500 a.C.), e a constituição das primeiras civilizações que juntamente com a dissolução das comunidades primitivas foram considerados marcos divisórios entre a pré-história e a história. Inicia-se assim a Antigüidade, e termina com a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) e início da Idade Média (Século V). Período em que a civilização foi formada e a vida política e social se distinguiu da selvageria.

Este foi marcado pela formação de duas organizações socioeconômicas, sendo uma com estruturas de servidão coletiva e a outra com estruturas escravistas. A de estrutura de servidão coletiva foi predominante nas sociedades da Antiguidade oriental. De acordo com Vicentino (2000, p. 19) nestas “[...] o indivíduo explorava a terra como membro da comunidade e servia ao Estado, proprietário absoluto dessa terra, personificado, no Egito, pelo faraó e, na Mesopotâmia, pelo imperador”. Nessas organizações sociais, o comércio e o artesanato ainda tinham função secundária, por ter pouco desenvolvimento.

⁴ “La vida em sociedad va capacitando a los hombres progresivamente para realizar acciones diversas con la finalidad de satisfacer necesidades de los individuos y del grupo”. (QUINTERO, 1963, p. 17).

A essa estrutura socioeconômica deu-se o nome de “modo de produção asiático” ou “sistema de servidão coletiva”. Este era o modo de produção característico dos primeiros Estados que surgiram como a Índia, China e na África, além dos Incas e dos Maias, na América. Neles a agricultura era a base da economia e era praticada por camponeses que não podiam abandonar seu local de trabalho, ou seja, eram presos à terra e, portanto, viviam num regime em que tinham o direito e o dever de cultivar as terras da sua comunidade. (VICENTINO, 2000).

Já a estrutura escravista predominou em quase todas as civilizações da Antigüidade, variando de região em região, épocas e povos. Entre os gregos e os romanos, a escravidão passou a ser a base principal da produção de riqueza da sociedade. A transformação do indivíduo em escravo ocorria devido ao endividamento ou por aprisionamento em guerras, sendo esta última a causa mais comum dessa transformação.

Entre as primeiras civilizações orientais, onde se desenvolveram o modo de produção Asiático, que era baseada na servidão coletiva; a Egípcia foi a mais grandiosa e mais duradoura, pois foi marcada por grandes obras criativas, como as obras hidráulicas dos canais de irrigação, os diques, que eram fundamentais para a agricultura e foram aperfeiçoando as técnicas de irrigação e simultaneamente a cultura e a escrita hieroglífica ale do calendário solar.

O modo escravista de produção oferecia maiores possibilidades para o desenvolvimento das forças produtivas do que o regime da comunidade primitiva, já que a grande concentração de escravos a serviço do Estado e dos escravistas tornara possível a prática da cooperação simples em alto grau no trabalho. Com a cooperação, como forma de trabalho, foi possível a realização de trabalhos difíceis, por lançar a massa de trabalhadores no campo de produção. Tais possibilidades estão concretizadas nos grandes projetos arquitetônicos, como as pirâmides e templos destinados ao faraó e a sua família. Das quais a pirâmide de Quéops, é um exemplo: possui mais de “[...] 60 mil metros quadrados e contém mais de 6 milhões de toneladas de pedras, atingindo 145 metros de altura. A sua construção levou perto de vinte anos de trabalho, sendo recrutada toda a população egípcia, a um ritmo de cem mil homens em rodízio de três em três meses”. (VICENTINO, 2000, p. 22). Obra previamente planejada, com todos os seus detalhes, que foram elaborados com conhecimento prévio das condições que poderiam surgir nas várias fases de sua construção, sem contar que, a execução dessa obra transcendeu centenas de geração de trabalhadores e técnicos antes de serem concluídas. E isso só foi possível devido ao caráter massivo do trabalho escravos sua

divisão em grupos que retiravam as pedras, outro que poliam as pedras e outro que transportavam as pedras para lugares distantes onde se construiu as pirâmides.

As técnicas de mumificação também foi uma das grandes criações deste período, desenvolvidas no Egito. Permitiu-se, com isto, o mais apurado conhecimento da anatomia humana, favoreceu o desenvolvimento da medicina e o surgimento de especialistas em várias áreas como a do estômago, coração e fraturas, além das bem sucedidas cirurgias cranianas. Com isto também avançaram as idéias empíricas sobre a química (drogas de substâncias orgânicas).

No desenvolvimento da divisão do trabalho são diversas formas de propriedades e que neste período destaca-se a propriedade estatal e comunal a qual surge da união de várias tribos numa cidade mediante contrato ou conquistas em que subsiste a escravidão. Paralelamente a esta propriedade desenvolve-se a propriedade privada mobiliária e mais tarde também a imobiliária, entretanto subordinada a propriedade comunal, ou seja, apenas nas suas comunidades que o cidadão tem poder sobre seus trabalhadores escravos. É nesse tipo de propriedade privada que os cidadãos, frente aos escravos, são obrigados a permanecer nesse modo natural de associação.

A divisão do trabalho já está mais desenvolvida, em que ocorrem as oposições entre cidade e campo, depois a oposição entre Estado que representam os interesses do campo e da cidade, e dentro das cidades a oposição entre indústria e comércio marítimo, e, neste momento a relação de classes entre cidadãos e escravos já se encontra inteiramente formada.

Com o desenvolvimento da divisão do trabalho e da propriedade privada dos meios de produção surge a idéia de que os produtos do trabalho são do seu produtor. Assim, cresce a consciência dos interesses privados e objetivam-se os benefícios pessoais, contrapondo-se com os interesses da comunidade como um todo. Tais manifestações de individualidade passam a ser reprimidos pelo grupo através de expulsões do grupo, o quê, dessa forma, amplia os interesses pessoais. Nestas condições, o trabalho coletivo passou a ser desprezado em favor do trabalho individual e a propriedade social pela propriedade privada, ou seja, os homens deixam de lutar em conjunto e começam a defender interesses pessoais.

Dada às condições de se produzir mais, as famílias que tinham a posse particular dos meios de produção passam a produzir excedente e, assim, as comunidades humanas que viviam de uma economia autárquica (relativo à auto-suficiência econômica) começaram a trocar bens: as populações dedicadas ao pastoreio visitavam os centros habitados e trocavam animais e produtos de cria, por produtos agrícolas. A produção de excedentes, necessária para

a intensificação das trocas comerciais e, portanto, para o progresso econômico dessa sociedade, era garantido pela ampla utilização da mão-de-obra escrava.

O desenvolvimento do modo de produção escravista está relacionado ao caráter expansionista das Cidades-estado gregas e do Estado Romano, que com a conquista de outros territórios e da escravização de seus povos, possibilitou a manutenção deste modo de produção nesta sociedade.

Constata-se a partir daí que das trocas espontâneas iniciais se passa às premeditadas. Os bens trocáveis transformam-se em mercadorias e, com isso, surge o comércio. A base de troca desse comércio encontrava-se na produção advinda do trabalho no campo, ou seja, era a produção do trigo, azeite e vinho que além de enriquecer os proprietários agrários, impulsionaram as atividades urbanas, principalmente, as trocas comerciais e o artesanato. Essas trocas de produtos agrícolas e de objetos artesanais, como vasos, ânforas e estátuas, ao serem incrementadas permitem a produção de excedentes e estabelecem o comércio, propriamente dito.

Ponce (1992, p. 38) destaca que “[...] mesmo quando se empreendiam trabalhos gigantescos, os processos empregados eram artesanais. O mesmo ocorria na agricultura, basta dizer que o primitivo e grosseiro arado permaneceu inalterado durante séculos”.

Por estas limitações, não se excluía a exploração os trabalhadores livres. De acordo com Ponce (1992, p. 74), da mesma forma, os artesões também não tinham o desejo de produzir mais e melhor, para que se estabelecesse qualquer nível de concorrência, que desenvolvesse o grau do mercado em causa.

[...] Num regime econômico assentado sobre a escravidão, esse mercado não só é exíguo, como também o artesão livre se encontra em situação inferior à do escravo, cujo trabalho é muito mais barato. No lar do patrão os escravos produzem não só para as necessidades do amo e para as suas próprias, como, também, para as do comércio. A concorrência entre o proprietário de escravos e o trabalhador livre não poderia ser mais ruínosa, para este último.

A economia fundada sobre o trabalho escravo depois de prover a riqueza do mundo antigo, veio abaixo. O sistema de trabalho escravo consumia tantos homens, “[...] quanto os nossos altos-fornos devoram carvão”, (PONCE, 1992, p. 83). Dependia do fornecimento regular de escravos para o mercado de trabalho, e quando os escravos passaram a produzir menos do que custava a sua manutenção, o cultivo em pequena escala mostrou-se mais compensatório e a escravidão torna-se desnecessária, e, assim, desaparece como um sistema de exploração em grande escala.

Portanto, o modo de produção escravo foi uma invenção decisiva no mundo greco-romano que existiu sob várias formas, entretanto sempre fora condição impura, tomando com frequência a forma de servidão por débitos ou de trabalho penal, dentre outros tipos de servidão, constituindo sempre como falta de liberdade que se estendia à margem da principal força de trabalho rural.

A escravidão foi o modo de produção dominante na Grécia clássica e em Roma, ou seja, quando floresceu a civilização na Antiguidade a escravidão era maciça e generalizada entre outros sistemas de trabalho. Na Grécia clássica, os escravos foram empregados pela primeira vez na manufatura, na indústria e na agricultura, além da escala doméstica. O trabalho escravo desse período teve por um lado, a escravidão que representava a degradação rural do trabalho, ou seja, a conversão de seres humanos em meios inertes de produção a partir da sua privação de todos os direitos sociais e eram assimilados legalmente às bestas de carga. Por outro lado, a escravidão era ao mesmo tempo a mais drástica comercialização urbana concebível de trabalho; era a redução da individualidade do trabalhador a um objeto padronizado de compra e venda, nos mercados metropolitanos de comércio de mercadorias.

Entre outras vantagens os escravos eram um bem móvel num momento de muitos transtornos do transporte condicionava a estrutura de toda economia deste período, pois podiam se deslocar sem dificuldades de uma região para outra, além disso, eles serviam também para manter os custos baixos onde trabalhadores contratados ou artífices estivessem trabalhando, por constituírem uma fonte alternativa de trabalho.

Assim, uma vez que o trabalho manual tornou-se profundamente associado à perda da liberdade, não havia, portanto uma lógica social livre para a imaginação, pois os efeitos da escravidão sobre a técnica não eram uma simples função da baixa média da produtividade do trabalho escravo em si, ou mesmo do volume de seu uso, afetavam sutilmente todas as formas de trabalho.

Os escravos que trabalhavam na agricultura eram pouco incentivados para executarem, tarefas que exigiam a consciência; o emprego produtivo de seu pensamento se dava em vinhedos ou olivais compactos. Entretanto muitos artífices e alguns plantadores entre os escravos possuíam habilidades dentro dos limites das técnicas que desenvolviam, portanto, o trabalho escravo em geral não era menos produtivo do que o livre de forma que nenhuma grande divergência jamais se desenvolveu entre os dois num espaço econômico que excluía a aplicação da cultura à técnica para invenções.

Assim, a atividade trabalho foi determinante neste período por causa do nascimento e do desenvolvimento das formas sociais escravistas como vistas aqui e determinante também

ao longo do processo de formação dessas sociedades e no surgimento de novas estruturas e culturas.

A Idade Média ou Medieval é o período histórico compreendido entre os séculos V e V. Iniciou-se com a queda do Império Romano do Ocidente, em 476, e se estendeu até a tomada de Constantinopla, em 1453. O Feudalismo possuía uma estrutura econômica, social, política e cultural edificada progressivamente na Europa, em substituição à estrutura escravista da Antiguidade Romana.

Esse período foi marcado pela ausência da possibilidade de ascensão social, uma vez que, praticamente, não tinha essa mobilidade. O clero e a nobreza comandavam a sociedade e coube a igreja criar justificativas religiosas que, ideologicamente, impediram que os servos contestassem esta organização. Cada grupo tinha a sua função na estrutura social, sendo que o clero cumpria a de salvar a alma de todos, a nobreza protegia a todos e os servos trabalhavam para sustentar a todos. Portanto, se justificava a exploração do servo e a necessidade dele seguir os “designios da Igreja”. (VICENTINO, 2000).

Constata-se nos estudos realizados que desde a Reforma Protestante, o trabalho ganhou o sentido de vocação, pois foi considerado que se manter pelo trabalho levava à salvação da alma, como pude observar na descrição de Albornoz (1986, p. 53):

Se pela preferência Divina, alguns estão predestinados a ter êxitos e outros, a ficar na miséria, contudo é vontade de Deus que todos trabalhem, e é pelo trabalho árduo que alguém pode chegar ao êxito, e a realizar a vontade de Deus, que o inclui entre os eleitos. Se é vontade de Deus que todos trabalhem, é contrário a ele que os homens cobicem os frutos de seu trabalho: eles devem ser reinvestidos para permitir e incentivar mais trabalho.

Comparado com as formações sociais anteriores, o feudalismo representou uma fase mais avançada do desenvolvimento econômico. Tanto na sociedade escravista como na feudal a exploração do trabalho de alguns homens por outros homens foi brutal e em ambas o estado impôs e manteve pela força um tipo determinado de relações de trabalho, que no caso do feudalismo era atribuído aos servos e vilãos. Esta relação foi caracterizada pelas obrigações servis como: a talha (porcentagem da produção paga como taxa pelo servo ao senhor feudal e que consistia em metade da produção obtida no manso servil - lugar cedido para o servo); a corvéia (trabalho gratuito e obrigatório realizado pelos servos durante alguns dias na semana nas terras do manso senhoril - lugar onde ficavam os castelos e os domínios em uso pelo nobre); a capitação (imposto que o servo pagava ao senhor feudal por cada membro de sua

família dentro do feudo); o censo (tributo que os vilões deviam pagar, em dinheiro, para o senhor feudal) dentre outras.

Como base econômica e política, deste período, o campo apresentou três formas de “renda do solo”: em trabalho, em espécie e em dinheiro. A renda em trabalho chamava-se também de prestação pessoal e predominou no período inicial do regime feudal. Com o tempo a renda do trabalho foi se transformando em “renda em espécie”, sistema que obrigou os camponeses entregar ao senhor determinada quantidade de cereais e animais. Na época da desintegração do sistema feudal estabeleceu-se a “renda em dinheiro”, sendo parte do processo que deu início das relações capitalistas. (QUINTERO, 1963).

Com a mudança na forma de pagamento pela utilização da terra foi se ampliando a possibilidade dos servos terem excedente de produção e, posteriormente, levou à comercialização e às atividades nos burgos. O que será uma das bases da acumulação que permitirá o capitalismo.

O regime feudal se diferenciou do regime escravista uma vez que, o escravo era considerado um objeto, e o senhor, ao comprá-lo, asseguravam-lhe seu sustento mesmo na miserabilidade; e no feudalismo estabeleceu-se:

[...] um laço contratual, de vassalagem entre homens que têm poderes e necessidades diferentes. Teoricamente também se o vilão firmava com o senhor um contrato como um homem livre, o servo não firmava contrato, nem era livre. Descendente dos antigos escravos, o servo estava, como aqueles, ao serviço total do seu senhor, e não podia, em momento algum, abandonar esse serviço. (PONCE, 1992, p. 84).

A sociedade feudal diferenciava os grupos sociais pela posse de terras, que eram os meios de produção econômica. Por isso, de um lado estavam os senhores, cuja riqueza provinha da posse da terra e do trabalho servil e, do outro lado, os servos, vinculados ao trabalho na terra, mas sem possibilidades de mudança de estado social, mas compondo a maior parte da população. Era, pois, uma sociedade cujo ordenamento estamental constituiu-se numa forma de estratificação social com camadas sociais mais fechadas do que as classes sociais e mais abertas do que as castas. Segundo Ponce (1992, p. 85),

[...] o servo custeava sua própria vida, e todas as vicissitudes do trabalho corriam por sua conta. A servidão constituía, pois, a única maneira de que o patrão dispunha para tirar proveitos dos seus fundos, ao mesmo tempo em que também constituía o único modo dos que não possuíam terra proverem o seu próprio sustento.

A terra tinha, também, importância política, pois, em decorrência da falta de moeda e de outras formas de riqueza, a concessão de terras servia para retribuir serviços prestados. A terra era a unidade básica do modo de produção da época e quem as possuía tinha o poder, entretanto, para a formação de novos feudos, a terra era dividida, com isso, ocorria a fragmentação do poder.

Ao passar da renda em trabalho para a renda em espécie e desta para a renda em dinheiro, os camponeses conseguiram progressivamente maior liberdade para dispor de seu tempo e do seu trabalho; o que lhes possibilitou ampliarem a produção para si mesmos. Entretanto, o sistema de vassalagem, que se caracterizava como é um sistema social e econômico no qual o vassalo oferecia ao senhor ou suserano, fidelidade e trabalho em troca de proteção e um lugar no sistema de produção; aumentou a exploração dos trabalhadores vassalados pelos senhores feudais e com isso suas rendas cresceram.

No princípio, os próprios camponeses se ocuparam em elaborar as matérias que a agricultura fornecia. Depois, dentre eles surgiram os artesãos, que trabalhavam para satisfazer as necessidades materiais de suas aldeias e chegaram a produzir mais que o necessário para a população do domínio feudal. Começaram, então, a estabelecer suas pequenas oficinas perto dos castelos e mosteiros, nos grandes povoados e, assim, iniciaram o processo de formação dos burgos e novas vilas que foram surgindo enquanto construía os castelos. Como não havia lugar dentro dos muros dos Castelos para os comerciantes, taberneiros e forasteiros que solicitavam comida e pouso; foi próximo a estes Castelos que surgiram as grandes vilas, denominadas de Brujas, que significava ponte; onde se concentravam os artesãos e comerciantes interessados em desenvolver suas respectivas atividades econômicas.

Nessas vilas havia pequenas oficinas onde eram produzidas as tapeçarias que, além de ter sido uma das mais importantes artes da época medieval, também, reuniu os artesãos formando as Corporações de Ofício, por volta do século XII. Estas regulamentaram e protegeram o processo produtivo artesanal (QUINTERO, 1963); enquanto estabeleceram a primeira forma de educação vinculada ao trabalho, na qual se ensinava o domínio das ferramentas e técnicas próprias de cada ofício mais destacado na economia do período.

Segundo Quintero (1963, p. 77, trad. nossa), na sociedade feudal as Corporações de Ofício surgiram para cumprir duas funções: “[...] organizar a luta dos comerciantes e dos artesãos contra os senhores feudais; superar a competição mútua e afirmar seu domínio exclusivo no mercado”⁵. Portanto, a organização dessas lutas se deu no sentido das

⁵ “[...] organizar la lucha de los comerciantes y los artesanos contra los señores feudales; superar la competencia mutua y afirmar su predominio exclusivo em el mercado”. (QUINTERO, 1963, p. 77).

corporações se unirem para conseguir privilégios negados pelos senhores feudais e como instrumento elaboraram uma legislação que vigorou por cinco séculos. Trata-se de uma luta política porque na história geral das corporações romanas evidencia-se suas subordinações ao Estado, que as dirigia e as desviava do seu objetivo fazendo delas agentes de seu domínio. Por isso, as corporações procuravam aumentar seus membros e depois elaboraram a legislação, que passou a restringir a admissão dos trabalhadores. Nesta legislação, na medida em que a primeira função perdia o vigor a segunda já se assentava.

As corporações eram constituídas por Grêmios de “artes e ofícios”, reconhecidos oficialmente. Tratava-se de associações de trabalhadores, de caráter organizativo e obrigatório, pois seus objetivos eram regular, o exercício e o ensino das profissões tidas como de “arte” ou “ofício”, de acordo com o regulamento reconhecido pelas autoridades públicas. Isto demonstra que com as Corporações de Ofícios se instala a valorização da atividade autônoma, entendida como decorrente das capacidades individuais, como a criatividade.

Saviani (1998, p. 2) Considera que o sistema de corporações deveu, principalmente ao

[...] desenvolvimento das cidades. As aglomerações urbanas inferiores a dois mil habitantes, predominantes na Idade Média, não colocavam a necessidade das corporações de ofício. Também as cidades portuárias não eram propícias ao seu desenvolvimento. [...] tendeu a proliferar em centros urbanos com população superior a dez mil habitantes, tendo em vista a satisfação das necessidades de um mercado consumidor interno.

Todos os trabalhadores que desejassem fazer parte dessas corporações eram aceitos primeiramente como aprendizes, a partir de um contrato entre o mestre e os pais, representantes do aprendiz, no qual era estipulado multas em caso de faltas e do cumprimento das partes por falta de assistência física, ou maus tratos dos mestres.

O tempo de aprendiz era longo e variava de acordo com o ofício. Poderia durar um ano ou prolongar-se de dez a doze anos porém, o período de costume do aprendizado variava entre dois e sete anos, após esse término o aprendiz tornava-se mestre. Além do aprendiz, estas corporações tinham membros de diferentes categorias como os mestres e os oficiais. Os mestres são os pequenos chefes dos trabalhadores e ao seu lado estão os aprendizes citados anteriormente que se iniciavam no ofício em algum grêmio.

Os aprendizes pagavam pelo seu aprendizado e em alguns casos deviam demonstrar suas aptidões. Já os oficiais eram trabalhadores assalariados que haviam terminado sua aprendizagem e poderiam elevar-se a função de mestre a partir de um exame teórico e prático

e se fossem aprovados lhes davam uma carta de aprovação após o pagamento dos direitos e impostos determinados. O tempo de exercício de um oficial era menos longo que o de um aprendiz.

Essas corporações dispunham da organização da produção pois o grêmio determinava a qualidade da produção assegurando os produtos como de alta qualidade e também, impediam o desenvolvimento da técnica de produção opondo-se a aplicação da criatividade para qualquer invenção que utilizasse procedimentos que permitissem produzir mais rápido com menos custo. (SAVIANI, 1998).

Porém, o artesanato evoluiu:

[...] do 'sistema familiar', quando se produziam os instrumentos rudimentares necessários à subsistência suprida através do trabalho agrícola, para o 'sistema de corporações', quando o artesão se desloca para a cidade e passa a produzir para um mercado pequeno e estável constituído pelos habitantes urbanos. Nessa condição, o mestre artesão se constitui em produtor independente, dono da matéria-prima e das ferramentas de produção, que vende diretamente o produto de seu trabalho e não sua força de trabalho. Quando o mercado se amplia, esse regime é substituído pelo 'sistema doméstico' que não altera o processo produtivo, mas no qual os mestres já não são mais independentes. Eles mantêm a propriedade dos instrumentos de trabalho e produzem na própria casa com o auxílio de um ou dois ajudantes, mas passam a depender de um empreendedor que lhes fornece a matéria-prima, transformando em tarefeiros assalariados. O aprofundamento desse processo conduz à implantação do 'sistema fabril' que implica um mercado cada vez mais amplo e instável. Aqui os trabalhadores perdem inteiramente a sua independência, deixando de possuir os instrumentos de trabalho e passando a produzir em edifícios de propriedade do empregador, sob rigorosa supervisão. (SAVIANI, 1998, p. 1-2).

Na seqüência, a produção manual que antecedeu a industrialização, teve duas etapas, sendo: o artesanato, que foi a primeira forma de produção, característica da Baixa Idade Média, durante o renascimento urbano e o comercial, quando a produção era de caráter familiar, mas sob o controle das Corporações de Ofício; e a do comércio, sob o controle das Associações, que fizeram com que a produção tivesse seu desenvolvimento limitado.

Neste período, a vida intelectual se processou sob a orientação da igreja, que atuou em todos os níveis da vida social, estabelecendo normas, orientando comportamentos, fixando nos ideais do homem medieval os valores teológicos, isto é, a cultura religiosa, portanto a criatividade dos seres humanos acontecia, entretanto com menos brilho devido a transferência do pensamento especulativo das ciências filosófica para a teologia. Já no trabalho isto não se deu porque vários instrumentos e formas de produção foram criados e aperfeiçoados.

Considerando tais fatos entendo que na sociedade feudal a ideologia que prevaleceu foi a Religião. Entretanto, a conduta anticristã do clero e a brutal exploração a que submetiam

os camponeses e as classes médias das cidades facilitaram as críticas às crenças religiosas. Com isto, o sistema feudal apresentou sintomas de dissolução da sua organização social e proporcionou as manifestações do surgimento de uma nova sociedade, a capitalista, que será tratada mais adiante.

Já na Idade Moderna, a partir do momento em que os grupos humanos foram crescendo, devido à própria atividade de trabalho, aumentou também o poder sobre a natureza. Para dirigir e governar as novas técnicas a formação feudal se tornou um obstáculo e daí surgiu a necessidade de se caminhar para um tipo de estrutura capitalista; devido, inclusive, a incorporação das grandes trocas de produtos dos trabalhadores do campo e dos artesões da cidade.

O capitalismo é um sistema econômico surgido no Ocidente na Idade Moderna, que se expandiu pelo mundo contemporâneo nos séculos seguintes. O surgimento da estrutura capitalista comercial foi chamada de mercantilismo, período de transição entre estruturas feudais e estruturas capitalistas. O mercantilismo compreende um conjunto de idéias e práticas econômicas dos estados da Europa ocidental entre os séculos XV, XVI e XVIII voltadas para o comércio e principalmente baseadas no controle da economia pelo Estado. Caracterizou-se por ser uma política de controle pela qual o Estado buscava garantir o seu desenvolvimento comercial e financeiro, fortalecendo ao mesmo tempo o próprio poder, ou seja, um conjunto de medidas que visava a obtenção de recursos e riquezas necessários à manutenção do poder absoluto.

Cada Estado procurou as medidas que mais se ajustavam às suas necessidades como: alguns se concentraram na exploração colonial; outros, nas atividades marítima e comercial; e, outros, ainda, optaram por incentivar a produção manufatureira.

Na produção manufatureira desse período, os instrumentos de produção são os implementos manuais dos trabalhadores, em que a utilização limita-se a força e agilidade do ser humano, e que na maquinofatura, a produção mecanizada, liberta-se desses limites.

Com o desenvolvimento da produção, iniciada na Baixa Idade Média com as oficinas artesanais, a manufatura se coloca como intermediária entre estas e a produção industrial mecanizada, que se iniciou no século XVIII.

Assim, a manufatura, que predominou ao longo deste período, teve como causa a interferência capitalista no processo produtivo, pois se passou a concentrar a compra da matéria prima e a determinar o ritmo de produção. Esta mudança resultou da ampliação do mercado consumidor e do desenvolvimento do comércio monetário, quando ocorreu aumento

na produtividade do trabalho, devido à divisão social da produção, na qual cada trabalhador realizava uma etapa na confecção de um único produto.

A manufatura, por sua vez, é o estágio em que a técnica ainda é artesanal, mas no qual a organização e divisão do trabalho se tornaram mais complexas. Já era possível notar, nas manufaturas dos séculos XV, XVI e XVII, algumas das características das fábricas da Revolução Industrial, como o tamanho da unidade produtiva e a divisão do trabalho em etapas.

Segundo Braverman (1981, p. 70) a divisão manufatureira do trabalho foi “[...] o mais antigo princípio inovador do modo capitalista de produção”, portanto, nenhuma outra anterior a esta, ou seja, antes do capitalismo, subdividiu tanto o trabalho, pormenorizando-o fazendo com que o trabalhador não mais acompanhasse o processo completo da produção.

Quintero (1963, p. 92, trad. nossa), afirma que “O desenvolvimento da técnica, no auge da produção manufatureira, o desenvolvimento do comércio, e da atividade dos mercados, etc., criam a base para uma nova estrutura econômica da sociedade”⁶. Nesta ocorreu a extensão dos mercados para nacionais e mundial devido à grande demanda por produtos industriais, que foi satisfeita com a invenção de máquinas e como consequência das atividades com estas nasceram as fábricas. Criaram-se instrumentos mecânicos, preparou-se a produção maquinizada, realizada por uma série de operações simples e repetidas, facilitando dessa forma o trabalho.

Os primeiros inventores de máquinas foram operários e artesões interessados em resolver problemas práticos da produção. Depois os cientistas especializados tomam seu lugar no trabalho de invenção. A invenção de máquinas transformou a organização da indústria que, em sua nova forma, abandona as formas anteriores como o artesanato, a manufatura, desenvolvendo-se como empresa capitalista com técnicas mecânicas.

Com o passar do tempo, aplicou-se a técnica mecânica, — à exemplo da indústria têxtil de algodão as máquinas passam a indústria têxtil de tecido de jersey e de seda, de lã etc. — permitindo aos grupos humanos aumentarem a produção mediante a força individual de algumas pessoas, sem necessidades de utilizar todos os membros da sociedade.

A utilização da máquina propiciou o incremento da divisão da sociedade em duas classes opostas: a burguesia e o proletário. Essa organização das classes teve como gênese o fato da maioria dos artesões independentes serem arruinados pela produção fabril e passarem

⁶ “El desarrollo de la técnica, el auge de la producción manufacturera, el desenvolvimiento del comercio y la actividad de los mercados, etc., echan lãs bases para una nueva estructura económica de la sociedad”. (QUINTERO, 1963, p. 92).

a compor o proletariado. Alguns analistas reconhecem a existência de uma “pequena burguesia”, que se manteria em uma posição intermediária entre as duas classes fundamentais.

Por outro lado, a maquinaria simplificou o processo de produção, diminuiu o tempo de trabalho necessário para a elaboração das mercadorias e facilitou a aplicação da ciência no processo de produção, aumentando a função criadora do trabalho. As técnicas baseadas no desempenho das máquinas incrementaram a produtividade do trabalho e baixaram o custo das mercadorias. A máquina de fiar substituiu o fuso e o tear mecânico, o manual e, com tal fato, a produção deixou de ser uma série de atos individuais e se converteu em atos coletivos.

A partir do século XVI, esta situação muda, porque:

[...] a burguesia começou a reunir os operários, até então esparsos, para conseguir um trabalho de cooperação. Por meio de uma gradual socialização dos trabalhadores e dos instrumentos de produção, foi-se passando da cooperação simples à manufatura e, desta, à grande indústria. (PONCE, 1992, p. 125).

A industrialização criou máquinas complicadas, e não era mais com o conhecimento simples de um servo que se conseguia opera-las. Essa diferenciação pode ser percebida quando “[...] se pagava 14 pesos ao operário rude, e 50 ao operário inglês que, pelo fato de saber ler, recebe as encomendas mais delicadas e todo o trabalho que requeira o uso da inteligência”; diferentemente da etapa anterior, quando os instrumentos de trabalho eram “[...] primitivos e as técnicas rudimentares, o aprendizado do trabalhador requeria uma atenção muito pequena”. (PONCE, 1992, p. 145-146).

Com o capitalismo, a diferença entre operários qualificados e trabalhadores especializados ressurgiu, requerendo também a existência destes ‘altamente especializados’, para atenderem, além da livre concorrência, a exigência das constantes modificações das técnicas de produção, e das invenções.

Nesses períodos de mudanças, o trabalho passa a ser visto por alguns como um estímulo ao desenvolvimento do homem e a forma de expressão da sua personalidade. Deste modo, o homem se tornaria um criador por sua própria atividade ou esta seria a própria manifestação das suas características. Por isso, a Idade Moderna foi o período de “[...] consolidação dos ideais de progresso e de desenvolvimento, que reforçou o pensamento racionalista e individualista, valores burgueses que iriam demolir o universo ideológico católico-feudal” (VICENTINO, 2000, p. 172), ocasionando mudanças culturais como o Renascimento, que por estar articulada ao capitalismo comercial, foi considerada como o primeiro grande movimento cultural burguês dos tempos modernos, racional e científico.

Renascimento, dessa forma, significa o momento histórico que se inicia e tem seu apogeu nas cidades Italianas no século XV, de renovação das expressões artísticas ligadas às mudanças de mentalidade do período, com ascensão da burguesia. Momento de ruptura com a idade média, denominada de “Idade das Trevas” e, portanto, a volta aos valores da arte mais pura e avançada, ou seja, a arte greco-romana.

Portanto, este foi também o período do surgimento das manifestações artísticas, filosóficas e científicas do novo mundo urbano burguês. Significou, também, o início da participação ativa das massas populares no processo histórico e caracterizou-se pela liberação do homem da servidão e do constrangimento do Grêmio ao converter-se em produtor e trabalhador assalariado.

Estas novas formas de produção capitalista e a mudança das relações de trabalho entre os homens constroem dois efeitos sociais:

1 – os produtores se libertaram do jugo feudal; mas,

2 – por serem despojados dos meios de produção, são submetidos a um novo sistema de exploração do homem pelo homem.

Já a criatividade deste período não só é percebida pelas máquinas, pelas formas de organização e administração da produção, pois — são produtos do pensamento produtivo, porque permitiram resolver problemas novos que se apresentavam e, portanto, são criações humanas que demandam inventar e criar, — também é percebida por meio das obras de artes que ultrapassaram a condição mortal do criador. Estes artistas já têm a disposição e passam a utilizar materiais menos corrosivos pela ação do tempo, como o óleo na pintura. Nesta época, o artista não era somente executores das obras de arte, mas os seus idealizadores e por isso, além de dominar as técnicas, também era possuidor de todo o conhecimento, pois era um dos poucos que mantinha essa possibilidade e, portanto, podia “criar” como ofício, enquanto os demais já estavam impedidos pela parcialização do trabalho.

As obras foram valorizadas e os artistas, que desde a antiguidade eram desprezados por executarem um trabalho manual, tornaram-se um modelo de trabalhador criativo, “[...] modelo de capacidade inventiva do homem de iniciativa [...]”, o qual, “[...] inconformado com as circunstâncias a que se vê submetido, teria forjado o próprio mundo”. (ABRÃO, 2004, p. 132). Com isso, atribui-se a estes artistas as características do homem de *virtù*, ativo, criativo e empreendedor, que deixa de ser trabalhador braçal e passa a ser o idealizador da obra, dominando todo um conjunto de conhecimentos da época.

Estes artistas do Renascimento, além de buscar o conhecimento, transformaram-se em engenheiros e técnicos de grande capacidade inventiva e cientes de suas qualidades, como

pode ser visto em trechos da carta que Leonardo da Vinci, um dos humanistas mais completos do Renascimento, escreveu em 1482, que solicita emprego à Ludovico⁷, o Mouro da poderosa família dos Sforza, de Milão:

Já fiz planos de pontes muito leves (...). Sou capaz de desviar a água dos fossos de um castelo cercado (...). Conheço meios de destruir seja que castelo for (...). Sei construir (...) galerias e passagens sinuosas que se podem escavar sem ruído nenhum (...). (ABRÃO, 2004, p. 144-145).

Ainda que a maioria dos esboços de engenhos, tais como os carros de guerra, as máquinas voadoras, o tear mecânico entre outros não tenham saído do papel, ou seja, mesmo sem ser postas em prática, por serem inviáveis, essas idéias permitiram que o homem descubra-se capaz.

O artista, engenheiro do Renascimento além de superar o caráter prático dos artesãos, inventava, calculava e foi capaz de desenvolver “[...] um método próximo ao da ciência moderna” que é a “experiência”. (ABRÃO, 2004, p. 146). Por isso, a exemplo de Locke, puderam confrontar as idéias do inatismo religioso e afirmar que a experiência é a única fonte de idéias, defendendo que elas não são inatas porque,

[...] não se refere apenas à sensação dada aos órgãos do sentido por coisas exteriores [...]. É preciso então que a mente realize certas operações a partir dessas idéias. A experiência anterior (reflexão), pela qual a mente percebe suas próprias operações, também é fonte de idéias [...]. (ABRÃO, 2004, p. 239).

Apoiados nas produções e idéias como as de Locke, os renascentistas ressaltaram os valores burgueses modernos como otimismo, individualismo, naturalismo, dentre outros que tiveram no Humanismo sua síntese; e promoveram o homem ao “[...] centro do Universo (antropocentrismo), a valorização da vida terrena e da natureza, o humano ocupando o lugar cultural até então dominado pelo divino e extraterreno”. (VICENTINO, 2000, p. 185). Assim, o homem renascentista por ser artista, cientista, literato,

[...] era confundido com o próprio Deus pela sua genialidade e criatividade, por emergir da profundidade da sujeição escolástica para se tornar verdadeiramente

⁷Duque usurpador italiano nascido em Vigevano, Pavia, ducado de Milão, famoso governante milanês do século XV. Foi capturado em (1500) e enviado para a prisão francesa de Loches, onde permaneceu preso até morrer. Enquanto no poder garantiu supremacia de Milão entre os estados italianos mediante à custa do aumento de impostos, construiu canais e fortificações, embelezou arquitetonicamente a cidade e fez de Milão a mais esplêndida corte da Itália. Para lá conseguiu atrair e patrocinou inúmeros artistas como pintores, poetas e músicos, entre os quais Leonardo da Vinci e Donato Bramante.

humano [...] pode assemelhar-se a Deus primeiramente depois identificar-se a ele, se Deus quiser, pela criação. O homem é como Deus, um artista universal. (VICENTINO, 2000, p. 186).

O Renascimento, que teve na Itália o seu centro irradiador, decaiu a partir do século XVI devido às grandes descobertas e à expansão marítima, que fizeram com que o monopólio comercial italiano no Mediterrâneo se quebrasse por consequência do Atlântico tornar-se o eixo econômico e comercial europeu. Por outro lado, os novos centros comerciais que emergiram impulsionaram os valores renascentistas italianos, tais como a Contra-Reforma, reação católica a movimentos protestantes, que se indispunha contra as manifestações culturais dos renascentistas.

Estas manifestações culturais impulsionaram o estudo do homem e da natureza. Segundo Vicentino (2000, p. 185 e 195) “[...] o universo já não era mais aceito como obra sobrenatural, fruto dos preceitos cristãos”. O espírito crítico do homem partiu para a ciência experimental, a observação, a fim de obter explicações racionais para os fenômenos da natureza. Portanto, as principais barreiras culturais ao progresso científico foram suficientemente abaladas para não mais representarem ameaças ao progresso do capitalismo burguês em curso. Daí a característica da Era Moderna que a distingue do passado: a aplicação da ciência à produção.

Com o progresso econômico, científico e cultural em expansão, iniciava-se o mundo contemporâneo. Neste, a população de artesões e de comerciantes foi mantida ainda por um tempo, conforme o crescimento dos estabelecimentos industriais modernos que, lentamente foram substituindo os ateliês, devido a sua originalidade e eficácia, tornaram-se o símbolo da Revolução Industrial. A divisão manufatureira do trabalho marcou esse período por ser o princípio inovador do modo capitalista de produção, que dividiu o trabalho como nenhuma forma anterior o havia feito.

Com o Renascimento urbano e comercial dos séculos XIII e XIV, surgiu na Europa uma nova classe social: a burguesia. Esta passa a buscar o lucro através das atividades comerciais, o acúmulo de riquezas, o controle dos sistemas de produção e expansão dos negócios, ou seja, o capitalismo. Este é marcado pela corrente filosófica iluminista, que destacou a importância da razão e alimenta o sentimento que a ciência sempre descobrirá novas soluções para os problemas humanos permitindo que a civilização humana progrida sempre, baseada em novos conhecimentos e invenções. Inicia-se assim a Idade Contemporânea, período atual da história do mundo ocidental, que teve início a partir da Revolução Francesa (1789 d.C.).

O Capitalismo é definido por Catani (1982, p. 7-8), como sendo “[...] um determinado modo de produção de mercadorias, gerado historicamente desde o início da Idade Moderna e que encontrou sua plenitude no intenso processo de desenvolvimento industrial inglês, ao qual se chamou Revolução industrial” e salienta que por modo de produção deve-se entender “[...] tanto o modo pelo qual os meios necessários à produção são apropriados, quanto as relações que se estabelecem entre os homens a partir de suas vinculações ao processo de produção”. Portanto, o capitalismo não é somente um sistema de produção de mercadorias, mas, a partir das relações sociais que estabelece a força de trabalho também se transforma em mercadoria como qualquer outro objeto de troca.

A compreensão do trabalho social a partir deste período e a relação entre a caracterização da criatividade e sua exigência e aplicação na produção exigem a explicitação da história social do trabalho e do modo de produção capitalista gestados até então e apresentadas anteriormente neste texto; porque, conforme Catani (1982, p. 19, grifo do autor), baseado em Marx, o capitalista instala “[...] um modo de produção cujos meios estão nas mãos dos capitalistas, que constituem uma *classe* distinta da sociedade”. Este autor (1982) aponta em seus estudos três etapas históricas fundamentais no processo de intensificação da produtividade do trabalho pelo capitalismo, que são: 1) a cooperação simples; 2) a divisão do trabalho e a manufatura e 3) as máquinas e as grandes indústrias.

De acordo com Marx (1999, p. 97), o aumento da produtividade do trabalho ocorre quando há “[...] uma mudança nos seus processos que abrevie o tempo atualmente necessário por termo médio para a produção de uma mercadoria, de forma tal que uma quantidade menor de trabalho adquira a faculdade de produzir mais objetos úteis”. Como já vi, a Cooperação Simples criou tais condições e tornou-se a forma inicial do modo de produção capitalista. A parcialização do processo produtivo que instaurou, constituiu-se

[...] na forma fundamental e inicial do modo de produção capitalista. Nesta fase o trabalhador já estava sob custódia de um mestre, mas ainda participa de todo o processo produtivo. Ao produzir um sapato, por exemplo, ele o faz do começo ao fim. (ALVES, 2003, p. 74).

A fragmentação das tarefas foi o princípio inovador mais antigo do modo capitalista, já que a manufatura tem como base a divisão do trabalho, mas quando a divisão das etapas da produção se aprofundou, a partir do trabalho industrial, o crescimento e as especializações em serviços tornaram-se indispensáveis. Também o trabalho de cada especialidade produtiva nunca antes foi tão subdividido como na Idade Moderna; o que implicou no parcelamento dos

processos de construção do produto em várias operações, executadas por diferentes trabalhadores e, conseqüentemente, fez com que cada trabalhador atenda apenas um momento do processo. (BRAVERMAN, 1981). Desta forma, segundo Marx (1999, p. 100),

A cooperação de trabalhadores, repartindo as diversas operações que ocasionam a confecção de um produto entre diferentes mãos, permite executá-los ao mesmo tempo e abreviar o tempo necessário para a sua confecção: permite também suprir a curta duração do tempo disponível em certas circunstâncias, pela grande quantidade de trabalho que executa em pouco tempo uma coletividade de operários: [...] permite, além disso, as grandes empresas, impossíveis sem ele, limitando o espaço em que o trabalho se opera, em virtude da concentração dos meios de produção e dos trabalhadores, e, diminuindo, por esta causa, as despesas.

Em resumo, com o trabalho coletivo têm-se maiores e melhores resultados que os obtidos com o trabalho individual, uma vez que cria a força produtiva da jornada de trabalho coletiva, que é uma força do trabalho social comum, na qual a forma de cooperação surge como forma particular da produção capitalista.

Na manufatura, uma das formas características da organização do trabalho ocorreu quando o mesmo capital reuniu, “[...] ao mesmo tempo, na mesma oficina, muitos trabalhadores que fazem a mesma coisa ou a mesma espécie de trabalho”. (MARX, 1999, p. 392). Portanto, aperfeiçoou o trabalho no processo de produção e combinou ofícios que antes eram distintos, mas o resultado final continuou exigindo a força de produção dos trabalhadores.

Braverman (1981, p. 75), baseado em Adam Smith, afirma que esse parcelamento dos processos ocorridos no modo de produção deveu-se ao aumento da quantidade de trabalho, e por meio dessa divisão do trabalho o mesmo número de trabalhadores tornou-se capaz de executar as mesmas operações com mais intensidade, pelas seguintes circunstâncias:

[...] primeira, o aumento da destreza de cada trabalhador individualmente; segunda, a economia de tempo que em geral se perde passando de uma espécie de trabalho a outra; e, finalmente, a invenção de grande número de máquinas que facilitam e abreviam o trabalho, e permitem que um homem faça o trabalho de muitos.

Esta especialização chegou ao ponto em que o trabalhador não mais percebe o alcance do seu trabalho, por não participar de todo o processo do conjunto das atividades em que seu esforço foi inserido. Assim, aprofunda-se também a alienação e “[...] o trabalhador decai a uma mercadoria e à mais miserável mercadoria, que a miséria do trabalhador está na razão inversa do poder e da magnitude da sua produção, que o resultado necessário da

concorrência é a acumulação do capital em poucas mãos”. (FERNANDES, 2003, p. 147). Este processo psicossocial fez com que desaparecessem as diferenças entre capitalistas – rentistas e agricultor – trabalhador de indústria, concentrando os trabalhadores em duas classes: a dos proprietários e a dos trabalhadores sem propriedades.

Diferente é a explicação eminentemente neoliberal de Drucker (2002, p. 3, grifos do autor), para quem esse progresso inovador do modo capitalista de produção – a manufatura – se deu pelo avanço técnico do período e que foi motivado pela:

[...] mudança radical no significado do conhecimento. [...] o conhecimento sempre havia sido considerado aplicável ao *ser*. Então, quase da noite para o dia, ele passou a ser aplicado ao *fazer*. Transformando-se em um recurso e uma utilidade. O conhecimento que sempre havia sido um bem privado, transformou-se em bem público.

É certo que o conhecimento daquele período foi aplicado às ‘ferramentas’, ‘processos’ e ‘produtos’, promovendo, dessa forma, a Revolução Industrial e que as relações para os processos de produção e produtos, estabelecidas entre o capital e o trabalho promoveram o desenvolvimento das forças produtivas; que asseguram a exploração do trabalhador assalariado em grande escala, ao separá-lo dos meios de produção. Esta foi uma condição prévia para a instalação e manutenção da sociedade capitalista, ou seja, nesta sociedade o indivíduo que não possui recursos para se manter e satisfazer suas necessidades; conta apenas com a sua profissão e somente continuará existindo se puder comprar o produto do trabalho dos outros.

Contraditoriamente, com a parcialização e individualização do trabalho produtivo, os homens passaram a depender mais dos outros, tornando a troca uma condição necessária para a sua subsistência de todos. Assim, o produto do trabalho, ao ser trocado, tornou-se objeto do comércio: mercadoria. Esta mercadoria é concebida, inicialmente, como um objeto que satisfaz a necessidade do homem; depois é uma coisa que pode ser trocada por outra, porém, a sua utilidade faz com que tenha um valor de uso, ou uma utilidade específica que a diferencia, entretanto essas mercadorias têm em comum somente o fato de serem produtos do trabalho humano. (MARX, 1999).

Outra característica do Capitalismo é o trabalhador ser assalariado; vende sua força de trabalho para a sua sobrevivência à um capitalista que ao comprá-la, adquire o direito de consumir ou usá-la, fazendo-o trabalhar – o que caracteriza um dos aspectos da alienação do trabalhador no capitalismo. Assim, o capitalista ao pagar o valor diário ou semanal pela força de trabalho, poderá usá-la todo o dia ou toda a semana. Esta condição é exemplificada por

Antunes (2004, p. 91) quando cita o caso do tecelão, a quem o capitalista compra a força de trabalho e faz com que ele trabalhe,

[...] 12 horas diárias, ou seja, além das seis horas diárias para recompor o seu salário, ou o valor da sua força de trabalho, terá de trabalhar outras seis horas, a que chamarei ‘horas de sobretrabalho’, e esse sobretrabalho se traduzirá em uma ‘mais-valia’ e em um ‘sobreproduto’.

Como se pode observar porque o tecelão vendeu sua força de trabalho a um capitalista, todo o valor da mercadoria ou todo o produto criado pelo tecelão pertencem ao capitalista, dono por um tempo determinado de sua força de trabalho.

Catani (1982, p. 50) baseado em Marx denomina esse processo de “acumulação primitiva” ou “acumulação original” a partir da qual se originou o proletariado ou o atual desempregado. Estes compõem uma camada empobrecida, que é forçada por causa da miséria e pelas suas dívidas, a trabalhar para uma pessoa que possui capital para bancar a produção.

Em um período subsequente do desenvolvimento do capitalismo, destacam-se, as alterações no processo de produção promovidas pelo *Taylorismo*. Neste, a produção ocorre em série, na qual cada operário faz uma tarefa simples na elaboração de uma mercadoria, intensificando a divisão do trabalho; cria-se uma linha de montagem e observa-se a organização baseada no taylorismo.

O *taylorismo* foi a primeira tentativa de estudos científicos dos problemas que se criam no processo de produção massivo, próprio da grande indústria. O esquema *taylorista* serviu também para estabelecer o sistema de salários baseados na medida dos movimentos dos trabalhadores. Dentre seus objetivos estava o de criar um sistema de trabalho que garanta as “[...] relações que favoreçam a substituição de atitudes do trabalhador frente ao patrão e os benefícios econômicos deste”⁸. (QUINTERO, 1963, p. 156, trad. nossa).

Quintero (1963, p. 157, trad. nossa) afirma que para tanto Taylor criou a Organização Científica do Trabalho, a qual deveria “[...] estabelecer a harmonia no lugar da discórdia [...]”, entretanto esta, “[...] provocou uma série de conflitos entre os empresários e os sindicatos dos trabalhadores que se opuseram ao novo sistema”⁹. Por outro lado, a prática empregada – utilização plena da capacidade de trabalho do trabalhador - prejudicou a saúde destes, determinando suas incapacidades precocemente para o trabalho e suas mortes. De todos os

⁸ “[...] relaciones que favorezcan el cambio de actitudes del obrero frente al patrono y los beneficios económicos de este”. (QUINTERO, 1963, p. 156).

⁹ “[...] establecer ‘la armonía em lugar de la discordia’, provoco una serie de conflictos entre los empresarios y los sindicatos obreros que se oponían al nuevo sistema”. (Ibidem, p. 157).

trabalhadores, o especialista sofreu o maior desgaste, pois, foi submetido a um ritmo inflexível, que exige uma maior tensão nervosa, atenção, minuciosidade e reflexo ao manejar uma máquina em seu trabalho.

Historicamente a forma mais difundida do trabalho a ritmo obrigatório é o chamado ‘trabalho em cadeia ou corrente’, que foi estabelecido para simplificar o ‘caminho do trabalho’ e que oferece as seguintes vantagens: a claridade, a ordem, a diminuição dos acidentes, a preparação da força humana, etc., porque para esta organização o trabalho foi “[...] estudado, analisado e dividido em uma série de movimentos repetitivos simples - cada um dos quais deveria ser executado de uma maneira certa, no seu melhor tempo e com suas ferramentas corretas”. (DRUCKER, 2002, p. 16). Porém, tem maior efeito quando se produz em série do que quando se produz em pequena escala. Ainda sobre os estudos de Taylor, Drucker, (2002, p. 16) afirma que a complexidade mostrada pelo trabalho analisado e organizado cientificamente indicou que “[...] a autoridade na fábrica não podia ser baseada na propriedade. Ela podia ser baseada somente no conhecimento superior. Em outras palavras, ela exigia aquilo que chamamos de ‘gerência profissional’”. Esta, no Taylorismo, se torna o Modelo Gerencial do trabalho e aprofunda a divisão entre o fazer e o pensar, enfatizando a divisão técnica do trabalho. Daí que articulação entre as diferentes etapas da produção passa a depender de um controle rígido sobre o processo de trabalho, valorizando o supervisor, o encarregado e o gerente.

A partir destas constatações concordo com Quintero (1963, p. 241, trad. nossa) quando diz que a incrementação da introdução da novas técnicas tornou-se

[...] a luta por uma automatização do conjunto produtivo, vinculada com a criação de uma grande quantidade de aparatos de medição e de meios de regulação automáticos. A criação desses dispositivos automáticos [...] tem conduzido diretamente [...] mediante máquinas não só o trabalho manual, mas também certa parte do trabalho intelectual¹⁰.

Este processo tem produzido o aprofundamento da divisão do processo de produção e a diminuição da necessidade de mão-de-obra, uma vez que acarreta, simultaneamente, a mecanização e a automatização. Portanto, devo reconhecer a distinção entre mecanização e automatização, pois,

¹⁰ “[...] hoy la lucha por la automatización del conjunto productivo, vinculada con la creación de una gran cantidad de aparatos de medición y de medios de regulación automáticos. [...] há conducido directamente [...] mediante máquinas no solo el trabajo manual, sino también cierta parte del trabajo intelectual”. (Ibidem., p. 241).

A mecanização significa o parcelamento dos processos produtivos em uma série de operações e a execução de cada uma delas pela máquina que substitui o trabalho do homem. Embora na mecanização se utilize muito menos trabalhadores, os processos da produção requerem, todavia uma grande atenção por parte do homem para parar, por em andamento, regular, controlar as máquinas etc. A automatização se diferencia da mecanização fundamentalmente porque as próprias máquinas executam com fidelidade toda a programação e elas mesmas se auto-regulam e auto-controlam ao longo de todo o processo de produção¹¹. (QUINTERO, 1963, p. 187, trad. nossa).

A automatização, pelas suas conseqüências econômicas e sociais, supera a mecanização em importância para a *racionalização* – que é um aspecto dos esforços por ordenar a nova maneira de produzir mediante a organização científica do trabalho – e assinala uma virada histórica.

A idéia básica fordista segundo Pinto (2007, p. 41) era a seguinte:

[...] padronizando os produtos e fabricando-os numa escala imensa, da ordem de centenas ou milhares por dia, certamente os custos de produção seriam reduzidos e contrabalançados pelo aumento do consumo, proporcionado, por sua vez pela elevação da renda em vista dos melhores salários que poderiam ser pagos em função do aumento das vendas e, portanto, dos lucros empresariais.

Neste sentido a intervenção criativa do trabalhador não existe nesse processo tal como a possibilidade de conceber o processo produtivo como um todo, pois na linha de montagem cada trabalhador é posto no mesmo ponto da produção, o tempo inteiro, em que a esteira trás automaticamente, numa cadência exata, à sua frente o objeto de seu trabalho, estando cada trabalhador equipado com todas as ferramentas e instrumentos necessários ao alcance da mão. (PINTO, 2007). Portanto, impede qualquer abstração conceitual sobre o trabalho, devido o nível de simplificação, e, por isso, associa-se o baixo nível de qualificação educacional e profissional dos trabalhadores.

Portanto, esta organização do trabalho baseada na divisão de funções dentro de uma unidade produtiva, como a indústria; depende do emprego de tecnologia, pois uma esteira mecânica une os operários, ao transportar o produto em construção para que lhe seja acrescido as peças moldadas, objetivando a mercadoria total ou completa. Estes recursos também

¹¹ “La mecanización significa la parcelación de los procesos productivos em una serie de operaciones y la ejecución de cada una de ellas por máquinas que sustituyen el trabajo del hombre. Aunque en la mecanización se utilizan muchos menos obreros, los procesos de la producción requieren todavía una gran atención por parte del hombre para detener, poner em marcha, regular, controlar las máquinas, etc.. La automatización se diferencia de la mecanización fundamentalmente porque a las máquinas se les da a realizar todo um programa de trabajo, siendo ellas mismas las que ejecutan con cabal fidelidad dicho programa y las que se autorregulan y autocontrolan a lo largo del proceso de producción”. (QUINTERO, 1963, p. 187).

umentam a alienação devido a impossibilidade e a ausência de intervenção humana, bem como devido a repetição e monotonia.

Entretanto, algumas atividades do homem não puderam ser automatizadas como é o caso das atividades artísticas, das científicas etc., por outro lado, de certa forma, o automatismo ajuda-as proporcionando instrumentos de grande potência como no caso dos computadores.

Com a automatização, os custos de produção, foram barateados e houve um aumento na produtividade do trabalho. Este processo intensificou-se e foi um dos fatores que promoveu a Terceira Revolução Industrial, superando em vários aspectos as operações de produção que antes eram realizados pelas máquinas. Dentre esses fatores, destacam-se a incrementação da utilização da tecnologia de ponta adotada pelas indústrias.

Segundo Alves (2003, p. 91) com a automatização e o aperfeiçoamento das máquinas, foram criadas novas ciências “[...] capazes de liberar o homem da infinidade de tarefas repetitivas que constituem o ciclo de produção das indústrias”. Conseqüentemente, o crescimento industrial acelera-se, aumentando a concorrência internacional, originando as corporações transnacionais que buscam nos países mais pobres matéria-prima e mão-de-obra baratas, bem como a ampliação do mercado consumidor. Começou assim a fase financeira do capitalismo.

Após a derrota do socialismo real e o fim da União Soviética, os países que anteriormente eram socialistas passaram por graves crises econômicas e políticas; as quais, segundo Drucker (2002), exigiram a abertura de seus mercados ao capitalismo internacional e a desmontagem da ordem socialista para favorecerem a emergência de uma nova elite econômica, uma nova burguesia, formada por aqueles que no período anterior ocuparam altos cargos administrativos.

O fim oficial da União Soviética formalizou o fim da Guerra Fria e do bloco socialista, instaurando um novo mundo baseado nas relações econômicas que foram chamadas de ‘nova ordem internacional’. Com isto, o capitalismo ingressou numa fase de completo domínio, sem oposição e de desenvolvimento baseado numa produtividade com uso intensivo de altas tecnologias, como a microeletrônica, que envolve a área de computação e de comunicações sustentadas por meios avançados, a robótica e a biotecnologia.

Esta nova etapa produtiva é considerada a Terceira Revolução do Capital, que por causa das inovações, avanços da informática, automatização industrial e pela crescente velocidade dos meios de comunicação, passou a exigir ainda mais investimentos nas pesquisas e na implementação de tecnologias para o trabalho. Por outro lado, devido ao uso

dessas altas tecnologias produtivas, associadas à reformulação e otimização produtiva das empresas; promoveu uma onda de desemprego que incluiu o remanejamento e demissões de funcionários. Ou seja, o resultado mais brutal dessas transformações é a expansão do desemprego estrutural, que passa a atingir o mundo, também, em escala global.

Com isto, a redução do volume de trabalho causada pelas inovações tecnológicas industriais acabou, por um lado, compensando as conquistas trabalhistas como a diminuição da jornada de trabalho individual e outros direitos. Entretanto, mesmo com a redução do trabalho físico, e a ampliação do trabalho mais intelectualizado, estamos vivendo um período de muitas atividades inovadoras na tecnologia e também nas instituições sociais e econômicas. Esta nova produtividade passou a exigir mais investimentos nas pesquisas e na implementação das tecnologias, portanto, ampliou a dependência intrínseca dos grandes conglomerados empresariais, possuidores dos recursos necessários para financiá-las e delas se apropriarem. (VICENTINO, 2000).

No que se refere aos trabalhadores, a incorporação dos avanços científicos e tecnológicos ao processo produtivo exige maior especialização daqueles poucos que demanda, mudando o perfil daqueles que trabalharão com estes instrumentos na produção. O computador torna-se a principal ferramenta em quase todos os setores da economia e para usufruir das possibilidades que este oferece o conhecimento e a informação são os requisitos declarados primordiais para o trabalhador. Com isto o mundo entra na ‘Era da globalização’, neste sentido, a globalização do trabalho na fase recente do capitalismo, principalmente nas duas últimas décadas, tem sido associado:

[...] (como idéia) à hipótese da emergência de um novo patamar de ordenamento da vida social, institucionalmente articulado em plano supra-nacional. Em que o centro das atenções se volta para a constituição e uma realidade (relações, processos, e estruturas) não mais simplesmente determinadas (como no passado) pela expansão e/ou difusão horizontal/centrífuga de ações econômicas, políticas e culturais entre nações (sob impulso e primazia daquelas hegemônicas) – internacionalização; mas configurada por meio de uma dinâmica progressivamente transversal/centrípeta de efetividade societal, plasmada em plano completamente trans-nacional (global) de materialidade. (MELLO, 1997, p. 197-198, grifos do autor).

Para este autor, a ‘Era do globalismo’, corresponde ao período iniciado com o final da Segunda Guerra Mundial, o qual, devido ao intenso desenvolvimento econômico, foi denominado de “Anos Dourados” (*Golden Years*); quando a Revolução Capitalista caracterizou-se pela substituição da ferramenta pela máquina, contribuindo para consolidar o capitalismo como modo de produção dominante. Aquele momento revolucionário, de

passagem de energia humana para a motriz, foi o ponto culminante de um desenvolvimento tecnológico, social, e econômico que já vinha se processando há algum tempo, pois desde 1880, o conhecimento, em seu novo significado, passou a ser aplicado ao trabalho, o que resultou na revolução da produtividade.

Os atuais ideólogos do modelo de reorganização do capitalismo destacam que após a Segunda Guerra Mundial, o conhecimento foi aplicado ao próprio conhecimento, tornando-se o único fator de produção e com isto, promovendo a mudança no significado de conhecimento, iniciada há muito tempo, e que transformou a sociedade e a economia.

Um desses ideólogos, Drucker (2002, p. 21), prega que os “[...] ‘fatores de produção’ – terra (isto é, recursos naturais), mão-de-obra e capital – não desapareceram, mas tornaram-se secundários. Eles podem ser obtidos facilmente, desde que haja conhecimento”. Portanto, a necessidade presente na atualidade do mundo do trabalho seria o que ele chama de Revolução Gerencial, a qual estaria fazendo com que a sociedade deixasse de lado o capital e a mão-de-obra e se preocupasse com o conhecimento.

Em outras palavras, segundo as credences de Drucker (2002), a Revolução Gerencial caracteriza-se pela administração da aplicação do conhecimento às ferramentas, processos e produtos e ao trabalho humano. Isto provocou a rápida transformação do conhecimento científico e tecnológico no único fator de produção, o que deixaria de lado a determinação fundamental para a sociedade do capital e da mão-de-obra. Estes divulgadores das benesses da nova fase do capitalismo não têm destacado em suas análises que estes processos se tornaram típicos dos países centrais ao capitalismo, enquanto os que apresentam outras formas de desenvolvimento vêm sendo usados para a elaboração da produção e intensificação da acumulação do capital por serem impedidos de desenvolverem os conhecimentos e aplicarem as tecnologias necessárias aos seus processos produtivos específicos e mantêm os modelos anteriores de produção e gerenciamento do trabalho sob as determinações daquelas mesmas empresas que louvam as inovações.

Outra constatação decorrente das análises dos teóricos da nova forma de produção capitalista é que buscam demonstrar que anteriormente os trabalhadores já estavam acostumados às artes tradicionais das indústrias, tais como a tecelões, vidreiros, oleiros, serralheiros padeiros, dentre outros, e continuavam a exercer seus ofícios produtivos como diaristas e artesões independentes, o que permitia que o trabalho permanecesse sob controle imediato desses produtores, nos quais estavam encarnados o conhecimento tradicional e as perícias de seus ofícios. Entretanto, conforme os produtores foram sendo reunidos, surgiram problemas que exigiram a gerência, como a função que exerce a supervisão e coordenação de

todos os procedimentos relacionados a um produto específico, desde a produção até a venda. Primeiro de forma ainda rudimentar, surgiu a gerência como função do próprio exercício do trabalho cooperativo. Em seguida as empresas como estaleiros e fábricas de automóveis e a engenharia civil, que possuíam diferentes tipos de trabalho, as adotaram e depois, as indústrias que possuíam pouca experiência manufatureira, como a indústria do açúcar, as fábricas de sabão, e os vários processos de fundição do ferro, laminaria de cobre e latão que exigiam funções de coordenação.

Pude verificar anteriormente neste trabalho, que já havia gerência de turmas grandes de trabalhadores na antiguidade e nos tempos medievais; como nas construções das pirâmides e dos canais de irrigações, quando eram reunidos vários trabalhadores sob uma única direção. Portanto, é intrigante que atualmente pretendam destacar a gerência como novidade, pois, em contraposição, alguns analistas como Braverman, (1981, p. 66), demonstram que, naqueles momentos, a administração exigida em cada situação de construção das pirâmides, pelos escravos, da irrigação pelos militares, fazia com que a gerência, fosse “[...] muito mais completa, autoconsciente, esmerada e calculista, do que qualquer coisa anterior”, e um dos requisitos para a gerência desses trabalhadores era a reunião sob um único teto.

O que, de fato, os capitalistas fizeram nos seus primeiros esforços para implantação da administração por meio da gerência, foi buscar uma teoria que ordenasse aquelas práticas da gerência, uma vez que enfrentavam

[...] novas relações sociais de produção, e tendo começado a transformar o modo de produção, viram-se diante do problema de administração que eram diferente não apenas no escopo mas também em tipo, em relação as características dos processos de produção anterior. (BRAVERMAN, 1981, p. 66).

Outra especificidade do capitalismo que promoveu a necessidade da gerência é o fato de prevalecer o contrato de trabalho entre as partes, o que torna a gerência um instrumento perfeito para o controle dos trabalhadores.

As novas relações sociais que estruturavam o processo produtivo para os capitalistas, segundo Braverman (1981, p. 68) exigia empenho por meio da gerência para controlar, ou seja, “[...] o controle é, de fato, o conceito fundamental de todos os sistemas gerenciais, como foi reconhecido implícita ou explicitamente por todos os teóricos da gerência”.

Acompanhando o ideário neoliberal, que precisa escamotear o controle para garantir seu pressuposto das liberdades gerais, Drucker (2002, p. 22) afirma que atualmente a gerência é uma função genérica de todas as organizações, qualquer que seja a ‘missão específica’ das

mesmas. Isto porque não mais controlaria recursos materiais, mas teria se transformado em um “órgão genérico da sociedade do conhecimento”, acompanhando sua característica de alterar-se conforme a forma de trabalho. Ou seja, para os neoliberais, a gerência teria surgido somente depois da Primeira Guerra Mundial e como disciplina somente depois da Segunda Guerra Mundial.

O que este autor tenta apresentar como novidade é o fato do gerente ter se tornado o responsável pelo emprego e desenvolvimento do conhecimento, porque atualmente o conhecimento seria um recurso essencial, sem o qual não se poderia produzir e, sem o qual a gerência não pode desempenhar seu papel. Portanto, onde tivermos uma gerência eficaz e o conhecimento aplicado aos novos conhecimentos, sempre posso obter outros recursos.

Assim, as transformações promovidas no exercício das gerências seriam fundamentais para a sociedade, pois a passagem do conhecimento para conhecimentos, teria feito surgir novas exigências pessoais e profissionais; como a que é feita atualmente pelo mercado de trabalho, de que o trabalhador seja criativo, e assim produza mais.

Nestas condições, o trabalhador que possuísse os conhecimentos adequados e fosse criativo, não precisaria se preocupar em armazenar grandes quantidades de informações, pois com a automatização, a Internet e os meios de comunicação a sua disposição, a diferença estaria na sua capacidade individual em processar essas informações e utilizá-las de forma original e inovadora.

Considerando o exposto até o momento em relação às características da forma de produção no trabalho social, da Idade Primitiva até a Idade Contemporânea, posso afirmar que o trabalho de produzir produtos era realizado pelo homem artesanalmente e, com o desenvolvimento dos meios de produção, a partir da criação de máquinas cada vez mais sofisticadas, com a evolução do pensamento e, por consequência, da ciência; a produção de produtos novos tornou-se maquinizada e, após isto, computadorizada, permitindo ampliar o atendimento das necessidades dos seres humanos.

Percebe-se que as mudanças que ocorrem no trabalho social ao longo da história são promovidas por grandes criações demandadas e proporcionadas pelos processos produtivos que proporcionaram transformações em todas as atividades de trabalho e meios de produção. Entretanto, no aspecto referente à criação de produtos e técnicas novas, verifico que as mudanças ocorridas no mundo do trabalho na última etapa do capitalismo não se diferem das anteriores. O que a tornou mais complexa foi a automatização da forma e dos meios de produção, demonstrando que o trabalho evoluiu e, como sempre, exigiu o aumento da iniciativa do trabalhador durante a sua realização.

Portanto, ter que aplicar conhecimentos a novos conhecimentos para solucionar problemas encontrados no dia-a-dia não consiste em uma nova forma de trabalhar. É apenas a ampliação da exigência do trabalho intelectual e, conseqüentemente, uma forma de reduzir a necessidade de mão-de-obra estritamente física, como historicamente sempre ocorreu.

Ao longo dos tempos os seres humanos foram capazes de reunir conhecimentos e tomar decisões baseados nelas e, com isto, foram entendendo o mundo a sua volta e realizando as mudanças necessárias não só para a sua sobrevivência, mas para melhorar cada vez mais seu trabalho. A capacidade que os seres humanos desenvolveram para organizar os conhecimentos e as informações para tomarem decisões a partir delas, e descobrirem novas maneiras de lidar com os problemas perante a realidade, foi de fundamental importância para o desenvolvimento dos processos produtivos. Ultrapassou-se assim os processos de uma simples geração de idéias e constituiu-se um processo contínuo de pensamento produtivo capaz de elaborar soluções para problemas cada vez mais abstratos, calcados em necessidades concretas, mas, nem sempre, aparentes.

A partir desta pesquisa bibliográfica sobre a evolução histórica do trabalho social, enfocando, quais as concepções de homem e de seus processos psíquicos, bem como as dos processos produtivos e educacionais se destacaram em diferentes períodos históricos devido à utilização da maquinaria; percebo que a aplicação da criatividade na produção foi, de fato, um dos fatores promotores dos avanços nos diferentes processos produtivos, pois a cada crise, foi a contradição entre as necessidades sociais e individuais que geraram os avanços materiais e intelectuais.

Dadas as diversas formas de manifestação e utilização dos processos e produtos da criatividade humana, busco no próximo item identificar e analisar os fundamentos teóricos ou técnicos que a embasam. Conseqüentemente avanço, na definição sobre se a criatividade utilizada ou solicitada para a produção na atualidade, se refere à aplicação dos processos psicológicos do pensamento produtivo, como descrito por Luria (1979). Para tanto, estou considerando os aspectos abordados até aqui, os quais indicam que na fase atual do desenvolvimento do Capitalismo, o trabalho de produzir novos produtos já está atribuído às máquinas automatizadas e a necessidade destes se manifesta coletivamente, e posso apreendê-las por meio das pesquisas de mercado ou opinião.

1.3 COMO A CRIATIVIDADE DO CAPITALISMO ATUAL CRIOU O TRABALHO CRIATIVO

A discussão sobre a forma de produção no trabalho social, durante os principais períodos históricos, demonstrou-nos que as mudanças nos modos e meios de produção exigiram suas alterações em ritmo cada vez mais veloz. O trabalho, que surgiu como uma atividade humana para atender às necessidades individuais e, posteriormente, das sociedades, tornou-se a condição determinante da forma das diversas organizações sociais que o criaram. Portanto, a relação entre trabalho produtivo e as atividades intelectual e física sempre existiu; contrariando o discurso ideológico do capitalismo atual que enfatiza apenas um processo do pensamento produtivo, destacado como criatividade. E, ao qual atribuem a qualidade de promover a entrada e permanência da maioria dos trabalhadores no mercado de trabalho que já estaria dominado pela atividade intelectual neste momento histórico.

Dada a manutenção das principais características do Capitalismo: a necessidade da extração da mais valia para a sua reprodução, a ampliação do consumo para a multiplicação do lucro e a viabilização da sua auto-reprodução, não é possível se aceitar que este sistema se viabilizaria se a totalidade ou a maioria dos trabalhadores se tornassem apenas criadores: especialistas na elaboração, planejamento e controle dos seus produtos e processos. Por isso, busco o verdadeiro motivo que tem promovido e sustentado tal discurso, seja como ideologia para garantir a ampliação do exército de reserva ou como um recurso para justificar o desemprego e valorizar o trabalho intelectual, que por sua natureza exige poucos trabalhadores na produção.

Como vi no início dos tempos o trabalho era tratado como condição básica e fundamental de manutenção de toda a vida humana, sendo que as necessidades de se alimentarem, se vestirem, e se abrigarem eram o que determinava o tipo de trabalho, ou seja, trabalhavam porque tinham que suprir essas necessidades para a sua sobrevivência. Foi a criação das condições para tal que exigiram que as mãos executassem cada vez mais funções variadas. Movimentos que, ao se aperfeiçoarem e ganharem eficácia, mudaram a organização biofisiológica da espécie e foram passados de geração a geração, atingindo um grau de aperfeiçoamento cada vez mais complexo. A cada novo aspecto humano que se desenvolvia os sujeitos da espécie descobriam nos objetos novas propriedades, que estimulavam os sentidos, o cérebro e a consciência, que foram se constituindo mutuamente imbricados com o trabalho e a linguagem.

Na Antiguidade o trabalho já se organizava pelas relações entre escravistas e escravos. Aqueles reduziram estes a instrumentos produtores de riquezas, dificultando, assim a manifestação dos processos criativos de uma parte da humanidade. Porém, não impediu os trabalhadores em geral e os artesões, em particular, de aprimorarem os instrumentos existentes e criarem novos, que desenvolveram várias áreas produtivas e exigiram o ensino de suas técnicas de forma mais sistemática, ainda que submetidos às conseqüências desta relação. Diferentemente, na Idade Média o trabalho estava um pouco mais desenvolvido, pois neste período as relações sociais que ocorriam entre o senhor e o servo alcançaram um nível maior de liberdade. Apesar do servo não receber um valor pelo seu trabalho, o seu vínculo com o Senhor Feudal era superior ao contrato de trabalho, pois significava uma relação moral, social e econômica. Envolveu a manutenção do sistema, como a ocupação das terras dos Senhores Feudais e a forma de sustentação dos trabalhadores e da 'corte', pois os servos cultivavam as terras e entregavam parte de sua colheita, pagavam impostos e arcavam com outras obrigações.

O aperfeiçoamento dos instrumentos e formas de trabalho criou atividades diversificadas, mas os trabalhadores construíram formas próprias para ensiná-las e controlarem a utilização de suas técnicas. O ensino dos ofícios passou a ser ministrado nas oficinas das Corporações de Ofícios, onde os trabalhadores aprendizes tinham moradia, alimentação e recebiam pagamento pelo trabalho realizado. O controle da produção e do comércio foram mantidos sob o controle das Associações e Grêmios e, com isto, a produção ficou limitada ao âmbito familiar, ainda que nesse período tenha se desenvolvido a criação artesanal, que foi a primeira forma de produção manual que será a base dos modos de produção desde então.

Com a invenção de máquinas nasceram as fábricas e com a criação de instrumentos mecânicos preparou-se a produção maquinizada, por meio de uma série de operações simples e repetidas, facilitando desta forma o trabalho. O maquinário deste período além de facilitar o processo de produção, diminuiu o tempo de trabalho necessário para a fabricação dos produtos e facilitou a aplicação da ciência no processo de produção. Estas condições diminuem a exigência de aplicação dos processos criativos por todos os trabalhadores durante a fabricação. Ou seja, dispensa a criatividade da maioria dos homens durante o processo de trabalho, ao mesmo tempo em que aprofunda a exigência da sua utilização por aqueles que são encarregados de conceber e aperfeiçoar a produção, seja para a criação de produtos ou dos processos e instrumentos para a sua viabilização.

No capitalismo o progresso científico e econômico se expandiu e deu início à Idade Contemporânea, que se caracteriza pelo estabelecimento generalizado da produção industrial, na qual as fábricas modernas substituem os ateliês tornando-se símbolo da Revolução Industrial, por sua eficácia e originalidade. Exacerba-se também a necessidade do homem ser criativo para trabalhar, pois a intensificação do consumo, dada pela ampliação do comércio, exige também a maximização do trabalho, da transformação da natureza e do que já existe. Portanto determina que se imagine o mundo de modo diferente do que é e se invente os meios para realizar a transformação tal como foi pensada.

A automatização assinala outra mudança histórica no desenvolvimento do trabalho, pois reordena a maneira de produzir, mediante a organização científica do trabalho. Com os avanços da automação e o conseqüente incremento da produção, que depende cada vez mais de tecnologia e de mão-de-obra especializada, o mundo entra na “Era da globalização” do trabalho. A manutenção de tal sistema depende do atendimento das exigências de diferentes povos, o que recoloca em destaque o conhecimento, após um longo período em que ficou restrito à concepção de produtos e instrumentos; tornando-o necessário não só para aplicação a estas etapas do trabalho, mas, principalmente, como promotor de novos conhecimentos.

Neste momento, retoma-se e aperfeiçoa-se a organização do trabalho baseada no controle dos seus processos, à qual chamam de “Revolução Gerencial” (DRUCKER, 2002, p. 21) por visar, agora, a atender a necessidade de se administrar as idéias dos trabalhadores que geram novas tecnologias e produtos. Sua intenção é não permitir que quem as tenha, as utilize independentemente da empresa, e, que se garanta a sua apropriação como recurso para ampliação do capital. Sendo assim, apresento a seguir como a criatividade vem sendo aplicada atualmente no processo produtivo em diferentes áreas do trabalho social.

Dentre os pesquisadores atuais que estudam a aplicação da criatividade ao processo produtivo destaco Thompson (1993, p. 24), que em seus estudos tem relacionado a constituição de pessoas criativas ao ambiente de trabalho e aos produtos que desenvolvem. Na sua pesquisa explica a criatividade e a sua aplicação ao trabalho, conforme o entendimento de outros psicólogos que já demonstraram que toda pessoa

[...] é criativa, porque a criatividade é o traço que nos torna humanos. Criatividade é apenas um jeito de descrever inteligência. Ser criativo é ter inteligência, ser capaz de reunir informações e tomar decisões baseadas nelas. Ser criativo é ser capaz de perceber e reconhecer o mundo que nos cerca, entender o que precisamos ou desejamos fazer em resposta a ele e começar a mudá-lo. Ser criativo é encontrar uma maneira, um pensamento, uma expressão, uma manifestação humana que ninguém mais descobriu e trazer possibilidades recém descobertas à realidade.

Estas afirmações confirmam que diferentes abordagens teóricas e metodológicas, em várias áreas do conhecimento, concluíram que a criatividade é o que difere os seres humanos dos animais; por ser um dos processos que nos capacita a atender as nossas necessidades agrupando as informações e elaborando-as com a finalidade de descobrirmos novas maneiras de lidar com os problemas apresentados pela realidade. Ou seja, são estudos que reconhecem que mais do que uma simples geração de idéias, a criatividade se manifesta para solucionarmos problemas. Salienta ainda que a “[...] criatividade não é uma quantidade ou um prêmio, ou um ponto, mas um estado do ser, um movimento contínuo – um processo”. (THOMPSON, 1993, p. 265).

Nesta abordagem, a criatividade tem o caráter de exigência funcionalista por ser um processo contínuo de busca de soluções para problemas. Esta concepção não foi considerada até o início da automatização, quando Taylor começou a aplicar o conhecimento ao trabalho, fazendo com que a produtividade aumentasse cerca de cinquenta vezes em todos os países avançados. Porém, já era uma realidade apreendida e discutida por vários autores.

Esta supremacia da posição funcionalista se confirma também na área das atividades artísticas, a qual resistiu durante muito tempo a tais condicionamentos, como pude verificar, por exemplo, nos trabalho de Henry Petroski (2006, p. 11), professor de Engenharia Civil e História na Universidade Duke, na Carolina do Norte, e um dos mais respeitados especialistas em falhas e *design*. Ele tem tratado a criatividade como uma técnica de criar produtos atraentes e funcionais. Em suas pesquisas, afirma que o papel da criatividade no mundo atual se deve á necessidade dos indivíduos de sempre melhorarem e ao fato de que para atender esta necessidade, querem que os objetos construídos funcionem. Por isto, explica que:

Em tese, se nada mais fosse inventado, o mundo poderia funcionar bem com os objetos e sistemas já existentes. Entretanto, faz parte de nossa natureza querer melhorar o que é ineficiente, deselegante e incompleto. A criação de novidades torna-se imperiosa quando a qualidade de vida entra em conflito com a percepção de que determinado objeto ou construção utilizados atualmente são imperfeitos. Mesmo que ninguém clame por uma ponte mais longa ou um avião mais rápido, o desafio técnico de produzi-los impulsiona sua criação e construção.

Na afirmação desse autor, os grandes inovadores tecnológicos ao analisarem os produtos atraentes e funcionais, entendem que novas técnicas de criar se fazem necessárias quando verificam que os produtos já criados são imperfeitos e ineficientes. Portanto, seriam a observação e a percepção das imperfeições e das ineficiências os promotores da criação do novo e da prevenção de falhas. A constatação que os produtos menores foram os mais

recriados, devido ao fato do criador participar de todo o processo de criação e poder perceber as ineficiências e as falhas no processo, chegando próximo à perfeição, mostrou a diferença em relação ao processo de elaboração dos produtos maiores. Estes, ao envolverem diversas equipes de engenheiros e arquitetos e cada uma delas produzir apenas uma parte do produto, não participando da finalização destes, confirmou que é o domínio de todo o processo produtivo que garante a avaliação e correção conforme a concepção ideativa do produto. (PETROSKI, 2006).

Com essas considerações, percebo que se retoma a idéia da alienação pela divisão manufatureira e especializada do trabalho devida ao parcelamento dos processos de construção do produto em várias operações, executadas por diferentes trabalhadores e, que levaram à divisão entre trabalho intelectual e braçal, à perda de capacidades psicológicas e à produção em massa. Confirma-se assim a tese do Materialismo Histórico Dialético e da Teoria Socio-histórica de que o domínio sobre a totalidade do processo de produção, evita a alienação e desenvolve o processo de controle sobre a realidade e as suas possibilidades. Dois exemplos citados por Petroski (2006) sobre as especificidades dos produtos criados por uma pessoa e outro criado por equipes esclarecem esta tese. O primeiro é o “clipe de papel”, que foi redesenhado pelo seu criador até chegar bem próximo da perfeição. Outro exemplo é o do arquiteto canadense Frank Gehry, conhecido pelo seu *design* arrojado na arquitetura, repleta de estruturas curvas, geralmente em metal, na quais, caso as equipes de engenheiros e arquitetos não realizem um bom trabalho, acabam com todo o processo de *design*, o processo de criação. Mas, existem alguns produtos que são considerados perfeitos por este autor (2006, p. 15) por não apresentarem a necessidade de serem redesenhados, como as “roupas clássicas (Tailleurs)” e as “taças de vinhos”, dentre outros.

Sobre a aplicação da criatividade nas empresas, Santo (2004) afirma que depende das necessidades destas a promoção dos fatores responsáveis para o fortalecimento e crescimento da capacidade criativa, pois se dermos um lápis a um matemático ele começará a fazer operações e se dermos um lápis a um desenhista ele vai desenhar, ambos dentro de seus “cercadinhos mentais”, ou seja, seus conhecimentos e habilidades. Indica ainda que a ferramenta mais antiga para ao desenvolvimento deste processo psíquico é a associação de idéias – *Brainstorming*, que é a técnica mais praticada no mundo inteiro para se atingir respostas mais adequadas aos problemas.

A associação de idéias foi identificada e estudada por Platão e Aristóteles, no século IV a.C. e foi denominada por eles de ferramenta porque “[...] amplia e multiplica por três a capacidade criativa da percepção na variação de linhas de pensamento [...]” (SANTO, 2004,

p. 01) e ainda para este autor sua manifestação seria produzida por processos mentais classificados como:

- *Contigüidade*: proximidade de idéias, seqüência; *causas e efeito*.
 - *Semelhança*: similaridade, fator comum, paralelismo, usado em *metáforas*;
 - *Contraste*: antônimo, contrário, inverso da idéia, valorizado em *ironias e humor*.
- (SANTO, 2004, p. 01).

Atualmente as empresas acreditam que essa ferramenta, baseada nos recursos de associações de idéias (Tempestade de idéias), identifica as formas de pensamento criativo adequadas, aumentando a quantidade de idéias geradas sobre determinado problema.

Diferente deste é o entendimento de Petrelli (2003), administrador e consultor de empresas do SEBRAE, para quem o termo criatividade é uma forma de contestar o conhecimento existente, fazendo com que o trabalhador seja ousado e apresente algo novo, independente das críticas que irá receber. Por conhecimento entendo as informações armazenadas na memória e que resultam das experiências que vivencio em diversos contextos. Portanto, a criatividade não pode se manifestar sem certo nível de conhecimento, necessário para a formação de uma base a partir da qual produziria algo novo, criativamente. Esse autor também defende que o *brainstorm* seja aplicado com o objetivo de gerar idéias dentro do ambiente de trabalho, pois estimularia o pensamento, auxiliaria na tarefa de desinibir os mais tímidos, o que entende não ser uma tarefa fácil; além de que promoveria a integração das equipes dentro das empresas.

Ambos concordam que esta técnica é capaz de fazer os funcionários pensarem de maneira diferente da que estão acostumados, quebrando os paradigmas que envolvem o trabalho e, com isso, ter-se-ia funcionários mais criativos. Acrescentam ainda que o estímulo para que os trabalhadores continuem criando se daria na forma de ‘reconhecimento público’, ‘liberdade de expressão’, apoio nas iniciativas de ‘expor idéias’, ‘recompensas financeiras’, dentre outras. Ou seja, seria um mero processo de condicionamento por reforços.

Já Crosby (1972, p. 30) salienta que, enquanto em algumas indústrias a prioridade é o esforço criativo, outras ainda seguem os desenhos e métodos desenvolvidos há muitos anos, ignorando a história humana e do trabalho. Afirma que a utilização da criatividade, por meio da habilidade para resolução de problemas é “a inovação” que tem sido adotada pelas empresas. A aplicação da criatividade é exemplificada por ele como se dando na resolução de problemas não-programados, para os quais a considera como a única ferramenta adequada e, que, de fato, existe para esta função, como elucida a seguir:

Fizemos a implicação de que os problemas não-programados não têm respostas. Não temos maneira de provar que chegamos a uma solução ótima. Quando somos suficientemente sem sorte para produzir duas ou mais soluções alternativas, defrontamo-nos com uma escolha que introduz margens para erro, pelo menos tão grandes como a do estágio criativo original. [...] a especificação final de um material para um componente, pode, no final das contas, ser do maior benefício para a empresa – como também pode não lhe trazer benefício algum.

Entende-se, portanto, que a criatividade passa a ser exigida quando a complexidade do modo de produção aumenta e mesmo com a programação das tarefas, surgem problemas inéditos. A programação de tarefas é assinalada por este autor como sendo o estabelecimento de um padrão para as atividades de produção que, na realidade, desenvolvem o produto da empresa. Ou seja, um programa que identifique quaisquer orientações criativas específicas que, uma vez utilizadas, duplica a qualidade do trabalho. Para Crosby (1972, p. 31) são exemplos desses programas:

[...] configuração específica de um desenho de produto que lhe permita funcionar da maneira que se deseja; [...] formação de técnica para produção de cada unidade de produto; [...] a configuração que estabelece as qualidades estéticas de um desenho de produtos; [...] procedimentos de contabilização para determinar custos e emprêgo de capital; [...] anúncios com a intenção de influenciar fregueses em potencial; [...] políticas de pessoal para melhorar a satisfação do empregado.

Autores destas áreas têm afirmado que em algumas indústrias o uso intensivo da habilidade criativa para solucionar problemas ainda não é utilizado racionalmente enquanto em outras são tomadas providências deliberadas para explorá-los. Entretanto, não se pode dizer que habilidade criativa para solucionar problemas seja utilizada em concordância com os outros recursos empregados na indústria por algumas das razões citadas a seguir:

I – o valor potencial do realce da criatividade para a indústria não foi completamente apreciado, ou foi julgado muito pequeno; II – pouco se sabe do processo criativo para que se possa criar um programa operacional eficaz; III – há relutância em investir seriamente em pesquisas para processo criativo ou programas experimentais, pela imprevisibilidade dos resultados. (CROSBY, 1972, p. 48).

Baseado em McPherson (1964), Crosby (1972, p. 48-49) afirma ainda que a utilização intensiva da habilidade criadora nas indústrias está relacionada à capacidade destas em promover alterações nas “disposições emocionais” dos trabalhadores. As alterações das disposições emocionais necessárias para a resolução de problemas na indústria poderiam ser promovidas por técnicas, tais como a ‘exacerbação mental’, sobre a qual já abordo as análises de Petrelli (2003) e Santo (2004) sob a denominação de *brainstorming*. A intenção da

utilização da ‘exacerbação mental’ nas indústrias seria, apenas, aplicar “[...] um instrumento de algum método de solução de problemas” para encorajar o trabalhador a pensar criativamente, através de eliminação de restrições do julgamento crítico e alterando as suas disposições emocionais, sem considerar as conseqüências de tais métodos e técnicas para os trabalhadores.

Freitag (2004, p. 02), consultora de empresas e instrutora do SEBRAE/RN, também, trata da imaginação e da criatividade, mas como focos para a formação de empreendedores. Entende que “[...] o empreendedorismo é um comportamento, cujo movimento, tem início dentro das pessoas, passando por um processo de formação de competências para geração de resultados, através da criação de uma cultura empreendedora”. Como a definição não define nada, justifica que seria por meio dessa cultura e a partir da realidade que as pessoas passariam a ver outras oportunidades e tomarem outras atitudes na busca da melhoria de vida e das organizações. Sem, novamente, indicar o que caracterizaria tal cultura nem a realidade que permitiria alguns ‘virem oportunidades e tomarem atitudes’ que os diferenciariam dos modelos dominantes na atual fase do capitalismo; e nem indica por que esta visão e atitude seriam criativas.

Considerando as explicações sobre o que seria a criatividade e a sua aplicação nas diversas áreas de produção citadas, oferecidas por estes autores contemporâneos da nova organização do capitalismo e como recomendam o seu desenvolvimento e manifestação, através de técnicas como a *exacerbação mental* de idéias individuais para a resolução de problemas coletivos, melhoria de produtos e inovações; posso deduzir que atualmente entende-se que a criatividade é um recurso instrumental da produção, o qual pode ser aplicado a qualquer departamento de uma empresa. Diferente é o entendimento proporcionado pelas teorias que não negam que todas as transformações e invenções ocorreram, historicamente, a partir das necessidades sociais dos seres humanos para aumentar a produtividade em menor espaço de tempo e, que a criatividade se constitui como tal, só que como um recurso dado nos indivíduos. Particular, mas dependente e determinado socialmente.

CAPÍTULO II

OS PROCESSOS CRIATIVOS DOS PENSAMENTOS PRODUTIVOS NA PERSPECTIVA SOCIO-HISTÓRICA

Neste capítulo me baseio em algumas teorias sobre a criatividade e o processo de pensamento criativo desenvolvidas sob o enfoque socio-histórico. A nossa opção recaiu sobre as análises desses processos psicológicos que têm como base o Materialismo Histórico Dialético, o qual concebe o processo de constituição do sujeito como social e a atividade criadora como uma necessidade que é mediada e constituída nos contextos históricos, sociais e culturais, tal como o faz a Psicologia Socio-histórica. Nesta, a temática é tratada nas obras de Vygotsky (1982, 1988, 1993, 1994, 1996 e 2000), Luria (1979, 1991, 1992 e 1994) e Leontiev (1978), e alguns de seus interlocutores.

A teoria Socio-histórica se difere das análises que, como a de Petrelli¹² (2003, p. 01), se baseia no entendimento que a criatividade “[...] é uma forma de contestar” os modelos de idéias já existentes e que o trabalhador é criativo quando acredita no que está desenvolvendo e tem uma “[...] boa dose de confiança” no que faz. Estas características permitiriam que os funcionários alterassem suas atividades do pensamento e quebrassem “[...] os paradigmas que envolvem o trabalho”. No que diz respeito aos Processos Psicológicos Superiores, este autor (2003, p. 01) entende que reduzi-los às respostas imediatas provocadas por estímulos e reforços, conseguiria “[...] funcionários mais criativos dentro das empresas”. Esta redução dos processos criativos ao esquema de reforço intermitente é mostrada quando indica que a criatividade se deve a estímulos, tais como: “[...] reconhecimento público; flexibilidade nos horários de trabalho – sendo a atenção voltada para o resultado; liberdade de expressão; apoio nas iniciativas de expor as idéias, mesmo que não sejam aproveitadas e, recompensas financeiras [...]”, dentre outras.

Sei que os processos de pensamento são mais complexos que a simples relação entre estímulos-respostas-reforços. Estes dependem da Atividade geral dos indivíduos e, por isso,

¹² Marcelo Petrelli é Administrador e Consultor de Empresas. Artigo da Biblioteca do SEBRAE, Publicado em 27 de jun. 2003.

estão articulados com as suas situações sociais e históricas. Principalmente, por estarem vinculados ao domínio da cultura e dos instrumentos nela integrados.

São estas relações que passo a indicar e explorar a seguir, com a intenção de apreender a intenção e os equívocos das atuais abordagens sobre criatividade no processo de trabalho. A partir da apreensão destas, busco as possibilidades que efetivamente o trabalho social, tal como está estruturado atualmente, proporciona aos trabalhadores; principalmente como instrumento de superação das suas condições sociais.

2.1 A CRIATIVIDADE SEM PROCESSOS DE PENSAMENTO

Desde os estudos para o Trabalho de Conclusão de Curso, entendo que a criatividade é um processo com determinações sociais, e que, conforme Vygotsky (1982) se dá desde o nascimento, quando o indivíduo vai formando uma visão do mundo através da interação com o meio humano. À medida que o indivíduo desenvolve e amadurece fisicamente, sua inteligência e seu comportamento também vão se modificando. Nessas modificações o processo de criatividade é um dos elementos fundantes, indo de forma mais ou menos lenta atrás da aprendizagem, conforme a valorização e a necessidade social de mudanças ou de manutenção das condições estáveis.

Será com esta perspectiva que abordarei a criatividade e o pensamento criativo nesse item, pois minha hipótese se baseia na indicação empírica que a desconsideração da atividade subjetiva e das suas determinações sociais têm levado ao equívoco de se exigir criatividade e/ou pensamento criativo para o trabalho quando o que se espera é a manifestação dos diversos processos do pensamento produtivo.

Entendo que tais confusões são constantes, pois, ao analisar as diversas definições de criatividade encontro diferentes concepções que buscaram contemplar a especificidade da criatividade em cada período histórico. As definições encontradas destacam alguns aspectos em detrimento de outros, por isso, em algumas, ela é remetida aos seus aspectos sociais e em outras, aos psicológicos. Por isso, para ampliar a compreensão necessária a este trabalho, considero importante explicitar algumas definições que mais se vinculam aos nossos objetivos de entender a criatividade como um dos processos do pensamento produtivo.

Isto porque a história da sociedade na qual o indivíduo desenvolve-se e a sua história pessoal são fatores cruciais que vão definir sua forma de pensar. As características históricas,

tanto sociais como individuais, dependem da atividade principal dos homens, que é caracterizada pela forma de produção da vida em cada momento e que tem no trabalho a sua maior expressão. Também a linguagem tem papel de grande relevância na determinação de como se aprenderá a pensar, uma vez que formas avançadas de pensamento são transmitidas através das palavras.

A partir desses entendimentos, alguns aspectos nos chamam a atenção, tais como a questão do pensamento e da linguagem no processo de desenvolvimento intelectual, a formação da consciência e dos conceitos, o significado e o sentido das palavras, bem como a aprendizagem e o desenvolvimento. Para tanto, tornaram-se necessárias algumas considerações sobre cada um destes aspectos e como se manifestaram historicamente no trabalho criativo.

Nas teorias filosóficas européias antigas, a criatividade foi vista como inspiração divina. Esta idéia teria surgido da tentativa de explicar a originalidade das grandes obras e, persistiria na idéia de que o artista é inspirado tem um poder superior. Esta velha concepção de criatividade é creditada a Platão quando explicou que:

Deus arrebatava o espírito desses homens (poetas) e usa-os como seus ministros, da mesma forma que com os adivinhos e videntes, a fim de que os que os ouvem saibam que não são eles que proferem as palavras de tanto valor quando se encontram fora de si, mas que é o próprio Deus que fala e se dirige por meio deles. (HALLMAN, 1964 apud KNELLER, 1973, p. 32).

Uma outra interpretação de Platão indicava o processo criativo como o “[...] frenesi da visitação divina do que resulta da loucura”. (KNELLER, 1973, p. 33). Ou seja, no mesmo contexto histórico, a criatividade foi vista também como uma forma de loucura, da qual decorria a sua aparente espontaneidade e irracionalidade promotoras da alienação dos sujeitos que faziam coisas diferentes.

Posteriormente, já nas teorias filosóficas modernas do final do Renascimento, quem demonstrava criatividade era visto como imbuído de um ‘gênio’ intuitivo. O ‘gênio’ seria um ‘espírito’, benéfico ou maléfico, que orientava o destino da pessoa e era responsável pelo desencadeamento da inspiração. Assim, conforme o grau de intuição do gênio seria a capacidade mental criadora, em qualquer sentido e a este foi atribuída a criatividade de Da Vinci, Michelangelo e outros.

Durante o século XVIII, a associação entre criatividade e gênio alterou-se para contemplar critérios já próximos da ciência, que a remeteram às qualidades humanas como a ‘intuição’. Desde então, se aceita a criação como resultado da intuição e os criadores como

indivíduos raros, possuidores de capacidade intuitiva natural, o que implicou em uma forma diferenciada de tratamento social para os mesmos.

A atribuição da criatividade à intuição genial é mais constante na produção artística. Tanto que, mantendo a tradição renascentista, Ostrower (1983, p. 12), teórica da área de artes, considera que os comportamentos criativos se baseiam na integração do ser consciente, do ser sensível e do ser cultural. O ser sensível se articularia por meio da sensibilidade, que se manifestaria quando os sentidos são excitados e funcionam como uma “[...] porta de entrada das sensações”, que desencadeariam reações involuntárias e formas de auto-regulação do nosso organismo.

No que se refere a participação do ser consciente, a criatividade artística dependeria do pensamento sensorial, que organizaria as sensações e promoveria a percepção, mas de acordo com o modo de sentir e de pensar os fenômenos que o indivíduo desenvolve influenciado pela cultura, que orientaria seus interesses e suas necessidades.

Portanto, o ser cultural estaria determinado. Porque o homem que surge na história convive em um grupo e ao agir, atuar e se comunicar; o faz culturalmente. Conforme a sua cultura exprime as “[...] formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo convivem, nas quais atuam e se comunicam e cuja experiência coletiva pode ser transmitida através de vias simbólicas para a geração seguinte”. (OSTROWER, 1983, p. 13).

Assim, os valores culturais formam nos seres humanos as condições mentalmente necessárias, para que possam agir – criar referências. Ou seja, a partir de uma atividade social significativa para o indivíduo a sensibilidade se converteria em criatividade e, assim, a atividade em si se tornaria uma criação.

Outra forma de expressão do entendimento da criatividade como manifestação dependente de características individuais é dada pela Teoria Humanista contemporânea, para a qual a criatividade é uma tendência do ser humano à auto-realização. Carl Rogers (1977) é um dos seus representantes, pois atribuía a criatividade à forças ou características positivas do homem. Daí que a criatividade ocorreria apenas em pessoas saudáveis psicologicamente, as quais apresentariam algumas características como: - abertura às experiências, que implicaria na ausência de rigidez e tolerância às opiniões, percepções e hipóteses; - habilidades para viver o momento presente, adaptando-se e reorganizando a personalidade; e, - confiança no organismo, como um meio de alcançar um comportamento satisfatório em relação a cada momento de sua existência.

Estando presente as características mencionadas a criatividade se manifestaria intuitiva e espontaneamente; acrescentando à pessoa criativa, novos aspectos como: tolerância

às ambigüidades; ausência de rigidez nos comportamentos e pensamentos; confiança nos sentimentos e percepções; procura pela auto-realização, desfrutando o momento presente e adaptando-se ao meio e, ainda a busca de organização contínua da personalidade. Estas exigências indicam um retorno à visão filosófica de criatividade como manifestações de algo próprio e particular do indivíduo, como faziam os que a explicavam como gênio, dom ou espírito.

Nas teorias psicológicas desenvolvimentistas a criatividade também é entendida como aspecto já posto no sujeito, mas diferentemente das idéias derivadas dos filósofos renascentista tem por base a concepção que esta característica deve ser desenvolvida ao longo da ontogênese. Um dos exemplos dessa concepção é dado por Wechsler (1998), baseada em Lesner & Hillman (1983), quando explica que a criatividade se desenvolve em três estágios, partindo da direção da libido interna para a externa, e retornando à interna.

O primeiro estágio denomina-se enriquecimento interno e dura da infância até a adolescência. Seria quando o indivíduo adquire as habilidades básicas e vai desenvolvendo o seu senso de identidade. Nesta fase o “instinto criativo” estaria direcionado para o “eu”, enriquecendo-o com produtos cujos valores são, principalmente, internos.

O segundo estágio, denominado enriquecimento criativo externo, se estenderia da adolescência até a idade madura. E seria a fase na qual o indivíduo utilizaria o seu sentimento de identidade para enriquecer tanto o outro como a si próprio.

Já o terceiro estágio, denominado de auto-avaliação criadora, inicia-se na velhice e vai até a morte e seria quando a criatividade retornaria à sua fase mais narcisista, estando, principalmente, voltada para o enriquecimento interno, ou auto-avaliação. O objetivo desse período é a aceitação e a satisfação com o próprio ciclo de vida, e, conseqüentemente, aceitação da morte.

Pude entender, a partir das teorias sobre criatividade acima exemplificadas, que o tratamento filosófico da criatividade, principalmente na produção artística, tomou-a como um aspecto nato, inerente, ao sujeito e, conseqüentemente, não procuraram explicá-la cientificamente.

Diferente é o tratamento dado à manifestação criativa pelas abordagens que buscam apoiar-se nos pressupostos da ciência moderna, tal como o das teorias psicológicas Associacionistas, Behaviorista, Psicanalítica e da Gestalt, dentre outras que a tratam como processos individuais.

Os estudos de Wechsler (1998), Marim (1976) e Kneller (1973), mostram que no século XIX o Associacionismo foi a Escola que dominou a Psicologia na Inglaterra e nos

Estados Unidos. Esta tem como princípio, o entendimento que o pensamento consiste em associações de idéias derivadas da experiência e que as novas idéias são elaboradas a partir das velhas, num processo de tentativas e erros.

Esta Escola determinou um paralelo entre as sensações e as idéias, no qual o corpo e a mente se inter-relacionam e tem na repetição o princípio fundamental de toda a associação. Daí que as associações se estabelecem pela inter-relação entre os fenômenos manifestos no corpo ou na mente, que se expressam como sensações ou idéias e passam a integrar as capacidades individuais pela repetição das suas manifestações.

Kneller (1973, p. 39), ao considerar que para se criar o novo parte-se do velho, em um processo de tentativa e erro, por meio da combinação de idéias até que seja encontrado um arranjo que resolva a situação, pode ser apresentado como um exemplo dessa tradição. Porém, destaca que tais combinações envolvem aspectos fisiológicos, como a ativação de sinapses que ativam novas áreas cerebrais. Assim,

Ante a um problema, o pensador apela para combinações de idéias, umas após outras, até chegar a um arranjo que resolva a situação. Essa combinação é a nova idéia. O pensamento criador é, pois a ativação de conexões mentais, e continua até que surja a combinação certa ou até que o pensador desista. Daí decorre que quanto mais associações adquiriu uma pessoa, mais idéias terá ela a sua disposição, e mais criativa será.

O trabalho criativo seria, então, dependente de um repertório de associações que eliciam um comportamento apropriado à determinada situação específica. Para Wechsler (1998), as explicações tradicionais da criatividade como resultado de associações falharam por não explicar como as idéias surgem espontaneamente na mente, sem nenhum arranjo ou associação aparente e, também, não explicam por que pessoas criativas continuam buscando comprovar suas idéias, mesmo quando não têm reforço por parte do ambiente. Outro aspecto a considerar é que todas as explicações associacionistas afirmam a dependência de reforços para a instalação dos comportamentos criativos ou originais, o que será mais bem abordado pelos behavioristas.

O Behaviorismo tem por finalidade compreender o comportamento humano para poder prevê-lo e modificá-lo, quando necessário. Os comportamentalistas, como são chamados os estudiosos desta teoria, mantêm uma visão funcionalista das manifestações humanas; por isso, entendem que o comportamento manifesto, como os movimentos e os encobertos, como os pensamentos, são adquiridos como um conjunto de reações ou respostas

que um organismo apresenta às estimulações do ambiente e os classificam em Comportamentos Respondentes e Operantes.

Skinner (1974) explicou nos estudos que o conjunto de atitudes e reações dos indivíduos face ao meio social humano é um comportamento operante, emitido em função dos reforços sociais. Porém, tal como todos os comportamentos adquiridos ou aprendidos, o comportamento operante consiste nas respostas emitidas pelo organismo sem relações claras com algum estímulo imediatamente reconhecido, mas que ocorrem e operam sobre o ambiente. Suas repetição e instalação estão na dependência do reforço oferecido imediatamente após a sua emissão.

Quando o comportamento emitido é apropriado à situação específica ocorre o reforço e caracteriza-se o processo de condicionamento operante, pelo qual “[...] o comportamento que apresente esse tipo de consequência tem mais probabilidade de ocorrer [...]” novamente, ou seja, “[...] o comportamento é fortalecido por suas consequências”. (SKINNER, 1974, p. 38). Esses reforços classificam-se em positivo ou negativo. Os reforços positivos são aqueles cujas apresentações fortalecem os comportamentos que o produza; já os reforços negativos são aqueles que fortalecem o comportamento quando são retirados.

Sendo assim, grande parte do comportamento dos seres humanos é Operante, inclusive a criatividade. Esta é explicada por Skinner (1974) e de Wechsler (1998) como um dos resultados das variações do comportamento selecionado pelas consequências reforçadoras. Os comportamentos criativos, segundo Marin (1976, p. 25), estão relacionados “[...] com uma ou mais respostas emitidas, analisando o produto ou o processo, seguindo os princípios que regulam o comportamento operante”. Mas, a originalidade, que integra o conceito de criatividade, é explicada por behaviorista como Maltzman (1960 apud MARIN, 1976, p. 25-26), como sendo “[...] características de um comportamento; comportamento original é incomum sob certas condições”, já a criatividade seria a característica dos “[...] produtos de tal comportamento, mas está também vinculado à reação da sociedade a esse produto”, ou seja, o produto pode até ser original, entretanto, só será criativo se for reconhecido pela sociedade como resultado de um comportamento original e criativo.

Portanto o que chama a atenção nesta exposição é que o processo mental de associação de idéias que é exigido pelo comportamento operante, aumenta a probabilidade das pessoas virem a responder de determinada maneira; explicando, assim, a idéia de sua manifestação constante em alguns indivíduos, o que se buscou caracterizar com o conceito de genialidade: poucos sujeitos que criavam novidades com freqüência.

Mantendo alguns princípios do associacionismo, mas diferentemente do behaviorismo, apoiando-se em pressupostos da filosofia fenomenológica, Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Kafka lideraram na Alemanha, a partir de 1910, a Escola da Gestalt. A expressão *Gestalt* corresponde às palavras forma, figura, estrutura, todo, configuração etc. e se refere aos estudos daquela Escola, que buscava a gênese do pensamento tratando dos seus processos básicos, como o fenômeno da percepção visual do movimento aparente. Posteriormente, nos Estados Unidos, deram continuidade aos seus estudos com trabalhos experimentais na área do pensamento, percepção e solução de problemas.

Na Teoria da Gestalt, a criatividade é tratada diferentemente, como observo nos estudos de Wechsler (1998), Marin (1976) e Kneller (1973), pois afirma que a experiência estética está relacionada às estruturas básicas, indivisíveis e, por isso, o artista não imprime qualidades estéticas ou emocionais à obra de arte, uma vez que a forma preexiste à criação. Ou seja, a criatividade é explicada como a procura de solução para uma gestalt, ou forma, incompleta e se manifestaria quando o indivíduo criativo percebesse as forças e tensões dentro da dinâmica do problema e descobrisse a solução mais elegante para restaurar a harmonia do todo. Portanto, o pensamento criador é como uma reconstrução de *gestalts* estruturalmente deficientes.

Do ponto de vista da Gestalt, a criação tem seu início com uma “[...] solução problemática que de certa forma, se mostra incompleta”, entretanto, permite ao criador uma visão do todo por que possui relações com o processo de percepção e expressão, ou seja, “[...] resulta de uma tensão provocada pela percepção de um desequilíbrio, possível através de certos padrões de estímulos”, que só se manifesta por causa da “[...] percepção nova e mais profunda da realidade”. (MARIN, 1976, p. 20). Isto porque toda percepção é uma *gestalt*, um todo, e a visão das partes separadas não podem ser compreendidas, portanto é uma percepção única, que depende do relacionamento existente entre as partes; o qual pode ser de vários tipos, como o de gradação ou de figura-fundo.

Na relação de gradação percebo as coisas conforme o relacionamento que estabeleço ao aumentar, diminuir ou gradualmente perceber transições entre as várias partes do percebido. Desta forma os seres humanos reagem às situações como um todo relacionado e não em partes específicas do ambiente. Já na relação figura-fundo, percebo que em qualquer objeto, há sempre alguns aspectos que se destacam mais claramente e são denominados de figura, pois na percepção do objeto eles emergem contra um fundo, que fica mais difuso.

Outra condição que pode levar um objeto a se destacar é o Princípio da Variedade dentro da unidade da situação, segundo o qual elementos novos se sobressaem dentre os já

conhecidos. Já o Processo de Assimilação segue o de diferenciação, quando uma parte da situação total ou estrutura ou ainda da *gestalt* é destacada tornando-se figura, podendo reunir-se a outras figuras, diferenciadas de outras estruturas e assim, constituir novas estruturas. O de Redefinição consiste em perceber um mesmo estímulo de um modo inteiramente novo, conforme a situação total em que ele apresenta sua posição em relação aos demais estímulos, componentes da situação em que ele nos é apresentando.

Baseada nestes princípios, a criatividade é vista, nesta teoria, como a procura de uma solução para uma *gestalt*, ou forma completa. Portanto, o processo criativo adviria de um impulso inato para obter uma *gestalt*, seja por condições oriundas de aspectos concretos ou imaginados, ou seja, o sujeito criativo estaria sempre procurando soluções para falhas na percepção ou o fechamento de uma forma incompleta. As soluções surgiriam na forma de um “clique” ou *insight*, de maneira repentina e de forma inusitada, não podendo ser nunca explicada pela simples associação ou pela aprendizagem por ensaio e erro. O *insight* é aquele instante em que, de repente, tudo fica claro e compreensível, as relações entre os elementos da situação são percebidas como se houvesse uma iluminação mental. Para a Gestalt, esta é a forma inteligente de resolução de problemas.

Assim, Wechsler (1998) baseada em Wallas (1926) considera que o *insight* ocorre durante o processo do pensamento criativo, para se chegar a uma nova invenção ou expressão de uma nova idéia, e se apresenta em quatro estágios, sendo: a preparação, a incubação, a iluminação e a verificação.

No primeiro estágio o problema é investigado em todas as direções. No segundo, dois aspectos são salientados, sendo: o fato do indivíduo não estar conscientemente pensando no problema particular, mas uma série de acontecimentos mentais inconscientes e involuntários estarem ocorrendo num outro nível da consciência, o que pode se dar tanto quando o indivíduo está trabalhando mentalmente em outros problemas quanto em um momento em que está totalmente relaxado de qualquer trabalho mental consciente.

Já no terceiro estágio, o da iluminação, é o momento em que ocorre a idéia ou solução, que se dá de forma inesperada, tornando difícil exercer sobre ela um controle ou influência. Por fim, o da verificação, estágio com características semelhantes à preparação, e que implica na avaliação da solução proposta.

Entretanto, o fator fundamental para que o *insight* aconteça é a motivação do sujeito em relação à situação, pois somente a necessidade, a intenção em alcançar determinados objetivos mobiliza alguém a perceber os elementos de forma estruturada. Portanto, para a

Teoria da Gestalt a criatividade se dá quando ocorre o insight, no qual os dados estão presentes e apresentados de forma a propiciar o entendimento do problema.

Sintetizando as críticas mais constantes à explicação sobre a criatividade da Teoria da Gestalt posso acatar as afirmações de Kneller (1973, p. 40-41) destacando que, ainda que os gestaltistas tenham oferecido explicações importantes sobre a participação das sensações e percepções nos processos de pensamento; esta teoria não consegue explicar “[...] a espécie de pensamento criador em que a pessoa tem de fazer perguntas originais, isto é perguntas não diretamente sugeridas pelos fatos à disposição dela”, é a forma inteligente de resolução de problemas.

A Psicanálise estabelece uma mesma fonte única para a dinâmica da conexão entre o indivíduo e a sociedade. Essa é explicada pela idéia básica que a principal função do mecanismo mental é aliviar o indivíduo de tensões criadas por suas necessidades. Esta função visa conseguir satisfação do mundo exterior e, conseqüentemente, envolve um controle do indivíduo sobre o mundo real para suprir suas necessidades.

Estas satisfações são constantemente frustradas pela realidade, forçando o indivíduo a encontrar novos meios de manejar os impulsos insatisfeitos. Isto porque todo processo mental poderia ser resumido na tentativa de negar tudo o que pudesse perturbar a crença infantil da humanidade em sua própria onipotência, impedindo que a vida emocional fosse afetada pela realidade. Até que criam formas de controle da realidade e saciação das necessidades geradas pelo sentimento de onipotência. Esse princípio de evitar o desprazer regula as ações humanas até ser substituído pelo de adaptação ao mundo exterior.

Segundo a Psicanálise freudiana a arte aparece como uma das atividades para apaziguar desejos insaciados. Primeiramente para suprir a necessidade do artista, subseqüentemente, de seus espectadores. O que motiva os artistas é a mesma força que impulsiona outros indivíduos à neurose e a sociedade à construção de instituições. Ou seja, a capacidade criadora, não seria do âmbito da psicologia, mas deste objetivo primário do artista de se libertar dos desejos. Porém, através da função comunicativa de sua obra, outras pessoas que tenham os mesmos desejos insatisfeitos conseguem a mesma libertação. Isso acontece quando o criador da obra de arte representa seus desejos fantasiados e individuais como sendo realizados.

Contudo posso afirmar que contos de fada, mitos, lendas, moralidade, magia superstição, política, revoluções, arte, são todos elementos do funcionamento normal da mente humana. Mas, cada elemento é influenciado diferentemente pelos

[...] processos mentais inconscientes que se prendem aos desejos instintivos da infância, por causa dos medos, remorsos e tendências autopunitivas originadas desses desejos, e pelos conflitos psicológicos que resultam da contradição entre desejo e medo. (BRENNER, 1987, p. 245).

Estes processos são explicados pela teoria Psicanalítica a partir de duas hipóteses fundamentais, que segundo Brenner (1987) são consideradas “leis estabelecidas a respeito da mente”. Estas hipóteses são: o princípio do determinismo psíquico ou da causalidade, e a que a inconsciência é um atributo excepcional dos processos psíquicos. A primeira hipótese diz que na mente nada acontece por acaso, cada evento psíquico é determinado por aqueles que o precederam, porque não existe descontinuidade na vida mental. A segunda considera a existência e significação de processos mentais sobre os quais o indivíduo não tem consciência, ou seja, são inconscientes.

A possibilidade metodológica da Psicanálise para conhecer e reelaborar os eventos inconscientes é através do método de “associação livre”. O conhecimento da atividade inconsciente ajudou Freud a formular uma divisão dos fenômenos mentais em dois grupos: a atividade pré-consciente, que passa para a consciência facilmente, e a atividade inconsciente, que permanece isolada do consciente. As atividades e conteúdos inconscientes apresentam resistência para tornarem-se conscientes. A resistência proporciona as condições para se instalar o mecanismo de repressão, que consiste em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a a distância.

É importante lembrar que, segundo a Teoria Psicanalítica, os desejos da vida conscientes de um indivíduo variam dependendo das circunstâncias, porém, seus desejos instintivos e infantis permanecem inalterados por toda a vida e, em grande parte, inconscientes. Esses desejos instintivos infantis influenciam na criação por serem sua “matéria-prima”.

Baseados nestes pressupostos da Teoria Psicanalítica de Freud (1958), Lubart (2007) e Wechsler (1998), referem-se ao processo criativo como uma força emergente do inconsciente que chega à consciência. Quanto mais reprimida fosse a pessoa mais dificuldade teria para manifestar o processo criativo, podendo essas forças reverterem-se em neuroses, por não serem vivenciadas de forma positiva. Ou seja, a criatividade é uma forma inconsciente de solução de conflitos.

Segundo Lubart (2007, p. 12) Freud em 1910 ao tratar sobre a idéia de criatividade sugeriu que “[...] os artistas e os escritores criam para conseguir expressar seus desejos inconscientes (amor, poder, etc.) pelos meios culturalmente aceitáveis (arte ou literatura)”, e

que essas idéias são sustentadas pelos estudos de criadores como Da Vinci, a partir dos quais, propõe que o trabalho criativo é uma espécie de sublimação de complexos reprimidos.

Uma das interpretações sobre o processo criativo seria uma sublimação dos instintos sexuais primitivos, que ao serem expressos em atividades artísticas ou científicas se tornam socialmente aceitos. Na psicanálise freudiana, o comportamento criativo é equacionado, muitas vezes, como substituto e continuador das brincadeiras infantis. Assim sendo, da mesma forma que a criança resolve seus problemas através de jogos, dramatizações ou desenhos, também o adulto elaboraria seus conflitos através da produção criativa. Ainda afirma que a realização dos desejos dos adultos, através do sonhar acordado, é atividade criativa substituta dos jogos imaginários infantis. (WECHSLER, 1998).

Outra vertente exploratória do processo criativo é a das teorias culturalistas, as quais deslocam a criatividade do âmbito do indivíduo e a atribuem à cultura. Em geral, explicam a criatividade como produto cultural, pois seria a própria cultura que definiria o que é o ato criador, porque ela contém “[...] a divisão de um conjunto de pensamentos, de condutas, de tradições, de valores e de símbolos que estruturam o modo como um grupo de indivíduos vai interagir com seu ambiente psíquico e social”. (LUBART, 2007, p. 83).

A cultura de um grupo possibilita a criatividade individual porque é apreendida e transmitida de geração a geração, entretanto, sua natureza evoluiria espontaneamente através das inovações ou das aberturas para outras culturas. Segundo Lubart (2007), a concepção própria de cada cultura sobre o ato criador determina a atividade criativa e não as oportunidades da sua expressão.

O processo criativo na cultura ocidental, por exemplo, promove a produção de objetos cujas características são medidas por julgamentos consensuais de pares ou de especialistas, uma vez que a criatividade indicaria a idéia de novidade e de originalidade, presente no contexto social. Já na cultura oriental ou asiática a criatividade é menos ligada à elaboração de produtos novos do que à autenticidade do processo de descoberta, que corresponderia a um estado de plenitude, de estabelecimento de uma relação com o mundo original ou ainda a expressão profunda de si mesmo.

2.2 A CRIATIVIDADE COMO PROCESSO PSICOLÓGICO DO PENSAMENTO PRODUTIVO

Diferentemente dos estudos sobre a criatividade, apresentados acima, que se apóiam nos pressupostos do associacionismo idealista e, usam recursos eminentemente subjetivos para explicar os processos e produtos da atividade criadora, seja a intuição genial ou a psicodinâmica inconsciente; deter-me-ei agora nas contribuições da Teoria Socio-Histórica, elaboradas por Vygotsky, Leontiev e Luria, também no final do século XIX e começo do século XX. Esta escola psicológica, de acordo com o que foi dito no início deste capítulo, se baseia na filosofia Materialista Histórico Dialética. Nesta, a concepção do processo de constituição do sujeito deriva das interações sociais e a atividade criadora é considerada um dos instrumentos psíquicos gerados para o atendimento das necessidades humanas e; portanto, constituída e mediada pelas condições materiais dos contextos históricos, sociais e culturais.

Os estudos psicológicos da criatividade, anteriormente exposto, mostraram que as teorias psicológicas, durante muito tempo, não a consideraram com um aspecto do pensamento. Isto porque o próprio pensamento permaneceu como um objeto da filosofia da lógica, ou seja, era uma discussão entre as escolas filosófica materialista e idealista. Segundo Luria (1979, p. 100), desde a Idade Média e começo da Idade Moderna o enfoque materialista apresentava o pensamento considerando que “[...] não há nada no intelecto que não tenha havido antes no sensorial” e a Filosofia Racionalista dos idealistas, a via como “[...] formas específicas de atividades do espírito humanos, irredutíveis a quaisquer processos sensoriais mais elementares ou associativos”. Por isso, segundo este autor, o enfoque materialista do pensamento proporcionou-nos apenas uma abordagem mecânica, segundo a qual o pensamento era entendido como uma “[...] combinação de imagens da memória ou um produto da associação - pela contigüidade, a semelhança e o contraste”.

Esta concepção mecânica foi partilhada pelos filósofos Descartes, Kant e outros que tiveram grande influência em toda a cultura ocidental desde então. Posteriormente, os filósofos neokantianos reafirmaram que o pensamento é a manifestação de uma atividade simbólica do espírito. Foi com esta abordagem idealista que o pensamento transmutou-se de atividade psíquica para “[...] uma função específica indivisível da consciência”. (LURIA, 1979, p. 101).

As correntes filosóficas e psicológicas de caráter idealista não resolveram o problema de como focar cientificamente os processos de pensamento, o que só foi possibilitado pela psicologia científica, que adotou a explicação materialista para os processos do pensamento.

Ou seja, quando se passou a entender o pensamento como uma “[...] forma complexa de atividade psíquica, que tem origem e história próprias e se baseia em meios historicamente formados que caracterizam outras formas de atividade material e usam como recurso básico o sistema de linguagem”, (LURIA, 1979, p. 101-102). Portanto, considerando o pensamento como um processo que é formado em cada indivíduo a partir da história social.

Para a Psicologia que tem como pressupostos o Materialismo Histórico Dialético o pensamento, além de ser considerado um processo que se forma na história social, é explicado “[...] inicialmente como atividade material ampla, (que) usa o sistema de linguagem como um sistema objetivamente concluído de relações semânticas e conexões, e só posteriormente assume formas reduzidas, adquirindo o caráter de ‘atos intelectuais’ internos”. (LURIA, 1979, p. 102). Assim o pensamento, como todas as atividades subjetivas, foram explicitadas nas suas manifestações empíricas e deixaram de ser entendidas como atividades espirituais, sem história, possibilitando à Psicologia estudá-las objetivamente.

Ainda que Vygotsky tenha considerado nas suas análises os estudos que indicavam que os processos mentais humanos eram resultantes da evolução socio-histórica, que já vinham sendo realizados desde a segunda metade do século XIX, entendeu que estas abordagens materialistas, anteriores, limitaram-se a aceitar o pensamento como processos devidos ao desenvolvimento da espécie, tal como descrito nos estudos de Charles Darwin e depois por Herbert Spencer. Esses cientistas tentaram recuperar os caminhos pelos quais as atividades complexas dos seres humanos se desenvolviam e explorar as condições ambientais que exigiram as adaptações biológicas no decorrer do desenvolvimento do processo evolutivo. Enquanto o avanço promovido por Vygotsky no entendimento da consciência e seus processos se deveram à sua mudança de princípios epistemológicos. (LURIA, 1994).

Além desta, outras abordagens analisadas por Vygotsky foram as da psicologia tradicional, que distinguiu vários mecanismos presentes nos processos mentais. Como destacado no item anterior, no início, as atenções estavam voltadas para o “Princípio de associações” que os estudiosos daquela Psicologia consideravam ser parte de todo o processo mental da vida humana. Conforme aponta Luria (1994), foi na segunda metade do século XIX que as atenções voltaram-se para os fenômenos mentais mais complexos, os quais foram denominados por Wundt de “percepções ativas”, levando a que na virada daquele século as bases das explicações de todas as formas de pensamento e de processos volitivos estivessem assentadas nas noções de “atos” e “funções mentais”. Só no início do século XX, quando Durkheim também defendeu que os processos psíquicos tiveram início a partir do

desenvolvimento da sociedade é que esta forma de determinação ganhou expressão nas ciências humanas e sociais.

A abordagem dos processos psicológicos a partir dos pressupostos do materialismo histórico dialético surge posteriormente, e teve sua expressão maior na Escola Socio-histórica russa; a qual demonstrou que:

As formas principais de atividades psíquicas do homem surgem nas condições da história social, desenvolvem-se no processo de atividade material surgido ao longo da história, baseiam-se nos meios que se formaram no processo de trabalho, de emprego dos instrumentos de trabalho e da linguagem. (LURIA, 1991, p. 9).

Foi a consideração desta a base material que permitiu a Vygotsky afirmar que os processos psíquicos mudam ao longo do desenvolvimento socio-histórico dos seres humanos, pois,

As atividades cognitivas superiores guardam sua natureza socio-histórica e [...] a estrutura da atividade mental – não apenas seu conteúdo específico, mas também as formas gerais básicas de todos os processos cognitivos mudam ao longo do desenvolvimento histórico. (LURIA, 1994, p. 22).

Analisando dialeticamente os conteúdos das principais teorias psicológicas da primeira década do século XX, Vygotsky apreendeu que a Psicologia da Gestalt e o Behaviorismo americano “[...] assumiram os estudos das formas mais complexas e integrais da atividade mental ao lado das mais elementares”; tendo a Gestalt, inclusive, tentado “[...] liquidar o atomismo e o associacionismo típicos da psicologia tradicional e descobrir as leis estruturais integrais encontradas mais claramente na percepção e talvez em outros processos psicológicos”. (LURIA, 1994, p. 18). Essas tentativas da Psicologia de entender as formas complexas da atividade do pensamento, procuraram as leis da atividade mental, mas dentro do organismo; e por isso, restringiu-se sua compreensão

[...] a associação como natureza estrutural da percepção; os reflexos condicionados envolvidos no comportamento eram considerados propriedades naturais e imutáveis dos organismos (psicologia fisiológica) ou como manifestações de propriedades intrínsecas da mente (psicologia idealista). (LURIA, 1994, p. 18).

Essa noção de que as leis e propriedades naturais inseparáveis da atividade mental, firmou a visão Positivista da Psicologia baseada principalmente no entendimento equivocado

que as atividades sociais refletem propriedades mentais que operam no interior do indivíduo. Entretanto, Luria (1994, p. 19) destaca que:

[...] as leis do pensamento lógico, da memória ativa, da atenção seletiva e dos atos da vontade em geral, que constituem as bases para as formas superiores e mais complexas, características da atividade mental humana; resistiram a todas essas tentativas de interpretação causal, permanecendo assim além da fronteira do conhecimento científico.

As conclusões dessas análises e dos trabalhos que enfatizavam a investigação do desenvolvimento histórico das atividades psíquicas do homem e da fixação e transmissão de geração em geração dos seus processos e estruturas, possibilitaram a explicação que as novas formas de acumulação e de transmissão das experiências adquiridas ao longo do processo histórico devem-se à formação de uma cultura sedimentada no fato da atividade produtiva e criadora dos homens, fundamentalmente vinculada ao trabalho social.

Como destaca Leontiev (1978, p. 266), nessa apreensão da gênese das atividades psíquicas dos seres humanos, desvelaram-se novas “faculdades sensoriais” pelas quais se formam suas novas aptidões, desenvolve-se o pensamento e adquire-se o conhecimento. Tornou-se explícito que

[...] cada geração começa, portanto, a sua vida em um mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações precedentes. Ela apropria-se da riqueza deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo.

Esta capacidade está na gênese da passagem da atividade instintiva à consciência, a qual, de acordo com Leontiev (1987, p. 88), “[...] é o reflexo da realidade, refractado através do prisma das significações e dos conceitos lingüísticos, elaborados socialmente [...] a consciência do homem é a forma histórica concreta do seu psiquismo”. Neste período, portanto, estabelece-se uma nova etapa, superior, do desenvolvimento psíquico do ser humano, a qual promoveu e apoiou-se no surgimento do trabalho social, da linguagem e no emprego dos instrumentos de trabalho.

Desde então, os instrumentos e outros indícios que restaram da antiguidade da humanidade, mostram ser o trabalho, a linguagem e o pensamento produtivo produtores das criações que se revelam diante do fato que, “[...] se as lascas de pedra tosca são os instrumentos de trabalho mais primitivos, na etapa posterior já surgem os instrumentos (a

lâmina, a flecha) preparados especialmente pelo homem”. (LURIA, 1991, p. 75). Daí depreende-se que o desenvolvimento do trabalho foi condição necessária para a evolução da espécie até o pensamento, por exigir a execução de operações complexas. A preparação dos instrumentos já modificava a atividade primitiva do homem, pois apesar do trabalho empregado nessa atividade ainda ser simples, determinado por motivos biológicos, esta preparação era executada considerando o conhecimento da operação, ou seja, “Por si só a atividade de elaboração da pedra carece de sentido e não tem qualquer justificativa em termos biológicos”. (LURIA, 1991, p. 76).

É interessante destacar que, assim como no processo de preparação dos instrumentos, que requer uma série de procedimentos; é na atividade que surge a consciência, pois, como afirma Luria (1991, p. 77),

[...] a preparação dos instrumentos de trabalho (desbastar uma pedra com outra, friccionar dois pedaços de madeira na obtenção do fogo), por outras palavras, exige a separação de várias operações auxiliares. A separação dessas ‘operações’ é o que constitui a sucessiva complicação da estrutura da atividade.

Assim, constata-se que o ser humano ao trabalhar iniciou a atividade consciente, e desde então, desenvolve uma estrutura complexa de comportamentos, que tal como a elaboração de instrumentos serve para satisfazer a suas necessidades, inicialmente, as básicas e posteriormente, também, as sociais. Portanto, foi devida a necessidade de trabalhar e ao desenvolvimento do modo de realizar o trabalho, no qual o homem tanto prepara os instrumentos como os emprega e, também, à modificação da natureza pelo homem; que foram criadas as condições de humanização. Essa mesma relação foi a que fez desenvolver o reflexo psíquico, desde seu momento sensorial até sua expressão mais elevada e exclusivamente humana, ou seja, o reflexo psíquico consciente da realidade. (LEONTIEV, 1978).

A forma de reflexo consciente da realidade opera pela linguagem, que tal como a consciência humana, é produto do processo de trabalho da coletividade. Ou seja, é produto da atividade humana e deve ser compreendida como necessidade, sem a qual os homens não tornariam o trabalho uma “ação produtiva”, porque esta exige a mediação entre eles próprios e a natureza.

Por isso, como destacou Leontiev (1978, p. 86), a palavra e a linguagem também têm sua gênese na atividade produtiva coletiva. E, se constituíram da seguinte forma:

[...] no trabalho os homens entram forçosamente em relação, em comunicação uns com os outros. Originariamente, as suas ações, o trabalho propriamente, e a sua

comunicação formam um processo único. Agindo sobre a natureza, os movimentos de trabalho dos homens agem igualmente sobre os outros participantes na produção. Isto significa que as acções do homem têm nestas condições uma dupla função: uma função imediatamente produtiva e uma função de acção sobre os outros homens, uma função de comunicação.

Assim, tal como afirma Luria (1991, p. 78) “[...] as palavras unidas em frases, são os principais meios de comunicação mediante os quais o homem conserva e transmite informações e assimila a experiência acumulada por gerações inteiras de outras pessoas”.

O que fica evidente, é que a relação do homem com o meio ambiente é uma relação mediada por meios, ferramentas, tratadas analogicamente na Teoria Socio-Histórica, como instrumentos auxiliares da atividade humana. Esses instrumentos são criados exclusivamente pelo homem e sua gênese no trabalho social coletivo demonstra “[...] que os processos de funcionamento psicológico são fornecidos pela cultura. É por isso que Vygotsky confere à linguagem um papel de destaque no processo de pensamento”. (REGO, 1995, p. 42-43), pois, ao relacionar o mundo material à subjetividade, reorganiza a atividade consciente dos seres humanos.

De acordo com Oliveira (1993, p. 30), os instrumentos físicos, “[...] são elementos externos ao indivíduo, voltados para fora dele; sua função é provocar mudanças nos objetos, controlar processos da natureza”. Diferentemente, os “instrumentos psicológicos”, “[...] são orientados para o próprio sujeito, para dentro do indivíduo; dirigem-se ao controle de ações psicológicas, seja do próprio indivíduo, seja de outras pessoas, são ferramentas que auxiliam nos processos psicológicos e não nas ações concretas, como os instrumentos”. Os processos psicológicos, sendo internos ao indivíduo, utilizam os signos como suas ferramentas auxiliares para controlar voluntariamente a atividade psicológica e ampliar a capacidade de atenção, memória e acúmulo de informações.

Para Luria (1991, p. 83), os signos promovem a linguagem humana e ela “[...] lhe permite desligar-se pela primeira vez da experiência imediata e assegura o surgimento da imaginação, processo que não existe no animal, e serve de base à criação, orientada e dirigida, cujo estudo constitui área especial da Psicologia”. Qualquer linguagem é entendida como um sistema simbólico fundamental a todos os grupos humanos. É considerada a mais humana das funções cognitivas, pois é através dela que posso transmitir idéias, planejar ações e expressar sentimentos. Vale dizer que a nossa mente está organizada pelas linguagens, que classificam nossos pensamentos, constituem nossas memórias e nos possibilitam os atos comunicativos. Sabe-se também que as linguagens estão estruturadas em nosso sistema nervoso graças aos

processos de aprendizagens dos elementos da cultura, como os da língua e dos conhecimentos teórico e práticos, que são realizados pela transmissão social organizada pela educação.

Demonstra-se assim que o pensamento se estrutura sob as condições sociais, que exigem a aquisição das linguagens e de novos processos de atividade dados na ontogênese. Por estas transformações, posso afirmar que todas as atividades psíquicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e se constituem como produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade. A consciência e as formas de estruturação do pensamento individual não são determinadas por fatores congênitos e, sim, resultam das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que se desenvolve.

Devido às exigências e às ações e operações da atividade para produção material da vida e os recursos oferecidos e desenvolvidos pela linguagem que o pensamento humano se tornou decisivo na evolução do psiquismo e, também, uma das formas específicas de atividade produtiva; pois permite,

[...] não apenas ordenar analisar e sintetizar a informação, relacionar os fatos percebidos a determinadas categorias, mas também, ultrapassar os limites da informação imediatamente recebida, fazer conclusões a partir dos fatos percebidos, chegar a certas inferências mesmo sem dispor de fatos imediatos e partindo da informação verbal recebida. (LURIA, 1979, p. 100).

Portanto, considera-se que o pensamento tem caráter produtivo porque sua principal característica é permitir que o homem pense, raciocine e resolva tarefas logicamente, ou seja, “[...] sem incluir o processo de solução na atividade prática. Tudo isto mostra que o processo de pensamento pode ser uma *atividade teórica especial* que leva à novas conclusões” (LURIA, 1979, p. 100). Sobre a especificidade de ser produtivo e sobre o processo de solução de tarefas, tenho a considerar que:

[...] a maioria esmagadora das operações de pensamento não é determinada por um algoritmo unívoco, e o homem que se ache diante de uma tarefa complexa deve encontrar sozinho o caminho de sua solução, abandonando os procedimentos lógicos incorretos e discriminando os corretos. (LURIA, 1979, p. 112).

No entanto, o pensamento humano baseado na atividade material e nos recursos da linguagem não só organiza a percepção do homem e propicia a elaboração racional das sensações; fundamentalmente, este salto do sensorial ao racional permitiu a transmissão do pensado na comunicação. A comunicação, de acordo com Luria (1979, p. 100), é a codificação do pensamento em enunciado verbal, e depois a decodificação “[...] revelando-lhe

o sentido interno”. Assim, as formas complexas de pensamento constituem-se, com base na linguagem e sua mediação instrumental, que garante a transição do sensorial ao racional.

Portanto, o pensamento criativo elabora um processo complexo para solução de problemas e tarefas, que se constitui de acordo com as necessidades individuais. O exemplo mais elucidativo do pensamento produtivo é a solução de problemas de aritmética, a qual “[...] com pleno fundamento, pode ser considerado modelo de ação intelectual lógico-verbal” (LURIA, 1979, p. 12); uma vez que o processo de solução de tarefas reflete a estrutura da atividade intelectual dos processos de pensamento dos seres humanos.

O entendimento e solução de um problema exigem os processos do pensamento criativo, pois como ele se constitui na medida em que preciso solucionar aquilo que impede o atendimento das minhas necessidades, tem a sua gênese nos sentimentos, para daí desenvolver as atividades racionais. Este desenvolvimento compreende a reorganização de outras funções psíquicas, como sensação, percepção, atenção, que apreendem os conteúdos culturais e participam dos processos que elaboram o pensamento.

As sensações são as fontes básicas do nosso conhecimento, pois permitem apreendermos as informações do mundo exterior e do nosso próprio organismo. Como fontes de conhecimento permitem “[...] aos seres humanos perceber os sinais e refletir as propriedades e os indícios dos objetos do mundo exterior e dos estados dos organismos” (LURIA, 1991, p. 2). Ou seja, são elas que ligam o homem ao mundo exterior, ao proporcionarem os conteúdos que são as fontes principais do conhecimento, e, conseqüentemente, a condição para o desenvolvimento do pensamento do indivíduo. As sensações são as formas mais elementares de reflexo da realidade pelo qual o homem é capaz de refletir tanto sinais recebidos do meio exterior quanto do estado do seu organismo, impressões estas causadas nos órgãos receptores por um estímulo que é levado ao sistema nervoso central. Em termos psicológicos, as sensações são afetos que atingem o organismo do indivíduo da espécie homo sapiens e permitem a apreensão dos elementos naturais: físicos, químicos e outros por este organismo biológico, também natural, propiciando as condições para a vida baseada apenas na inteligência primária, vinculada aos instintos e executada pelos reflexos.

A atividade perceptiva é diferente. A percepção faz parte dos processos psicológicos superiores que participam das atividades do pensamento por já exigir uma interpretação das sensações. Ou seja, é uma atividade psíquica que constrói as representações da realidade ao promover a “explicação” do afeto sensorial por elementos culturais. E assim, a percepção depende da mediação da cultura. Segundo Luria (1991, p. 40) a percepção de um objeto se dá

como uma atividade complexa de análises e sínteses, pelas quais alguns indícios são descartados e pela combinação dos “[...] detalhes percebidos num todo apreendido”, permitindo-nos o conhecimento do objeto. Daí que no processo de percepção este mesmo autor (1991, p. 40) afirma que,

[...] estão sempre incluídos componentes motores em forma de apalpação do objeto, de movimento dos olhos que distingue os pontos mais informativos, de emissão de sons correspondentes que desempenham papel essencial no estabelecimento das peculiaridades mais importantes do fluxo sonoro.

Entretanto, a percepção depende das experiências anteriores integradas no nível superior de atividade psíquica, em especial a fala ou o discurso, que lhe permite

Ao discriminar e reunir os indícios essenciais, ele sempre *designa pela palavra os objetos perceptíveis*, nomeando-os, e deste modo apreende-lhe mais a fundo as propriedades e as atribui a determinadas categorias. Ao perceber o relógio e nomeá-lo mentalmente com essas palavras, ele atrai indícios secundários como a cor o formato, a forma e põe em destaque o traço fundamental representado no nome *relógio*, destaca a função de indicar o tempo (as horas); ao mesmo tempo, ele situa o objeto perceptível em determinada categoria, separa-o de outros objetos exteriormente semelhantes, mas pertencentes à outra categoria (o telefone, por exemplo, que também tem mostrador com os respectivos números, mas sua função é inteiramente distinta). (LURIA, 1991, p. 41).

Estas descrições do processo perceptivo confirmam uma das teses de Luria (1991) de que a atividade receptora do indivíduo, pela sua estrutura psicológica, aproxima-se do pensamento direto porque as suas atividades de análise e síntese compreendem “[...] a criação da hipótese do caráter do objeto perceptível e a decisão acerca da correspondência do objeto perceptível a essa hipótese” (LURIA, 1991, p. 41), ou seja, este primeiro traço da percepção é formado pelo caráter ativo e imediato; a segunda peculiaridade consiste em seu caráter material e genérico, pelo qual o indivíduo não percebe somente o conjunto de informações sobre o objeto que lhe chegam do mundo exterior, ele também analisa essas informações, estabelece traços indicadores e atribui a uma categoria. Entretanto, esse caráter generalizante da percepção evolui com o desenvolvimento do indivíduo, tornando o objeto cada vez mais nítido. Dessa forma, se obtém mais características sobre o objeto e ele se torna cada vez mais relacionado às categorias.

A terceira peculiaridade da percepção consiste na constância e correções, pois, a partir do conhecimento anterior do objeto, ele integra-se à percepção direta e se torna uma percepção mais constante e mais correta. Assim, se estabelece a última característica que

consiste em ela ser móvel e dirigível, pois a partir das experiências práticas do indivíduo e de seu discurso interno, a percepção permite a utilização do percebido em diferentes ações. (LURIA, 1991). Com base nessas considerações, entendo que as atividades ou peculiaridades da percepção receptora do indivíduo dependem não só dos órgãos dos sentidos, mas, também, da profundidade de suas concepções, das tarefas que se propõe a analisar, das hipóteses que elabora, dentre outras.

Já a atenção é a atividade consciente do indivíduo cuja função é selecionar o que lhe interessa, participando da percepção e do processo de pensamento. Caso não houvesse essa função o ser humano seria incapaz de realizar qualquer tipo de atividade, pois são muitas associações realizadas e, com isso, seria impossível organizar o pensamento. Ao realizar esta seleção, o que não for utilizado permanece como se fosse um fundo, retido na consciência, e será destacado quando surgir uma atividade que necessite de alguma dessas informações armazenadas.

Uma vez que a atenção é determinada por fatores inerentes à atividade do sujeito e subordina-se ao ordenamento cultural do grupo onde os indivíduos existem, Luria (1991, p. 2) dividiu estes fatores em dois grupos. O primeiro compreende os fatores que caracterizam a “estrutura dos estímulos externos”, ou seja, as estruturas que são formadas no campo exterior e que chegam ao indivíduo. São estes estímulos exteriores que ao serem percebidos pelo indivíduo, determinam o sentido, o objeto e a estabilidade da atenção e os aproximam da estrutura da percepção. Integram ainda esses estímulos à intensidade com que atingem o indivíduo e a novidade ou diferença entre este e outros estímulos, o que determina o sentido da atenção. O segundo grupo é caracterizado pelos fatores referentes à “atividade do próprio sujeito”, que são as estruturas internas, ou seja, a importância atribuída pela sua necessidade, interesses e seus objetivos que orientam a sua percepção e, ainda, o processo de atividade no qual participa. Estes estão relacionados tanto à subjetividade quanto ao meio exterior.

As nossas experiências são acumuladas como vestígios e sob determinada condição, conforme a necessidade, esses vestígios reaparecem e tornam-se objetos da nossa consciência. Por isso a memória é uma das Funções Psicológicas Básicas que sob a influência da cultura se torna uma Função Psicológica Superior e apresenta os seguintes aspectos:

[...] o registro, a conservação e a reprodução dos vestígios da experiência anterior, registro esse que dá ao homem a possibilidade de acumular informações e operar com os vestígios da experiência anterior após o desaparecimento dos fenômenos que provocaram tais vestígios. (LURIA, 1991, p. 39)

O processo da atividade mnemônica, atividade destinada à memorização e reprodução do material retido na memória dos seres humanos é considerado por Luria (1991, p. 68) como

[...] uma forma de atividade na qual o processo de memorização está separado do processo de recordação ou reprodução por certo lapso de tempo, às vezes breve (quando a verificação do material retido vem imediatamente após a recordação), às vezes considerável (quando a verificação se faz uma hora, várias horas ou dias após).

Essa atividade mnemésica é uma formação especificamente humana que se difere da dos animais, que ao repetir, conserva. Nos seres humanos, o processo é uma tarefa de fixação do material na memória e, neste sentido, ao relembrar os vestígios das experiências anteriores ou memorizar o material aprendido, constitui-se em uma forma de atividade consciente, ou seja, há o registro das informações recebidas na memória.

A constituição e desenvolvimento destas Funções e Processos Psicológicos Superiores, sob as determinações da cultura e os condicionamentos históricos permitem o desenvolvimento da consciência e estabelecem a passagem para o pensamento intelectual, uma vez que possibilitam a representação da realidade por signos com conteúdos sociais. Entretanto, a efetivação do pensamento está na mútua relação que este estabelecerá com a linguagem.

Trata-se de discutir, simultaneamente, como se constrói a atividade consciente dos seres humanos e a estrutura das formas complexas destas atividades, ou como descritas por Luria (1979, p. 1), examinar “[...] a estrutura do ato intelectual nas formas mais aproximadas dos atos de análise direta e síntese da informação [...]”; que os seres humanos recebem do mundo a sua volta e “[...] as leis básicas das formas mais complexas de pensamento que o homem realiza com base em sua linguagem”.

É importante destacar ainda que, de acordo com Luria (1991), além de a linguagem organizar a atividade consciente do homem, acarreta três mudanças essenciais para a formação da consciência, que se manifestam nos fatos de, primeiramente, ao designar objetos por palavras ou combinações de palavras a linguagem fazer com que a atenção se volte para este objeto, e, com isto, o ser humano conserva-o na memória. A partir daí é capaz de lidar com os objetos do mundo exterior, mesmo se eles estiverem ausentes.

A segunda mudança se deve à possibilidade das palavras de uma língua além de indicarem determinadas coisas/objetos, serem capazes de abstrair a essência destes e relacioná-los. Assim, inseri as “[...] coisas perceptíveis em determinadas categoria;

possibilitando o processo de abstração e generalização” (LURIA, 1991, p. 80); e, pelo fato da linguagem ser “[...] o veículo fundamental de transmissão de informações [...]”, o que, tornou a linguagem o meio mais importante para o desenvolvimento da consciência. (LURIA, 1991, p. 81).

Com a consciência mediada pela linguagem, o pensamento se caracteriza como atividade orientadora intelectual. Nesta a atividade de pesquisa e orientação, de acordo com Luria (1979, p. 3, grifos do autor), é um processo eminentemente criativo, que se desenvolve da seguinte forma:

[...] forma-se uma *tarefa* concreta, cria-se uma *estratégia* geral de atividade que deve levar à solução de tal tarefa, surge a *tática* de ação que pode conduzir ao êxito e destaca os *modos* de solução ou *operações* que podem levar ao cumprimento da tarefa. Por último, aqui mesmo surgem certos mecanismos de controle, através dos quais o efeito da ação coincide com a intenção inicial caso esse efeito não conduza ao resultado necessário e entre a intenção inicial e o efeito da ação continue a existir certa ‘divergência’, incorporando-se automaticamente novas buscas da solução necessária, que continuam até que a solução seja encontrada.

A assimilação de novas formas de atividades material e o domínio da linguagem levaram os seres humanos a pesquisa e orientação mais complexas. Isto porque a linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido, pois devido à inter-relação fundamental que existe entre o pensamento e a linguagem ambos se tornam recursos recíprocos. Desta forma as diferentes linguagens têm papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo e devem ser entendidas como sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, sendo o principal mediador entre o indivíduo e os objetos do conhecimento.

Em cada situação de interação, o indivíduo está em diferente momento de sua trajetória particular, trazendo consigo determinadas possibilidades de interpretação do material que obtém do mundo externo. Ao interiorizarmos este momento particular apropriamo-nos das características sociais do material que obtenho de uma forma particular. Assim, à medida que vivo, vou interiorizando os processos e conteúdos oferecidos como ajuda externa, que se tornam cada vez menos necessários, ou seja, amplio o controle sobre minha própria conduta. Simultaneamente, por meio da fala, o ambiente físico e social pode ser mais bem apreendido, pois, a linguagem modifica a qualidade do conhecimento e pensamento que se tem do mundo em que me encontro e ao interiorizar instruções, modifico as funções psicológicas; ou seja, a percepção, atenção, memória, capacidade para solucionar problemas.

Tal como se dá com a fala, que é apresentada, repetida e refinada, acabando por ser interiorizada e permitindo que os indivíduos processem informações em formas mais elaboradas; o funcionamento intelectual desenvolve-se a partir das regulações realizadas por outras pessoas que, gradualmente, são substituídas por auto-regulações.

Segundo Leontiev (1978, p. 87), a linguagem também é

[...] um meio, uma forma da consciência e do pensamento dos humanos, não destacado ainda da produção material. Torna-se a forma e o suporte da generalização consciente da realidade. [...] posteriormente, a palavra e a linguagem se separam da actividade prática imediata, as significações verbais são abstraídas do objecto real e só podem, portanto, existir como facto de consciência, isto é, como pensamento.

No entanto, os sistemas que representam a realidade ou sistemas simbólicos, no caso, a linguagem, é o elemento mediador, que permite a comunicação entre os indivíduos. Rego (1995, p. 55) considera que essa comunicação entre os indivíduos é “[...] o estabelecimento de significados [...], percepção e interpretação dos objetos, eventos e situações do mundo circundante”. Os quais segundo Vygotsky (1994, p. 74) permitem a interiorização destas práticas culturais e constitui o desenvolvimento humano, pois são “[...] a reconstrução interna de uma operação externa”. Entretanto, o processo de interiorização consiste numa série de transformações dentre as quais uma operação que inicialmente representa uma atividade externa que é reconstruída e passa a ocorrer internamente, um processo interpessoal transformado num processo intrapessoal resultante de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento.

Por isso Vygotsky (1994), entendeu que o pensamento é “[...] um processo de reflexo consciente da realidade, nas suas propriedades, ligações e relações objetivas, incluindo mesmo os objectos inacessíveis à percepção sensível imediata” e isto ocorre por meio da mediação, que é considerada a via do pensamento cujo princípio geral é que “[...] submetemos as coisas à prova de outras coisas e, tomando consciências das relações e interacções que se estabelecem entre elas, julgamos a partir das modificações que aí percebemos as propriedades que não nos são directamente acessíveis”. (LEONTIEV, 1978, p. 84).

Segundo Leontiev (1978, p. 84), ainda que as condições necessárias para o surgimento do pensamento sejam a “[...] distinção e a tomada de consciência das interações objectivas”; a apreensão consciente é uma ação realizada no processo de desenvolvimento da atividade de trabalho, por meio da utilização dos instrumentos com os quais o homem transforma a natureza. Essa transformação da natureza é o fundamento principal do pensamento humano e a partir disto, a inteligência do homem evolui no momento em que ele

aprende a transformar a natureza. Luria (1991, p. 6) complementa tal explicação afirmando que é “[...] na história social da humanidade, nas formas de linguagem e trabalho social que se constituíram ao longo da história da sociedade e trouxeram para a vida tipos mais aperfeiçoados de comunicação e novas formas de atividade consciente” que posso encontrar a explicação, por via causal, das Funções Psíquicas Superiores do homem.

Outra característica do pensamento, que também é produtiva e que depende da linguagem é a construção dos conceitos. Estes são os principais instrumentos do pensamento lógico, abstrato e, principalmente dos processos dialéticos. Sobre o processo psíquico das suas formação, Luria (1979) explica que acontece quando ao analisar o objeto, diferencio suas propriedades e o incluo em uma determinada categoria. Portanto, forma-se um conceito quando se, “[...] deduz esse objeto do campo das imagens sensoriais e o inclui no sistema de categorias lógicas que permitem refletir o mundo com mais profundidade do que faz a nossa percepção. Ao dizermos ‘faca’, introduzimos esse objeto na categoria de instrumentos; ao dizermos ‘árvore’ designamos um sistema de ligação do qual esse objeto faz parte”. (LURIA, 1979, p. 35). Por isso, os conceitos expressos pelas palavras, servem de base e é o mais importante mecanismo para o movimento do pensamento.

O papel de formadora dos conceitos desempenhado pela palavra, “[...] é produto do desenvolvimento histórico-social e tem uma complexa estrutura semântica, que se converte em matriz objetiva, formadora dos nossos conceitos” (LURIA, 1997, p. 102). Essas matrizes, que se formam no processo de desenvolvimento histórico e social do ser humano, são empregadas por ele para organizar o pensamento e podem ser apreendidas (a) na constituição do grupo de palavras que se estrutura para a formação do pensamento e (b) na coerência desse grupo de idéias formadas por meio do pensamento. Isto porque ambas são formadas a partir das experiências dos seres humanos que de, geração em geração, foram assimiladas ao desenvolvimento intelectual e depois serviram de base para a complexa atividade intelectual.

Rego (1995) destaca que o processo de formação de conceitos é complexo, porque envolve operações intelectuais, como a ‘atenção deliberada’, a ‘memória lógica’, a ‘abstração’, a ‘capacidade para comparar e diferenciar e para apreender um conceito’ por meio das palavras, sendo necessária uma intensa atividade mental, além das informações recebidas do exterior. Estas formações de atividades intelectuais se manifestam no indivíduo adulto como Pensamento Conceitual.

Ach (apud VYGOTSKY, 2003, p. 67-68) revelou em seus estudos que a formação de conceitos ocorre por meio do processo de criação e não mecanicamente, sendo necessária uma

tendência dominante estabelecida por meio da imagem do objeto, como fator decisivo para a formação desses conceitos, ou seja, esta tendência:

[...] é um processo criativo, e não um processo mecânico e passivo; que um conceito surge e se configura no curso de uma operação complexa voltada para a solução de algum problema; e que só a presença de condições externas favoráveis a uma ligação mecânica entre a palavra e o objeto não é suficiente para a criação de um conceito.

Segundo Vygotsky (2005) o conceito é ensinado, porque se trata de uma condensação de vários aspectos em uma palavra e que, por isso, dependem do nível de desenvolvimento do domínio histórico e social sobre a realidade conceituada. E a palavra é o principal meio pelo qual se dá a formação de conceitos porque quando isolada pode significar um objeto ou formular um conceito, mas para formular um pensamento é necessário estabelecer conexões. Estas são determinadas pela criação de uma oração integral ou um enunciado. Assim, palavra é a unidade básica do discurso, pois, formula juízo ou pensamento e a combinação das palavras forma a frase.

No processo de constituição das Funções Psicológicas Superiores, destaco que os signos são os meios para dominar e dirigir essas funções. Estas funções, devido à mediação são incorporadas à estrutura das funções, como parte central do processo. Na formação de conceitos, estes signos são as palavras que os medeiam, tornando-se posteriormente o símbolo. Os símbolos, como o sistema de representação da realidade dado na linguagem que constitui o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos; permite a comunicação entre os indivíduos por mediar a percepção, interpretação dos objetos, eventos e situações ocorridas no meio ambiente cultural estabelecendo os processos mentais do indivíduo.

Portanto, o desenvolvimento do pensamento a partir da formação de conceitos muda a relação da percepção, do ato do homem conhecer o mundo e, é neste sentido que a formação de conceitos é orientada pela cultura; pois eles são representações específicas de fenômenos tal como são explicados por um grupo em determinado período histórico, portanto, têm que ser ensinados.

Devido à estas imbricações da linguagem com o pensamento, Luria (1987, p. 45) afirmou que Vygotsky introduziu a diferença entre significado e sentido como estruturantes da consciência e constituintes da palavra. Descreveu por significado um “[...] sistema de relações que se formou objetivamente no processo histórico e que está encerrado na palavra” e por sentido o “[...] significado individual da palavra, separado deste sistema objetivo de enlaces; este está composto por aqueles enlaces que têm relação com o momento e a situação

dados”. Também Leontiev (1978), ao sistematizar seus conhecimentos sobre o psiquismo humano, indicou a diferença entre significados e sentidos afirmando que: “[...] os primeiros são aqueles cristalizados no dicionário, enquanto os outros resultam do confronto entre os primeiros e as vivências pessoais”, assim, os sentidos se estabelecem através das interações sociais formadas pela mediação dos grupos sociais em que vivo e me constituo como indivíduo.

Segundo ainda Luria (1987, p. 46) a lingüística contemporânea considera o sentido da palavra como uma unidade fundamental da comunicação que em “[...] cuja base encontra-se a percepção do que precisamente quer dizer o falante e quais são os motivos que o leva a efetuar uma alocução verbal”, ou seja, está relacionado aos aspectos ligados à situação do momento e com as vivências afetivas por parte do sujeito.

Por isso Vygotsky (1982) afirmou que o caráter emocional da imaginação está vinculado com a afetividade e com a participação dos processos emocionais no pensamento; ou seja, a imaginação e o pensamento são caracterizados por elevados níveis emocionais e o desenvolvimento da imaginação está ligado à aquisição da linguagem, que permite a construção da memória em que é incorporado o passado e o presente. Também Lane (1999, p. 15) destacou que as duas mediações que são fundamentais para a constituição do sujeito são a linguagem e as emoções, que permitem a comunicação, “[...] seja ela expressiva, seja ela verbal, elas estão na base da construção do saber, manifestado através de representações sociais, da imaginação e mesmo da fantasia [...]”.

Isto é confirmado por Rey (1999, p. 44) quando demonstra que é o caráter das emoções e dos sentimentos que nos levam a identificar as ações conscientes do sujeito, pois são processos que se constituem na subjetividade humana, e que “[...] surgem independentemente de qualquer avaliação voltada para lhes dar sentido”. Salienta ainda que as,

[...] emoções possuem, dentre outras, uma função de significado do real, significação que aparece em seus próprios termos, sobre a base das necessidades dos sujeitos que acompanham suas ações e das contradições entre essas necessidades e as novas necessidades que surgem no curso de suas ações.

Neste sentido, as necessidades superiores dos homens aparecem como resultantes de um conjunto de emoções que em sua integração aparecem como a expressão do sujeito nas suas relações sociais. Nesse momento de caracterização, são produzidas inúmeras emoções que segundo o autor (1999, p. 47) “[...] representam uma síntese complexa de necessidades já

constituídas da personalidade e das condições específicas em que o sujeito atua”. Já as dimensões da afetividade nos permitirão construir os processos relevantes para a subjetivação dos aspectos sociais.

Desde os primeiros trabalhos teóricos sobre criatividade vem sendo constatado que as emoções estão ligadas a criatividade de diferentes maneiras. Lubart (2007) em seus estudos faz a relação das emoções com as performances criativas e afirma que a expressão das emoções relativas às experiências pessoais poderia ser o motor de uma produção criativa e cita vários autores que trataram desse aspecto da emoção e que destaco a seguir.

Freud (1908-1959, p. 55) afirma que na construção das obras literárias e artísticas a emoção permitiria a seus autores expressarem as emoções como amor, cólera ou tristeza, em consequência a emoção permitiria ao indivíduo o estado mental propício à criatividade, e salienta que:

[...] é possível que um estado emocional positivo facilite a interpretação de estímulos de maneira inovadora, porque os mecanismos de inibição cognitiva seriam temporariamente desativados. As experiências emocionais poderiam também permitir estabelecer uma passarela associativa entre duas concepções cognitivamente distantes, mas emocionalmente próximas. [...] os critérios emocionais poderiam igualmente servir para selecionar as idéias mais promissoras.

Hilgar (1980) afirma que depois de muitos séculos sustentou-se a tese de que a havia uma trilogia do espírito composta pela cognição, conação e emoção (ou afetividade), já Kant (1770-1795) considerou essa tese como reflexo da natureza do ser humano. Entretanto, o que pretendo tratar neste momento é sobre a última parte desta trilogia que é a importância da emoção para o processo de criatividade.

Segundo Lubart (2007, p. 56, grifos do autor), emoção é “[...] uma categoria genérica que reagrupa as noções de *estados emocionais*, de *humor* e de *características emocionais individuais*”.

O estado emocional é entendido por este autor como sendo muito transitório, de reação curta e intensa, em resposta a um estímulo interno; o humor, é definido como uma disposição afetiva dominante, e representa características parecidas com as do estado emocional e estas podem se prolongar sob a forma de humor. Outras noções também estão ligadas ao conceito de emoções como o sentimento que corresponde a uma disposição emocional para com um objeto, pessoa ou um evento em particular.

Esses elementos abordados até o momento, foram aqui destacados com o objetivo de explicitar o desenvolvimento do pensamento e seus processos que exigem e fundamentam a

atividade criativa e o fato dela ser um dos processos do pensamento produtivo. Porém, a criatividade contém características próprias que detalho a seguir.

2.3 O PROCESSO PSICOLÓGICO DA ATIVIDADE CRIADORA

Os primeiros estudos de Vygotsky (1999) sobre a criatividade foram apresentados em sua tese de doutoramento, quando, ainda sob a influência da Teoria Psicanalítica freudiana, a caracteriza como um processo catártico. Neste estudo, publicado com o título de “Psicologia da Arte”, dedica-se à criatividade expressa na arte, principalmente na literatura. Naquele momento destacou que alguns teóricos vinham distinguindo a reação estética, na forma mais simples da percepção como sendo um dos pontos mais importante da Psicologia da Arte; mas que os estudos deveriam se centrar nas teorias do sentimento e da fantasia, uma vez que seriam os aspectos que determinam o processo criativo.

Partiu então, do entendimento que toda a teoria da arte depende do ponto de vista que se estabeleceu nas teorias da percepção, do sentimento e da imaginação. E, adotou a proposição psicológica que a percepção tem função auxiliar na relação entre os sentimentos e a imaginação, depende de como serão solucionadas as implicações entre ambas porque

[...] as reações apenas começam pelo fato da percepção sensorial, mas evidentemente, não se concluem, por isto se faz necessário não iniciar a psicologia da arte pelo campo que costuma operar com as emoções estéticas elementares, mas partindo de dois outros problemas: do sentimento e da imaginação. (VYGOTSKY, 1999, p. 249).

Do ponto de vista dos mecanismos nervosos, o sentimento situa-se “[...] nos processos de consumo ou descarga de energia nervosa” e a energia “[...] transformável em estado latente pela repressão é a condição fundamental do trabalho lógico” (VYGOTSKY, 1999, p. 252). Portanto, as emoções e os sentimentos são processos de gasto de energia, mas as suas expressões finais são percebidas, como sensação. Da mesma forma o prazer, que na arte requer uma atividade psíquica elevadíssima, também é considerado como um processo de gasto de energia. Por isso, toda obra de arte (novela, fábula, tragédia) apresenta contradições emocionais, as quais constituem sentimentos opostos que provocam um “curto-circuito” e “destruição” de energia psíquica, ou seja, é assim que se manifesta o efeito que causa a obra de arte. E, por isso, chega-se muito próximo do conceito de catarse, uma vez que “Idéias

semelhantes podem ser encontradas não só na poética grega antiga (em Aristóteles), como também na poética hindu, na teoria das raças”. (VIGOTSKY, 1999, p. 269).

A Catarse, como a gênese da criação e da percepção artística é explicada por Vygotsky (1999, p. 252) como descarga e transformação de energia psíquica. Ou seja, a energia psíquica pode ser consumida de três modos: primeiro na inervação motora, sob a forma de representação motora ou vontade; a segunda na descarga interna, que constitui a base da associação de representações; ou no terceiro, quando “[...] a repressão transforma parte da energia psíquica viva em estado latente, em inconsciente [...]. Por isso, a energia transformável em estado latente pela repressão é a condição fundamental do trabalho lógico”.

Estes três movimentos da energia psíquica em funcionamento representam três modalidades de trabalho nervoso, ou seja, “[...] o sentimento corresponde à descarga, a vontade ao trabalho de uma parte da energia, a parte intelectual da energia, especialmente a abstração, está relacionada com a repressão ou a economia de força nervosa e psíquica”. (VYGOTSKY, 1999, p. 252). Daí que em nosso pensamento predominaria a memória e no sentimento o esquecimento, principalmente as manifestações mais elevadas do sentimento, ou seja, as emoções e as paixões, porque representam um gasto maior de energia.

Devo considerar ainda que a reação estética se deve a que as “[...] emoções angustiantes e desagradáveis são submetidas à certa descarga, à sua destruição e transformação em contrários, e a reação estética como tal se reduz, no fundo, a essa catarse”. Isto porque a

[...] descarga de energia nervosa, que constitui a essência de todo sentimento, realiza-se nesse processo em sentido oposto ao habitual, e que a arte assim se transforma em um poderosíssimo meio para atingir as descargas de energia nervosa mais úteis e importantes. (VYGOTSKY, 1999, p. 270).

Este processo é definido como catarse porque o artista sempre destrói seu conteúdo pela forma: a oposição que se tem entre a estrutura da forma artística e o conteúdo é o “[...] fundamento do efeito catártico da reação estética” (VYGOTSKY, 1999, p. 270), devido à transformação das emoções que acarreta a descarga das Energias e a promoção da reação estética. Assim, tenho a explicação contra a redução da arte a uma mera expressão de vivência emocional, e a demonstração de que são os fatores emocionais e intelectuais, ou seja, o pensamento e o sentimento que fazem com que o ser humano crie.

Em termos processuais, a criatividade é a síntese dialética do antigo, dado como tese, com o novo, sentido como antítese, ambos movidos pela imaginação. Por isso, toda a

atividade criadora depende do contexto socio-histórico e se manifesta em todos os aspectos da vida do indivíduo, onde não se apresentam separados, mas vinculados pela fantasia que expressa a reação emocional. A intensificação da fantasia enquanto expressão central da descarga de emoções sofre perda de intensidade, acarretando o consumo de energia nas emoções, o que segundo Vygotsky (1999, p. 267) faz com que as características da emoção estética sejam,

[...] precisamente a retenção de sua manifestação externa, enquanto conserva ao mesmo tempo uma força excepcional. Poderíamos demonstrar que a arte é uma emoção central, é uma emoção que se resolve predominantemente no córtex cerebral. As emoções da arte são emoções inteligentes. Em vez de se manifestarem de punhos cerrados e tremendo, resolvem-se principalmente em imagens da fantasia.

Fica então explicado que a descarga de energia nervosa faz parte da essência de todo o sentimento humano, e se dá neste processo em sentido oposto ao habitual, fazendo com que a arte seja um meio para tornarmos essas descargas de energia nervosas mais úteis e importantes. Assim, a reação estética é a prevalência da contradição emocional que neste sentido é denominada de catarse.

Uma função social que a catarse na arte desempenha ao corresponder ao ideal da arte autônoma é libertar o expectador dos interesses práticos e oferecer-lhe uma visão mais ampla do objeto. Estimula o sujeito a julgar os objetos e assim mobiliza o expectador tanto a sentir prazer como também à ação, pois ambos são provocados pela experiência estética. Este aspecto social do processo catártico dever-se-ia, segundo Vygotsky (1999, p. 307), do fato que

[...] a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentido comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitada pela arte, implicam o algo a mais acima daquilo que nelas está contido. E este algo supera esses sentimentos, elimina esses sentimentos, [...] e assim se realiza a mais importante missão da arte.

A arte é considerada como ato criativo, pois do mesmo modo que a explicação científica resultante das idéias de um homem é capaz de contagiar toda uma sociedade, a arte, como descreve Vygotsky (1999), é uma espécie de sentimento social prolongado ou uma técnica de sentimentos. Isto porque retira da vida o material necessário para a construção da sua forma, objeto etc., e sobre esse produz algo que ainda não se encontra quando da construção daquele. Ou seja, o sentimento quando da construção do produto ainda é

individual e quando este está terminado e é exposto, comunicado, o processo catártico que suscita propaga-se ou torna-se social.

Ao tratar especificamente dos processos criadores, Vygotsky (1982, p. 7) chamou de atividade criativa “[...] toda a realização humana criadora de algo novo”¹³ e destacou que seus processos são construídos pelo cérebro ou pelos sentimentos que vivem e se manifestam somente nos seres humanos, por dependerem da sua base bio-fisiológica e da linguagem do homem que “[...] lhe permite desligar-se da experiência imediata e assegura o surgimento da imaginação, processo que não existe no animal e serve de base à criação, orientada e dirigida.” (LURIA, 1991, p. 83). Assim se entende que a utilização da linguagem articulada, a constituição do pensamento e a aquisição do conhecimento permitem a cada indivíduo tornar-se capaz de criar porque permitem que as criações sejam passadas para as gerações seguintes, que as multiplicam e aperfeiçoam pelo trabalho.

A atividade criadora, de acordo com Vygotsky (1982), se realiza por meio de diversos processos psicológicos superiores, entre os quais se destacam:

- 1) a percepção de determinados aspectos da realidade e a acumulação, pela memória, dos elementos mais significativos para o indivíduo dentre a totalidade dos aspectos percebidos;
- 2) a reelaboração desses elementos através da fantasia, processo no qual estão presentes tanto a cognição quanto a vontade e o afeto, cujas influências nas combinações da imaginação se dão através da atração exercida pelo signo emocional comum; e, finalmente,
- 3) a objetivação do produto da imaginação, o qual, ao materializar-se na realidade, traz consigo uma nova força, que se distingue por seu poder transformador frente à realidade da qual partiu.

Logo, ao ser objetivada, pensada, a criação concretiza projetos imaginados pelo seu produtor. Desse modo, a Psicologia Sócio-Histórica parte do pressuposto que a imaginação, ao condensar fragmentos diversos, oriundos da vivência social de cada ser humano, permite projetar o que ainda não existia concretamente, constituindo-se assim como condição para toda e qualquer transformação em diferentes esferas da realidade. A condensação é um dos processos de formação de toda idéia. A idéia é o principal momento do pensamento, quando o monólogo interior considera todos os aspectos envolvidos no problema a resolver.

¹³ “[...] toda realización humana creadora de algo nuevo”. (VYGOTSKY, 1982, p. 7).

Por isso, não posso definir a criatividade como algo inerente ao indivíduo, pois a possibilidade de criar é resultante de um aprendizado que pode ocorrer ao longo da história de cada pessoa. Esta, por sua vez, está irremediavelmente ligada ao contexto social e, portanto, às condições concretas que dispõe o indivíduo para agir e conhecer o mundo, representando-o com a mediação dos signos (todo objeto, forma ou fenômeno que representa algo distinto de si mesmo), que são culturais.

As linguagens aprendidas são o principal conjunto de signos da cultura de cada grupo, e a sua utilização exige o processo de criação para permitir a elaboração do pensamento e a transmissão do elaborado pelo pensamento na comunicação. Este processo, de acordo com Luria (1979, p. 100), é a codificação do pensamento no enunciado verbal, e implica na decodificação “[...] revelando-lhe o sentido interno”; o que só é possível quando se constrói uma estrutura explicativa, que não pode coincidir com o dado aparente.

Desta forma, como já destacado anteriormente, a criatividade se apresenta como um dos processos do pensamento produtivo, baseado nos recursos dos signos. E é, segundo esse autor, uma das formas específicas de atividade produtiva que,

[...] permite não apenas ordenar, analisar e sintetizar a informação, relacionar os fatos percebidos a determinadas categorias, mas também ultrapassar os limites da informação imediatamente recebida, fazer conclusões a partir dos fatos percebidos e chegar a certas inferências mesmo sem dispor de fatos imediatos e partindo da informação verbal recebida. (LURIA, 1979, p. 100).

Assim, o homem que pensa, raciocina e resolve tarefas lógicas, “[...] sem incluir no processo de solução a atividade prática, tem no pensamento uma atividade teórica especial que leva à novas conclusões e, dessa forma, tem caráter produtivo” (LURIA, 1979, p. 100), demonstrando que a criatividade é inerente ao processo de solução de tarefas, porque neste

[...] a maioria esmagadora das operações de pensamento não é determinada por um algoritmo unívoco, e o homem que se ache diante de uma tarefa complexa deve encontrar sozinho o caminho de sua solução, abandonando os procedimentos lógicos incorretos e discriminando os corretos. (LURIA, 1979, p. 112).

Outra das suas especificidades, que vinculam a criatividade com o pensamento produtivo, é que o seu desenvolvimento se dá imbricado com o processo de complexificação da atividade trabalho; pois quando o ser humano amplia as suas ações para a transformação do ambiente necessita criar os instrumentos físicos e psíquicos para essas atividades e, para tanto

precisa imaginá-los e elaborá-los. Nestas condições, altera e estabelece novos sistemas e funções psicológicas.

A base orgânica oferece a plasticidade das substâncias nervosas, que é “[...] a propriedade da uma substância para adaptar-se e conservar as trilhas de suas mudanças”¹⁴. (VYGOTSKY, 1982, p. 8, trad. nossa). A plasticidade presente nos nervos e no cérebro modifica as suas estruturas a partir da influência das condições existente no meio ambiente e guardam essas impressões, caso elas sejam fortes ou freqüentes. É dessa forma que o cérebro conserva as nossas experiências e facilita a lembrança, fazendo com que as atividades reprodutoras, vinculadas à nossa memória, tenham a sua essência no fato que “[...] o homem reproduz ou repete normas e condutas já criadas e elaboradas ou ressuscita rastros de antigas impressões”¹⁵. (VYGOTSKY, 1994, p. 7, trad. nossa). Ainda que esta atividade não crie nada de novo; somente repita o quê já foi vivenciado, é importante para o conhecimento e as atividades no mundo que está a volta dos indivíduos porque cria os hábitos permanentes e esses serão repetidos em situações semelhantes às vivenciadas anteriormente. Entretanto, a importância fundamental da atividade reprodutora ou memorizadora é devida à plasticidade das substâncias nervosa que permite ao cérebro conservar as experiências vividas, criando neste órgão os conteúdos e processos para elaborar e criar. Ou seja, a criação resulta da chegada das informações ao nosso cérebro, porque este oferece as condições de realizarmos novas conexões funcionais pelas quais, mesmo sem nunca ter visto ou vivido estas experiências, posso imaginá-las, formar uma idéia ou imagem.

Porém, como mostro no capítulo anterior, a história e a sociologia do trabalho demonstram que a atividade do ser humano cria novas necessidades que exigem novas idéias e ações. Estes produtos novos, para Vygotsky (1982, p. 9), derivam de outra função, que é a “[...] criadora ou combinadora [...]”. Com esta, o cérebro constitui a sua capacidade de reelaborar, criar novas normas e planejar outras atividades com os elementos de experiências passadas e torna o homem um ser “projetado para o futuro”, um ser que ao criar modifica seu meio ambiente e seu comportamento.

Um dos processos que sustentam esta capacidade criativa do homem a Psicologia Sócio-Histórica denomina de imaginação ou fantasia, e a atribui as atividades das conexões sinápticas do cérebro humano, graças as quais “[...] a imaginação, como base de toda atividade criadora, se manifesta, por igual em todos os aspectos da vida cultural possibilitando

¹⁴ “[...] la propiedad de una sustancia para adaptarse y conservar las huellas de sua cambios”. (VYGOTSKY, 1982, p. 8).

¹⁵ “[...] el ombre reproduce o repete normas de conducta ya creadas y elaboradas o resucita rastros de antiguas impresiones”. (Ibidem, p. 7).

tanto a criação artística, científica e técnica”¹⁶ (VYGOTSKY, 1982, p. 10, trad. nossa). Este autor afirma ainda que a atividade criadora não é própria apenas dos grandes inventores ou gênios, pois revela-se também em tudo que imaginamos, combinamos, modificamos e criamos de novo; como os objetos inventados por pessoas desconhecidas e utilizados no dia-a-dia, que são produtos da imaginação humana os quais este autor define como “fantasia cristalizadas”.

Devido a esta condição de “cristalização”, Vygotsky (1982) afirma que para melhor compreendermos esta atividade criadora relacionada à imaginação, tenho que entender as relações que se estabelecem entre fantasia e realidade no decorrer do desenvolvimento dos seres humanos. Para tanto define quatro formas básicas que as vinculam, sendo que a primeira “[...] consiste em que toda elocubração se compõe sempre de elementos tomados da realidade extraídos da experiência anterior do homem”¹⁷ (VYGOTSKY, 1982, p. 16, trad. nossa); pois a imaginação não cria algo do nada. Mesmo as maiores fantasias como os mitos, as lendas, os sonhos são combinações da realidade submetidas a modificações e reelaboradas na imaginação. Portanto, a combinação dos elementos da realidade com a fantasia transforma-se em imaginação: o irreal. Como a variedade das experiências acumuladas pelo homem é o material com o qual constrói suas fantasias, quanto mais ricas forem as experiências, tanto maior será o material que disporá para imaginar a criação.

A segunda forma básica de vinculação da atividade imaginativa com a realidade é a decantação ou elaboração, que surge após a acumulação das experiências. Esta se realiza por meio dos “[...] produtos preparados na fantasia e determinados fenômenos complexos da realidade”¹⁸. (VYGOTSKY, 1982, p. 19, trad. nossa). Por isso que a fantasia é formada com materiais da própria realidade elaborados pela imaginação, o que cria novos graus de combinação mesclando os elementos da realidade e depois combinando as imagens e fantasias e assim sucessivamente. Dessa forma, a imaginação constitui “[...] uma condição absolutamente necessária para quase toda função cerebral do ser humano”¹⁹. (VYGOTSKY, 1982, p. 20, trad. nossa), que o capacita a elaborar explicações da realidade e, a imaginação torna-se um meio de ampliação das suas experiências, pois lhe permite imaginar o que não viu e relatar o que não experienciou.

¹⁶ “[...] la imaginación, como base de toda actividad creadora, se manifiesta por igual em todos los aspectos de la vida cultural posibilitando la creación artística, científica y técnica”. (VYGOTSKY, 1982, p. 10).

¹⁷ “[...] consiste em que toda elucubración se compone siempre de elementos tomados de la realidad extraídos de la experiencia anterior del hombre”. (Ibidem, p. 16).

¹⁸ “[...] productos preparados de la fantasia y determinados fenómenos complejos de la realidad”. (VYGOTSKY, 1982, p. 19).

¹⁹ “[...] una condición absolutamente necesaria para casi toda función cerebral del ser humano”. (Ibidem, p. 20).

Já a terceira forma de vinculação entre a função imaginativa e a realidade é o “enlace emocional”. Que se deve a emoção causar impressões, idéias, imagens de acordo com o estado de ânimo que me encontro, ou seja, o estado emocional está presente nos processos criativos e as imagens da fantasia servem de expressão interna para nossos sentimentos. A quarta e última relação permite que a construção elaborada pela fantasia represente algo completamente novo, “[...] não existente na experiência do homem nem semelhante a nenhum outro objeto real”²⁰ do mundo circundante e que ao receber nova forma, se torna “cristalizada, convertida em objeto, passando a existir realmente neste mundo e a influir sobre os demais objetos”²¹. (VYGOTSKY, 1982, p. 24, trad. nossa).

Portanto, processos e técnicas limitados a respostas de estímulos ou reforços, como os descritos pelas teorias anteriormente expostas e, que são os predominantes na literatura consultada sobre trabalho humano na área de administração e economia, não oferecem explicações fidedignas sobre a atividade psíquica humana. A utilização de técnicas baseadas nestes pressupostos oferece meios para obtermos o efeito inverso: elas limitam as possibilidades do pensamento ao impedirem a consecução de processos plenos de pensamento. Assim, elas ampliam o processo de alienação por impedirem que os trabalhadores estendam a sua imaginação para todos os aspectos da realidade envolvidos nos seus trabalhos, limitando-os a pontos muito específicos do desenvolvimento de certas tarefas ou operações.

Sob os pressupostos e explicações da Teoria Socio-Histórica as investigações de como se constituem os processos do pensamento criativo têm mostrado que o seu processo criador se exprime na concepção e elaboração dos meios para solucionar problemas exigidos no dia-a-dia para qualquer sujeito humano. E, é este processo que nos ocupa porque concerne a constituição do processo psíquico de criação e suas implicações para a educação dos trabalhadores, devidas às exigências da aplicação de processos psicológicos criativos no trabalho. Perseguindo o objeto de estudo desta pesquisa, entendo que agora já reúno fundamentos para cotejar os dados empíricos oriundos daqueles que orientam a educação e o trabalho social para deduzirmos a validade da nossa proposição que a exigência atual de aplicação da criatividade ao trabalho se refere a intensificação da utilização do pensamento produtivo.

²⁰ “[...] no existente em la experiencia del hombre ni semejante a ningún otro objeto real”. (Ibidem, p. 24).

²¹ “[...] cristalizadas, convertida em objeto, empieza a existir realmente em elmundo y a influir sobre los demás objetos”. (Ibidem, p. 24)

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DISCURSOS

Trato aqui de um trabalho orientado por princípios da pesquisa qualitativa, que assume muitas formas e é conduzida por múltiplos conceitos. Por isso, chamo a atenção para a consideração de Bogdan e Biklen (1994, p. 16) que a expressão investigação qualitativa é utilizada como um termo,

[...] genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhido são designados por qualitativos: o que significa rico em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico [...] essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação.

Porém, este estudo seguiu os percursos da abordagem socio-histórica que trabalha com um universo de significados correspondente às relações dos processos e fenômenos, bem como se aprofunda no mundo dos sentidos das ações e relações humanas.

Persegui os pressupostos da pesquisa qualitativa que permitiram a pesquisadora realizar o levantamento das informações em contexto real, inserida neste. Tal condição se apresenta, também, na análise, pois, segundo Bardin (2004, p. 19), “Na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração”. Por isso se recorre a indicadores não freqüenciais, que possibilitam inferências, correspondendo a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável.

Segundo aquela autora (2004, p. 109), o que caracteriza a análise qualitativa é o fato de “[...] a inferência - sempre que é realizada – ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.), e não sobre a freqüência da sua aparição, em cada comunicação individual”.

O outro aspecto observado é aquele que, segundo Rey (2002, p. xii-xiii), caracteriza a metodologia qualitativa por basear-se

[...] na produção de sentido desenvolvida num processo constante no relacionamento mantido entre pesquisador e pesquisados. Considera-se importante não só o que o sujeito fala como o sentido da fala, o envolvimento do sujeito, o que lhe permite uma produção complexa, condição essencial para construir a complexidade dos problemas abordados a partir dessa perspectiva.

Para melhor esclarecer o procedimento metodológico, cabe ainda ressaltar o pensamento de Severino (2002, p. 162), ao afirmar que: “[...] o quadro teórico constitui o universo de princípios, categorias e conceitos, formando sistematicamente um conjunto logicamente coerente, dentro do qual o trabalho do pesquisador se fundamenta e se desenvolve”. Portanto, para levantamento dos dados qualitativos já observei um quadro teórico bem definido que subsidiou e fundamentou as informações que coletei.

A investigação qualitativa é usada na área da educação porque os dados assim recolhidos refletem os comportamentos naturais das pessoas, recompondo aspectos inerentes ao processo educacional, tais como a utilização da linguagem verbal oral, ou seja, tem como característica compreender a sua metodologia no contexto histórico.

As técnicas qualitativas conseguiram demonstrar que à medida que as mudanças se verificam, os investigadores tendem a analisar os seus dados de forma indutiva, desenvolvendo raciocínios cujas premissas têm caráter menos geral que a conclusão. Ou seja, lido com a indução incompleta, na qual se estabelece uma proposição universal a partir do exame de alguns dos objetos de uma classe. Portanto, os dados não são recolhidos para confirmar a hipótese, formulada previamente, ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados recolhidos por meio de entrevistas vão se agrupando. Assim, estes, refletem uma preocupação com o registro do modo como as pessoas interpretam os significados; aquilo que eles experimentam, o modo como eles estruturam o mundo social em que vivem.

Assim, por meio da pesquisa qualitativa compreendo os comportamentos e experiências humanas, ou seja, o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrevem em que consistem esses momentos significados. Então, é uma pesquisa que recorre à empiria por considerar que é devido às instâncias concretas do comportamento humano que se pode refletir com maior clareza a profundidade da condição humana.

Sobre a apreensão destas condições neste trabalho, baseamo-nos nas pesquisas sobre a formação da consciência individual e a função do pensamento e da linguagem de Vygotsky

(2001). Nestas, ele demonstrou ser o discurso a manifestação concreta da língua e do pensamento, sobre o qual posso me apoiar para entender a relação entre os comportamentos individuais e a materialidade da realidade na qual os fenômenos estudados se concretiza. Isto porque o discurso é uma unidade lingüística composta por frases que permite a exposição metódica sobre certo assunto e assim, explicita o pensamento. Porém, afirmou que é a palavra a menor unidade material que concretiza tanto os processos como descreve estas funções, uma vez que carrega os significados construídos historicamente e nela cristalizados. No que respeita às suas funções psicológicas, descreveu o significado da palavra como constituído por dois aspectos: o “significado propriamente dito” e o “sentido”. O primeiro refere-se ao tema que se formou no processo de desenvolvimento da palavra e o segundo refere-se ao significado da palavra para cada indivíduo.

O “significado propriamente dito” das palavras é de fundamental importância para a língua, pois nos estudos da linguagem refere-se a aquilo que uma língua expressa acerca do mundo em que se vive ou acerca de um mundo possível. Para a Psicologia Socio-histórica, além desta estrutura complexa, a palavra possui outros dois componentes básicos, que Luria (1979, p. 18) definiu como ‘representação material’ e ‘significado’. Ou seja, a palavra constrói uma representação material subjetivada na consciência dos homens porque cada palavra indica ou significa um objeto e, conseqüentemente, gera a imagem deste. Assim, por exemplo, quando pronuncio a palavra “mesa”, a relaciono com um determinado objeto e esta representação da palavra é denominada por aquele autor de ‘representação material’ ou ‘função representativa da palavra’. Essa é a função mais importante que a linguagem desempenha, pois, permite aos homens denominar os objetos correspondentes e operar com objetos que estão ausentes.

A outra função psicológica da palavra, o seu ‘significado’ é mais complexa. Esta nos permite analisar mentalmente o objeto, distinguir suas propriedades e incluí-lo em uma determinada categoria, ou seja, a linguagem oferece o meio pelo qual se abstrai e generaliza as ligações com os objetos do mundo exterior. Por isso, “Ao dominar a palavra, o homem domina automaticamente um complexo sistema de associações e relações em que um dado objeto se encontra e que se formaram na história multissecular da humanidade”. (LURIA, 1979, p. 20). Destaca que algumas palavras, como as ‘preposições’ e ‘conjunções’, cujas funções são designadas de ‘acessórias’, são importantes porque, apesar de não possuírem significados materiais e não expressarem objetos concretos denotam as relações entre eles; como percebo na utilização de ‘sob’, ‘sobre’, ‘com’, ‘de’, dentre outras.

O sentido é um outro aspecto que a Teoria Psicológica Socio-histórica reconhece como constituinte das palavras. No que respeita às Funções Psicológicas Superiores promotoras do pensamento lógico-verbal e estruturantes da consciência individual, o sentido caracteriza a qualidade ou conjunto parcial de características eminentemente subjetivas, que se manifestam na utilização das palavras e permite a quem as utiliza escolher um significado dentre os que lhe cabem. Assim, o emprego real da palavra é um processo de escolha de significados adequados às experiências subjetivas dos indivíduos. Foi esta a função eminentemente subjetiva da linguagem verbal que a Teoria Psicológica Socio-histórica descobriu e denominou de ‘sentido da palavra’.

Para Vygotsky (2001, p. 398), ao analisarmos na consciência individual os aspectos que concernem aos processos psicológicos e à função comunicativa da linguagem verbal, devo considerar que o significado da palavra “[...] é uma unidade indecomponível de ambos os processos e não posso dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. [...] é a própria palavra vista no seu aspecto interior [...]”, e sendo, portanto, um fenômeno do discurso, permite a generalização de aspectos da realidade comuns a vários objetos e fenômenos e assim, possibilita a construção dos conceitos. Tal capacidade se deve a que toda generalização ou formação de conceito é um ato do pensamento que está relacionado à palavra e nela materializa-se e vice-versa. Neste sentido, este autor afirma ainda que é “[...] um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento”. Portanto, o significado da palavra é um fenômeno que revela as características do pensamento discursivo, ou seja, a palavra usada conscientemente.

Ao me voltar para o significado, analiso um componente da palavra que expressa ao mesmo tempo um ato do pensamento, porque permite que ambos se unam transformando-se no pensamento verbal. Assim, entendo por meio dos significados das palavras os movimentos e modificações da consciência que se estabelecem na medida em que os seres humanos se desenvolvem.

É, também no significado da palavra que se encontram as funções da linguagem que estabelecem o intercâmbio social e constituem o pensamento generalizante. Portanto, a sua análise propicia a apreensão da mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo, que fez com que ele fosse capaz de compreender o mundo e agir sobre ele. Isto porque, a alteração do significado das palavras decorre das mudanças do “[...] o significado propriamente dito e do ‘sentido’”, porque

O significado propriamente dito refere-se ao sistema de relações objetivas que se formou no processo de desenvolvimento da palavra, constituindo num núcleo relativamente estável de compreensão da palavra, compartilhado por todas as pessoas que a utilizam. O sentido [...] refere-se ao significado da palavra para cada indivíduo, composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra e às vivências afetivas do indivíduo. (OLIVEIRA, 1997, p. 50).

Por isto, Luria (1979, p. 22) afirma que o emprego real da palavra,

[...] é sempre um processo de escolha do significado adequado entre todo um sistema de alternativas que surgem, com a discriminação de uns sistemas adequados de relações e a inibição de outros que não correspondem à tarefa dada dos sistemas de relação.

Esclarece assim que o sistema de relações escolhido está vinculado com a tarefa e a situação concreta que o sujeito tem diante de si e para as quais emprega a palavra, destacando o que sente em relação a estas. Por isso a Psicologia denominou este processo de sentido da palavra. Um dos fatores que também contribui para a distinção do sentido adequado da palavra é a entonação com a qual é expressa, pois a entonação determina uma qualidade ou um conjunto parcial de características destacando um aspecto importante que, dentre os vários significados, pode mudar o sentido da palavra.

A função do significado na constituição e elaboração do pensamento se deve a que “[...] o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. E como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento”. (VYGOTSKY, 2003, p. 151).

Na utilização destes pressupostos para a análise dos discursos em minha pesquisa tenho que considerar ainda o processo de interiorização que permite a construção de tais funções e estruturas na consciência individual. Isto porque a interiorização é promovida pela atividade individual e estabelece os aspectos da realidade que serão apreendidos e representados. A interiorização consiste na reconstrução interna da atividade externa, portanto, sem os signos externos, como a linguagem, não seria possível a interiorização e a construção das funções superiores.

Devido a esta determinação da relação entre a objetividade e a subjetividade, estabelecida pelas qualidades diferenciadas da materialidade da realidade e a subjetividade da consciência humana, destacadas por Leão (2006) como inerentes à pesquisa psicossocial; é que os dados para comporem esta pesquisa foram recolhidos junto a sujeitos socialmente representativos das instâncias sociais organizadoras do trabalho e da educação e, também, por meio de entrevistas.

Estas foram realizadas com a representante de um empregador que exige, para a seleção de empregados, a capacidade de utilização da criatividade no trabalho, como requisito para a contratação; e com um coordenador de curso de Administração, que é área dedicada à preparação dos trabalhadores encarregados de organizar o trabalho, considerando a necessidade ou não da aplicação da criatividade na produção. Estes foram selecionados conforme as orientações do conceito de Sujeitos Representativos.

Conforme Leão (2006), o conceito de Sujeitos Representativos se instala na Psicologia, assim como nas demais ciências humanas e sociais, desde as suas origens, pois os seus objetos de estudos não permitem a abordagem da ciência moderna, apoiada na quantificação. A indagação acerca da representatividade se baseia na noção estatística de amostra. Compor uma amostra é determinar um conjunto selecionado em determinada população, o conjunto amostral seria representativo. A constituição da amostra deve ser casual, aleatória. É possível, por esse ponto de vista, medir o desvio da amostra em relação à determinada população e empregar coeficientes que indicam com precisão a existência de distorções ou erros, bem como as possibilidades de efetuar uma generalização em direção à população.

A determinação da representatividade decorrente da Metodologia Qualitativa trabalha sempre com unidades sociais, ela privilegia os estudos de caso — entendendo-se como caso, o indivíduo, a comunidade, o grupo, a instituição. Entretanto, ao se trabalhar com o caso, busca-se garantir que o indivíduo escolhido ou a comunidade selecionada sejam representativos do conjunto do qual fazem parte. Porém, do ponto de vista estatístico, restarão sempre dúvidas acerca da representatividade.

A busca pela representatividade da amostra passa ser priorizada pelas ciências humanas e sociais, baseadas nos princípios da metodologia qualitativa. Consequentemente, busca o aprofundamento do conhecimento do contexto social e das condições subjetivas que permeiam o fenômeno estudado, bem como a própria relação que se estabelece entre pesquisador e sujeito(s) em estudo. Por estas características inerentes a tais áreas de conhecimento, a identificação e exploração de “sujeitos representativos”, passam a ser determinadas pelo acúmulo de aspectos relativos aos processos sociais e psicológicos presentes no grupo social e que alguns sujeitos apresentam cristalizados em suas características devido à especificidade de sua inserção ou função social.

Por serem entendidos como sínteses das determinações psicossociais, estes sujeitos ou grupos são considerados apropriados para a investigação de aspectos sociopsíquicos presentes em processos sociais. Entretanto, a seleção de sujeitos representativos deve

ser criteriosa a fim de não influenciar o resultado do levantamento de dados. Busca-se garantir que a amostra seja um subconjunto disponível e representativo da população já que se entende que ela é uma parte do universo escolhida segundo algum critério de representatividade.

Na perspectiva Socio-histórica o sujeito apesar de singular é sempre social e a compreensão se dá na inter-relação pesquisador/pesquisado. Daí que o encontro dos sujeitos se faz não só no plano individual, mas, sobretudo social, um encontro de culturas, de contextos, etc.

A proximidade da pesquisa de abordagem socio-histórica com o paradigma crítico estabelece um outro aspecto a considerar para determinação da representatividade: os fundamentos do materialismo histórico dialético. Dentre estes, destaco as categorias metodológicas da dialética, as quais na perspectiva materialista permitem o movimento da aparência para a essência; do empírico e abstrato para o concreto; do singular para o universal a fim de alcançar o particular. Assim, permitem tomar as totalidades como contraditórias.

Integrada à noção de que o sujeito é ativo, que na relação com o objeto sustenta-se na historicidade, tenho categorias que atendem à necessidade de conhecimento do diverso, das particularidades, do movimento, sem cair no relativismo e sem perder o sujeito, que, assim entendido, é necessariamente integral, pleno. Neste processo é possível explicar e compreender o movimento de constituição e expressão do geral no particular e do singular na totalidade.

O método dialético constitui-se, então, em uma alternativa metodológica que ao assinalar a possibilidade de superação da dicotomia sujeito-objeto, indica também a necessidade e a possibilidade de transformação da sociedade.

No caso desta pesquisa, a representativa dos sujeitos é resultante e apreensível nos conteúdos concretos que apreenderam pelos sentidos, pela imaginação, pela memória, pelos sentimentos e emoções ou pelo pensamento enquanto agiam na realidade onde estão inseridos, principalmente nos seus trabalhos. Estes foram analisados em busca das explicações que elaboraram quanto à exigência de criatividade pelo mercado de trabalho atual, após a automatização e à existência ou não de impactos desta para a educação do trabalhador.

A análise buscou, nos aspectos psicológicos manifestos nos discursos explicitados durante as entrevistas, a descrição objetiva e sistemática dos processos, funções e conteúdos constituintes das suas consciências. Para tanto, usou-se o suporte técnico que possibilitou superar as condições subjetivas que não são explicitados no discurso e não se manifestam conscientemente nem para o sujeito; dadas na produção dos significados e dos sentidos na

consciência dos sujeitos, os limites próprios dos mediadores fundamentais: a linguagem e a atividades e as suas implicações no processo de identidade.

3.1 A ANÁLISE DO DISCURSO

A partir das considerações descritas anteriormente, os dados coletados foram organizados conforme as orientações para a Análise do Discurso, buscando-se nestes a explicitação das justificativas sócio-econômicas para a exigência da criatividade, os seus conceitos e conhecimentos sobre criatividade e a relação com a automatização no mercado de trabalho. Os outros aspectos para os quais se buscou compreensão na análise dos discursos dos sujeitos foram se estas exigências, por serem manifestações das necessidades reais do desenvolvimento da forma de produção, manifestam-se em outras instituições sociais como a educação dos trabalhadores e, se estão sendo contemplados na sua formação no Nível Superior de Ensino.

A Análise de Discurso permitiu tal discernimento porque, além de tomarmos a linguagem como instrumento de comunicação e de transmissão de informações, a considero como a condição que materializa os conflitos e confrontos, pois só pode ser apanhada no processo de interação social. (BRANDÃO, 2004).

Por isso me guio pelos estudos da linguagem que consideram que a mesma não pode estar apartada das condições sociais que a produziram, pois são essas condições que criam a evidência do sentido.

Esta visão da linguagem como interação social em que o outro desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo o ato de enunciação individual num contexto mais amplo revelando as relações intrínsecas entre o lingüístico e social. Isso significa que todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado quando considerado o seu contexto histórico-social, suas condições de produção, pois reflete a visão de mundo.

O percurso que o sujeito faz da elaboração mental do conteúdo até a sua expressão ou à objetivação externa – a enunciação – é orientado socialmente, buscando adaptar-se ao contexto imediato do ato da fala e, sobretudo, a interlocutores concretos.

Segundo Brandão (2004, p. 106 e 108) o discurso é o “[...] efeito de sentido construído no processo de interlocução (opõe-se à concepção de língua como mera transmissão de informação)” e a linguagem na perspectiva discursiva, “Não é vista apenas

como instrumento de comunicação, de transmissão de informações ou como suporte do pensamento; linguagem é interação, um modo de ação social”, e nesse sentido, é lugar de conflito e de confronto ideológico, pois a significação se apresenta na sua complexidade.

No entanto, para poder explicar os aspectos psicossociais que foram explicitados na análise dos discursos, utilizo como recurso, algumas etapas da Análise do Conteúdo, que nos permite relatar a descrição objetiva e sistemática do processo do pensamento manifesto na comunicação dos indivíduos entrevistados.

Segundo Bardin (2004, p. 37), na Análise do Conteúdo devo utilizar,

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Numa descrição analítica, esta autora salienta que a Análise do Conteúdo refere-se a informações que são descritas no conteúdo das mensagens ou o tratamento das informações que compõem a mensagem. Pode ser também uma análise dos significados, como a análise temática; uma análise dos significantes, que é a análise lexical ou a análise dos procedimentos. Assim, o tratamento descritivo é a primeira fase de procedimentos da Análise do Discurso, entretanto, a análise de conteúdo nos fornece as condições para analisarmos apenas as ‘comunicações’, um dos aspectos do discurso a considerar. Esse tratamento também possibilita pesquisas sobre outros aspectos da linguagem e aqui vou me dedicar especialmente às informações descritivas, como a semântica e,

[...] todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas que embora parciais são complementares. (BARDIN, 2004, p. 37)

Entretanto, as técnicas da Análise de Conteúdo não dispensam a realização de deduções lógicas, mas as tornam justificadas devido à consideração elaborada sobre a origem da mensagem, seja quanto ao emissor, ao contexto ou aos efeitos da mensagem. Para isto, analiso as mensagens utilizando várias operações não só para complementar ou enriquecer os resultados como, também, de aumentar a sua validação e, com isto, busco alcançar uma interpretação mais aprofundada da mensagem.

O nosso principal recurso fundamentou-se no funcionamento lingüístico do discurso (nível dos enunciados), que, de acordo com Bardin (2004, p. 208), baseada em Pêcheux (1969), demonstra que “[...] de fato, o mecanismo do procedimento de análise inspira-se em manipulações lingüísticas”. Assim, trabalho a análise do conteúdo com as unidades lingüísticas (os enunciados), que são as proposições expressas pelos sujeitos nos discursos elaborados durante as entrevistas realizadas, que nos permite considerar a forma que a enunciação do discurso se dá socialmente.

Como se trata de uma pesquisa empírica de natureza qualitativa, o que nos interessa não é somente o que os enunciadores dizem, mas as maneiras como eles os dizem. Neste sentido, como instrumentos para levantamento de dados foram utilizadas entrevistas, realizadas a partir de roteiros semi-estruturados, que constam como Anexo 1. Utilizo dois roteiros diferentes buscando considerar a diversidade das experiências dos entrevistados e os tipos de contribuições que poderiam dar à pesquisa.

Esse modelo de entrevista segundo Triviños (1990, p. 146),

[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teoria e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Por isto, a lista de questões teve origem no problema de pesquisa e buscou tratar amplamente do tema. A lista de questões-chaves foi adaptada e alterada no decorrer das duas entrevistas realizadas para esta pesquisa. Em ambas persegui o objetivo de colher informações para entendermos o porquê da exigência da criatividade para a entrada e permanência do trabalhador no mercado de trabalho, bem como visava colher informações sobre se estaria diante da busca por ações criativas ou da utilização do pensamento produtivo.

De acordo com os objetivos e hipótese do nosso projeto de pesquisa, proposto para ser desenvolvido neste Curso de Mestrado, iria entrevistar dois Coordenadores de curso superior, sendo um de Artes e um de Administração, e dois Empregadores sendo um do setor industrial e outro do setor de serviços. Porém, analiso os discursos de um Gerente de Recursos Humanos e um Coordenador de Curso de Administração.

De início realizo três entrevistas, as dos coordenadores de cursos e uma do representante do setor industrial. Já a do setor de serviços, após combinado o horário e local foi desmarcada três vezes, e no último contato alegou que o processo para poder nos conceder

a entrevista havia sido cancelado por motivos de mudanças de funcionários e que teria que entrar com uma nova solicitação.

Diante do exposto e a partir das orientações da Banca de Qualificação, decidi reduzir a base de dados de quatro para duas entrevistas sendo: uma com o coordenador do Curso de Administração e a outra com a gerente de recursos humanos de uma indústria; uma vez que a quantidade de entrevistados não acarretaria, necessariamente, prejuízos para os objetivos propostos.

Para a realização de todas as entrevistas, primeiramente, entrei em contato por telefone e e-mail para agendar data, horário e local. Neste primeiro contato foram apresentados aos entrevistados os dados de identificação da pesquisadora e da instituição na qual está desenvolvendo a pesquisa, bem como, o tema e o método pelo qual está sendo produzida da pesquisa. Foram solicitadas as autorizações para gravação, conforme os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2), assegurando-lhes o direito a não divulgação dos dados dos entrevistados bem como a garantia da fidedignidade dos discursos, dada pelas gravações.

As entrevistas foram realizadas nos locais de trabalho dos entrevistados, conforme a conveniência dos mesmos, e as suas gravações registraram a duração de uma hora à uma hora e meia. As transcrições das gravações foram realizadas por esta pesquisadora, que em um caso teve que retornar para dirimir dúvidas em relação a termos que foram utilizados.

A escolha da entrevista como o instrumento para a coleta de dados está fundamentada na metodologia da pesquisa qualitativa, uma vez que para fins de pesquisa possui uma certa especificidade, já que o entrevistador tem um objetivo, ou seja, uma problematização a ser respondida. Pode-se por meio dela ter um aprofundamento dos pontos levantados sobre o objeto de pesquisa, podendo o entrevistador numa relação direta com o entrevistado questionar sobre algo que não tenha ficado esclarecido.

Para Rey (1999, p. 83) toda entrevista ou diálogo,

[...] se constitui subjetivamente sobre os aspectos dominantes na comunicação: o processo de comunicação define a identidade dos participantes nesse espaço. A comunicação é um processo histórico que facilita a expressão dos temas mais suscetíveis de adquirir sentido nos termos e condições em que tem lugar; o que sempre atua como inibidor de outros conteúdos cuja expressão é facilitada como inibidor de outros conteúdos cuja expressão é facilitada por meio de instrumentos de expressão individual.

Optou-se pela entrevista semi-estruturada, pois dá maior flexibilidade para a coleta das informações e apreensão dos processos subjetivos, uma vez que pode ser vista como um diálogo, porém com uma finalidade delineada. Com este tipo de entrevista não é necessário seguir de forma rígida o roteiro pré-elaborado e pode-se questionar, caso seja pertinente, sobre outros elementos que emergirem durante a entrevista. Assim, permite que o pesquisador busque, através da conversação, dados que possam ser utilizados na análise qualitativa, ou seja, os aspectos considerados mais relevantes de um problema de pesquisa.

Um outro fato levado em consideração na entrevista é a linguagem, considerada como o meio de interação entre o entrevistador e o entrevistado, que estabelece uma relação dialógica; diferentemente do uso de outros instrumentos como o questionário, pois aquela se dá por respostas diretas e o pesquisador tem a possibilidade de pedir maiores esclarecimentos, sobre os pensamentos e respostas dos entrevistados.

Um dos quesitos importantes para a realização de uma entrevista, evidenciado por Lakatos (1996, p. 87), é o contato inicial:

O pesquisador deve entrar em contato com o informante e estabelecer, desde o primeiro momento, uma conversação amistosa, explicando a finalidade da pesquisa, seu objeto, relevância e ressaltar a necessidade de sua colaboração. É importante obter e manter a confiança do entrevistado, assegurando-lhe o caráter confidencial de suas informações. Criar um ambiente que estimule e que leve o entrevistado a ficar à vontade e a falar espontânea e naturalmente, sem tolhimentos de qualquer ordem. A conversa deve ser mantida numa atmosfera de cordialidade e de amizade (*rappori*). Mediante a técnica da entrevista, o pesquisador pode levar o entrevistado a uma penetração maior em sua própria experiência, explorando áreas importantes, mas não previstas no roteiro de perguntas.

E foi justamente essa cordialidade que se tentou estabelecer com os entrevistados, sujeitos da pesquisa. Foi explicitado o motivo do trabalho, e ressaltado o quanto seria importante contar com a colaboração deles para realizar esse projeto. E ainda foi deixada clara a confidencialidade das informações prestadas, para tanto, fez-se o seguinte registro por escrito assinado tanto pela pesquisadora quanto pela entrevistada: “O registro das informações, o nome e identidade do (a) entrevistado (a) serão mantidos em sigilo, sendo garantido a confidencialidade e privacidade às informações coletadas quando da publicação do relatório final da pesquisa”. O termo foi assinado pelos entrevistados, sendo que as entrevistas ficaram para serem marcadas em datas posteriores, pré-determinadas.

Foi realizada uma entrevista com um professor, sendo que a escolha desse se deu por ser o docente no exercício da coordenação do curso e, portanto, o responsável direto pela formação oferecida aos acadêmicos no curso de Graduação em Administração. Ele tem 14

anos de experiência em docência, ministrando as disciplinas de Introdução à Estatística, Métodos Quantitativos aplicados à Econometria e Administração, nos Cursos de Administração, Economia e de Mestrado em Agronegócios. Este foi codificado neste trabalho como “S1”.

Este curso de graduação em Administração tem o objetivo de formar

[...] profissionais, liberais ou não, para, planejar, organizar, dirigir e controlar o funcionamento e o desenvolvimento de organizações públicas e privadas, através do exercício de atividades técnicas, de funções e cargos de Administrador, de funções de chefia ou direção, intermediária ou superior, de assessoramento e consultoria e o magistério em matérias técnicas do campo de administração e organização. (Disponível no site <<http://www.ufms.br>>).

Portanto, aptos para inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira.

A outra entrevista foi realizada com a chefe do Departamento de Pessoal e Relações Humanas, indicada pela empresa empregadora do Setor Industrial como sua representante e está codificada como “S2”, nesta pesquisa. Esta não tem formação superior completa, pois está cursando Contabilidade no nível do Ensino Superior. Sua formação para o desempenho da função foi dada somente em cursos de qualificação em Relações Humanas e sobre Departamento de Pessoal. Falou em nome de uma empresa internacional, com base na Alemanha, cuja atividade é a elaboração de projetos, fabricação e montagem de equipamentos de grande porte, como maltarias, cervejarias, instalações industriais e portuárias, de armazenagem e movimentação de cereais, silos metálicos, máquinas e instalações para fábricas de alimentos balanceados. Segundo as suas informações, na área das exportações é o maior produtor de sistemas completos de armazenagem de grãos do mundo, atuando também no ramo de automação e instalações elétricas com o objetivo de fabricar e comercializar equipamentos eletrônicos e elétricos e no desenvolvimento de sistemas de automação industrial.

Assim, tenho as considerações de um professor Mestre em Engenharia Elétrica e Doutor em Automação e as da representante de uma indústria multinacional, do setor metal-mecânico, que ocupa o cargo de Chefe do Departamento de Pessoal e Relações Humanas, responsável pela supervisão, coordenação e execução de atividades relativas à Administração/Gerência de trabalhadores. Sendo, portanto, quem deve verificar se estes apresentam e aplicam a criatividade no trabalho.

Para analisar e interpretar os dados recorro primeiramente ao suporte de um software para a realização de parte da Análise Gráfica do Discurso. Para a utilização do recurso computacional, após a transcrição das duas primeiras entrevistas, preparei o texto para ser submetido ao Programa denominado de SPHINX. Este destina-se a viabilizar pesquisas desenvolvidas com essa técnica, o que, a princípio, tornaria as nossas análises mais ágeis, mais práticas, aumentando o alcance e a validade dos resultados. Entretanto os tratamentos dos dados e os relatórios disponibilizados pelo programa não nos ofereceu várias informações necessárias à pesquisa, além de não caracterizar algumas palavras do discurso dos entrevistados. Estas e outras limitações provocaram o gasto de muito tempo a partir de quando percebo os erros na separação das palavras-núcleos que se repetiram e seus sinônimos, bem como no ordenamento dos enunciados que formam o texto da transcrição da entrevista.

Por isso, desisti de usá-lo e realizei as análises sem apoio dos recursos de softwares, o que estendeu o tempo necessário para a finalização do trabalho. Mesmo que tenha utilizado o localizador do Programa Word (Editar = localizar), o tratamento dos textos exigiu a busca das palavras uma a uma. Assim, construímos os indicadores de incidências por meio das palavras que se repetiram e/ou seus sinônimos que foram ordenadores dos núcleos de pensamento, bem como a primeira leitura dos enunciados.

A partir destas confeccionei o gráfico da íntegra do discurso, no qual, as palavras foram ligadas por setas numeradas, na ordem em que foram apresentadas no discurso do entrevistado, destacando os núcleos fundamentais, quer seja, como expressão do conteúdo ou como apoio metodológico que a sintaxe da língua oferece. Apesar desse processo de análise gráfica indicar como o conteúdo não desdobrado na forma oral ordenou a representação da realidade, os significados sociais e os sentidos pessoais expressos no discurso, a qualidade do discurso dificultou a visualização gráfica dos movimentos realizados pelo pensamento do entrevistado; bem como a sua interpretação. Diante disso e das observações da Banca Julgadora de Qualificação, considerei a análise insuficiente e busquei outra técnica de análise para o tratamento dos discursos.

Busco, então, chegar às proposições invariantes – ou enunciados básicos – dos discursos, pesquisados, através dos recortes que fossem representativos das regularidades ou das tendências dominantes na entrevista com o S1 – o Coordenador de Curso de Administração e com o S2 – a Gerente de Recursos Humanos. Assim, realizados, reconheço que os recortes, na medida em que não são dados a priori, mas feito pelo próprio pesquisador, não são totalmente isentos da sua subjetividade.

Segundo Caiuby; Lefèvre e Silva (2004, p. 139) as idéias centrais representam “[...] a síntese do discurso e permite resgatar o essencial das partes em que se divide o depoimento”, no sentido de fundamentar as idéias centrais, estes autores ainda afirmam que para isto “[...] selecionam-se trechos discursivos, os quais são denominados de EsC. [EsC.: Expressões Chaves]. Esses trechos discursivos são resgatados de forma literal do relato, caracterizando uma ‘prova discursiva-empírica’ das ICs. [ICs.: Idéias Centrais]”.

Duarte (2006, p. 79), entende essas “expressões chaves” como “categorias” que são:

[...] estruturas analíticas construídas pelo pesquisador que reúnem e organizam o conjunto de informações obtidas a partir do fracionamento e da classificação em temas autônomos, mas inter-relacionados. Em cada categoria, o pesquisador aborda determinado conjunto de respostas dos entrevistados, descrevendo, analisando, referindo à teoria, citando frases colhidas durante as entrevistas e a tornando um conjunto ao mesmo tempo autônomo e articulado.

O que considero evidente nessa orientação quanto ao critério principal para construção de cada categoria é que tenha certa coerência interna, ou seja, que se observe alguns princípios; os quais, a partir das etapas mencionadas, permitem desenvolver a análise dos discursos dos sujeitos:

(a) ser derivado de um único princípio de classificação; (b) ser exaustivo, sendo possível colocar qualquer resposta em uma das categorias; (c) as categorias devem ser mutuamente exclusivas; não deve ser possível colocar determinada resposta em mais de uma categoria. (DUARTE, 2006, p. 79).

Em se tratando desta pesquisa, as categorias têm origem no marco teórico, e são consolidadas no roteiro de perguntas semi-estruturadas. Elas não podem, entretanto representar uma limitação para a análise, uma vez que, tenho que ao considerar a característica prática do pensamento e do discurso sei que novas temáticas surgem no decorrer da atividade de elaboração de ambos.

Na realidade, o que estou propondo, ao reduzir os discursos do corpus a alguns enunciados básicos, é uma leitura, entre outras possíveis, dos discursos que obtive por meio de entrevistas. É uma análise condicionada pela minha visão de mundo, pois o material produzido a partir dos discursos constitui-se na principal fonte de informações, uma base empírica e, é de importância fundamental para as análises, porém será cotejada pelo referencial teórico que subsidia o estudo, com fundamentos na perspectiva dialética.

Nessa linha de pensamento, concordo com Freitas (2004, p. 20, grifo da autora) quando a partir dos estudos de Kosik (1976), assinala que:

A dialética é a capacidade de penetrar no real e reproduzir no plano do conhecimento, o comportamento desse real. É o caminho do *detour* a partir do empírico, pois não há dialética sem o empírico. O empírico é o ponto de partida e o ponto de chegada: da dialética do real para a dialética do conhecimento.

A Técnica de Análise do Discurso envolve aspectos amplos, dos quais resultam os discursos produzidos pelos sujeitos, que são aspectos determinantes como o contexto de produção, o tempo histórico e o espaço social com os condicionantes que os constituíram.

Buscando observar tais recomendações, analiso a forma como são apreendidas as exigências de criatividade pelo mercado de trabalho pós-automatização por aqueles que ministram a educação do trabalhador, a partir do discurso do coordenador; e como esta exigência é elaborada a partir da apreensão da sua necessidade relatada pela gerente de recursos humanos.

3.2 A ANÁLISE DO DISCURSO DO S1 - COORDENADOR DE CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Para ajudar na redação e na compreensão optei por fazer uma breve explicação às duas entrevistas, definindo como serão tratadas as análises.

De início preparo as entrevistas com os discursos dos emissores na íntegra. A partir disso, identifico e enumero as Unidades de Significação, apresentadas enquanto frases que compõem a seqüência do discurso. Posteriormente realizou-se a marcação das principais palavras-núcleos, obedecendo às suas incidências no discurso, ou seja, os núcleos de pensamento que surgem tanto por meio das palavras repetidas como dos seus sinônimos e que indicam sobre o quê o pensamento está sendo elaborado.

Segundo Vygotsky (2005, p. 9) a análise em unidades indica,

[...] o caminho para a solução desses problemas de importância vital. Demonstra a existência de um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem. Mostra que cada idéia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento de realidade ao qual se refere. Permite-nos ainda seguir a trajetória que vai das necessidades e impulsos de uma pessoa até a direção específica tomada por seus pensamentos, e o caminho inverso, a partir de seus pensamentos até o seu comportamento e sua atividade.

A partir daí, as palavras são assinaladas em cores ou formas diferentes, separando-as por unidades de significados. Dessa forma, reúnem-se em um só tema várias unidades de significados, indicando por meio de quais temáticas o discurso foi produzido. Em seguida estas palavras-núcleos são enumeradas. Entretanto, a organização fica indeterminada até o final da localização de todas as palavras-núcleos.

Com a localização de todas as palavras-núcleos e após a leitura exaustiva identifiquei as categorias relevantes para o estudo e ao final elaborei algumas considerações de caráter conclusivo, evitando assim, retomar a discussão sobre cada categoria na conclusão o que tenderá a ficar mais sintético e abrangente.

A seguir apresento o ‘corpus’ da entrevista realizada com o professor, Coordenador do Curso de Administração, codificado neste trabalho como “S1”. A escolha desse considerou as condições de sujeito representativo por ser o docente no exercício da coordenação do curso e, portanto, o responsável direto pela formação oferecida aos acadêmicos no curso de Graduação em Administração. Ele tem 14 anos de experiência em docência, ministrando as disciplinas de Introdução à Estatística, Métodos Quantitativos aplicados à Econometria e Administração, nos Cursos de Administração, Economia e de Mestrado em Agronegócios.

Segundo o Estatuto e Regimento da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) sobre as atribuições do coordenador de curso da UFMS este deve ser professor com formação específica na área correspondente às finalidades e aos objetivos do curso. Compete ao Coordenador do Curso de Graduação da Unidade Acadêmica: definir o projeto pedagógico, alterações curriculares, orientar, fiscalizar e coordenar sua realização, propor número de vagas a serem preenchidas com transferências, mudanças de curso e matrícula de graduados, propor critérios de seleção, traçar diretrizes gerais dos programas, harmonizar os programas e planos de ensino e observar o cumprimento dos programas, propor intercâmbio de professores, a substituição ou aperfeiçoamento de professores, ou outras providências necessárias à melhoria do ensino, distribuição de horários, salas e laboratórios para as atividades de ensino, manifestar sobre a validação de disciplinas cursadas em outros estabelecimentos ou cursos, para fins de dispensa, conhecer dos recursos dos alunos sobre matéria do curso, inclusive trabalhos escolares e promoção e, aprovar a relação dos alunos aptos a colar grau.

O curso de Graduação em Administração da UFMS tem por objetivos,

[...] formar profissionais, liberais ou não, para, planejar, organizar, dirigir e controlar o funcionamento e o desenvolvimento de organizações públicas e privadas, através do exercício de atividades técnicas, de funções e cargos de Administrador, de

funções de chefia ou direção, intermediária ou superior, de assessoramento e consultoria e o magistério em matérias técnicas do campo de administração e organização. (Disponível no site: <http://www.ufms.br/ensino/deptos/DEA.HTM>. Acesso em 05 abr. 2008).

Portanto, é este o curso de formação em Nível Superior que nos interessa por ser o que deve propiciar as condições teóricas e práticas para o desenvolvimento e instrumentalização da criatividade, no sentido de contribuir para a entrada e permanência do futuro trabalhador no mercado de trabalho. Estes, conforme as proposições teóricas dos atuais defensores da “gerência de conhecimentos” seriam aqueles profissionais que administrariam a aplicação da criatividade dos trabalhadores como sendo um dos aspectos no atual nível de desenvolvimento do modo de produção.

A transcrição da entrevista foi organizada como um texto corrido apenas para facilitar a localização das palavras e expressões, bem como, as suas marcações. Tal disposição facilita, também, a leitura recorrente necessária à análise e interpretação.

A leitura do *corpus* abaixo indicará, primeiramente, a qualidade do texto, o domínio da temática e a forma de enunciação do pensamento, oferecidos pelo entrevistado.

S1 – Bom/ a **preparação** e/ou **formação** que os **acadêmicos** recebem no **curso** para corresponder às **exigências** do **mercado de trabalho** é/ a **formação** que **eles têm** é a **grade**/, a **grade curricular** né/ que atende... que atende as **exigências** do MEC./ Agora **então eles têm**, são 4 anos,/ **eles têm formação**./ nos dois primeiros anos uma **formação** básica, **muito dela** na área de na área quantitativa./ **Eles têm** uma **formação** geral/ como **sociologia**, **filosofia**, **psicologia**, **contabilidade**/ e no terceiro, **eles têm Teoria Geral de Empreendimento**/ que é uma especialidade geral para o **Administrador** Econômico./ E no terceiro e quarto ano **eles têm** a **matéria profissionalizante**./ são as **matérias mais** voltadas para a **profissão** do **administrador**./ nas quais **eles têm** seis **disciplinas** optativas, que.../ essas **disciplinas elas** mudam de ano para ano e/ tentam dá uma... uma... uma... **formação mais** atualizada da **profissão**./ Agora se **você me** pergunta.../ **Então**, de um modo geral, **eu poderia te dizer isso**./ Agora, essa pergunta, ela também **poderia ser** entendida **assim**: correspondem as **exigências**.../ as **exigências** do **mercado de trabalho**?/ **Nós não... não... temos** no **curso** de **administração** um... uma ferramenta.../ **vamos pensar ele assim**./ o que, por **mim**, **poderia** até **ser feito** na minha **disciplina** que é quantitativa, de Estatística,/ dentro do **curso nós não temos** institucionalizado uma ferramenta para **saber** o que o **mercado está exigindo**./ **Eu não sei!**/ Até porque fica difícil,/ fica extremamente difícil,/ porque o **mercado** é.../ o **mercado** é... variável né!?!/ extremamente variável./ **Você vai ter** empresas que **vão exigir** uma determinada **formação**/ e outras empresas que **vão exigir** uma **formação** completamente diferente./ O que **a gente tem** primado é dar uma **formação mais generalística** possível,/ de maneira que **eles possam** depois se acomodar às... à.../

possam **ter** uma **formação mais geral**/ e aí quando o **mercado** pedir algumas **coisas mais** específicas,/ **eles**,/ com essa **formação mais geral**,/ **eles** **possam** se adequar.../ adequar-se ao **mercado**./ Essas **disciplinas** do terceiro e quarto ano, **elas** são **mais** voltadas para um **mercado de trabalho** nacional né.../ O que **você tem** nos últimos anos.../ **você tem**.../ (parou) Sobre as **matérias optativas eu** **posso** **te** responder o seguinte:/ por exemplo:/ é... **you** **te** dar alguns exemplos./ **Nós temos** é.../ **Comportamento Organizacional**, **Pesquisa de Marketing**, **Organizações de Recursos Humano**, **Administração e Produção de Materiais**./ Todas essas **disciplinas** são **disciplinas** específicas do **Administrador**,/ para a **formação profissional dele**/ e aí **estão** no terceiro e no quarto ano./ **Agora**, **elas não estão** sendo dadas para a realidade específica de Campo Grande, para Mato Grosso do Sul./ **Estão**.../ a bibliografia é geral, a nível de país,/ com o quê **a gente** tenta se adequar.../ a gente tenta adequar às coisas de Mato Grosso do Sul./ Por exemplo: esse semestre uma da **disciplina** que **a gente** **tinha**,/ **a gente** chamou toda a semana,/ **tinha** palestra com algum empresário da cidade./ **Então**, **eles** **falavam** de seus negócios,/ **eles** acharam bem melhor./ **Então nós** recebemos gente **aqui** do Comper,/ recebemos gente do Carrefour, da Coca-Cola,/ ou **seja**, gerentes desses lugares/ **falando** sobre a função do **administrador** e do desafio do **administrador** em cada um desses lugares./ **Então**, **eu diria** que a adequação,/ a mirada no **mercado de trabalho** atual,/ **tem sido** contemplada dessa forma./ **Eles** **têm** uma **formação** que **não é** a específica para a realidade de Campo Grande/ mas, acaba sendo uma **disciplina** que **a gente** traz gente para **poder falar** das peculiaridades da cidade **assim**./ O **trabalho** é plenamente **intelectualizado**/ ou **criativo**?/ **Eu**... **acho** que.../ quem se **sobressai no trabalho** é uma pessoa **intelectualizada**/ ou **criativa**/ mas, **eu** **acho** que.../ de um modo geral,/ **não é isso**./ As **pessoas** ainda **fazem coisas** muita burocrática né!/? **Muito** burocrático no sentido **assim**,/ **eu** **acho** que ainda **tem** **muita** mesmice no **mercado**./ Em nível de **administrador**,/ de **curso** de **Administração**,/ **acho** que **tem** **muito** **isso**,/ **muita** mesmice./ É claro que aquele cara que é extremamente **criativo**,/ aquele cara que... que... **teve** uma... uma.../ **tem** uma postura **mais intelectualizada**,/ aquele cara **está se sobressaindo no mercado**/ mas, a grande maioria é no batidão./ Aquele negócio que é.../ aquelas regrinhas ... daquelas regrinhas ainda./ É... ainda é **assim**./ Nossa!/ É claro!/ **Não**... **não**.../ **nós**.../ **nós**... **não estamos** numa situação em que a **criatividade** **está** se sobressaindo.../ Desculpa.../ a **criatividade**,/ **ela** se sobressai em casos,/ em **casos** é... excepcionais... excepcionais./ Também **acho**, também **acho**./ Acredito piamente nisso!/ Que as características **intelectuais** e de **criatividade** para o **trabalho** só **podem** **ser** aprendidas no ensino superior. /Na verdade,/ **a gente**, no **curso**... no **curso** de Métodos Quantitativos/ (parou) é.../ **eu** quando começo a minha **disciplina**,/ **eu** **trabalho** / **eu**... **eu**... **falo** para **eles** de dois livros que **eu** **acho** extremamente importante que **eles** leiam./ Um livro chama “Um Toque Na Cuca”, do Roger Von Oech que é um cara que **fez** Doutorado em Harvard e,/ ele dá consultoria para grandes empresas americanas,/ Macdonald,/ IBM.../ e, ele **trabalha** neste livro uma coisa chamada **criatividade**,/ que **você** **está** colocando aqui./ Exercícios para que **você** **possa** **desenvolver** a **Criatividade**./ Vários **deles** são:/ “faça o caminho da sua origem até o seu destino de

uma maneira diferente”./ “chegue em casa e feche os olhos/ e tente dirigir até seu quarto”./ “procure olhar uma determinada situação de outra forma”/.../ ou seja,/ são exercícios que **você desenvolve** essa habilidade de ver as coisas de outra maneira./ E outro livro que **eu falo** para **eles** é o livro chamado “**Pensamento Lateral**”./ de Eduardo Bonno,/ que **trabalha muito isso** aí,/ de maneira um pouco **mais** matemática./ **Você** vê as coisas de uma outra maneira./ **A gente tem** um costume na academia de **fazer** as coisas,/ **fazer** a análise em profundidade./ **Você vai** cavando um buraco, cada vez **mais** profundo/ e enxergando cada vez menos, né!/? E, ele **fala** que **se você** quiser **desenvolver** a **criatividade** **você tem** que... **você não tem** que **fazer isso**./ **você tem** que procurar olhar lateralmente/ o **mais** longe possível,/ fazer as inversões das diversas áreas./ **Então**, essa é uma coisa que, **a gente tem**/ de alguma forma.../ (parou) é.../ **então**, **eu** acredito piamente que essas são características que **você**.../ que a **criatividade** **pode ser desenvolvida**./ (A orientação que os **acadêmicos** recebem no **curso** de que o esforço **mais exigido** atualmente é o **intelectual**./ ou **criativo**/ para entrar no **mercado de trabalho**)/ **Eu acho** que.../ **eu acho** que.../ a... seria.../ seria **muita** pretensão **te dizer** que **a gente tem** uma.../ que **a gente tem** uma postura específica para **desenvolver** a **criatividade** no **curso** de **Administração**./ Não,/ **nunca**./ **Eu diria** que **a gente tenha**.../ **A gente tem** coisas isoladas/ como **isso** que **eu te falei**./ **mais** de sugestão do que de **formação**./ de cobrança./ **Eu** sugiro esses dois livros/ mas, o percentual de **alunos** que acabam vindo **aqui me** pedindo algum **deles** emprestado/ ou, vindo atrás, fica em cinco..., dois... quase **nada**./Entendeu?/ **Então** seria.../ seria... **muita**... **muita** pretensão **te dizer** que **a gente tenha** uma **formação** para a **criatividade**./ Agora,/ para este **mercado** em.../ **eu**.../ a maioria é **intelectualizada**./ **eu** **acho**, que aí sim,/ **eu acho** que, a própria **Grade Curricular** do **curso**/ e.../ e... as **exigências** que o **aluno tem** para **ser** aprovado em cada uma das **disciplinas**/ **faz** com que **ele tenha** uma.../ que **ele tenha** uma **formação mais**.../ **mais**... próxima do quê o **mercado está exigindo**, né!/? **A gente tem** que lembrar **assim**:/ **eu** sempre comento o seguinte:/ o **aluno** do **curso** de **Administração** da Federal,/ seja diurno, ou seja, noturno,/ é um **aluno** diferenciado./ Porque que é um **aluno** diferenciado?/ O vestibular este ano deu dezesseis para um,/ ou seja,/ dezesseis para um, é uma procura enorme.../ enorme!/ Por **mais** que o processo de seleção **não seja**, excepcional,/ **temos** algumas deficiências ainda no processo de seleção,/ como por exemplo:/ como uma **exigência** **muito** pequena na área quantitativa dos **nostros alunos**./ **A gente tem** a mesma.../ é o mesmo vestibular do pessoal de Letras,/ que são **formações** completamente diferente/ e, a.../ mas mesmo **assim**./ é um **aluno** **muito** bom!/ **Você** imagina **assim**:/ são 50 vagas,/ 16 para 1 quer **dizer** que **tem** 800 **pessoas** interessadas em **fazer** o **curso** de **Administração**./ ou seja,/ **então**... é uma belíssima.../ **você** acaba **tendo** ótimos **alunos**/ e, quando **você tem** ótimos **alunos**/ **eu** **acho**, que essa parte **intelectual** e... consegue-se **trabalhar** direitinho, né!/? **Eu** entendo que **criatividade** é **você dá soluções diferentes do que do que a maioria das pessoas dão**./ É.../ **vamos pensar** **assim**:/ não **sei** se **você** lembra aquela.../ **tem** uma brincadeira que se **faz** com uma fotografia,/ com um desenho de Jesus Cristo crucificado?/ A... cara dele, é... um negócio **assim**.../ uns tons de preto e branco que/ quando **você** olha para a figura,/ parece uma figura que **não viu nada**/ e, quando, **você** se aproxima da figura,/ **muito** próximo,/ e aí **vai** se afastando, a

imagem do Cristo **vai** se **formando** né!?! **Eu acho** que **criativo** é mais ou menos **isso**./ **Criativo** é.../ **criatividade** é quando **você** consegue **enxergar uma coisa que a maioria das pessoas não conseguem enxergar**,/ no sentido de **criar coisas**, né!?! Ser **criativo** é **isso**./ No sentido de... de... **criar coisas** do.../ **solucionar coisas que os outros não dão conta**./ **Pensamento criativo** é... é **você** constantemente **tá fazendo isso**!./ Ou seja,/ é **você** tá **pensando as coisas não da maneira óbvia/ que todo mundo tá pensando**./ **Você** tá **pensando de uma outra maneira/ de uma maneira mais eficaz/ mais interessante**./ O que **eu** entendo por **pensamento criativo** é **isso**./ Não./ **Eu acho** que o **trabalho** / **eu** acho que o **trabalho** do **curso**,/ a **Grade Curricular** de um **curso**,/ de um modo geral,/ **ela trabalha** muito mais é... para **dificultar** a **criatividade**/ do que para **desenvolver** **ela**./ Por que?/ Porque a **Grade Curricular/ ela tem** uma postura **assim/ acho/** que... meio... meio de... de tradicional né!?!/ De **você** perpetuar um determinado conhecimento/ e, ainda que as **coisas vão** evoluindo,/ no ano seguinte **você** **pode** adotar um livro diferente..., /um livro diferente e tal./ Mas, **eu** acho, que a **ementa dela**,/ que um **plano de ensino dela**,/ de um modo geral,/ o plano de ensino **não**,/ a **ementa dela**, né!?! **eu** acho que, **ela tem** um sentido **assim/ mais** de tolher a **criatividade**/ do que propriamente estimulá-la./ A menos que **você** **tenha disciplinas** voltadas especificamente para **isto**, né!?! Até **você** **falando** agora,/ **fazendo** essa pergunta,/ **me... me...** surge a idéia de que.../ quem **sabe/ poderíamos** buscar alguém lá da área de Psicologia, né!?!... pra dar uma **disciplina** optativa **aqui** no **curso**,/ no último ano,/ sobre **isso**,/ o Desenvolvimento de **Criatividade**./ Adotar,/ quem **sabe/** esses livros que **eu** **estou te falando**/ no sentido de **desenvolver...**/ **Eu acho** que **isso** dificulta o desenvolvimento **dela**./ É **um conhecimento** que **você** **tem/ de alguma forma/ adquirir**./ É **uma série de regras/ uma série de procedimentos que.../ o que se move**,/ o que se ensina no **curso**,/ é o óbvio, né!?! É aquilo que um **profissional tem** que **ter/ o mínimo que ele tem que ter pra conseguir é... atuar depois no mercado**./ (**Você** **acha** que se **tivesse** uma **disciplina** específica **você** **acha** que favoreceria?) **Eu acho** que seria um fator que favoreceria, né!?!/ **Eu acho** que seria./ Ou quem **sabe** até.../ ou quem **sabe/** até **nós** **temos** uma **disciplina** chamada Psicologia Aplicada à **Administração**,/ quem **sabe tem** um tópico da **disciplina** aplicada à **Administração** que **pudesse trabalhar** a **criatividade/ poderia**, como a **disciplina** é dada logo no primeiro ano,/ **ela** **poderia** estimular o **aluno** para que ao longo do **curso** **ele fizesse** **isso** de uma maneira **criativa**, né!?! É,/ **eu** **acho** que **ele** (curso) **prepara profissionais criativos/ intelectuais** para serem inseridos no **mercado de trabalho**./ **Eu não sei**!/ Que... quer **dizer**,/ **eu** **diria** que... um **profissional criativo**, não!/ O **curso** nunca **pensou** dessa forma./ Certo?/ **Então**, quando **você** **pensa** num **curso** de Graduação, normalmente é **pro cara ter...** o mínimo necessário para **ele** exercer a sua **profissão**./ Basicamente **isso**, né!?! É.../ de alguma forma **acho** que **a gente** acaba até delegando a responsabilidade ao **aluno**,/ de que **ele** seja um diferencial,/ de alguma forma,/ que **ele** se vire na diferenciação que **ele** quer **fazer** do **mercado**./ Não **tem nada** no **curso** especificamente para que **ele** seja **criativo**./ (As maiores barreiras à integração e/ou ingresso e permanência do recém **formado** pelo **curso** no **mercado de trabalho**) **Nossos alunos aqui tem** uma

situação **muito** peculiar./ Que **é** o seguinte:/ os **alunos** do noturno,/ quase que a totalidade **deles** ,/ estagiam já desde o segundo ano do **curso** ./ **Eu** ,/ para **você** **ter** uma idéia,/ nos dois últimos anos,/ **eu** **tenho** sido procurado por empresas para que **eu** sugira **alunos** pra... pra... estágios,/ e **não** consegui um./ Todo mundo **está** **fazendo** estágio./ No diurno, **muita** gente também **faz** estágio,/ **mais** da metade./ É... **isso** .../ **isso** **faz** com que quando o **aluno** termine, ou **ele** seja já incorporado pela empresa né!? E continua incorporado aí pela empresa/ **é** .../ ou que **ele** **vá** **fazer** mestrado tal./ Já **temos** agora alguns **alunos** aí que... que... **estão** **indo** atrás de... de... mestrado./ Então, **não** .../ **não** .../ **não** **saberia** **te** **dizer** se **tem** **muitas** barreiras para **eles** conseguirem **trabalho** , né!?!/ O que **eu** **sei** **é** .../ **eu** **fiz** uma pesquisa, o ano passado,/ com os **alunos** de **Administração** ./ **eu** **fiz** uma pesquisa.../ há 4 anos atrás/ com **formandos** em **Administração** da minha **disciplina** ./ **A** **gente** colocou os **alunos** para ir atrás./ Aí, **eu** **fui** lá na PREG./ peguei a lista **dos** **caras** que **tinha** **formado** ./ desde quando começou esse **curso** **aqui** na Universidade./ **Tinha** lá, o endereço **deles** antigo e tal/ e **a** **gente** **foi** atrás **deles** ,/ para **saber** quanto **eles** **estavam** ganhando,/ se **tinham** **feito** alguma Pós-Graduação,/ se **eles** demoraram **muito** para serem inseridos no **mercado** ./ Bem,/ constatamos que a Universidade **não** **tem** preocupação **nenhuma** com o egresso./ O egresso - **é** egresso o **cara** que terminou, né?! – **Nenhuma** ./ Os cadastros, completamente desatualizados/ **é** ... completamente desatualizados./ **A** **gente** conseguiu contactar 40% **dos** **caras** que já **tinham** terminado./ A.../ e vimos que **isso** **não** era só na **Administração** ./ Por exemplo:/ **eu** orientei **aqui** uma dissertação de mestrado na área do leite e na área de cultura de corte,/ **a** **gente** perguntava o papel de algumas Instituições nessas duas cadeias./ E a Universidade Federal, as Universidades, **estão** nas duas cadeias./ **Nós** **temos** uma cadeia de frango, né?! De cultura de corte/ e uma cadeia de leite./ E **elas** **estão** lá para quê?! Para a **formação** **profissional** ./ Ta!/ Que bom!/ Já que **elas** **estão** lá.../ **estão** lá para **formação** **profissional** ./ **então** ,/ **nós** **podemos** perguntar para a Universidade o seguinte:/ os seus **profissionais** **estão** **trabalhando** nessas cadeias produtivas?! **Eu** **não** **sei** !/ **Eu** formo Zootecnista **aqui** / mas, **não** **sei** onde **ele** **está** **trabalhando** ./ Não há uma preocupação com o egresso./ **Eu** formo Biólogo e Bioquímico e **não** **sei** onde **ele** **está** ,/ ou seja,/ **não** há... **não** há uma preocupação com o egresso./ Como **não** há uma preocupação com o egresso,/ o que **você** **tem** são informações **assim** , esporádicas,/ de egressos que vêm **aqui** ,/ que nos ligam,/ que encontro na rua/ e **falam** :/ “ah! Professor!/ **eu** **estou** **trabalhando** aqui, acolá”,/ mas **não** ,/ se **eu** **fosse** **ser** **muito** sincero,/ **eu** **não** **saberia** **te** **dizer** ./ A sensação que **eu** **tenho** ./ por conta da **criatividade** ,/ de **pessoas** **fazendo** estágios,/ por essas informações esporádicas,/ **é** que **eles** **não** **estão** **tendo** **muita** dificuldade,/ o **aluno** de **Administração** da Federal,/ em conseguir colocação./ Bom,/ naquela pesquisa **a** **gente** também notou **assim** ,/ que 40% dos **alunos** **não** **estavam** **mais** **trabalhando** com a **administração** ,/ **estavam** **trabalhando** com outra área/ porque essa **é** uma outra realidade interessante./ **Aqui** **tem** **muita** gente que **faz** **Administração** **aqui** / e **faz** outro **curso** .../ **curso** ,/ ou seja,/ **ele** **faz** **Administração** e Direito,/ **ele** **faz** **Administração** e Turismo,/ **ele** **faz** **Administração** e

Matemática,/ **ele faz Administração** e outra coisa, né!?!/ Acaba **tendo** um percentual grande de **alunos** que **está fazendo Administração** e outro **curso**.

Inicialmente apenas as palavras foram enumeradas, resultando no destaque dos registros de até cento e dezenove (119) incidências. Entretanto, numa consideração posterior, decidi por tomar também algumas expressões como caracterizadoras dos núcleos em torno dos quais as perguntas e respostas foram elaboradas a partir da temática. As expressões não puderam ser reduzidas às palavras, ainda que possam ser categorizadas sob uma referência conceitual. O quantitativo se mostra alto porque estou lidando com toda a entrevista, que só foram determinadas no final da localização de todas as palavras-núcleos.

Registrei os núcleos apresentados a seguir, caracterizados pelas incidências próprias e de sinônimos no discurso:

1) No que se refere à formação específica, como exigência feita ao trabalhador para entrada e permanência no mercado de trabalho formal foram emitidas cento e dezenove (119) referências, tanto sobre o próprio Curso de Administração como se referindo aos aspectos específicos deste. Foram: disciplinas / disciplina / grade / grade curricular / sociologia / filosofia / psicologia / contabilidade / Teoria Geral de Empreendimento / matéria profissionalizante generalística / formação geral / Comportamento Organizacional / Pesquisa de Marketing / Organizações de Recursos Humano / Administração e Produção de Materiais / ela / muito dela / ementa dela / profissão / formação profissional / preparação / plano de ensino dela / elas / profissionais / formações formando / formandos / formado / prepara / matérias / matérias optativas / curso / ele / aqui.

2) O verbo ser, que liga o atributo ao sujeito, mas que também indicou o que tem existência real, o quê existe; foi utilizado em cento e seis (106) emissões, sob diferentes formas de conjugação: É / ser / seja / sendo / são / era / seria / sido / serem.

3) No que se referia ao próprio entrevistado e que o indicava como sujeito que elaborava o discurso, registram-se setenta e nove (79) referências, através das palavras: **Eu** / **me** / **mim** / **a gente**.

4) Expressando a relação necessária com os alunos, própria das condições do trabalho acadêmico, os alunos foram focados setenta e cinco (75) vezes, com as expressões: **Acadêmicos** / **alunos** / **aluno** / **eles** / **ele** / **dele** / **deles** / **dos caras** / **pro cara** / **o cara** / **o egresso** / **egressos** / **pessoas**.

- 5) O verbo ter, seja como indicador de posse ou de situação, foi mencionado setenta e três (73) vezes nas formas: Tem / têm / tenha / tendo / temos / tenho / ter / teve / tinham / tinha / tivesse.
- 6) Já os pronomes Você / te/seu / seus / sua tiveram cinquenta (50) emissões. Nestas não estão computadas a sua utilização na referência ao próprio entrevistado.
- 7) Seja como advérbio ou substantivo, a negação aparece em quarenta e quatro (44) emissões, como: Não / nada / nunca / nenhuma.
- 8) Seja como advérbios, pronomes, adjetivos ou substantivos, as palavras mais / muito / muitas / muita foram citados quarenta e uma (41) vezes.
- 9) A menção explícita à criatividade, ocorreram trinta e seis (36) incidências, como: Criativa / criativo / criativos / criatividade / dela / la / ela / isso / isto / criar coisas. Porém, o processo criativo e as suas expressões forma referidos por expressões destacadas no item 18 abaixo.
- 10) O verbo fazer e suas conjugações: fazer / fazem / faz / fazendo / fiz / feito / fez / fizesse, se reportaram tanto á construir ou produzir intelectualmente como para se referir à aplicação das formas e faculdades humanas para alcançar um determinado fim. Tiveram quarenta e sete (47) emissões.
- 11) O substantivo trabalho e o verbo trabalhar, sob as formas de trabalhando / trabalho / coisas / trabalhar / trabalha se apresentam, também, em quarenta e sete (47) emissões.
- 12) Como verbo transitivo direto, utilizado como sinônimo de pensar, considerar tenho vinte e cinco (26) emissões as palavras: acho / acha / acharam.
- 13) O verbo predicativo estar foi utilizado nas formas está / estou / estavam / estão / estamos vinte e cinco (25) vezes.
- 14) O substantivo **administrador** / **administração** foi citado vinte e quatro (24) vezes.
- 15) O verbo transitivo direto dizer foi utilizado de forma afirmativa ou para declarar sobre si, como: Dizer / diria vinte (20) vezes.
- 16) Já na forma intransitiva de expressar-se o verbo utilizado foi falar, com as seguintes conjugações: falavam / falando / falar / fala / falam / falo / falei, e também totalizaram vinte (20) emissões.
- 17) Já o substantivo que se refere a qualquer situação em que compradores ou vendedores em potencial entram em contato com outro para negociar a força de trabalho foi mencionado abreviadamente ou na sua forma extensa, como mercado ou Mercado de trabalho, dezessete (17) vezes.
- 18) No que se refere à concretização da boa formação para o mercado de trabalho, as suas conclusões foram manifestadas nas expressões que se seguem, e estas indicaram que o

entrevistado considerou a criatividade como um de seus requisitos, mas que não é ensinado sistematicamente no Curso de Administração Sobressai no trabalho / está se sobressaindo no mercado / dá soluções diferentes do que do que a maioria das pessoas dão / enxergar uma coisa que a maioria das pessoas não conseguem enxergar / isso / solucionar coisas que os outros não dão conta / pensando as coisas não da maneira óbvia que todo mundo / pensando de uma outra maneira / de uma maneira mais eficaz, mais interessante / um conhecimento / uma série de regras / uma série de procedimentos que... / o que se move / tem, de alguma forma, adquirir / o mínimo que ele tem que ter, pra conseguir é... atuar depois no mercado dezessete (17) vezes.

19) Na mesma proporção, dezessete (17) vezes, tenho o verbo transitivo direto poder / poderia / podem / pode / poderíamos / podemos / pudesse / possam / posso / possa.

20) Ainda constato o verbo transitivo direto, se referindo a ter conhecimento, ciência ou compreender, ou ainda perceber como sei / saber / sabe / saberia com dezesseis (16) vezes.

21) Expressões relativas ao verbo ir foram mencionadas nas formas: Vai / vão / vou / vá / vamos / fui / foi / fosse / indo, quinze (15) vezes.

22) Na forma de pronome demonstrativo, isso que teve a mesma proporção de quinze (15) menções.

23) O advérbio Assim foram expressos quatorze (14) menções.

24) Também sob a forma adverbial, então teve doze (12) ocorrências.

25) O substantivo e o verbo referentes a impor a obrigação, dever: exigências / exigência / exigindo / exigir / exigido foi mencionado onze (11) vezes.

26) Também o pronome pessoal que funciona como sujeito do predicativo e regime de preposição nós / nossos / nossa; foi emitido onze (11) vezes.

27) O verbo transitivo direto e o substantivo referentes a fazer com que progrida, aumente, melhore, se adiante: desenvolver / desenvolve / desenvolvida / desenvolvimento foram mencionados dez (10) vezes.

28) Também, o substantivo e o verbo relativos a avaliar pelo raciocínio; julgar, imaginar: pensar / pensamento / pensa / tá pensando / pensou teve dez (10) emissões.

A partir destas marcações das palavras que foram mais mencionadas no discurso, busquei verificar como o entrevistado considerava se havia repercussão no Curso de Administração da exigência de que o trabalhador apresente criatividade para se inserir ou manter-se no mercado de trabalho.

O primeiro aspecto que se destaca é a ausência de palavras e expressões que denotem a emoção. S1 elabora o seu discurso em termos racionais, buscando a expressão de seu pensamento baseada nos significados. Só percebe-se a influência da reflexão promovida pelo diálogo inerente à entrevista em dois aspectos: o primeiro se mostra nos titubeios e lacunas na elaboração do discurso. Sobre este inferi que se deveu a ausência de reflexão anterior sobre as temáticas, o que lhe acarreta preocupação devido à função de Coordenador. Esta função pressupõe que o seu ocupante zele pelos aspectos didáticos e pedagógicos do curso e, quando se vê confrontado com indagações sobre a adequação da formação, os seus sentimentos se manifestam, naturalmente, contraditórios: mostra que o curso é adequado por atender às exigências formais e pelos resultados que ‘parece alcançar’, devido ao desempenho dos alunos e egressos; mas também não sabe se é adequado e contempla as características necessárias, pois não há a captação ‘por algum instrumento’ da demanda do mercado e um outro instrumento, a pesquisa que realizou, mostra que um percentual significativo não trabalha na área.

O segundo aspecto diz respeito à formação dos alunos. Sobre este inicia o discurso dizendo que a estrutura curricular garante a formação necessária para o trabalho, depois mostra dúvidas quanto a isso porque reflete sobre as características da profissão e a caracteriza como ‘burocrática’, organizada sobre normas e regras, que se repetem no ‘batidão’. Num terceiro momento, como que demonstrando um esforço para superar o sentimento de desconforto pelas constatações depreciativas sobre o curso e a profissão, expressa uma reelaboração das afirmações anteriores através da frase mais carregada de sentido da entrevista: “É... ainda é assim! Nossa! É claro!/ Não... não.../ nós.../ nós... não estamos numa situação em que a criatividade está se sobressaindo”.

Foi a partir desse enunciado que altera a reflexão sobre o curso e a profissão. E que indica a formação no Ensino Superior como promotora das características próprias para o trabalho intelectual e, por estas a manifestação da criatividade e dos desempenhos diferenciados. Inclusive em si mesmo: “Agora, para este mercado em... eu... a maioria é intelectualizada, eu acho, que aí sim...”.

Esta constatação lhe possibilitou reorientar sua análise e apresentar seu discurso sem mais titubeios e marcado por esta indicação valorativa, expressiva do sentido positivo que o trabalho intelectual, o pensamento produtivo e a criatividade têm. É também a valoração positiva atribuída ao aspecto intelectual do ensino e da profissão de administrador que lhe indica que na sua complexidade, o pensamento e o trabalho intelectual permitem abarcar os

vários aspectos que até então tinha percebido como dificultadores e minimizadores da profissão e do curso.

Considerando o pressuposto que as emoções e sentimentos estão na raiz do pensamento e das demais ações e operações que cada indivíduo elabora e desenvolve, será a partir dos aspectos afetivos e sentimentais acima apontados, mas sem expressão emocional dada por palavras; que poderei entender as análises empreendidas a seguir e, que se prendem mais aos significados, porém já impregnados por estes sentidos.

Nesta primeira abordagem do discurso, verifico, pela alta incidência das referências (cento e dezenove 119 menções) à estrutura curricular e às características pedagógicas do curso, feitas no item 1, descrevendo a formação específica oferecida aos alunos para que atendam às exigências para entrada e permanência no mercado de trabalho formal e sobre o próprio Curso de Administração, bem como, no item 18, (com 17 menções ao longo do discurso) quando registra os aspectos que os egressos e estagiários demonstram, como concretização da boa formação para o mercado de trabalho; que S1 busca, fundamentalmente, caracterizar o curso que coordena como aquele que contempla as exigências legais e pedagógicas emanadas dos órgãos encarregados de zelar pelo Ensino Superior no país. Seria a partir desta preocupação que o ensino seria ministrado, sem vinculação imediata com as demandas do mercado de trabalho ou com as características das empresas que poderiam vir a contratar os acadêmicos egressos. O que se depreende, ainda, nas manifestações explicitadas pelo núcleo de pensamento registrado no item 17, é que o coordenador considerou a criatividade como um dos aspectos característicos do desempenho dos alunos cursando e egressos, mas que ela não é ensinada sistematicamente no Curso de Administração.

Sobre essa constatação de S1, seu discurso é revelador do embate entre duas das perspectivas teóricas, apresentadas anteriormente, uma vez que ele oscila entre as idéias da criatividade ser inata e de ser aprendida. Indica a possibilidade de ser um atributo natural, pois não é ensinada nos cursos de administração e, tanto os professores como os alunos a manifestam nas suas atividades. Mas, também poderia ser ensinada, como um dos aspectos do pensamento intelectual, porque este é aprimorado e reorganizado durante o curso, através das diversas atividades oferecidas e exigidas. Poderia entender que opta pela segunda, pois ao final da reflexão promovida pelo diálogo estabelecido durante a entrevista propõe garanti-la aos seus alunos através de uma disciplina a ser ‘solicitada à psicologia’.

Tomando as considerações da teoria psicológica Socio-histórica sobre o processo de elaboração do pensamento, que no nível da formulação das idéias se processa como um monólogo condensado que, portanto, não necessita de explicitações referentes ao tempo e

nem ao espaço, já que o próprio sujeito que pensa sabe sobre o quê o faz; poderei apreender pela ordem e quantidade de emissões que organizaram os núcleos do pensamento indicados sob os números 2 até o 14, que S1 confirma a presença da criatividade no desempenho dos alunos e dos professores, uma vez que não contariam como muito mais que esta e as disciplinas ofertadas para fazerem os seus trabalhos, que acham que seja o de administrador. Independente das exigências atuais do mercado de trabalho, representado pelos empregadores.

Os núcleos posteriores, ao serem cotejados com o *corpus* do discurso, nos indicam que as manifestações de criatividade, que ele caracteriza com as expressões do núcleo 17, são atribuídas ao fato do curso prezar pela formação intelectual, pelo desenvolvimento do pensamento. O que os habilita, alunos e professores, a atenderem a qualquer necessidade do exercício da profissão. Tais certezas derivam das informações que recebe dos alunos estagiários e egressos indicando que é o pensamento intelectualizado que permite que se “sobressaia no trabalho, que se dê dá soluções diferentes do que do que a maioria das pessoas dá, leva-os a enxergar uma coisa que a maioria das pessoas não conseguem enxergar, que solucionem coisas que os outros não dão conta, pensando as coisas não da maneira óbvia que todo mundo, pensando de uma outra maneira, de uma maneira mais eficaz, mais interessante”. Tal entendimento se confirma quando ele se reporta ao fato de que estes desempenhos criativos são “um conhecimento, uma série de regras, uma série de procedimentos que” o aluno “tem, de alguma forma, adquirir” por ser “o mínimo que ele tem que ter, pra conseguir é... atuar depois no mercado”.

A partir desta primeira análise, passo a considerar os temas enunciados. Para tanto, analiso os episódios apreendidos nas elocuições que foram constituídos pelas palavras ou categorias que formaram os núcleos acima destacados, bem como as próprias frases enunciativas destacadas na exploração do texto discursivo. Portanto, oriento-me a partir dos seguintes aspectos:

- 1) O tipo de preparação e/ou formação que os acadêmicos recebem no curso para corresponder às exigências do mercado de trabalho.**
- 2) Como o Curso prepara e/ou forma trabalhadores intelectuais para serem inseridos no mercado de trabalho.**
- 3) O quê é entendido como criatividade e pensamento criativo e quais os fatores que favorecem ou dificultam o desenvolvimento da criatividade.**

Dada a hipótese e os objetivos que propus, vou me ater às condições subjetivas, que compõem as atividades individuais e o trabalho social realizado tanto na educação como na Administração de organizações. É que, de fato, a consciência orienta as manifestações produtivas e para entendê-las dependo de desvelar como os significados, determinados pelas condições sociais e históricas, participam e são alterados pela atividade dos sujeitos, construindo assim os sentidos individuais e orientando as interações.

Tanto que S1 se refere ao trabalho que desenvolve: educar, formar administradores; indicando que este é condicionado socialmente pelas exigências, normas e regras que orientam a composição da grade curricular, das ementas e pelo desdobramento operacional destas na forma dos planos de ensino. Porém, não apreende que estes indicam a exigência social, ou seja, aquilo que é o significado social do Ensino Superior e da formação de Administradores para a realidade atual, tomada como a expressão do mercado de trabalho.

No âmbito da sua elaboração subjetiva, este significado é determinante do sentido pessoal para a sua própria atuação, seja como professor ou como coordenador do curso e, portanto, tem o valor individual que o faz elaborar a idéia que já que os instrumentos administrativos e pedagógicos são um impedimento à criação, por serem conservadores, os alunos e professores são criativos porque o curso forma para desenvolver uma atividade intelectual. Neste aspecto confirma a proposição da Teoria Socio-histórica que explica o pensamento e a sua atividade intelectual como o instrumento que é criado e desenvolvido pelos homens para solucionar os seus problemas e, como tal, não pode existir sem a concorrência de processos criativos, que solucionam as problemáticas que ainda não têm as suas soluções organizadas e incorporadas na cultura.

Contraditoriamente, posso observar no desvelamento da idéia que percebo que a maioria das atividades exigidas pelo mercado de trabalho não requer a criatividade manifestada desta forma, mas apenas a capacidade de aprender e aplicar regras e outros conhecimentos normatizados. De maneira que aquilo que é realizado no trabalho, seja o educacional ou o do administrador não é “nada mais criativo”. Tanto que a criatividade, apresentada como forma de solução diferenciada dos problemas, é condição para que se “destaque, se sobressaia” no mercado de trabalho. Esta condição de destaque pela criatividade é mostrada por ele quando se refere às condições dos atuais alunos e dos egressos, que estão inseridos no mercado de trabalho.

Outro aspecto não explicitado no discurso desdobrado, mas descoberto na análise é que não sabe se o quê o mercado exige para a solução dos problemas é mesmo a criatividade, como a caracterizou ou apenas uma série de regras e fórmulas que devem e são ensinadas no

curso; as quais S1 entende ser o mínimo que o aluno tem que aprender, pra conseguir trabalhar depois. Portanto, a exigência feita ao trabalhador de que seja criativo nada mais seria que o desenvolvimento do pensamento, o pensamento intelectualizado, que tal como já mencionei, é o pensamento produtivo e criativo.

1) Como S1 apreende a educação e/ou formação que os acadêmicos recebem no Ensino Superior durante o Curso de Administração e a sua relação com as demandas do mercado de trabalho.

Basearei as análises, principalmente, no que indica quando afirmou que:

[...] eles tem é a grade, a grade curricular né, que atende... que atende as exigências do MEC.

Nós não... não... temos no curso de administração um... uma ferramenta, vamos pensar assim, o que, por mim, poderia até ser feito na minha disciplina que é quantitativa, de Estatística; dentro do curso nós não temos institucionalizado uma ferramenta para saber o que o mercado está exigindo.

[...] nós não temos institucionalizado uma ferramenta para saber o que o mercado está exigindo. Eu não sei!

Até porque fica difícil, fica extremamente difícil, porque o mercado é..., o mercado é... variável, né!? Extremamente variável. Você vai ter empresas que vão exigir uma determinada formação e outras empresas que vão exigir uma formação completamente diferente.

O que a gente tem primado é dar uma formação mais generalística possível, de maneira que eles possam depois se acomodar, às... a... possam ter uma formação mais geral e aí quando o mercado pedir algumas coisas mais específicas, eles, com essa formação mais geral, eles possam se adequar... adequar-se ao mercado.

A bibliografia é geral, a nível de país, com o que a gente tenta se adequar... a gente tenta adequar às coisas de Mato Grosso do Sul.

Eles têm uma formação que não é a específica para a realidade de Campo Grande, mas acaba sendo uma disciplina que a gente traz gente para poder falar das peculiaridades da cidade, assim.

Então, eu diria que a adequação, a mirada no mercado de trabalho atual, tem sido contemplada dessa forma.

Posso iniciar indicando que S1 percebe que a ausência de mecanismos de prospecção sistemática do mercado de trabalho, impede o curso de desenvolver um ensino que intencionalmente o vincule ao mercado. Com esta ausência de intencionalidade para contemplar o mercado, o curso se tornaria eminentemente produto do trabalho ideativo dos envolvidos. Confirma tais características ao longo do discurso ao indicar a falta de instrumentos para conhecimento da realidade do mercado de trabalho, das situações de trabalho dos alunos egressos e da própria realidade onde a Universidade se insere. Daí que, cursar o curso de Administração seria permanecer em um mundo ideal, no qual se lida com a 'percepção' de que o que ali se trata/ensina é o que o mercado quer, mesmo sem os dados desse mercado para apoiar ou indicar estas percepções.

No que respeita à função da educação para a construção de aspectos subjetivos individuais, sei que ela mantém funções instrumentais, porque é instituída para facilitar a sobrevivência dos indivíduos no meio em que seu grupo vive. Segundo Vygotsky (1984) é o ensino que possibilita a constituição de processos e funções subjetivas e os seus desenvolvimentos, que ocorrem pelo contato do indivíduo com o ambiente cultural, e se assim não fosse não ocorreria. Para explicar este processo que garante a intervenção sócio-cultural na constituição individual cria o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, que é a interferência de outros indivíduos para direcionar o desenvolvimento dos aspectos subjetivos conforme as exigências do meio. Ou seja, a educação é ação político-institucional, organizada conforme as necessidades sociais.

O pensamento é um dos processos psicológicos superiores que são desenvolvidos pela educação e depende da ação exercida na Zona de Desenvolvimento Proximal, tornando-se uma atividade psíquica que representa a realidade, mas mediada pela cultura. Assim, o pensamento é uma atividade que depende das experiências anteriores e compreende o resultado que se obtém do trabalho em conjunto dos órgãos dos sentidos, mas, integra sempre o nível superior de atividade psíquica, em especial a fala ou o discurso.

A mediação simbólica e a origem sócio-cultural dos processos psicológicos superiores são pressupostos fundamentais para explicar o funcionamento do pensamento. Ao longo do desenvolvimento humano, a interiorização da linguagem e dos conceitos e outros significados culturalmente desenvolvidos, levaram o pensamento a deixar de ser uma relação direta entre o indivíduo e o meio tornando-o mediado por conteúdos culturais.

A educação e o ensino nesta proposição são os processos fundamentais para a construção da formação dos seres humanos. E, neste sentido, coincide com a realidade porque os alunos e professores se tornam adaptados às condições atuais do mundo em que vivem,

inclusive ao mercado de trabalho para os administradores e por não questioná-lo. Assim, as percepções, os conhecimentos especializados e técnicos de S1 e dos demais professores podem substituir o pensamento racional de forma eficiente.

A partir dos enunciados sobre a temática da preparação que o Curso de Administração oferece e as suas vinculações com as exigências do mercado de trabalho, o entrevistado demonstra entender que o Curso de Administração não forma visando desenvolver aspectos particulares do pensamento intelectual, como a criatividade. Entretanto verifico na Análise que, ao considerar a estruturação didática e pedagógica do Curso, bem como os resultados atingidos, entende que ela permite ao curso formar bons administradores e aos alunos obterem desempenhos que os destacam no mercado de trabalho desde os estágios curriculares e extracurriculares. Posso depreender então que as atividades promovidas pelo Curso os fazem lidar com a realidade da profissão, conforme o quê o nicho do mercado de trabalho em que estes estão inseridos, tem exigido.

Quando considero que entendo a estrutura curricular e seus instrumentos operacionais como limitadores dos processos de pensamento, tais como a criatividade, fica mais bem explicitada a contradição presente na sua consciência sobre a relação entre o ensino que oferecem e o mercado de trabalho. Ele analisa a ambos como desconectados porque entende que no trabalho dos administradores, as atividades cotidianas mais amplamente solicitadas não exigem atividades do pensamento muito amplas para executá-las; uma vez que esta está condicionada e estruturada por regras e normas que organizam o planejamento e os controles necessários para a produção conforme a realidade infra e superestrutural. E, estas são aprendidas durante o curso.

Assim, sobre este aspecto, as várias contradições presentes no discurso de S1 podem ser explicadas, com base na sua entrevista, como se devendo ao fato de ter desconsiderado as condições sociais que incidem sobre a educação.

Apoiando-me em algumas destas condições, pude entender que o curso oferece uma formação generalista, pela qual os alunos conhecem a área em que devem trabalhar. Tais caracterizações do curso e dos conteúdos específicos enfatizados explicitam a subordinação aos determinantes sociais por se ajustarem às exigências do Ministério de Educação, desde a adoção do modelo de Diretrizes Curriculares para a organização do Ensino Superior brasileiro.

Entretanto, S1 não indica que apreende este significado social: o próprio curso já está configurado pela determinação política e econômica dada pelo atual momento histórico, que se caracteriza pelo novo ordenamento mundial da divisão do trabalho; no qual coube ao Brasil

o papel de “fornecedor de mão-de-obra” relativamente educada para as atividades de manufatura de produtos de acordo com maquinário automatizado e em cujo trabalho o administrador desempenha função de “gestor” dos propósitos e processos já estabelecidos globalmente.

Portanto, a formação oferecida pelo Curso de Administração abarca os conhecimentos mais desenvolvidos da cultura acumulada historicamente nesta área, mas, filtradas conforme a exigência do modo de produção e as características infra e superestruturais hegemônicas. E, como são apresentadas conceitualmente; exigem que os acadêmicos constituam e refinem seu pensamento conceitual de acordo com tais características e necessidades, mas sem revelar esta subordinação.

Este processo é explicado pela teoria Psicológica Socio-Histórica como uma das funções psíquicas desenvolvidas pelo ensino sistemático, tal como se dá na escola e cursos cujos ordenamentos promovem os processos e fornecem os conteúdos para o processo de articulação e desenvolvimento das consciências; pois constroem uma forma específica de entendimento e explicação do mundo, construída pela ciência moderna. No nível individual, refere-se à capacidade de sintetizar e generalizar aspectos da realidade. No caso do Curso de Administração, trata-se de ordenar, planejar a forma e os meios de produção, considerando as possibilidades e ou necessidades dos serviços e produtos a serem oferecidos.

Como os conceitos são sistemas de relações e generalizações contidos nas palavras, formados no processo de desenvolvimento histórico-cultural, ao longo do qual a atividade vai destacando, organizando e explicando a realidade em que se está inserido, de maneira a permitir a manutenção do grupo e a transmissão de seus conhecimentos às novas gerações; a educação tal como está institucionalizada para corresponder aos ditames sócio-econômicos contempla “naturalmente” o mercado. Ou seja, o grupo social no qual o indivíduo se desenvolve é que vai fornecer-lhe as explicações sobre os elementos encontrados no mundo real e os processos que os relacionam adequadamente para a sobrevivência de seus integrantes, considerados relevantes. No caso do atual período histórico, esta possibilidade está condicionada à hegemonia do capitalismo internacionalizado, que impôs as suas condições à formação sistemática.

Assim, por meio da relação que o indivíduo mantém com o meio físico e social (mediada por seu grupo) é que se constituem as suas várias atividades, nas quais, vivenciará experiências e construirá conhecimentos sobre o mundo a sua volta. Por isso e dado que a formação de conceitos é resultado dessas complexas atividades em que todas as funções intelectuais fundamentais participam; a educação por conceitos, tal como descrita no Curso de

Administração, promove o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores dos seus alunos e professores. Porém, de uma forma determinada: aquela que organiza o pensamento e as emoções sob os modelos considerados os mais adequados pela sociedade onde estão. O quê, neste caso, significa uma adequação das características individuais ao modo de produção capitalista, para o qual devem administrar.

Entretanto, é necessário que se empreguem os signos e as palavras para que as operações mentais sejam direcionadas para a solução dos problemas com os quais os indivíduos se defrontam e defrontarão. Portanto, considero que a própria organização do Ensino Superior, ao ordenar as disciplinas, apresentar as exigências de aprendizado e solução de problemas, promove os processos intelectuais necessários à solução dos problemas inerentes à Administração nesta sociedade. Assim, estes surgem e tomam forma no decurso das complexas operações orientadas para a resolução de problemas. Como para que este processo tenha início terá de surgir um problema que não possa ser resolvido de outra forma, a não ser pela formação de novos conceitos, as disciplinas com conteúdos voltados para a explicação da realidade do mundo e da administração integram o currículo para permitir tais problematizações. Se o ambiente não fizer com que os indivíduos se defrontem com tais tarefas, apresentando-lhes novas exigências que estimulem os processos da sua psique, defrontando-os com novos objetivos, os seus pensamentos não atingirão o desenvolvimento mais elevado, marcando as suas atividades como meras reproduções do aprendido.

Após um Curso do Ensino Superior, o indivíduo deverá atingir o desenvolvimento mais elevado, porém será no trabalho, que problematiza e exige a resolução de problemas concretos do dia-a-dia que se manifestarão em maior ou menor grau os processos intelectuais e a criatividade.

Aqui me defronto com o aspecto fundamental dessa nossa pesquisa, uma vez que, o trabalho no capitalismo já está devidamente ordenado, seja no modelo taylorista-fordista ou atualmente sob o modelo chamado de ohnista ou toyotista. E este é o modelo do trabalho social que tem pregado a necessidade de administração da aplicação de conhecimentos e processos intelectuais altamente especializados, ainda que seja o modelo que mais tem tornado metódico, racional e previamente estruturada a forma de realizá-lo e controlá-lo, devido a subordinação do homem à máquina que ele impõe.

Diante desta contradição, apenas tenho que recordar que o modo capitalista de produção não foi superado e nem a sociedade deixou de organizar-se conforme este. Continuo a viver com as divisões sociais por ela impostas e, dentre elas a que divide o trabalho entre intelectual e braçal. Nesta divisão, a administração se enquadra no trabalho intelectual e para

este o ensino escolar desempenha um papel de grande importância ao pautar-se no processo de formação do pensamento abstrato e pela transmissão dos conceitos científicos. Isto porque os conceitos científicos, diferentemente dos do senso comum, são elaborados a partir dos resultados da aplicação de métodos e técnicas científicas, próprios dos processos de pensamento abstrato, e são adquiridos por meio do ensino sistemático dos processos intelectuais para entendê-los, desenvolve-los e aplica-los; possibilitando aos indivíduos acesso ao conhecimento científico que foi construído e acumulado pela humanidade em qualquer momento da sua existência. Ou seja, o ensino bem sucedido não precisa oferecer todo o conhecimento necessário ao trabalho, porque ao desenvolver os processos subjetivos individuais capacita para novas aprendizagens e para a construção de soluções baseadas no pensamento produtivo.

Entretanto, para se explicar as formas mais avançadas de significação que são encontradas nos conceitos científicos Leão (1999, p. 38), fundamentada em Vygotsky, afirma que,

[...] o conceito implica uma relação simultânea com um objeto e com outro conceito. Com o desenvolvimento dos conceitos científicos o sujeito não só pode usar as palavras como indicativas dos objetos adequadamente em relação aos objetos a que se referem, como também pode operar com afirmações de equivalência lógica, não equivalência, implicação etc. [...] já não interessam tanto aqueles aspectos da organização lingüística para tomar parte nas relações descontextualizadas, isto é, em relações constantes entre diferentes contextos de uso.

Dessa forma, a formação de conceitos científicos tem importantes implicações para a educação e a instrução, mesmo que eles não sejam aprendidos já com seu conteúdo completamente formado. Mas, este será ampliado pela prática e os condicionantes do trabalho socialmente organizado, tal como S1 indica que se mostram pela atividade de trabalho dos acadêmicos nos estágios e no desempenho profissional.

É por estas características que S1 indica que a instrução recebida pelos alunos do curso de administração pode ser considerada como uma das principais fontes dos conhecimentos que necessitam para trabalhar com sucesso no atual mercado e, é também, uma poderosa força de orientação das suas evoluções; determinando o destino dos seus desenvolvimentos mentais e profissionais; ainda que o próprio entrevistado não domine o processo dessa construção e, portanto, não o pôde explicitá-lo, apenas mencionando-o intuitivamente, ao declarar o que representa como sendo as contribuições desse curso. Ou seja, as características subjetivas, a educação e o contexto social, no qual se inclui as

transformações do modo de produção, o planejamento e controle deste são relacionados ao conhecimento sistematizado, que é adquirido nas interações escolares, possibilitando novas formas de pensamento.

Durante o processo de educação formal, o sujeito parte de suas próprias generalizações e significados. A partir de seus conceitos, entra no caminho da análise intelectual, da comparação e do estabelecimento das relações lógicas, ou seja, raciocina, seguindo as explicações recebidas, reproduz operações lógicas novas para ele e generaliza-as na práxis.

Todo o processo de aprendizagem depende da significação, que é a generalização da realidade cristalizada e fixada na palavra ou locução, é a cristalização da experiência e da prática sociais da humanidade, pertencendo ao mundo dos fenômenos históricos e, neste sentido, é a forma sob a qual os seres humanos assimilam as experiências humanas generalizadas e refletidas. Assim, o Curso de Administração, na idéia de seu Coordenador, portanto, sem participação na consciência, mostra que tem conteúdos e organização estrutural adequados (conforme o MEC exige) para preparar os seus alunos para pensarem com os conhecimentos e processos exigidos pela sociedade em que estão inseridos.

Tanto que o Coordenador ‘pensa’, acertadamente, conforme a teoria psicológica que nos orienta; que a parte específica, profissionalizante do curso é garantida por recursos didáticos e pedagógicos contidos nas atividades dos professores e que se concretizam na ementa, na preparação das aulas e das disciplinas e que são registrados nos planos de ensino e nas escolhas das disciplinas optativas. Este conjunto de procedimentos organiza a atividade dos professores de forma sistemática e lógica e assim, influencia na organização das atividades subjetivas e objetivas dos alunos, guiando-as de maneira “científica”.

Porém, a falta do conhecimento acerca das determinações sociais sobre o processo de educação formal e dos condicionantes que estas impõem à formação da consciência e das Funções Psicológicas Superiores dos indivíduos, não permitiram a S1 apreender e explicar por que considera que o curso não propicia o desenvolvimento da criatividade e nem por que os alunos são bem sucedidos no mercado de trabalho.

Tais implicações da educação e/ou formação que os acadêmicos recebem no Ensino Superior durante o Curso de Administração e a sua relação com as demandas do mercado de trabalho, ainda merecem algumas explicações, que busco oferecer na seqüência.

2) Como S1 elabora a relação entre a preparação para o trabalho intelectual que o Curso de Administração oferece e a configuração do mercado de trabalho atual quanto à utilização de tal força de trabalho

Neste item vou me ater ao que demonstrou-me como os fatores favoráveis ou dificultadores do desenvolvimento dos aspectos do pensamento produtivo, como a criatividade, e se eles são necessários para o trabalho que o administrador executa no atual mercado de trabalho. Estes estão expressos, principalmente, nos seguintes enunciados:

[...] a Grade Curricular ela tem uma postura assim acho que... meio... meio de... de tradicional né! De você perpetuar um determinado conhecimento e, ainda, que as coisas vão evoluindo.

É aquilo que um profissional tem que ter, o mínimo que ele tem que ter, pra conseguir é... atuar depois no mercado.

Em nível de administrador de curso de Administração, acho que tem muito isso, muita mesmice. É claro que aquele cara que é extremamente criativo, aquele cara que... que... teve uma... uma... tem uma postura mais intelectualizada, aquele cara está se sobressaindo no mercado mas, a grande maioria é no batidão.

[...] quem se sobressai no trabalho é uma pessoa intelectualizada ou criativa mas, eu acho que... de um modo geral, não é isso. As pessoas ainda fazem coisas muita burocrática né... Muito burocrático no sentido assim, eu acho que, ainda tem muita mesmice no mercado.

Agora, para este mercado em... eu... a maioria é intelectualizada. Eu acho, que aí sim, eu acho que, a própria Grade Curricular do curso e... e... as exigências que o aluno tem para ser aprovado em cada uma das disciplinas faz com que ele tenha uma... que ele tenha uma formação mais... mais... próxima do que o mercado está exigindo né!? A gente tem que lembrar assim: eu sempre comento o seguinte: o aluno do curso de Administração da Federal, seja diurno, ou seja, noturno, é um aluno diferenciado. Porque que é um aluno diferenciado? O vestibular este ano deu dezesseis para um, ou seja, dezesseis para um, é uma procura enorme..., enorme!

[...] é um aluno muito bom! Você imagina assim: são 50 vagas, 16 para 1 quer dizer que tem 800 pessoas interessadas em fazer o curso de Administração, ou seja, então... é uma belíssima..., você acaba tendo ótimos alunos e, quando você tem ótimos alunos eu acho, que essa parte intelectual e... consegue-se trabalhar direitinho, né!?

Então, quando você pensa num curso de Graduação, normalmente é pro cara ter... o mínimo necessário para ele exercer a sua profissão. Basicamente isso, né!? É... de alguma forma acho que a gente acaba até delegando a responsabilidade ao aluno, de que ele seja um diferencial, de alguma forma, que ele se vire na diferenciação que ele quer fazer do mercado.

Já temos agora alguns alunos aí que... que... estão indo atrás de... de... mestrado. Então, não... não.... não saberia te dizer se tem muitas barreiras para eles conseguirem trabalho né!?

Nossos alunos aqui tem uma situação muito peculiar. Que é o seguinte: os alunos do noturno, quase que a totalidade deles, estagiam já desde o segundo ano do curso.

Todo mundo está fazendo estágio. No diurno, muita gente também faz estágio, mais da metade. É... isso..., isso faz com que quando o aluno termine, ou ele seja já incorporado pela empresa né, e continua incorporado aí pela empresa é..., ou que ele vá fazer mestrado tal.

A sensação que eu tenho por conta da criatividade, de pessoas fazendo estágios, por essas informações esporádicas, é que eles não estão tendo muita dificuldade, o aluno de Administração da Federal, em conseguir colocação.

Bom, naquela pesquisa a gente também notou assim, que 40% dos alunos não estavam mais trabalhando com a administração, estavam trabalhando com outra área porque essa é uma outra realidade interessante. Aqui tem muita gente que faz Administração aqui e faz outro curso... curso, ou seja, ele faz Administração e Direito, ele faz Administração e Turismo, ele faz Administração e Matemática, ele faz Administração e outra coisa né!? Acaba tendo um percentual grande de alunos que está fazendo Administração e outro curso.

Nesta temática pretendo destacar um outro aspecto, apontado apenas superficialmente nos itens anteriores: ‘Todo mundo está fazendo estágio, A sensação que eu tenho por conta da criatividade, de pessoas fazendo estágios, por essas informações esporádicas, é que eles não estão tendo muita dificuldade, o aluno de Administração da Federal, em conseguir colocação’. Com estas constatações S1 indica um outro fator ou ação social intencional para intervir no processo de formação.

Vou analisá-la a partir da indicação de Vygotsky que todo desejo pode servir de impulso para a atividade criadora do pensamento intelectual, mas que a necessidade e o desejo não criam por si só, pois são somente estímulos. É necessário que surja espontaneamente uma imagem que nos impulse, que coloque em movimento o processo imaginativo. Processo este que depende de alguns fatores como a experiência, a capacidade combinatória, o conhecimento técnico das tradições, modelos de criações, dentre outros, mas o mais importante é o meio ambiente que nos rodeia.

Portanto, a explicação de que os alunos buscam os Estágios desde o começo do curso, indica há a intervenção da experiência, do conhecimento técnico, das tradições e modelos de criações no processo de constituição das atividades do pensamento e das ações e

operações práticas. O que contempla as exigências da atividade do pensamento intelectual criativo, mas o moldam conforme as exigências do mercado de trabalho.

Esta condição se soma à própria educação profissionalizante inerente à organização do Ensino Superior praticado no Brasil há algumas décadas. Esta se apóia na idéia que os alunos devem ser preparados para serem absorvidos e bem sucedidos no mercado de trabalho e, portanto, cria as condições ‘imaginárias’ necessárias para que a consciência individual se configure conforme o reordenamento do curso.

No aspecto subjetivo, este conjunto de ações teóricas e práticas torna o processo da atividade intelectual bastante complexo, mas que pode ser analisado em termos psicológicos com as seguintes indicações: no início deste sempre encontro a percepção externa e interna que servem de base para as experiências, ou como ponto de apoio para as novas criações. Tudo o que vejo e ouço vai acumulando-se na minha memória e mais tarde utilizo para construir as fantasias.

Após esse complexo processo há uma preparação de todo o material acumulado, os quais permitem as associações e dissociações das impressões percebidas. Porém, a dissociação é condição necessária para o processo posterior da fantasia, mas no segundo momento quando esses elementos serão agrupados, os agrupamentos serão vinculados, ou seja, os elementos que foram dissociados e modificados tal como foram percebidos, serão reagrupados ou associados conforme as experiências individuais, que no caso da prática proporcionada pelos estágios os orientam pelo tradicional, normatizado e repetitivo.

Todo esse processo serve de base para o pensamento abstrato e para a compreensão das figurações. Momento posterior e definitivo do trabalho da imaginação – a combinação de imagens, a associação. Esse momento da atividade criadora só termina quando a imaginação for cristalizada em imagens externas. O que primeiramente se dá pela necessidade de adaptar-se ao meio ambiente, pelo sentimento, por isso a base de toda atividade criadora reside na inadaptação, tornando-se a fonte de seus desejos e anseios. Se o ensino teórico e o prático constroem elementos adaptativos, reduzem as ações e operações da fantasia e da criatividade em favor do estabelecido para a execução de ações e operações próprias dos processos atuais do modo de produção.

Segundo Vygotsky (1994) é o aprendizado que possibilita o estímulo dos processos internos dos seres humanos, a sua relação com o ambiente sócio-cultural em que vive e por isso a relação com o outro. No que se refere à função social e ontogênica da educação, para o seu desenvolvimento e aprendizagem é pela formação de conceitos por meio da Zona de Desenvolvimento Proximal, definida por ele a partir de dois níveis de desenvolvimento – real

e potencial – em que a distância entre o nível de desenvolvimento real que é determinado por meio de soluções independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial que é determinado pelas soluções de problemas com o auxílio e orientação de um adulto ou pessoa mais experiente.

Ainda segundo Vygotsky (1994, p. 113) para psicólogos e educadores o nível de desenvolvimento proximal é,

[...] um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método, podemos dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram contemplados, como também daqueles processos que estão em estado de formação, ou seja, que estão apenas começando a amadurecer e a se desenvolver.

Portanto, o aprendizado desperta processos de desenvolvimento, que, aos poucos, se consolidam como parte das funções psicológicas do próprio indivíduo. A Zona de Desenvolvimento Proximal liga o desenvolvimento do indivíduo com o ambiente sócio-cultural em que a interferência do outro é considerada a mais transformadora nesse processo.

O papel do professor é o de interferir na Zona de Desenvolvimento Proximal dos alunos para provocar avanços que não ocorreriam espontaneamente no aluno, promovendo seu desenvolvimento. É este processo psicológico que nos explica a idéia de **S1** que o curso é eficiente para atender as atuais necessidades do mercado de trabalho e, devo considerar ainda que este professor não apresentou críticas a atual situação social e, então, pode ser tomado como alguém que considera adequadas as suas exigências.

A educação, então, oferece as formas, métodos e técnicas de conhecimento e atuação, que alteram a forma de pensar: resolver problemas, ‘enxergar as coisas’, solucionar problemas..., mas que somente quando se está trabalhando é que mostram ou permitem que se saiba se atendem as exigências. Desta forma, confirma a proposição de Leontiev (1978) que só se conhece a necessidade, o motivo de nossa atividade quando o produto confrontado com a realidade objetiva e subjetiva mostra as suas qualidades e características, determinadas pelas possibilidades materiais do período histórico. Mesmo que quem concebeu e executou o processo até o produto final, não o tenha feito considerando a realidade consciente e planejadamente.

Por isso, as atividades humanas são consideradas como formas de relação do homem com o mundo que são dirigida por motivos e fins a serem alcançados. Nestas o homem orienta-se por objetivos e age de forma intencional, por meio de ações planejadas, e este é um traço que distingue o homem dos animais.

Nessa atividade, que ocorre num sistema de relações sociais e de vida social, o trabalho ocupa lugar importantíssimo para tal, já que as atividades mentais internas surgem das atividades práticas, que são desenvolvidas na sociedade humana baseando-se no trabalho e, são formadas no curso do desenvolvimento de cada geração.

Portanto, a idéia de atividade é baseada na concepção do ser humano como sendo capaz de agir de forma voluntária sobre o mundo, no sentido de atingir determinados fins. Esse processo é à base dos processos psicológicos superiores tipicamente humanos, os quais envolvem as relações entre indivíduo e mundo, mediadas pela cultura. Portanto, a interação social é fundamental para o desenvolvimento das formas de atividades de cada grupo cultural, pois, o indivíduo interioriza os elementos de sua cultura e assim, vai construindo seu universo a partir do mundo externo.

Tal processo mostra que S1 entende que o mercado tem exigido pouco e, nada além do que tradicionalmente se sabe e faz na prática de administrar, portanto confirma a hipótese de que as exigências dos empregadores não se referem à criatividade, mas de pensamento intelectual, produtivo. Pois se trata de administrar, mas sem alterar os processos de produção e nem impedir a suas organização dada pelo funcionamento das máquinas.

Confirma-se tal pressuposição quando o discurso demonstra que S1 se apóia no entendimento que a criatividade é desenvolvida pelos integrantes do Curso porque estes pensam intelectualizadamente. Tal como o pensamento intelectual é caracterizado por saltos qualitativos de um nível de desenvolvimento para outro. A evolução do pensamento intelectual é um processo constante que é impulsionado com a ajuda externa.

Como os aspectos formais, teóricos e metodológicos do curso são configurados pela orientação das Diretrizes Curriculares Nacionais que determinam, entre outras formas de vinculação com a realidade social, que os cursos atendam às demandas para o desenvolvimento regional, posso deduzir que a influência do trabalho, para os professores e da educação, para os alunos os transformam desde a suas bases materiais, sem que se perceba a sua ação cotidiana. Assim é porque a base orgânica da atividade reprodutora ou memorizadora é a plasticidade das substâncias nervosas. Os nervos e o cérebro, por possuírem esta plasticidade, modificam suas estruturas a partir da influência das pressões existentes no meio ambiente e guardam essas impressões, caso elas sejam fortes ou freqüentes. É dessa forma que o cérebro conserva as experiências adquiridas pelos seres humanos no sentido de facilitar a lembrança.

Apesar das atividades assim vinculadas à nossa memória reproduzirem normas e condutas já criadas e elaboradas anteriormente, sem criarem nada de novo; permitindo

somente repetir com maior ou menor precisão o que já foi vivenciado pelos seres humanos; estas formas de educação são importantes para o conhecimento do mundo que está a nossa volta, para a criação de hábitos permanentes, que serão repetidos em situações idênticas às vivenciadas anteriormente. Ou seja, no caso da educação formal, trata-se de ensinar o que já está sistematizado, de forma planejada e intencional para propiciar os conteúdos e processos psicológicos requeridos para o exercício profissional, tal como ele está configurado na sociedade, mas sem que isto precise ser declarado. Está contido na função histórica da educação.

Segundo Leontiev (1978, p. 88, grifo do autor) esta capacidade está na gênese da passagem à consciência, “[...] que é o reflexo da realidade, refractado através do prisma das significações e dos conceitos *lingüísticos*, elaborados socialmente”. Portanto, promove uma nova etapa, superior, do desenvolvimento psíquico do ser humano, que se dá apoiada no trabalho social, na linguagem e no emprego dos instrumentos de trabalho.

Ainda que saiba que a ontogênese não repete a filogênese, concordo que a preparação dos instrumentos e o domínio dos processos para o trabalho social promovem a atividade consciente sobre os aspectos da realidade e levam ao desenvolvimento da estrutura complexa de comportamentos, que servem para satisfazer as necessidades, tanto básicas como as sociais. Nesse aspecto a organização curricular e a preparação do ensino são mecanismos importantes para a formação da consciência dos alunos sobre o mundo do trabalho e o domínio dos instrumentos para trabalharem neste. Quanto a repetirem o que está sedimentado, é a condição para a manutenção da sociedade e dos seus modos de produção.

3) O que é entendido como criatividade e pensamento criativo e quais os fatores que favorecem ou dificultam o desenvolvimento da criatividade

[...] a ementa dela, que um plano de ensino dela, de um modo geral, o plano de ensino não, a ementa dela, né?! Eu acho que, ela tem um sentido assim, mais de tolher a criatividade do que propriamente estimulá-la. Eu acho que isso dificulta o desenvolvimento dela.

Todo mundo está fazendo estágio. No diurno, muita gente também faz estágio, mais da metade. É... isso..., isso faz com que quando o aluno termine, ou ele seja já incorporado pela empresa né, e continua incorporado aí pela empresa é..., ou que ele vá fazer mestrado tal.

Como não há uma preocupação com o egresso, o que você tem são informações assim, esporádicas de egressos que vem aqui, que nos ligam, que encontro na rua e

falam “ah! Professor! eu estou trabalhando aqui, acolá”, mas não, se eu fosse ser muito sincero, eu não saberia te dizer.

A sensação que eu tenho por conta da criatividade, de pessoas fazendo estágios, por essas informações esporádicas, é que eles não estão tendo muita dificuldade, o aluno de Administração da Federal, em conseguir colocação.

[...] dá soluções diferentes do que do que a maioria das pessoas dão. [...] é mais ou menos isso. Criativo é... criatividade é quando você consegue enxergar uma coisa que a maioria das pessoas não conseguem enxergar, no sentido de criar coisas né..., ser criativo é isso. No sentido de... de... criar coisas do... solucionar coisas que os outros não dão conta.

a criatividade ela se sobressai em casos, em casos é... excepcionais... excepcionais.

Estes enunciados do discurso do professor mostram que entende que é a criatividade individual dos sujeitos: alunos e professores, que permitem o ensino e a aprendizagem.

O S1 considera que a estrutura curricular é um recurso empregado para se alcançar o objetivo de promover a preparação e/ou formação de profissionais, no que se refere às suas características profissionalizantes, de domínio de instrumentos próprios da profissão; o que seria propiciado no trabalho de desdobrar um ‘projeto’ contido nas ementas em algo organizado através do Plano de Ensino. Dados os limites impostos pela grade curricular e pelas ementas, estes Planos cerceariam a promoção ou manifestação da criatividade, entendida como a possibilidade de “pensar as coisas não da maneira óbvia que todo mundo”, mas sim como “pensar de uma outra maneira”, “de uma maneira mais eficaz”, “mais interessante”.

Portanto, a atividade dos professores e alunos nas ações e operações próprios do ensino e da aprendizagem – consideradas por Leontiev (1978), como dependentes da necessidade, objetivos e, das características afetivas e emocionais individuais, estariam impedidas pela formalização da organização do trabalho acadêmico. Entretanto, sei que estas atividades promovem a relação dialética com a realidade material, infra-estrutural e superestrutural, proporcionam o desenvolvimento e a manifestação das suas características intelectuais e das capacidades laborativas; permitindo assim que busquem e expressem as suas necessidades objetivadas na forma como realizam os seus trabalhos intelectuais e não só pelo conteúdo que transmitem.

Este processo exige a atividade criativa, tal como é considerada por Vygotsky (1982), ou seja, como toda a realização humana criadora de algo novo. Esses processos são construídos pelo cérebro ou pelos sentimentos que se manifestam somente nos seres humanos.

Além destes fatores promotores de novos processos e funções nas consciências individuais, ao adotarmos a concepção do processo de constituição do sujeito como derivado das interações sociais, a atividade criadora é considerada um dos instrumentos psíquicos gerados para o atendimento das necessidades humanas e; portanto, constituída e mediada pelas condições materiais dos contextos históricos, sociais e culturais. Por isso, apreender no discurso de S1 que a preparação oferecida no curso de administração reflete esta dupla determinação na constituição dos alunos. Ela é instrumental para que atendam às suas necessidades e, justamente por isso, não seriam criativas: porque têm que reproduzir o que o mercado quer. Mas, é criativa porque a mediação do contexto cultural e socioeconômico é variável e os levam a utilizar os seus instrumentos de formas novas. Os alunos e professores são criativos porque elaboram um processo complexo para solução de problemas e tarefas, que se constituem conforme as suas necessidades individuais, ou seja, conforme têm que trabalhar.

Tomando o ensino e a aprendizagem como trabalhos, a criatividade durante o curso é o processo de solução de tarefas e problemas, os quais refletem a estrutura da atividade intelectual dos processos de pensamento dos seres humanos. Posteriormente, quando os alunos se inserem no trabalho produtivo dispõem das duas alternativas intelectuais: a utilização dos conteúdos mnemônicos e dos processos intelectuais que favorecem a reorganização e a criação de novos instrumentais para as suas ações.

Os resultados obtidos pelos acadêmicos, egressos e professores dependem do entendimento e solução de um problema e estes são propiciados pelo que S1 indicou como sendo “[...] aquilo que um profissional tem que ter o mínimo que ele tem que ter, pra conseguir é... atuar depois” no mercado. A utilização, a aplicação produtiva dos conhecimentos exige os processos do pensamento criativo, pois como ele se constitui na medida em que se precisa solucionar aquilo que impede o atendimento de necessidades, tem a sua gênese nos sentimentos, para daí desenvolver as atividades racionais. Este desenvolvimento compreende a reorganização de outras funções psíquicas, como sensação, percepção, atenção, que apreendem os conteúdos culturais e participam dos processos que elaboram o pensamento.

Como indiquei anteriormente, em termos processuais, a criatividade é a síntese dialética do antigo, dado como tese, com o novo, percebido como antítese, ambos movidos pela imaginação. Por isso, toda a atividade criadora depende do contexto socio-histórico e se manifesta em todos os aspectos da vida do indivíduo, onde não se apresentam separados, mas vinculados pela fantasia que expressa a reação emocional. É este processo que garante e, ao

mesmo tempo impede a apreensão da manifestação da criatividade nas atividades organizadas e planejadas. Ou seja, historicamente busca-se a racionalização do trabalho social e a minimização das manifestações emocionais, particulares. A impossibilidade de se alcançar plenamente tal intento com os seres humanos é que tem propiciado o desenvolvimento, tanto dos meios como dos modos de produção. Por isso, Vygotsky (1982, p. 7) chamou de atividade criativa “[...] toda a realização humana criadora de algo novo” e destacou que seus processos são construídos pelo cérebro e pelos sentimentos que vivem e se manifestam somente nos seres humanos, por dependerem da sua base bio-fisiológica e da linguagem do homem que “[...] lhe permite desligar-se da experiência imediata e assegura o surgimento da imaginação, processo que não existe no animal e serve de base à criação, orientada e dirigida.” (LURIA, 1991, p. 83). Assim se entende que a utilização da linguagem articulada, a constituição do pensamento e a aquisição do conhecimento permitem a cada indivíduo tornar-se capaz de criar porque permitem que as criações sejam passadas para as gerações seguintes, que as multiplicam e aperfeiçoam pelo trabalho.

Considerando as características do trabalho social em geral entendo que ele exige e promove a atividade criadora, tal como apontada por Vygotsky (1990), ou seja, como o trabalho que se realiza por meio de diversos processos psicológicos superiores, entre os quais se destacam:

- 1) a percepção de determinados aspectos da realidade e a acumulação, pela memória, dos elementos mais significativos para o indivíduo dentre a totalidade dos aspectos percebidos;
- 2) a reelaboração desses elementos através da fantasia, processo no qual estão presentes tanto a cognição quanto a vontade e o afeto, cujas influências nas combinações da imaginação se dão através da atração exercida pelo signo emocional comum; e, finalmente,
- 3) a objetivação do produto da imaginação, o qual, ao materializar-se na realidade, traz consigo uma nova força, que se distingue por seu poder transformador frente à realidade da qual partiu.

Logo, ao ser objetivado, pensada, a criação concretiza projetos imaginados pelo seu produtor. Desse modo, e apoiada nas explicações da Psicologia Sócio-Histórica apresentadas anteriormente, sei que a imaginação, ao condensar fragmentos diversos, oriundos da vivência social de cada ser humano, permite projetar o que ainda não existe concretamente, constituindo-se assim como condição para toda e qualquer transformação em diferentes esferas da realidade. A condensação é um dos processos de formação de toda idéia. A idéia é

o principal momento do pensamento, quando o monólogo interior considera todos os aspectos conhecidos envolvidos no problema a resolver.

Por isso, não posso definir a criatividade como algo inerente ao indivíduo, a possibilidade de criar é resultante de um aprendizado que ocorre ao longo da história de cada pessoa. Esta, por sua vez, é dependente do contexto social e, portanto, das condições concretas que dispõe o indivíduo para agir e conhecer o mundo, representando-o com a mediação dos signos (todo objeto, forma ou fenômeno que representa algo distinto de si mesmo), que são culturais. Estes são, também, os aspectos impeditivos da manifestação plena da criatividade nos processos de educação e trabalho tal como se apresentam organizados atualmente.

As linguagens aprendidas são o principal conjunto de signos da cultura de cada grupo, e a sua utilização exige o processo de criação para permitir a elaboração do pensamento e a transmissão do elaborado pelo pensamento na comunicação. Este processo, de acordo com Luria (1979, p. 100), é a codificação do pensamento no enunciado verbal, e implica na decodificação “[...] revelando-lhe o sentido interno”; o que só é possível quando se constrói uma estrutura explicativa, que não pode coincidir com o dado aparente. Dadas a baixa qualidade do domínio da cultura oferecido pela educação formal, instituição social encarregada desta transmissão, até o Nível Médio, e as características eminentemente técnicas, profissionalizantes do Ensino Superior são poucas as possibilidades da manifestação plena deste processo.

Porém, contraditoriamente, a criatividade ao se apresentar como um dos processos do pensamento produtivo, baseado nos recursos dos signos, se torna uma das formas específicas de atividade produtiva que,

[...] permite não apenas ordenar, analisar e sintetizar a informação, relacionar os fatos percebidos a determinadas categorias, mas também ultrapassar os limites da informação imediatamente recebida, fazer conclusões a partir dos fatos percebidos e chegar a certas inferências mesmo sem dispor de fatos imediatos e partindo da informação verbal recebida. (LURIA, 1979, p. 100).

E, esta peculiaridade é o que o trabalho organizado com os meios de produção automatizados e os recursos informatizados vai inibir. Ou seja, acatando a descrição geral da configuração atual do trabalho de Codo (2006, p. 88-89), sei que

[...]. O computador concentrou habilidades aos montes e as redistribuiu para todas as escrivatinhas, eliminando o trabalho repetitivo e exigindo de cada um o domínio de

todo o processo de trabalho do escritório. [...] Houve a eliminação do trabalho braçal, uma democratização de acesso à decisão e à tecnologia, e a tendência de que cada trabalhador faça o processo por inteiro, um alongamento do ciclo de trabalho. [...] O trabalhador ideal é o avesso do trabalhador ideal do taylor-fordismo: antes era preciso que os braços funcionassem quase que desligados do cérebro, da subjetividade; hoje cada movimento precisa recuperar seus nexos.

Entretanto, como descreveu Leontiev (1978), a estrutura da atividade humana distingue-se em três níveis, sendo: a atividade propriamente dita, as ações e as operações. A primeira se dá quando da satisfação de uma necessidade na atividade de trabalho; a segunda ocorre quando no processo de atividade o objeto e o motivo não coincidem, acarretando o que é denominado por este autor de ‘ação’.

É neste âmbito das ações, que são dirigidas por metas não estabelecidas pelos indivíduos envolvidos na atividade e no último, das operações, que se referem aos aspectos práticos da realização das ações; que as condições e os procedimentos para efetivá-las destroem a participação do pensamento produtivo devido ao processo descrito como inerente ao modelo atual que concentrou na informática e na robótica as habilidades humanas; eliminando não só o trabalho repetitivo, mas minimizando as possibilidades para que a maioria dos trabalhadores tenha o domínio de todo o processo de trabalho.

Tanto que o Administrador, ainda que atualmente seja descrito como ‘gestor do conhecimento’, também, só precisa, fundamentalmente, saber as regras e as normas e repeti-las. Isso se deve à forma de inserção do país no conjunto global da produção e consumo, pela qual não foi possibilitado nem a eliminação de maneira significativa do trabalho braçal e nem que o trabalhador encarregado das ações e operações intelectuais no trabalho, realmente, participasse das decisões e do domínio ou desenvolvimento da tecnologia. Este aspecto será mais bem apresentado e analisado ao nos dedicarmos à entrevista de S2, uma gerente de Recursos Humanos de uma empresa ‘globalizada’, que não consegue descrever o processo de produção que os trabalhadores executam e tem Nível Médio de escolarização; contrariando todas as indicações de quais seriam as exigências atuais do mercado de trabalho.

Estou atribuindo tais condições ao fato de que no processo de trabalho social, além da intenção, a ação também inclui seu aspecto operacional e este é determinado pelas condições objetivas para sua realização. E, também porque o processo pleno da atividade pode ser possível no ensino-aprendizagem, como indicou S1, mas não se dá no trabalho como se apresenta no Brasil, onde já está organizado e sistematizado externamente; porque devido às características deste momento histórico do capitalismo não se pretende que os aspectos de criação e inovação tecnológica e científica sejam desenvolvidos.

3.3 A ANÁLISE DO DISCURSO DO S2 – REPRESENTANTE DO EMPREGADOR

Neste item apresento o ‘corpus’ da entrevista realizada com a Chefe do Departamento de Pessoal e Relações Humanas da empresa, codificado neste trabalho como “S2”, e tomada como representativa por considerarmos a empresa que apresenta as características apontadas como das que adotam o novo modelo de gestão, conforme explicado por Drucker (2002), e, além de ser global e exigir a tal criatividade, além do fato de ser a nacional e a maior do mundo na sua área de produção.

A escolha desta considerou as condições de sujeito representativo por ser a pessoa que ocupa a chefia deste Departamento, portanto, a responsável direta pela contratação de trabalhadores para uma empresa e comércio de produtos e matérias primas relacionadas com a metalurgia em geral, a construção civil, a importação e exportação de matérias primas, produtos manufaturados, semimanufaturados, prestação de serviços técnicos relacionados com o comércio exterior e a promoção de produtos brasileiros no mercado estrangeiro; o comércio e a representação de insumos destinados à agroindústria; a prestação de serviços técnicos de engenharia, processamento de dados e intermediação de compra, venda e transferência de cereais.

Por ser este o cargo que a empresa dispõe na sua Unidade instalada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, para organizar e realizar a seleção, contratação, acompanhamento e avaliação de desempenho dos seus trabalhadores, e que, também, deveria propiciar as condições para o desenvolvimento e instrumentalização da criatividade dos trabalhadores, conforme a exigência para a permanência do mesmo na empresa.

A transcrição da entrevista também foi organizada como um texto corrido apenas para facilitar a localização das palavras e expressões, bem como, as suas marcações. Tal disposição facilita, também, a leitura recorrente necessária à análise e interpretação, como na entrevista com o S1.

A leitura do *corpus* abaixo indicará, primeiramente, a qualidade do texto, o domínio da temática e a forma de enunciação do pensamento, oferecidos pelo entrevistado.

São produzidos Silos para sistema de armazenagem de grãos, estruturas metálicas, estruturas portuária, instalações industriais como cervejaria, maltaria. Tudo o que é voltado para a indústria metal mecânica. O trabalho para a produção destes na empresa tem início na compra de matéria prima, né!?, É... no caso, começa. Que é a partir

da **estamparia**, que o processo **produtivo** começa, na **estamparia**, através das **máquinas**. As **máquinas** aqui da **indústria** são **todas**, é... **informatizadas**, **digamos** assim, **não** é bem essa a palavra, mas, **elas** são **todas**... é só colocar o **metal** lá dentro, apertar o botão e **ela** sai. Na/A **Empresa** são **todas** (as **máquinas**) definidas de uma forma *stand bye* – **produção** dentro do tempo, uma coisa assim. **Então**, **ela** é **toda**... é, quem **fez**, quem **inventou** todo o projeto colocou **ela** de uma forma que **ela** facilita o procedimento das **peças**. **Então**, cada **peça**, terminou (n)a primeira, **vamos** colocar 1, 2, 3, porque **eu** **não** **sei** o nome de **todas**. Terminou a **estamparia**, quando **ela** passa para o outro **setor**, **ela** já é uma **peça de encaixe** desse primeiro **setor**. **Então**, desde o começo até o final, **ela** passa por vários procedimentos até chegar na logística que, é, aonde é **feito** o... o... **vai** pro caminhão e exporta. **Vai** para a Unidade de Panambi, para exportação. **Então**, cada **peça** que é **produzida**, a partir de cada momento aqui, é como se **fosse** uma... uma... **peça de encaixe** mesmo. Cada **peça** que sai, **ela** **vai** se encaixando **na outra, na outra**, até chegar na logística, pronta, somente pra pintura. Antes da logística **tem** a pintura e aí já despacha. **Então** assim, o processo **dela** aqui dentro... quem **fez** o projeto, de quem **fez**... **foi** assim... **foi** bem **inteligente**. **Ele**... **ele**... **pensou**! Lá em Panambi é tudo misturado. **Então**, **vai** para um canto, depois **vai** pro outro lado da **Fábrica**, depois volta. **Então**, **ele** **pensou**! **Ele** **foi** **criativo**! **Então**, **ele** **pensou** em colocar uma **máquina** do lado da **outra**..., conforme o procedimento, o processo das **peças**, dos **silos**, no caso. Bom é..., diariamente **não** **Há** **necessidade** de processos **criativos** por parte dos **trabalhadores** para a **produção** destes, mas quando ocorre **algum**... **algum** **problema**, **alguma** coisa que **possa** atrapalhar no processo **produtivo**, **ele** **tem** que usar a **criatividade** para tá **achando** **alguma** saída para que **não**... **não**... emperre o processo. Para que continue! Até mesmo porque, as coisas aqui **têm** que, ser **muito** rápidas, senão pode acabar atrapalhando a entrega de um pedido ou **alguma** coisa parecida. **Então**, a **criatividade** se dá nesses momentos. Nem sempre, mas, **então** **eles** precisam **se** utilizar da **criatividade** quando surge **algum** imprevisto. **Eles** **tem** que **arrumar** uma saída. **Eles** **tem** que **ter** uma **idéia** que **possa** **consertar** esse **problema**, **sanar** esse **problema**. **Eu** entendo por **criatividade** que é assim: é uma **idéia** que **você** **tem**, uma **idéia** que possa ser utilizadas por outras pessoas, né?! **Você** **tem** que ser **criativo** nas suas **atitudes** **diárias**, a **idéia** que **você** **tem** é **algo** que deve **ser** **aceito** por outras pessoas, **algo** que seja **útil**, **digamos** um diferencial frente a uma decisão, é **uma** **forma** de **resolver** um problema de forma diferente, de forma rápida e inteligente, **criatividade** é **ter** **idéias** **distintas** das **convencionais**, **uma** **coisa** que vai ser aceita por outras pessoas é... Como que **eu** **posso** te **falar**?... Perai... **vamos** **pensar** aqui, **criatividade** é: ... **eu** **entendo** **isso**: **são** **idéias** que vão ser úteis para outras pessoas. **Vão** ser úteis dentro do processo, **vão** ser

criativos, vão ser alguma coisa... Você **vai** ter o pensamento mais rápido, assim, para ter uma idéia, pra resolver, pra dar andamento, para melhorar. Bom, pensamento criativo é exatamente isso! É... você ter essa habilidade de pensar rápido, achar uma saída, de ter uma idéia que vai ser apropriada pro momento. Inicialmente a exigência é ter os documentos em dia, é escolaridade, dependendo da função que ele for..., dependendo do cargo ou função que ele for exercer ele tem que ter um determinado nível de escolaridade. Por exemplo, no caso do Supervisor, ele tem que ter o Nível Superior completo. O perfil profissional mais adequado para atuação na empresa depende da função. Como aqui são diversas funções, então, o perfil tem que se adequar exatamente com o que vai desenvolver dentro da empresa. Concordo com a exigência de que os trabalhadores devem ser criativos feita pelo mercado de trabalho atualmente porque o... o... o funcionário, (se) ele já... ele tem criatividade, ele tem mais facilidade para trabalhar em equipe, pra resolver as coisas então, assim ele ajuda, ele facilita no dia-a-dia, no processo da empresa, nos processos de trabalho. Sim, existe na empresa um setor responsável pela criatividade na produção. A Empresa, ela já tem uma política interna né?! Temos nosso Setor de Recursos Humanos que faz essa parte de..., que é responsável por essa parte de criatividade. Então assim, desde que foi inaugurada, em 2004, ela tem esse setor responsável pelo desenvolvimento. A política interna da empresa em relação ao desenvolvimento de pessoal é que todos os colaboradores devem ser avaliados e treinados conforme necessidade, a empresa tem por foco capacitar profissionais e estimular o crescimento profissional e pessoal. Os treinamentos de RH são todos ministrado internamente, a empresa possui um amplo local destinado para cursos, palestras e treinamentos. O tipo de treinamento e pessoas envolvidas são selecionados pela consultora de RH na unidade de Campo Grande. Ela investe em criatividade. Ela investe através de treinamentos, cursos, palestras, enfim... Esse é o tipo de investimento que ela faz, né!? Os benefícios são exatamente o que eu te falei: ele... o trabalhador acaba ajudando no processo, porque ele recebe o treinamento e, através do treinamento ele consegue ter uma mente mais aberta para estar resolvendo os problemas que eventualmente possa aparecer; que sempre aparecem, não tem jeito. A empresa se beneficia quando investe no colaborador porque os treinamentos refletem diretamente no dia-a-dia da empresa, pois através de treinamentos ela estimula o colaborador a buscar novos desafios e atingir novos resultados e isso agrega um valor muito grande ao negócio. Eles se sentem valorizados por parte da empresa, que está investido neles como pessoa, se a empresa acredita que eles possuem potencial, isso ajuda no bem estar deles e isso reflete diretamente no processo de produção. Inclusive temos um programa interno onde os colaboradores que apresentam idéias criativas, são premiados. Isso

é um exemplo de como o colaborador treinado e com a “mente aberta” para novas idéias ajuda a empresa, tivemos várias reduções de custos por iniciativa dos colaboradores que mostraram novas formas de conduzir determinadas atividades. Não temos, na Região, recursos humanos criativos qualificados para as empresas! Nossa Região é bem carente dessa qualificação. Até mesmo a gente tem que... a gente contrata o colaborador. Eu utilizo termo colaborador porque tratamos a pessoa como “colaborador do processo produtivo” acredito que o termo “empregado” já está ultrapassado em algumas empresas privadas e, a gente, tem que fazer o treinamento. O trabalho rotineiro da função o próprio nome já explica - ROTINA – exemplo: é muito simples para uma pessoa que trabalha no carregamento de caminhões, no momento de receber o treinamento ele vai ser instruído a buscar as peças em determinado local e colocar no caminhão, isso é rotina, e no treinamento para a pessoa ser criativa ou utilizar a criatividade (ou qualquer outro treinamento) ele não fará somente esse procedimento operacional, ele pensará qual a melhor forma de transportar essas peças até o caminhão, qual a forma mais rápida para não desperdiçar tempo. O impacto?... Impacto e consequência, né? A consequência é que a empresa quando contrata, ela já tem que ter um determinado custo para treinamento desses colaboradores. Porque, eles vêm muito... muito cru, digamos assim, do mercado. Então, eles tem que ser treinado, tem que ter um determinado investimento e até mesmo um período pra ter o retorno deste investimento. Investir no funcionário e mesmo a gente ter um período de retorno. E os impactos, é justamente este! É a dificuldade pra encontrar mão-de-obra que tenha essas habilidades, essa criatividade. As barreiras é... as barreira..., as barreiras que a gente encontra é que eles não tem pré-disposição para estar participando dos cursos. A maioria acha que é bobeira, a maioria acha que isso não vai levar a nada. Mas, assim, o treinamento serve justamente para isso, para mudar essa idéia neles. Então, uma das maiores barreiras é a falta de interesse dos colaboradores em aprender sobre criatividade ou sobre motivação. No setor de RH através de ferramentas como, por exemplo, palestras ou vídeos/filmes tenta motivar os colaboradores, saber o que é motivação cabe à psicóloga – consultora de RH. Então, essa é a maior barreira que nós encontramos. Eu acredito que a formação Universitária ajuda muito teoricamente, mas na prática é um quadro totalmente diferente. Até mesmo para a permanência no mercado de trabalho. Porque a pessoa pode ser formada, mas se ela não tiver criatividade, habilidade se ela não é... buscar aperfeiçoar aquilo que ela foi formada, ela não consegue permanecer no mercado de trabalho e, até mesmo o ingresso. Talvez, quando você está lá dentro da Faculdade você... as portas estão abertas, mas a partir do momento que você sai, que você é formado, as portas se fecham. Então, você tem que ter a prática, juntar com a Faculdade, para

conseguir permanecer. Acredito que a falta de experiências criativas dos trabalhadores dificulta o ingresso e permanência no mercado de trabalho. Porque as empresas, elas estão cada vez mais exigentes. Então, uma das coisas que os consultores..., quem recruta quer que as pessoas seja criativa, até mesmo tem... quando você é contratado por algumas empresas, você passa por alguns processos que você tem que ser criativo, você tem que se destacar com toda as pessoas que estão concorrendo à vaga com você. Então, as empresas tão procurando isso, tão procurando funcionários criativos, eles tão procurando alguém que caminhe sozinho e que possa trazer idéias para a empresa porque, senão, se ficar só neles ali, eles não querem. Então, eles... eles tão buscando isso no profissional. Então dificulta muito não ter essa experiência criativa. Profissionais que possuem certa facilidade para inovar, para ser criativos, que tenham passado por experiências que agregaram valor como profissional, valores que podem ser aplicados em outras empresas. Não acredito que os trabalhadores estão desempenhando funções pelas quais não são pagos, se não tiverem criatividade para pelo menos tentar resolver problemas relativos ao seu setor ou terem idéias que ajudem a empresa, o que será desse profissional? Não que o profissional tenha que resolver todos os problemas inerentes ao processo, mas o que estiver ao alcance dele. Exemplo: eu trabalho no RH, mas sei configurar impressora, quando temos algum problema em relação a isso eu não solicito que venha um colaborador específico da área de informática para resolver o problema, eu mesma tenho a atitude de resolver, até mesmo ser for do colega ao lado, economizando assim tempo e deixando o pessoal da informática disponível para atender os problemas da produção, que é o mais importante, isso é um pequeno exemplo. Alguns exemplos das idéias que os colaboradores tiveram no programa que a empresa mantém premiando as melhores idéias (e nenhum deles está desempenhando funções além do que foram contratados, pois a idéia é referente ao processo diário que desempenham): IDÉIA: Suporte para polias - O Sr. A criou um suporte para colocar as polias na área de Máquinas de Limpeza. Este suporte contribuiu com organização do local de trabalho, com a conservação das polias que acabavam sendo danificadas por estarem expostas no chão da fábrica, e ainda contribui com a segurança dos colaboradores, pois cada polia pesa em torno de 90 kg e em caso de queda poderia causar um acidente de trabalho. Os senhores A e B, colaboradores da área de Pintura, somaram 3.200 pontos através da idéia: “Colocação de tampa sobre o tanque de imersão para evitar a evaporação”. A idéia gerou uma economia mensal de aproximadamente 2.600 litros de solvente (equivalentes a R\$ 8.100,00/mês).

Observo o mesmo procedimento de preparação do texto para a análise, iniciando com a marcação e contagem das palavras, o que resultou no destaque dos registros de até 86 (oitenta e seis) incidências, uma vez que estou mantendo o procedimento com toda a entrevista.

Também nesta entrevista tomo algumas expressões como caracterizadoras de núcleos, em torno dos quais as perguntas e respostas foram elaboradas a partir da temática. Principalmente porque estas expressões não puderam ser reduzidas a uma única palavra, ainda que possam ser categorizadas sob uma referência conceitual em que o quantitativo se mostra alto, tal como se pode observar a seguir:

- 1) No que se refere aos adjetivos e substantivos masculinos **trabalhador(es)** / **ele(s)** / **se** / **profissional(s)** / **empregado** / **funcionário(s)** / **pessoal** / **pessoa(s)** / **colaborador(es)** / **neles** / **dele(s)** / **ela** / **alguém** / **colega** / **sr(s)** / foram mencionado oitenta e seis **(86)** vezes.
- 2) **É** (50) / **ser** (13) / **será** (1) / **seja** (1) / **sendo** (1) / **são** (11) verbo que liga o atributo ao sujeito, mas também indicou o quê tem existência real, o quê existe. Com este significado, foi utilizado em setenta e sete **(77)** emissões.
- 3) O verbo **ter**, seja como indicador de posse ou de situação, foi mencionado cinquenta **(50)** vezes nas formas: **Tem** / **têm** / **tenha** / **temos** / **tenho** / **ter** / **tenham** / **tiveram** / **tiverem** / **tivemos** / **tiver**.
- 4) No que se refere à criatividade, ocorreram quarenta e sete **(47)** incidências, como: **Criativa(s)** / **criativo(s)** / **criatividade** / **criou** / **gerou** / **inventou** / **idéia**.
- 5) Sobre as organizações, um dos objetos principais sobre o qual versava o discurso as referências foram feitas pelos substantivos: **Indústria** / **indústria metal mecânica** / **empresa(s)** / **fábrica** / **ela(s)** / **eles** / **neles** / **outra** e foram citadas quarenta e três **(43)** vezes.
- 6) Como formação oferecida pela indústria no sentido de qualificar, treinar, capacitar os trabalhadores foi mencionado trinta e uma **(31)** vezes: **Treinado(s)** / **treinamento(s)** / **capacitar** / **cursos** / **palestra** / **qualificação** / **formação** / **instruído** / **formada(o)** / **aperfeiçoar**.
- 7) Ao se referir aos produtos e aos processos de produção da empresa, estes foram descritos como sendo: **Silos** / **sistema de armazenagem de grãos** / **estruturas metálicas** / **estruturas portuária** / **instalações industriais** / **cervejaria** / **maltaria** / **estamparia** / **metal** / **ela** / **peça(s)** / **peça de encaixe** / **na outra** / **dela**. Estes foram mencionados vinte e nove **(29)** vezes.

- 8) Processo(s) / procedimento(s) / forma como atos ou efeitos do processo de produção, foram mencionados vinte e três (23) vezes.
- 9) No que se refere à criatividade, os seus pensamentos foram manifestadas nas expressões que se seguem, e estas indicaram que o entrevistado considerou que criatividade é a idéia que você tem / idéia que possa ser utilizadas por outras pessoas / atitudes diárias / algo que deve ser aceito por outras pessoas / algo que seja útil / um diferencial frente a uma decisão / uma forma de resolver um problema de forma diferente, de forma rápida e inteligente / ter idéias distintas das convencionais / uma coisa que vai ser aceita por outras pessoas / eu entendo isso / são idéias que vão ser úteis para outras pessoas / Vão ser úteis dentro do processo / vão ser criativos / vão ser alguma coisa / ter o pensamento mais rápido / assim, para ter uma idéia / pra resolver / pra dar andamento / para melhorar / exatamente isso! / ter essa habilidade de pensar rápido / achar uma saída / ter uma idéia que vai ser apropriada pro momento. Estas diversas referências foram elaboradas em vinte e três (23) emissões.
- 10) Seja como advérbio ou substantivo, a negação aparece em vinte e duas (22) emissões, como: Não / nada.
- 11) Expressões relativas ao verbo ir foram mencionadas nas formas: Vai / vamos / foi / fosse / for / foram / venha, vinte e duas (22) vezes
- 12) Ao descrever a estrutura da empresa encarregada em desenvolver os aspectos objetivos e subjetivos dos trabalhadores para que desenvolvam os seus trabalhos, referiu-se aos: consultor de RH / consultor(es) / cargo / função(es) / supervisor / setor / Recursos Humanos, em vinte e uma (21) oportunidades.
- 13) E como advérbio significando como nesse caso o então teve vinte e uma (21) a mesma ocorrências.
- 14) O verbo fazer / faz / feito / fez / fará / feita / se referindo a construir ou produzir intelectualmente, se apresenta em dezoito (18) emissões.
- 15) Também as referências utilizadas para se referir à aplicação das formas e faculdades humanas para alcançar um determinado fim, o substantivo trabalho e o verbo trabalhar trabalho / trabalhar / trabalha, bem como a qualidade ou estado de ativo como significado no substantivo feminino: atividade; se apresentaram em dezoito (18) emissões, respectivamente.
- 16) No que se referiu ao próprio entrevistado, este se colocou como sujeito do discurso quinze (15) vezes, através das palavras: Eu / a gente.

- 17) O verbo predicativo estar no sentido de ser em um determinado momento, achar-se em certo estado ou condição foi utilizado nas formas está / estão / estar / estiver / estarem; quatorze (14) vezes.
- 18) As referências aos instrumentos práticos do trabalho realizado na empresa foram feitas pelas menções às **Máquinas** / **toda(s)** / **ela(s)** / **outra** (1), apresentando a mesma incidência de quatorze (14) vezes.
- 19) Seja como advérbios, pronomes, adjetivos ou substantivos mais / muito foram citados treze (13) vezes.
- 20) **Agum(uns)** / **alguma(s)**, pronome indefinido no sentido de um entre dois ou mais teve doze (12) incidências.
- 21) A atividade intrínseca da empresa foi citada onze (11) vezes, como sendo: Produzidos / produzida / produção / produtivo.
- 22) **pensar** / **pensamento** / **pensará** / **pensou**, **acha** / **achando** tanto com substantivo ou como verbo referindo-se à avaliar pelo raciocínio, julgar, imaginar tiveram dez (10) incidências.
- 23) **Investe** / **investimento** / **investido** / **investir** / **aplicados**, como ato econômico que visa obter ganhos e fazer aumentar a capacidade de produção ou o investimento de capital, foram citados (9) vezes.
- 24) Também o substantivo **problema(s)**, tanto no sentido de questões que dão margens à hesitação ou perplexidade, por difícil de explicar ou de resolver, como no sentido psicológico de conflito afetivo que impede ou afeta o equilíbrio psicológico do indivíduo e, também como questão de solução difícil, foi utilizado nove (9) vezes.
- 25) **resolver** / **resolvendo** / **consertar** / **sanar** / **arrumar**, foram os verbos utilizados nove (9) oportunidades para se referir as atividades de achar a solução de; explicar, esclarecer, aclarar, bem como no sentido de decidir depois de exame e discussão; deliberar a respeito e dar a solução.
- 26) Já o substantivo que se refere a qualquer situação em que compradores ou vendedores em potencial entram em contato com outro para negociar a força de trabalho foi mencionado abreviadamente ou na sua forma extensa, como **mercado** ou **Mercado de trabalho**, cinco (05) vezes.
- 27) O verbo transitivo direto foi utilizado de forma afirmativa ou para declarar sobre si, como: digamos e o verbo intransitivo na forma de expressar-se por meio de palavras como falar / falei foram citados cinco (05) vezes;
- 28) **valor** / **valores** / **valorizados**, no sentido de importância de determinada coisa foram citados quatro (04) vezes.

29) O substantivo e o verbo referente à impor a obrigação, dever: **exigência** / **exigente**, e, também, o pronome pessoal que funciona como sujeito do predicativo e regime de preposição **nós** / **nosso** / **noossa**; foram emitidos, respectivamente, três **(03)** vezes; nas mesmas proporções o verbo transitivo direto e o substantivo referentes a fazer que progrida, aumente, melhore, se adiante, tais como **desenvolver** / **desenvolvimento** e, ainda constato o verbo transitivo direto, se referindo a ter conhecimento, ciência ou compreender, ou ainda perceber como **sei** / **saber**;

A partir destas marcações do que foi expresso no discurso e privilegiando as indicações quantitativas daquilo que, ao ser mais mencionado, revela as idéias elaboradas pelo sujeito; passo a analisar como a entrevistada elaborou suas idéias e o discurso sobre a exigência de que o trabalhador apresente criatividade para se inserir ou manter-se no mercado de trabalho, a partir da sua própria experiência como chefe do departamento de Recursos Humanos de uma empresa que se apresenta como a maior do mundo no seu ramo de atuação.

O primeiro aspecto que se destaca e vale a pena fazer uma breve análise é sobre as expressões que denotam a emoção. Segundo Lubart (2007) a emoção está relacionada com as performances criativas e a expressão das emoções está relacionada às experiências pessoais, e, neste sentido, o que faz mover a produção criativa. Para Vygotsky (1982) o estado emocional está presente nos processos criativos assim, as imagens da fantasia servem de expressão interna para os sentimentos.

Já Leão (1999, p. 63), enfatiza que a emoção “[...] é constituída quando se realiza a objetivação do seu motivo que se construa a valorização social de sua atividade, tal como na atividade de trabalho, que apesar de estar socialmente motivada, é dirigida também por motivos tais como a recompensa material”. As emoções formam o reflexo psíquico de uma realidade imediata e a especificidade da emoção constitui em que reflete relações entre motivos – necessidades e a possibilidade de realização, com êxito, da atividade do sujeito, que responde a elas mesmas, ou seja, seu reflexo diretamente sensível de suas vivências, em que é demonstrada na entrevista com **S2** quando frisa que as idéias que os colaboradores tiveram no programa a qual a empresa mantém onde as melhores idéias premiadas, estas se referem ao processo diário das atividades desenvolvidas nesta empresa que venham a contribuir com a organização do local de trabalho e com a conservação da matéria para produção, o quê, por outro lado, contribui com a segurança dos trabalhadores.

Outro dado que nos chama a atenção nos indicadores é sobre o trabalhador, em que **S2** frisa sobre o discurso que é elaborado de acordo com a nova nomenclatura adotada na área

de gerência de trabalhadores: estes se transformaram em ‘colaboradores’ da empresa. Ainda que saiba que dentro da nova ideologia orientadora do pensamento, nesta área, tal denominação visa indicar que os mesmos participariam ativamente no processo de gerenciamento e produção; na verdade, ganha um caráter eminentemente ideológico. Como a própria entrevistada frisa, toda a orientação administrativa, da organização dos meios e processos do trabalho é definida independentemente da maioria dos trabalhadores. Estes são treinados para atender tais resoluções, seja para a execução das tarefas de produção, seja para ‘serem criativos’.

Assim sendo, o discurso sobre a necessidade de aplicação de criatividade ao trabalho este, se mostra verdadeiro para os níveis de direção, gerência e demais trabalhos intelectuais, como o planejamento da produção. Para os demais trabalhadores / colaboradores, a afirmação da necessidade de processos de pensamento que impliquem na imaginação, fantasia, ou iniciativas que reorganizem os meios e formas de produção e trabalho; são modos de mascarar a intensificação do trabalho e o aumento da geração de mais valia. Como ela própria vai afirmar ao explicar a diferença entre o quanto a empresa pagou aos colaboradores pelas ‘suas idéias criativas’ e o quanto ganhou ao adotá-las.

Porém, tomando a perspectiva socio-histórica, a entrevistada tenta mostrar a relação entre a organização do trabalho e os desempenhos humanos, na qual, com o passar do tempo, os trabalhadores foram capazes de reunir conhecimentos e tomar decisões baseados nelas e, com isto, vão entendendo o mundo a sua volta e realizando as mudanças necessárias para melhorar cada vez mais seu trabalho. Esta conclusão demonstra que, de fato, o trabalho constitui e orienta os conteúdos e processos da consciência. Porém, não a eleva ao nível da reflexão crítica.

Certamente, os seres humanos possuem capacidade para conhecer a realidade e interiorizar informações para tomarem decisões a partir delas, mas nem sempre estas capacidades fundamentais, se integram de forma a permitir a compreensão das possibilidades e conseqüências do desenvolvimento dos processos produtivos para si próprios e para os donos desses meios.

Esse processo produtivo, como já vi, são alterados nos diferentes períodos históricos devido à utilização de tecnologia na maquinaria e percebo que a aplicação da criatividade, também destacada como um segundo ponto no discurso de S2, no processo produtivo também foi um dos fatores que promoveram seus avanços, pois a cada crise, foi a contradição entre as necessidades sociais e individuais que geraram os avanços materiais e intelectuais.

Outro aspecto que, também, nos chama a atenção é que **S2**, ao referir-se aos trabalhadores como profissionais, empregados, colaboradores, no item 1, os diferencia. Afirma que a Região não tem recursos humanos criativos, qualificados para o trabalho, tanto que contratam colaboradores e utilizam o termo colaborador por ser uma pessoa que somará no processo produtivo, como posso verificar na sua fala ao tratar do processo de formação dos trabalhadores. Porém, sem a apreensão que o significado deste está vinculado às mudanças na organização da forma e dos meios de produção, se limita a destacar que esta denominação se deve ao termo ‘colaborador do processo produtivo’ indicado por **S2** devido ao “[...] termo ‘empregado’ já está ultrapassado em algumas empresas privadas”.

Outro dado importante, também considerado por **S2** é sobre a formação do trabalhador, que segundo ela, essa formação seria feita pela própria empresa, pois afirma que em Mato Grosso do Sul não há trabalhadores qualificados para o trabalho. Entretanto, em uma pesquisa realizada pela Linha de Pesquisa Educação e Trabalho, para a avaliação do Plano de Qualificação Profissional do Estado de Mato Grosso do Sul/FAT/MTE, (BRASIL, 2005), um dos responsáveis pela execução deste Plano de Qualificação Profissional no município de Campo Grande/MS afirmou que nas negociações para a instalação desta empresa no município, esta exigiu a preparação de dois mil (2000) trabalhadores para trabalharem especificamente com as suas máquinas. Tal treinamento foi feito, dentro do Plano de Qualificação, ou seja, com os recursos públicos, e, posteriormente a empresa absorveu apenas trezentos. Portanto, há disponível no mercado de trabalho local cerca de 1.700 trabalhadores aptos a contemplarem as exigências que a própria empresa apresentou e que a sua representante ignorou.

Como terceiro aspecto, destaco os argumentos de **S2** sobre a exigência de criatividade que as empresas fazem, afirmando-os como habilidades ou formação, ou seja, sem distinguir os conceitos que informam sobre aspectos diferentes na literatura atual. Indica, também, que compartilha a idéia que se mantém a diferença entre o trabalho intelectual e o físico, pois afirma que o Ensino Superior ajuda muito teoricamente, mas sem a prática, sem buscar aperfeiçoamento naquilo que o trabalhador foi formado, ele não consegue permanecer no mercado de trabalho e, até mesmo o ingresso fica difícil. Ou seja, a admiração e valorização que demonstra pelos equipamentos e a organização dos mesmos para a produção independentemente da intervenção do trabalho humano, reforça a sua crença em que a prática é o que orientará o trabalho, já que o conhecimento está posto na máquina.

Contraditoriamente, afirma que a empresa que representa, tal como as demais, “[...] tão procurando funcionários criativos, eles tão procurando alguém que caminhe sozinho e que

possa trazer idéias para a empresa porque, senão, se ficar só neles ali, eles não querem. Então, eles... eles tão buscando isso no profissional”. “Então dificulta muito não ter essa experiência criativa”. E, mostra-se convicta que essa criatividade aplicada ao trabalho, que traz ‘idéias para a empresa’, que cria as idéias que resolvem os problemas não fique ‘só neles ali’, nos trabalhadores intelectuais que antes eram pagos para resolverem os problemas, não significa uma forma de expropriação do trabalhador e apropriação do trabalho pelo qual não pagou:

Não acredito que os trabalhadores estão desempenhando funções pelas quais não são pagos, se não tiverem criatividade para pelo menos tentar resolver problemas relativos ao seu setor ou terem idéias que ajudem a empresa, o que será desse profissional? Não que o profissional tenha que resolver todos os problemas inerentes ao processo, mas o que estiver ao alcance dele. [...] Alguns exemplos das idéias que os colaboradores tiveram no programa que a empresa mantém premiando as melhores idéias, e nenhum deles está desempenhando funções além do que foram contratados, pois a idéia é referente ao processo diário que desempenham: IDÉIA: Suporte para polias - O Sr. A criou um suporte para colocar as polias na área de Máquinas de Limpeza. Este suporte contribuiu com organização do local de trabalho, com a conservação das polias que acabavam sendo danificadas por estarem expostas no chão da fábrica, e ainda contribui com a segurança dos colaboradores, pois cada polia pesa em torno de 90 kg e em caso de queda poderia causar um acidente de trabalho. Os senhores A e B, colaboradores da área de Pintura, somaram 3.200 pontos através da idéia: “Colocação de tampa sobre o tanque de imersão para evitar a evaporação”. A idéia gerou uma economia mensal de aproximadamente 2.600 litros de solvente (equivalentes a R\$ 8.100,00/mês).

Com esta descrição posso concordar que atualmente a demanda é pela ‘criatividade’, mas aquela que se exprime como pensamento produtivo, que fez o trabalho se tornar intelectual, mas agora não pago ao trabalhador e obrigatório; ainda que a idéia tenha gerado “uma economia mensal de aproximadamente 2.600 litros de solvente (equivalentes a R\$ 8.100,00/mês)”. Afinal, não se trata de trabalhadores, mas de colaboradores!?

A partir desses aspectos, e tentando sintetizar o conteúdo dos principais núcleos que se destacaram no discurso de S2, pelos quais me oriento e, de acordo com os objetivos e hipóteses que propus a analisar neste trabalho, dirijo as discussões a partir dos seguintes aspectos:

- 1) Qual a formação/habilidade que a empresa exige para a entrada e permanência do trabalhador.**
- 2) Como a empresa prepara o trabalhador para ser criativo no trabalho.**
- 3) O que é entendido como criatividade e pensamento criativo.**

Basearei minhas análises nas repostas fornecidas por S2 sobre o item **1) formação/habilidade que a empresa exige para a entrada e permanência do trabalhador, abaixo.**

Inicialmente a exigência é ter os documentos em dia, é escolaridade, dependendo da função que ele for..., dependendo do cargo ou função que ele for exercer, ele tem que ter um determinado nível de escolaridade. Por exemplo, no caso do Supervisor, ele tem que ter o Nível Superior completo.

O perfil profissional mais adequado para atuação na empresa depende da função. Como aqui são diversas funções, então, o perfil tem que se adequar exatamente com o que vai desenvolver dentro da empresa.

Concordo com a exigência de que os trabalhadores devem ser criativos feita pelo mercado de trabalho atualmente porque o... o... o funcionário, (se) ele já... ele tem criatividade, ele tem mais facilidade para trabalhar em equipe, pra resolver as coisas então, assim ele ajuda, ele facilita no dia-a-dia, no processo da empresa, nos processos de trabalho. [...] Temos nosso Setor de Recursos Humanos que faz essa parte de..., que é responsável por essa parte de criatividade.

A política interna da empresa em relação ao desenvolvimento de pessoal é que todos os colaboradores devem ser avaliados e treinados conforme necessidade, a empresa tem por foco capacitar profissionais e estimular o crescimento profissional e pessoal. Os treinamentos de RH são todos ministrado internamente, a empresa possui um amplo local destinado para cursos, palestras e treinamentos.

Os benefícios são [...] o trabalhador acaba ajudando no processo, porque ele recebe o treinamento e, através do treinamento ele consegue ter uma mente mais aberta para estar resolvendo os problemas que eventualmente possa aparecer; que sempre aparecem, não tem jeito. A empresa se beneficia quando investe no colaborador porque os treinamentos refletem diretamente no dia-a-dia da empresa, pois através de treinamentos ela estimula o colaborador a buscar novos desafios e atingir novos resultados e isso agrega um valor muito grande ao negócio. Eles se sentem valorizados por parte da empresa, que está investido neles como pessoa, se a empresa acredita que eles possuem potencial, isso ajuda no bem estar deles e isso reflete diretamente no processo de produção.

Essas repostas, que obtiveram 31 incidências no item 6, nos indicam que a formação oferecida pela empresa se dá no sentido de qualificar, treinar, formar trabalhadores para aumentarem a produção e agregar valor, lucro, tanto pelo desempenho adequado da função para a qual são contratados como para executarem outras atividades que não são inerentes à estas, como ela indica. E, também, que este esquema, reduz postos de trabalho ao mesmo tempo em que amplia a geração de mais valia para a empresa, sem garantir nenhum benefício para os trabalhadores.

Na empresa existe uma grande quantidade de informações a serem gerenciadas que necessitam de profissionais específicos. Profissional este que deve ter o perfil adequado para o cargo ou função que irá assumir. **S2**, no entanto, enfatiza que em Mato Grosso do Sul não tem mão-de-obra qualificada, permite-nos entender que nenhum profissional tem todas as habilidades para suprir as necessidades da empresa já que tiveram que treinar os trabalhadores para lidarem com as máquinas que são específicas para o tipo de produção que realiza-se na empresa. Entretanto, como já foi dito, anteriormente, esta informação não procede, pois sei que os trabalhadores que participaram do treinamento financiado pelo Ministério do Trabalho, estão desempregados ainda assim, **S2** continua afirmando que a política interna da empresa em relação ao desenvolvimento de pessoal é que todos os colaboradores devam ser treinados conforme a necessidade da empresa que tem por foco capacitar os profissionais e estimular o crescimento profissional e pessoal, na empresa.

Portanto, pode-se afirmar que, após o treinamento oferecido pela empresa os profissionais acreditam estar aptos a administrar as informações geradas no ambiente em que atuam, já que receberam treinamento para tal, pois, eles se sentem valorizados por parte da empresa, acreditam que estão investido neles como pessoa e que eles possuem potencial, isso ajuda no bem estar deles, entretanto o que a empresa visa é o processo de produção, no sentido tanto de garantir o bom funcionamento da empresa, como o lucro, pois como **S2** mesmo enfatiza, a empresa se beneficia quando investe no colaborador porque os treinamentos refletem diretamente no dia-a-dia da empresa, com isto o colaborador atinge novos resultados agregando valores aos negócios da empresa.

Na visão de **S2** sobre a exigência de criatividade dos trabalhadores feita pelo mercado de trabalho atual, em sua fala mostra que o trabalhador depois de ter passado pelo treinamento / formação, oferecido pela empresa, consegue ser criativo, pois tem mais facilidade para trabalhar em equipe, pra resolver as coisas o que facilita no dia-a-dia, no processo da empresa, nos processos de trabalho. Isso mostra que a imaginação, a criatividade, a capacidade de raciocínio abstrato seriam novas habilidades que delimitariam as chances de acesso ao mercado de trabalho. De repente, a chance do trabalhador se manter no emprego aumenta se conseguir desenvolver essa postura que representaria uma das exigências que lhe são feitas.

Como sei, as empresas usuárias de tecnologias, que operam com o tipo de produção, como a que **S2** trabalha em que exportam seus produtos, tendem a investir mais na qualificação / habilidade da sua mão-de-obra, em treinamentos e valoriza a participação e a iniciativa do trabalhador, o que se confirma na fala de **S2** quando frisa que a empresa se

beneficia quando investe no colaborador porque os treinamentos além de refletir diretamente no dia-a-dia da empresa, eles estimulam o colaborador a buscar novos desafios e, com isto, atingir novos resultados. A qualificação / habilidade assume aqui o sentido de uma competência, na medida em que o trabalhador tem que comprovar, dependendo do cargo que for exercer, tem que saber fazer, tem que ter a capacidade de organização, de contribuir com sugestões criativas que implique na simplificação do trabalho além do melhor aproveitamento de matéria prima, ou seja, a redução de custos sem comprometer a qualidade do material produzido pela empresa.

Portanto, essa formação exige do trabalhador o conhecimento em que é dada grande importância a habilidade em dar conta dos desafios do trabalho, isso permite-nos entender que ter habilidades para solucionar problemas na empresa, muitas vezes não é usado racionalmente, pois esta é relacionada à capacidade de promover alterações nas disposições emocionais dos trabalhadores.

S2 declara que a falta de criatividade dos trabalhadores dificulta o ingresso e permanência do trabalhador no mercado de trabalho, pois afirma que as empresas estão cada vez mais exigentes e uma das exigências de quem está recrutando esse trabalhador é a de que ele seja criativo e em algumas empresas existem alguns processos em que o trabalhador tem que ser mais criativo que seu concorrente para conseguir a vaga, como posso conferir na fala de S2 ao afirmar que:

[...] quando você é contratado por algumas empresas, você passa por alguns processos que você tem que ser criativo, você tem que se destacar com toda as pessoas que estão concorrendo à vaga com você. Então, as empresas tão procurando isso, tão procurando funcionários criativos, eles tão procurando alguém que caminhe sozinho e que possa trazer idéias para a empresa porque, senão, se ficar só neles ali, eles não querem.

As empresas estão buscando esse tipo de profissional que possua habilidade em inovação, que já tenha passado por experiências que possa agregar valor à empresa, que venham somar. A formação do trabalhador é um processo que não está inserido num sistema formal de escolarização, por isso há tantos problemas com as políticas, métodos, conteúdos na educação. A formação de habilidades para o trabalho é simplesmente treinar, entretanto, sobre criatividade esta é uma manifestação do pensamento criativo e que este não pode ser treinado, mas sim desenvolvido conforme a educação, dependendo, principalmente da educação superior que oferece maior domínio da cultura.

Nas considerações de S2 sobre a formação profissional em que enfatiza “[...] a empresa tem por foco capacitar profissionais e estimular o crescimento profissional e pessoal”, trata-se da formação profissional que é caracterizada como um sistema intencional para criar habilitações, para os papéis que a sociedade exige na produção de bens e serviços. Geralmente, a capacidade ou habilidade de executar uma ação demonstra o conhecimento que se tem sobre o objetivo ou a própria ação. Portanto, um trabalhador hábil é o que tem aptidão para algo, sendo necessário para isso ter capacidade para assimilação de conhecimentos e agilidade nas ações, através do uso dos mesmos. Neste sentido a habilidade refere-se a tudo aquilo que o trabalhador deve aprender a fazer desenvolvendo suas capacidades intelectuais, afetivas, psíquicas e motoras.

Markert (2004, p. 47) explicita a respeito de qualificação / habilidade em que o trabalhador que é semiqualficado apresenta dificuldade em adaptar-se à novas tarefas pois, com frequência “[...] surgem bloqueios contrários às mudanças [...] se sentem inseguros com relação aos colegas com maior habilidade, temendo perder seu posto de trabalho”. Isso possibilita a compreensão de que ainda é necessário gerar motivações para sua efetiva participação nas mudanças, pois os trabalhadores precisam de qualificação técnica e de treinamento voltados para a capacidade de cooperar e de planejar autonomamente.

Entretanto, as mudanças no mundo do trabalho atualmente exigem não apenas qualificação dos empregados, mas uma ampliação do conteúdo de suas capacidades profissionais, e estas não deve estar fundamentada na aquisição de determinadas habilidades, mas na capacidade de adaptação a situações não-programadas.

2) Como a empresa prepara o trabalhador para ser criativo no trabalho

A Empresa, ela já tem uma política interna né?! Temos nosso Setor de Recursos Humanos que faz essa parte de..., que é responsável por essa parte de criatividade.

A política interna da empresa em relação ao desenvolvimento de pessoal é que todos os colaboradores devem ser avaliados e treinados conforme necessidade, a empresa tem por foco capacitar profissionais e estimular o crescimento profissional e pessoal.

Os treinamentos de RH são todos ministrado internamente, a empresa possui um amplo local destinado para cursos, palestras e treinamentos. O tipo de treinamento e pessoas envolvidas são selecionados pela consultora de RH na unidade de Campo Grande.

Ela investe. Ela investe através de treinamentos, cursos, palestras, enfim... Esse é o tipo de investimento que ela faz né!?

[...] o trabalhador acaba ajudando no processo, porque ele recebe o treinamento e, através do treinamento ele consegue ter uma mente mais aberta para estar resolvendo os problemas que eventualmente possa aparecer; que sempre aparecem, não tem jeito.

A empresa se beneficia quando investe no colaborador porque os treinamentos refletem diretamente no dia-a-dia da empresa, pois através de treinamentos ela estimula o colaborador a buscar novos desafios e atingir novos resultados e isso agrega um valor muito grande ao negócio.

Eles sentem valorizados por parte da empresa, que está investido neles como pessoa, se a empresa acredita que eles possuem potencial isso ajuda no bem estar deles e isso reflete diretamente no processo de produção.

[...] temos um programa interno onde os colaboradores que apresentam idéias criativas, são premiados, isso é um exemplo de como o colaborador treinado e com a “mente aberta” para novas idéias ajuda a empresa.

[...] tivemos várias reduções de custos por iniciativa dos colaboradores que mostraram novas formas de conduzir determinadas atividades.

A consequência é que a empresa quando contrata, ela já tem que ter um determinado custo para treinamento desses colaboradores. Porque, eles vêm muito... muito cru, digamos assim, do mercado.

Então, eles têm que ser treinado, tem que ter um determinado investimento e até mesmo um período pra ter o retorno deste investimento. Investir no funcionário e mesmo a gente ter um período de retorno.

S2 ao se referir a formação do trabalhador registrado no item 6, como capacitar, treinar, qualificação (com 31 incidências), a empresa quando contrata, ela já tem que ter um determinado custo para treinamento desses colaboradores como um determinado investimento, citado no item 21 com 9 ocorrências.

Em relação aos benefícios **S2** afirma que a empresa se beneficia quando investe no colaborador porque os treinamentos refletem diretamente no dia-a-dia da empresa, pois através de treinamentos ela estimula o colaborador a buscar novos desafios e atingir novos resultados e isso agrega um valor muito grande ao negócio.

Segundo Drucker (2002, p. 40) o empregado que segundo **S2** é denominado na empresa de colaborador, na sociedade pós-capitalista, é o “trabalhador do conhecimento”, pois este pode necessitar de um computador, por exemplo, entretanto sem o conhecimento que é propriedade do empregado a máquina é improdutiva, portanto, apesar de a empresa fazer investimentos no trabalhador, como percebo na fala do **S2**, no momento em que diz que a

empresa “Ela investe. Ela investe através de treinamentos, cursos, palestras, enfim... Esse é o tipo de investimento que ela faz né!?”; investimento para que eles se sintam “[...] valorizados por parte da empresa, que está investido neles como pessoa, se a empresa acredita que eles possuem potencial isso ajuda no bem estar deles e isso reflete diretamente no processo de produção”.

Quando Drucker (2002, p. 42) ressalta que a organização que presentemente emprega os trabalhadores do conhecimento e que tem oferecido oportunidades excepcionais para que eles sejam eficazes, demonstra que,

Há não muito tempo, falávamos a respeito de ‘mão-de-obra’; hoje falamos cada vez mais em ‘recursos humanos’. Isto significa que é o trabalhador do conhecimento quem decide, em grande parte, com o que irá contribuir e qual poderá ou deverá ser o rendimento desse conhecimento.

Entretanto, isto não procede, pois quando **S2** afirma que a empresa se beneficia quando “[...] investe no colaborador”, “[...] que os treinamentos refletem diretamente no dia-a-dia da empresa”, “[...] ela estimula o colaborador a buscar novos desafios e atingir novos resultados” ou ainda quando enfatiza que o resultado dos treinamentos “[...] agrega um valor muito grande ao negócio”, “[...] reflete diretamente no processo de produção”, ou ainda, “[...] os colaboradores que apresentam idéias criativas, são premiados [...] novas idéias ajuda a empresa [...] tivemos várias reduções de custos por iniciativa dos colaboradores que mostraram novas formas de conduzir determinadas atividades”, permite-nos entender que a empresa usa um discurso que apenas a beneficia, mas não flexibilizou nem implantou os demais aspectos da proposta pós-moderna.

Diferentes abordagens teóricas e metodológicas, em várias áreas do conhecimento, destacadas anteriormente neste trabalho, salientam que a criatividade é um dos processos que nos capacita a atender as nossas necessidades, uma vez que agrupa informações e elabora-as com a finalidade de descobrirmos novas maneiras de resolver os problemas que são apresentados pela realidade; portanto mais do que uma simples geração de idéias, e sim a manifestação para solução de problemas, pois não se trata de uma quantidade, ou um prêmio, ou ainda um ponto, mas um processo, as empresas vivem desses processos e idéias, só que anteriormente, pagavam por elas, como um trabalho a parte, um trabalho específico e hoje se apropriam sem remunerá-lo adequadamente.

Portanto, posso afirmar que a empresa que **S2** representa prepararia os trabalhadores para desenvolverem e aplicarem os seus processos criativos, que são parte do pensamento

produtivo, nas operações e ações do trabalho, se ao enfatizar que os cursos / palestras oferecidos para serem criativos como os que a empresa oferece a partir da sua política interna, realizado pelos recursos humanos no sentido de capacitarem profissionais e estimular o crescimento profissional e pessoal, ao final destes, o colaborador ao aplicar o que aprendeu, recebesse um reconhecimento por tal idéia criativa, no entanto, sei que a economia alcançada pela empresa, ainda que a idéia tenha sido gerada pelo trabalhador, esta não é repassada, talvez, por isso, é que denominam o trabalhador de colaborador, como foi mencionado anteriormente.

O que é oferecido como formação para esse colaborador não seria suficiente para que proporcionasse ou fosse criado esse processo de pensamento, pois faltaria o estímulo, a recompensa, o que os faria serem criativos a ponto de inventar coisas para solucionar problemas de empresa, entretanto não são capazes de perceber que são explorados quando recebem pouco pelo que criam enquanto a empresa ganha milhões.

3) O que é entendido como criatividade e pensamento criativo:

[...] é uma idéia que você tem, uma idéia que possa ser utilizadas por outras pessoas, né?!

Você tem que ser criativo nas suas atitudes diárias, a idéia que você tem é algo que deve ser aceito por outras pessoas, algo que seja útil, digamos um diferencial frente a uma decisão, é uma forma de resolver um problema de forma diferente, de forma rápida e inteligente, criatividade é ter idéias distintas das convencionais, uma coisa que vai ser aceita por outras pessoas é...

[...] trabalho no RH, mas sei configurar impressora, quando temos algum problema em relação a isso eu não solicito que venha um colaborador específico da área de informática para resolver o problema, eu mesma tenho a atitude de resolver, até mesmo ser for do colega ao lado, economizando assim tempo e deixando o pessoal da informática disponível para atender os problemas da produção.

[...] criatividade é: ... eu entendo isso: são idéias que vão ser úteis para outras pessoas. Vão ser úteis dentro do processo, vão ser criativos, vão ser alguma coisa...

Você vai ter o pensamento mais rápido, assim, para ter uma idéia, pra resolver, pra dar andamento, para melhorar.

[...] pensamento criativo é exatamente isso! É... você ter essa habilidade de pensar rápido, achar uma saída, de ter uma idéia que vai ser apropriada pro momento.

E os impactos, é justamente este! É a dificuldade pra encontrar mão-de-obra que tenha essas habilidades, essa criatividade.

A partir dessas referências ao que seria a criatividade, e outras também registradas no item 9, que indicou que este processo do pensamento teve 23 menções e explicações durante o discurso, S2 define a criatividade como sendo uma idéia que se tem, uma idéia que possa ser aceita e utilizadas por outras pessoas, seriam atitudes diárias que fazem diferença na resolução de problemas. Como a trata como uma operação de trabalho, destaca que deve ser manifestada de forma rápida e inteligente, ou seja, trata-se de um diferencial frente a uma decisão quando tem que ser tomada, ou ainda uma forma de resolver um problema de forma diferente, de forma rápida e inteligente.

Para S2, criatividade não é apenas ter as idéias distintas das convencionais, mas sim, manifestar comportamentos que resolvam problemas dentro do próprio processo de organização e desenvolvimento da produção, sem alterá-lo, apenas agilizando-o, como confirmar na fala que é destacada a seguir “[...] criatividade [...] são idéias que vão ser úteis para outras pessoas. Vão ser úteis dentro do processo”.

Salienta ainda que os trabalhadores “[...] vão ser criativos, vão ser alguma coisa [...]. Você vai ter o pensamento mais rápido, assim, para ter uma idéia, pra resolver, pra dar andamento, para melhorar”, ou seja, a criatividade é reduzida à funcionalidade das resoluções para o processo de trabalho, mas não é considerada como trabalho em si. Assim, confirma a indicação que o trabalho na atual fase do capitalismo se torna cada vez mais intelectualizado, porém, ainda é tratado como subordinado ao instrumento de trabalho, tornando-se seu apêndice, aquilo que complementa a máquina, tanto que afirma que o pensamento criativo se dá quando o trabalhador tem que ter essas habilidades de “[...] pensar rápido, achar uma saída, de ter uma idéia que vai ser apropriada pro momento”.

S2 frisa o exemplo de que apesar de trabalhar no setor de RH resolve alguns problemas que surgem no dia-a-dia citando como exemplo que

[...] trabalho no RH, mas sei configurar impressora, quando temos algum problema em relação a isso eu não solicito que venha um colaborador específico da área de informática para resolver o problema, eu mesma tenho a atitude de resolver, até mesmo ser for do colega ao lado, economizando assim tempo e deixando o pessoal da informática disponível para atender os problemas da produção, que é o mais importante.

Segundo Luria (1979, p. 100), o pensamento criativo é uma forma de atividade produtiva, pois permite não apenas,

[...] ordenar, analisar, e sintetizar a informação, relacionar os fatos percebidos a determinadas categorias, mas também ultrapassar os limites da informação imediatamente recebida, fazer *conclusões* a partir dos fatos percebidos e chegar a certas inferências mesmo sem dispor de fatos imediatos e partindo da informação verbal recebida.

Pois o homem que pensa consegue raciocinar e resolver tarefas lógicas sem ter que passar pelo processo de solução na atividade prática, portanto, o pensamento tem caráter produtivo e isso é resultado de um complexo desenvolvimento histórico.

O caráter do pensamento produtivo é quando a maioria das operações do pensamento não é determinada por uma única significação, pois o ser humano diante de uma tarefa complexa, ao ter que solucioná-la, deve abandonar os procedimentos lógicos incorretos e discriminar os corretos, pois no processo para solução de qualquer tarefa complexa, surge a necessidade desse pensamento criativo que para Lúria (1979) é denominado de pensamento produtivo.

Já o processo de produção, tal como foi caracterizado nas 23 referências indicadas no item 8, continua sendo aquele que exige a concentração da produção no mesmo local, organizada sob o mesmo teto, sistemático, pois, desde o início da aplicação do conhecimento ao trabalho, elevou-se a produtividade e com a aplicação de tecnologia, os homens tornaram as máquinas mais capazes, entretanto, os próprios trabalhadores não mais as operam e, conforme a própria entrevistada frisou, agora as consertam, simultaneamente à outras operações. Portanto, mais que nunca os homens são produtivos nos seus trabalhos. O que não são é remunerados por tanta produtividade. E o que se destaca é que toda essa produtividade vem se concentrando em um número cada vez menor de trabalhadores, enquanto os outros não têm como produzir por falta dos instrumentos para tal, que estão concentrados nas mãos dos donos do capital.

Porém, ela destaca que quem foi criativo no processo de trabalho da empresa foi somente a pessoa que inventou e organizou as máquinas para a produção. Tal consideração nos remete ao trabalho de Taylor no século XIX, que racionalizou o trabalho dos operários ao criar a forma de organização e instalação das máquinas na seqüência da produção, o que, posteriormente, foi aperfeiçoado por Ford, portanto, o que foi criativo naquela época e agora é só repetitivo.

S2 parece desconhecer que tal organização é tão antiga e ao afirmar que “[...] quem fez, quem inventou todo o projeto colocou ela de uma forma que ela facilita o procedimento das peças” “[...] o processo dela aqui dentro... quem fez o projeto, [...] foi bem inteligente. Ele... ele... pensou!” “Então, ele pensou! Ele foi criativo! Então, ele pensou em colocar uma

máquina do lado da outra..., conforme o procedimento, o processo das peças, dos silos, no caso”. Assim, toma a repetição por inovação.

Por este equivoco, pode-se entender porque S2 afirma que “[...] diariamente não”, há necessidade de aplicação dos processos criativos por parte dos trabalhadores para a produção dos materiais, somente quando “[...] ocorre algum... algum problema, alguma coisa que possa atrapalhar o processo produtivo, ele tem que usar a criatividade para tá achando alguma saída para que não... não... emperre o processo. Para que continue!”. Ou seja, permitiu-nos compreender porque reduz a criatividade à operações que se dão somente nesses momentos, quando surge algum imprevisto que exige uma intervenção rápida para que não pare a produção. Assim, S2 confirma para si e os demais trabalhadores a indicação de Leontiev (1978) que o trabalho parcializado, ainda que seja produtivo, aliena o trabalhador porque este o executa na forma de operações e ações, sem exigir processos psicológicos superiores que indiquem a totalidade do processo no qual estas estão inseridas. Mesmo ao considerarmos que esta intervenção dos trabalhadores para solução de problemas esporádicos exigiria que estes abandonassem os procedimentos lógicos incorretos e passem a discriminar os corretos, entendo que a forma como se dão os procedimentos não necessitam do pensamento produtivo, como descritos por Luria (1979), porque estes trabalhadores ao ter que solucionar o problema que a máquina apresenta, para não atrapalhar a produção, não dominam a complexidade da máquina, mas apenas o aspecto envolvido naquela operação que têm que solucionar, já que as demais etapas estão contidas em outras etapas do maquinário e do processo como um todo.

Porém, se tomarmos o trabalho como uma atividade coletividade, social, tal como considerada por Vygotsky e Luria (1994), na qual manifesta-se como aspecto essencial do ser vivo, reconheço nestas operações e ações a manifestação do poder criador (produtivo) humano, que se vela quando ela é mediada por meios, técnicos e simbólicos, criados pelo próprio homem.

Nesse sentido, entendo que somente o uso de instrumentos técnicos não seria suficiente para transformar a atividade do homem em atividade produtiva, ou trabalho, pois, sem a linguagem não há como pensar a realidade nem como organizar e planejar ações, e assim não há trabalho.

Para finalizar, o mundo construído pelo homem é um mundo simbólico, resulta da condição da atividade humana, que é denominado por Vygotsky de cultura; como sendo a totalidade das produções humanas portadoras de significações, ou seja, produto da vida social e da atividade do homem, como visto no item anterior quando trato sobre como a empresa prepara o trabalhador para ser criativo no trabalho ao oferecer treinamentos, cursos e palestras

aos colaboradores, para que possam ter pensamentos criativos, entretanto não são reconhecidos como tal.

À GUIA DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões até aqui apresentada nos remete a algumas análises sobre o objeto de nosso estudo, que trata das implicações para a educação dos trabalhadores da exigência de aplicação da criatividade nos processos de trabalho.

Durante todo o processo de investigação sobre a exigência de aplicação de criatividade, busco entender a partir da história do trabalho o porquê da exigência da criatividade como característica necessária para o trabalhador ser absorvido pelo mercado de trabalho atual, se a automatização está substituindo o homem na maioria das atividades produtivas.

Considerando o objetivo proposto, as entrevistas realizadas tal como foram analisadas no capítulo III, posso afirmar que o estudo sugere algumas respostas sobre a indagação realizada e que, portanto norteou esta pesquisa.

Procurro, na medida do possível, realizar uma análise interpretativa, relacionar os discursos às teorias considerando os objetivos, proposto pude concluir que, as respostas oferecidas pelos entrevistados permitiram que as análises nos revelassem alguns pontos considerados relevantes para esta pesquisa e que poderão contribuir junto aos trabalhos já produzidos e outros para deixarmos como indagações no encaminhamento para outros estudos.

Primeiro sobre **a formação dos alunos e a relação com as exigências do mercado de trabalho**, no curso de Administração é a grade curricular que atende as exigências do MEC, com a formação de quatro anos. Entretanto, o que se tem feito e passar aos alunos uma formação mais generalística possível e de maneira que eles possam depois se acomodar, e quando o mercado pedir algumas coisas mais específicas, eles, com essa formação mais geral, possam adequar-se ao mercado.

A formação básica são dois anos, mais na área quantitativa, matéria profissionalizante, são as matérias mais voltadas para a profissão do administrador, nas quais eles têm seis disciplinas optativas, que essas disciplinas elas mudam de ano para ano e tentam dá uma formação mais atualizada da profissão e na formação geral é sociologia, filosofia, psicologia, contabilidade, mais as disciplinas optativas que mudam de ano a ano.

Em relação **à adequação do ensino do curso de administração ao mercado de trabalho**, S1 não sabe se correspondem às exigências do mercado de trabalho porque não tem

uma ferramenta específica para saber o que o mercado de trabalho está exigindo. É difícil porque o mercado de trabalho é variável. Extremamente variável. Tem empresas que vão exigir uma determinada formação e outras empresas que vão exigir uma formação completamente diferente.

Agora para este mercado atual **S1** assegura que a maioria é intelectualizada, pois a própria grade curricular do curso e as exigências que o aluno tem para ser aprovado em cada uma das disciplinas fazem com que ele tenha uma formação mais próxima do que o mercado está exigindo e pelo fato de que no curso de Administração ter uma média de 800 pessoas disputando uma vaga, ou seja, 16 para 1, é muito bom, e isso acaba fazendo com que o curso tenha ótimos alunos e, quando, se tem ótimos alunos acha, que essa parte intelectual o curso trabalha direitinho.

Outra situação que é peculiar do curso de Administração é que a maioria dos alunos do noturno já está fazendo estágios desde o segundo ano do curso, e no diurno mais da metade também já estão estagiando. Para se ter uma idéia, nos dois últimos anos, **S1** tem sido procurado por empresas para que sugira alunos para estágios, e não se conseguiu um. Todo mundo está fazendo estágio. Isso faz com que, quando o aluno termine, ele seja já incorporado pela empresa e continua incorporado pela empresa ou que ele vá fazer mestrado, tal. Já tem agora alguns alunos que estão indo atrás de mestrado. Então, não soube dizer se tem muitas barreiras para eles conseguirem trabalho.

Uma outra realidade interessante constatadas em pesquisas realizadas pelo **S1** é que 40% dos alunos não estavam mais trabalhando com a Administração e sim com outra área. Na Universidade tem muita gente que faz administração aqui e faz outro curso.

Ao afirmar que a **formação é generalista** entende-se do ponto de vista dos discursos que como formação geral, os alunos podem se adequar às exigências do mercado de trabalho. Pois as disciplinas oferecidas no terceiro e quarto ano, são disciplinas que estão voltadas para um mercado de trabalho nacional e não em nível regional ou estadual, e nos últimos anos tem sido oferecido disciplinas optativas sobre comportamento organizacional, pesquisa de marketing, organizações de recursos humanos, administração e produção de materiais, que são disciplinas específicas de um administrador necessárias à sua formação profissional. Agora elas não estão sendo dadas para a realidade específica de Campo Grande, para Mato Grosso do Sul, como foi dito acima, pois estas devido a bibliografia ser geral, em nível de país, esta se torna nacional.

Em relação à **formação para a exigência do mercado local/estadual**, **S1** acha que tenta adequar às coisas de Mato Grosso do Sul. Toda semana tem algum empresário da cidade

para ministrar uma palestra sobre seus negócios. Os alunos acharam bem melhor. Então receberam no curso pessoas do Comper, do Carrefour, da Coca-cola, ou seja, gerentes desses lugares falando sobre a função do administrador e do desafio do administrador em cada um desses lugares.

Portanto, os alunos têm uma formação que não é a específica para a realidade de Campo Grande, entretanto, com essas palestras ministradas por empresários da região para falarem sobre as peculiaridades que cada um administra. Então, quando se pensa num curso de graduação, normalmente é fazer com que o acadêmico tenha o mínimo necessário para que possa exercer a sua profissão.

Sobre o **trabalho criativo em administração de empresas**, entendo que a pessoa que se sobressai no trabalho é uma pessoa intelectualizada ou criativa. Entretanto, as pessoas ainda fazem coisas burocráticas, no sentido, assim de realizar a mesma coisa no mercado, mas o curso tem buscado o trabalho criativo.

Ao se tratar da forma como a **criatividade é ensinada e desenvolvida**, acredita-se que as características intelectuais e de criatividade para o trabalho só podem ser aprendidas no ensino superior. Isso constata-se em livros que tratam sobre o assunto e os exercícios para que o indivíduo desenvolva a criatividade como os de desenvolver a habilidade de ver as coisas de outra maneira, por exemplo. Então, pode-se dizer que essa é uma habilidade, portanto são características que podem ser desenvolvidas por qualquer um de nós.

E sobre a **criatividade no curso de administração**, sustenta-se que a orientação que os acadêmicos recebem no curso é de que o esforço mais exigido atualmente é o intelectual, ou criativo para entrar no mercado de trabalho. O curso tem coisas isoladas, sendo mais de sugestão do que de formação, de cobrança. Nesse sentido seria muita pretensão dizer que no curso de administração se tem uma postura específica para desenvolver a criatividade. O curso de administração não oferece ainda uma formação para a criatividade.

Entretanto, o curso prepara profissionais criativos, intelectuais para serem inseridos no mercado de trabalho, quando delega a responsabilidade ao aluno, de que ele seja um diferencial, de alguma forma no mercado. Assim não tem nada no curso de Administração especificamente para que ele seja criativo.

Já o **desenvolvimento da criatividade em curso de nível superior**, posso destacar que se tem o costume na academia de fazer a análise em profundidade, contudo, para se desenvolver a criatividade a sugestão é a de procurar olhar lateralmente, o mais longe possível e conseguir fazer as inversões das diversas áreas. Entretanto o curso de nível superior é barrado pela grade curricular que trabalha muito mais para dificultar a criatividade do que

para desenvolvê-la porque a grade curricular tem uma postura tradicional de perpetuar um determinado conhecimento. Para tal poderia como sugestão, alguém da área de psicologia ministrar uma disciplina optativa no curso sobre o desenvolvimento de criatividade.

Se tivesse uma disciplina específica, poderia ser um fator que favoreceria a criatividade, ou quem sabe até uma disciplina chamada Psicologia Aplicada a Administração, quem sabe tem um tópico da disciplina aplicada à administração que pudesse trabalhar a criatividade, poderia estimular o aluno para que ao longo do curso ele fizesse isso de uma maneira criativa.

Portanto, ao ter que definir o que é **criatividade**, o discurso de S1 permitiu-nos entender que o curso trabalha muito a criatividade, entretanto de maneira um pouco mais voltado para a matemática. Criatividade é dá soluções diferentes do que a maioria das pessoas dá. Criatividade é quando se consegue enxergar uma coisa que a maioria das pessoas não consegue enxergar, no sentido de criar coisas. Ser criativo para **tanto é isso!** Criar coisas, solucionar coisas que os outros não dão conta.

Concordo com S2 que pensamento criativo é estar constantemente exercitando a criatividade, ou seja, é estar pensando as coisas não da maneira óbvia, que todo mundo está pensando, é estar pensando de uma outra maneira, de uma maneira mais eficaz, mais interessante. É o que ele entende por pensamento criativo.

Em se tratando das análises realizadas a partir do discurso de **S2** referente a empresa considero os seguintes pontos:

Primeiro, sobre a **formação/habilidade que a empresa exige para a entrada e permanência do trabalhador no mercado de trabalho**, considero que a formação obtida no Ensino Superior é importante e necessária teoricamente, mas não supre a formação prática, pois sem essa e sem buscar aperfeiçoamento naquilo que o trabalhador foi formado, ele não consegue permanecer no mercado de trabalho e, até mesmo para o ingresso fica difícil.

No Setor de Recursos Humanos tem uma pessoa responsável pela formação/habilidade para o desenvolvimento da criatividade na produção, pois faz parte da política interna da empresa e em relação ao desenvolvimento dos colaboradores a formação é oferecida para todos. Esses são avaliados e treinados conforme a necessidade, além de ter como foco a capacitação de profissionais no sentido de estimular seu crescimento profissional e pessoal.

A exigência que é feita ao trabalhador para entrada no mercado de trabalho, diz respeito inicialmente é ter a sua vida pessoal e profissional em ordem, ou seja, com os documentos em dia, dependendo da função que for exercer deve ter um nível determinado de

escolaridade, assim, o perfil do profissional mais adequado para a atuação na empresa depende do cargo/função que irá assumir; em que seu perfil deve ser adequado para tal, ou para o que vai ser desenvolvido na empresa no caso, entretanto se o trabalhador tem criatividade, provavelmente conseguirá se manter no trabalho, pois terá mais facilidade para trabalhar em equipe e resolver os problemas.

Em relação a empresa aqui tratada, a exigência que se faz é somente documental e de escolaridade, pois esta faz todo treinamento de seus trabalhadores para se adequarem ao trabalho rotineiro da função.

Na análise do discurso verifico que a falta de experiência criativa dos trabalhadores dificulta o ingresso e permanência do trabalhador no mercado de trabalho, pois as empresas estão cada vez mais exigentes e uma das exigências de quem está recrutando esse trabalhador é a de que ele seja criativo. Então, as empresas estão procurando funcionários criativos, alguém que possa trazer idéias para a empresa.

Portanto as empresas estão buscando esse tipo de profissional que possua facilidades de inovação, que já tenha passado por experiências que venham agregar valor, que venham somar e que essa experiência possa ser utilizada na empresa, como profissional na empresa.

Neste sentido, confirma-se mais uma vez a hipótese que não se trata de criatividade que o mercado exige, pois é raro no processo de produção ter um problema que possa impedir a organização dada pelo funcionamento das máquinas já que são informatizadas e trabalham dentro do tempo.

Como segundo ponto, destaco **se há necessidade de processos criativos para a produção, como a empresa prepara o trabalhador para ser criativo e quais os benefícios desta preparação no mercado de trabalho**, e entendo que o trabalhador vem sem formação no trabalho que irá desenvolver na empresa e tem que receber essa formação pela empresa o que sai caro, pois a empresa quando contrata, ela já tem que ter um determinado custo para treinamento desses colaboradores como um determinado investimento, e até mesmo um período pra ter o retorno deste investimento, porque a dificuldade é justamente em não encontrar essa mão-de-obra adequada para o processo produtivo.

Na empresa em questão, o trabalhador recebe um treinamento e a partir deste treinamento S1 afirma que ele passa a ter uma mente mais aberta para estar resolvendo os problemas que eventualmente possa aparecer, permite-nos entender que nessa empresa o colaborador deve ao menos resolver os problemas relativos ao seu setor que venha ajudar a somar no processo produtivo.

Em se tratando dos benefícios S2 afirma que a empresa se beneficia quando investe no colaborador porque os treinamentos refletem diretamente no dia-a-dia da empresa, pois através de treinamentos ela estimula o colaborador a buscar novos desafios e atingir novos resultados e isso agrega um valor muito grande ao negócio.

Portanto, entendendo que se o trabalhador tem a prática, a habilidade de ter novas idéias, que venha contribuir para a melhoria da empresa, ele consegue permanecer no trabalho.

E como terceiro ponto, tem: o que é **entendido como criatividade e pensamento criativo e quais os impactos e conseqüências da exigência feita ao trabalhador de que seja criativo para ingresso e permanência no mercado de trabalho**, a partir da análise do discurso de S2.

Criatividade é uma idéia que você tem uma idéia que possa ser utilizadas por outras pessoas e aceita por essas pessoas, assim, são atitudes diárias que fazem a diferença na resolução do problema, de forma rápida e inteligente, ou seja, trata-se de um diferencial frente a uma decisão quando tem que ser tomada. E pensamento criativo é ter essa habilidade de pensar rápido, achar uma saída, de ter uma idéia que vai ser apropriada pro momento.

Já sobre os impactos, a dificuldade para se encontrar mão-de-obra que tenha essas habilidades necessárias, que tenha essa criatividade e como conseqüências é que a empresa quando contrata, ela já tem que ter um determinado custo para treinamento desses colaboradores, porque, eles vêm muito cru, digo assim, do mercado. Então, eles têm que ser treinado, tem que ter um determinado investimento e até mesmo um período pra ter o retorno deste investimento. Investir no funcionário e mesmo a gente ter um período de retorno.

Portanto, a partir dos dados levantados nas análises das entrevistas sobre o objeto de nosso estudo, que trata das implicações para a educação dos trabalhadores da exigência de aplicação da criatividade nos processos de trabalho, pude concluir que a criatividade vai tomando significados durante os tempos, aproximando processo e produto criativos como expressão da capacidade humana. Aos poucos, a criatividade passa a ser conhecida como condição humana que adquire visibilidade através das relações que o homem estabelece consigo, com outros homens e com o mundo. Atualmente, a criatividade é vista como conseqüência da inteligência humana supera a dimensão de gênio e espalha-se como característica humana, como conseqüência da capacidade de inteligência, própria à espécie humana.

A afetividade evolui ao longo do desenvolvimento humano sendo modificada de uma fase a outra no desenvolvimento. Seja no desenvolvimento, na construção de objetos e na

realidade, esses acontecem por meio da aquisição de instrumentos que são elaborados historicamente pela sociedade, por meio da qual o indivíduo é capaz de expressar suas emoções, ou seja, criar.

A Psicologia permitiu-nos entender que os seres humanos possuem habilidades em diferentes níveis e a criatividade é encontrada em cada indivíduo. Vários pesquisadores consideraram que a educação formal suprimia a criatividade natural quando começaram a incentivar as atividades relacionadas à reprodução de fatos conhecidos deixando de lado as fantasias, novas idéias e com a modernização / automação foi redefinido as características das transformações que o processo deveria ter e, neste sentido, a criatividade que é encontrada em todos os seres humanos passa a ser reprimida ou incentivada dependendo do meio ambiente em que o indivíduo se desenvolve, assim, várias tendências como habilidades, resolução de problemas, flexibilidade, confiança, entre outras devem ser estimuladas, no sentido de melhorar a capacidade de pensamento criativo.

Acredito que a educação deve combinar o pensamento com a aprendizagem no intuito de fazer com que o ser humano aprenda, procurando torná-lo mais sensível aos estímulos do ambiente quando tem que manipular objetos e idéias incentivando-os à desenvolver suas próprias idéias e ainda a descoberta de outras a partir da avaliação do pensamento produtivo.

Diferentes tipos de educação criam diferentes processos de pensamento, que usam ou não a criatividade. E que isto depende da forma como a sociedade organiza a educação para as diferentes classes sociais.

A relação entre o Ensino Superior e o mundo do trabalho, se dá claramente porque o mundo do trabalho é configurado pelo capitalista que também é o sujeito da classe hegemônica que determina a superestrutura social, da qual a educação é uma das instituições, ou seja, as mudanças legais, pedagógicas e metodológicas na educação orientam para atender as necessidades da forma de produção e configuram o mercado de trabalho.

A partir da complexidade de problemas que surgem no dia-a-dia e na rapidez com que as mudanças acontecem os indivíduos devem usar o seu potencial criador, no sentido de, contribuir com a descoberta de melhores respostas para resolver os desafios do mundo do trabalho, pois o trabalho está organizado de forma a depender pouco da intervenção dos trabalhadores por causa das características das máquinas e das suas organizações para a produção.

Portanto, a criatividade solicitada não é criatividade, mas apenas a intensificação da aplicação de processos sensoriais e manuais, que devem ser reproduzidos quando aparece um

problema tal e qual foram ensinados nos treinamentos. Pois a criatividade implica em fazer diferente, para alcançar soluções novas, o que a organização da forma de produção e a complexidade das máquinas não podem permitir, pois destruiria o modelo.

Assim, a exigência de criatividade é realmente feita, mas como **pensamento produtivo**, pois, nunca os homens foram tão produtivos nos seus trabalhos, quanto atualmente, entretanto, o que não são é remunerados por tanta produtividade.

O que se destaca é que toda essa produtividade vem se concentrando em um número cada vez menor de trabalhadores, enquanto os outros não têm como produzir por falta dos instrumentos para tal, que estão concentrados nas mãos dos donos do capital, além das demais condições sociais e econômicas.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Bernadette Siqueira. **História da Filosofia**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2004.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

ALVES, Reginaldo Donizete. **Passos e descompassos da Educação Profissional: a experiência do turismo em Mato Grosso do Sul**. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande – MS, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **A Dialética do Trabalho: escritos de Marx e Engels**. 1. ed. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BOGDAN, Robert C. & BIKLEN, Sari Kanopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. (Biblioteca de Ciências Sociais).

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Decreto n. 5.563, de 11.10.2005**. Regulamenta a Lei n. 10.973, de 2 de dezembro de 2004, que dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológico no ambiente produtivo, e dá outras providências. Brasília, 2005.

_____. **Avaliação do Plano de Qualificação Profissional do Estado de Mato Grosso do Sul/FAT/TEM**. Brasília: MTE, 2005.

BRENNER, C. **Noções Básicas de Psicanálise: Introdução à Psicobiologia Psicanalítica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

CAIUBY, Andréa Vannini Santesso; LEFÈVRE, Fernando; SILVA, Álvaro Pacheco. **Análise do discurso dos Doadores Renais – Abordagem da Psicologia Social**. 04 de junho de 2004. Disponível no site: <<http://www.sbn.org.br/JBN/26-3/v26e3p137.pdf>>.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é Capitalismo**. 9. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos).

CODO, Wanderley. **Por uma psicologia do trabalho: ensaios recolhidos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

CROSBY, Andrew. **Criatividade e Desempenho na Organização Industrial**. Trad. de Auripebo Berrance Simões. São Paulo: Atlas, 1972.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Sociedade Pós-Capitalista**. Trad. Nivaldo Montingelli Jr. 8. reimpr. da 1. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning Ltda., 2002.

FERNANDES, Florestan. **K. Marx e F. Engels: História**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 4 ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERRETTI, Celso João. **Uma nova proposta de orientação profissional**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

FREITAG, Maria Salete Batista. **O papel dos líderes organizacionais e educacionais na formação empreendedora**. Publicado na Biblioteca on-line do SEBRAE em 11 de maio de 2004. Disponível no site: <<http://www.biblioteca.sebrae.com.br>>. Acesso em:

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani. (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 4. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

GONZÁLES REY, Fernando Luis. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira, 2002.

_____. O emocional na constituição da subjetividade. In: LANE, S. T. M.; ARAUJO, Y. (orgs.). **Arqueologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 1999.

KNELLER, George F. **Arte e Ciência da Criatividade**. Trad. de José Reis. Tit. Orig. *The Art and Science of Creativity*. 3. ed. São Paulo: IBRASA: Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A., 1973.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LANE, Silvia Tatiana Maurer; ARAUJO, Iara Silva (Orgs.). **Arqueologia as emoções**. Regina Célia Giora; Fernando González Rey; Ana Maria Lenzoni; Silvia Tatiane Maurer Lane e Yara Araújo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LEÃO, Inara Barbosa. **Os Professores Universitários: a emoção e o pensamento em um trabalho intelectual institucionalizado**. 387 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, 1989.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Qualitativa**. Texto apresentado durante o Seminário da Pesquisa da Linha de pesquisa Educação e Trabalho, Campo Grande, MS: PPGEdu/UFMS, 2006.

LEONTIEV, Aléxis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Trad. Manuel Dias Duarte. Tit. Orig. *Lê développement du psychisme*. Lisboa, PT: Livros Horizonte LDA, 1978.

LUBART, Todd. **Psicologia da Criatividade**. Trad. de Márcia Conceição Machado Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento Cognitivo**. Trad. Luiz Mena Barreto; Marta Kohl Oliveira; Miriam M. M. de Andrade e Regina Heloísa Maciel. 2. ed. São Paulo: Ícone Editora LTDA, 1994.

_____. **A construção da mente**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ícone, 1992.

_____. **Curso de Psicologia Geral: Introdução Evolucionista à Psicologia**. v. 1. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S.A, 1991.

_____. **Pensamento e Linguagem** – as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Editora Artmed, 1987.

LURIA, Alexander Romanovich. O Pensamento Produtivo. Dedução e Solução das Tarefas. In: **Curso de Psicologia Geral**. v. IV. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A, 1979.

MARIN, Alda Junqueira. **Educação, Arte e Criatividade**: estudo da criatividade não verbal. São Paulo: Pioneira, 1976.

MARKERT, Werner. **Trabalho, Comunicação e Competência**: contribuições para a construção crítica de um conceito e para a transformação do profissional transformativo. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. – (Coleção educação contemporânea)

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política; Do capital; O rendimento e suas fontes**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).

MELLO, Áureo de. **Capitalismo e Socialismo**. Piracicaba: A. de Mello: 1997.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky - Aprendizado e desenvolvimento**: um processo socio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processo de Criação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

PETRELLI, Marcelo. **Criatividade na Empresa**. Publicado na Biblioteca on-line do SEBRAE em 27 de junho de 2003. Disponível no site: <<http://www.biblioteca.sebrae.com.br>>. Acesso em:

PETROSKI, Henry. Entrevista: O Fracasso Ensina. **Revista VEJA**: Editora Abril, ed. 2006.

PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do trabalho no século 20**: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

PONCE, Anibal. (1898-1938). **Educação e Luta de Classes**. Trad. José Severo de Camargo Pereira. 12. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1992. (Coleção Educação Contemporânea).

QUINTERO, Rodolfo. *Elementos para uma sociologia del trabajo*. Caracas: Ediciones de la biblioteca – Universidade Central da Venezuela, 1963.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luis. (Orgs.). **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual.** Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 1998. (Educação Contemporânea).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Sobre o Behaviorismo.** Trd. de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

SANTO, Rui. **Brainstorming – Tempestade de Idéias (BS – TI) ou como tirar seu time do ‘cercadinho mental’**”. Publicado em 20 de abril de 2004 na Biblioteca on-line do SEBRAE. Disponível no site: <<http://www.bte.com.br>>.

THOMPSON, Charles. **Grande Idéia!** Charles “Chic” Thompson. Trad. Ricardo Gouveia. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1990.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Psicologia e Pedagogia).

_____. **Psicologia pedagogia.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem.** Trad. do Russo por Paulo Bezerra; Tit. Orig. Michliênne I Rietch. São Paulo: Martins fontes, 2000. (Psicologia e Pedagogia).

_____. **Psicologia da Arte.** Trad. de Paulo Bezerra. 1. ed. e 2. tir. 2001. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Artigo de introdução sobre o trabalho criativo de L. S. Vygotsky. In: **Teoria e Método em Psicologia.** Trad. Cláudia Berliner. 1. ed. e 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996; 2004. (Psicologia e Pedagogia).

_____. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** (org.). Michael Cole...[et. All]. Trad. José Cipolla Neto; Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Psicologia e Pedagogia).

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A Imaginação e seu Desenvolvimento na Idade Infantil**. Conferência 5 – realizada em 1932. Madrid: Visor Distribuciones, 1993. (Obras Escogidas, Tomo II).

_____. LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. **La Imagination y el Arte en la Infancia**. Madrid: Akal Editor, 1982. (Ensayo Psicológico).

WECHSLER, Solange Muglia. **Criatividade: descobrindo e encorajando**. Campinas, SP: Editora Psy, 1998.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral**. São Paulo: Ed. Scipione, 2000. (Coleção Novos Tempos)

ANEXOS

ANEXO 1

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES COORDENADORES DO CURSO DE ARTES E ADMINISTRAÇÃO



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

ROTEIRO DE ENTREVISTA
PROFESSORES / COORDENADORES DE CURSOS

I – Dados de Identificação do Entrevistado

Professor:

Área de Formação:

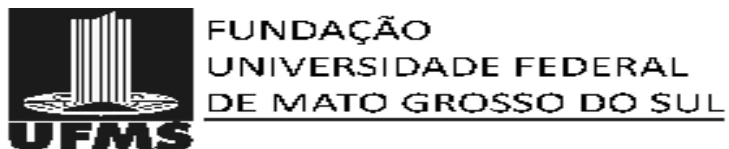
Qual o tempo de exercício da docência:

Disciplinas ministradas:

Curso:

II – Questões:

- 1) Qual o tipo de preparação e/ou formação que os acadêmicos recebem no curso para corresponder às exigências do mercado de trabalho?
- 2) Você concorda que as afirmações que o trabalho hoje é plenamente intelectualizado ou criativo?
- 3) Você concorda que as características intelectuais e de criatividade para o trabalho só podem ser aprendidas no ensino superior?
- 4) A cada dia o mercado de trabalho se torna cada vez mais escasso e diferente em suas exigências. Anteriormente o esforço mais exigido era o físico e atualmente é o intelectual, ou criativo. Qual a orientação que os acadêmicos recebem no curso sobre como eles poderiam se incluir neste mercado de trabalho?



- 5) O que você entende que seja criatividade?
- 6) E pensamento criativo?
- 7) Quais são os fatores que favorecem ou dificultam o desenvolvimento da criatividade?
- 8) O Curso prepara adequadamente e/ou forma profissionais criativos / intelectuais para serem inseridos no mercado de trabalho?
- 9) Você tem idéia de quais são as maiores barreiras à integração e/ou ingresso e permanência do recém formado pelo curso no mercado de trabalho?

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS EMPREGADORES



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - CURSO DE MESTRADO

ROTEIRO DE ENTREVISTA - EMPREGADORES

I – Dados de Identificação do Entrevistado

Empregador:

Empresa:

- 1) O que é produzido pela sua empresa?
- 2) Como é o trabalho para a produção deste na empresa? Como é desenvolvido?
- 3) Há necessidade de processos criativos por parte dos trabalhadores para a produção deste? em quais momentos da produção a criatividade dos trabalhadores é necessária? isto se dá diariamente?
- 4) O que você entende por criatividade?
- 5) E por Pensamento criativo?
- 6) Quais as exigências feitas ao trabalhador para ingresso e permanência na empresa?
- 7) Qual o perfil profissional mais adequado para atuação na empresa?
- 8) Você concorda com a exigência de que os trabalhadores devem ser criativo feita pelo mercado de trabalho atualmente? Por quê?
- 9) Existe na empresa um setor responsável pela criatividade na produção, ou ela depende das pessoas? Se, tem a partir de quando a empresa começou a desenvolver atividades criativas?
- 10) A empresa investe em criatividade? Como? Quais os mecanismos que são desenvolvidos e utilizados pela empresa? Quais os benefícios da integração do trabalhador criativo na empresa?
- 11) Considera que temos, na Região, recursos humanos criativos qualificados para as empresas?



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

- 12) Quais os impactos e conseqüências da exigência ao trabalhador de que seja criativo para ingresso e permanência no mercado de trabalho?
- 13) Quais as maiores barreiras encontradas quanto ao desenvolvimento da criatividade na empresa?
- 14) Você acha que a formação Universitária prepara adequadamente o trabalhador para ingresso e permanência no mercado de trabalho, de interesse da empresa?
- 15) Acredita que a falta de experiências criativas dos trabalhadores dificulta o ingresso e permanência no mercado de trabalho? Por quê?

ANEXO 3

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
E TERMO DE ANUÊNCIA**



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estou realizando uma pesquisa com a finalidade de identificar os fundamentos teóricos que embasam a exigência atual da criatividade no mercado de trabalho, após a automatização da produção e quais as suas conseqüências para o trabalhador. Participarão deste estudo professores(as) de Instituições de Ensino Superior, especificamente dos curso de Artes e Administração, como empregadores e trabalhadores que estão vinculados ao mundo do trabalho, em Campo Grande/MS, nos quais, serão analisados nos discursos a exigência da criatividade, seu conceito e a relação com a automatização no mercado de trabalho. O levantamento das informações será por meio de entrevista gravada que, depois de transcrita retornará ao (à) professor (a) entrevistado (a) para verificação dos registros.

O registro das informações, o nome e identidade do (a) professor (a) entrevistado (a) serão mantidos em sigilo, sendo garantido a confidencialidade e privacidade às informações coletadas quando da publicação do relatório final da pesquisa. Ao término do estudo cada participante será informado dos resultados obtidos sobre o assunto abordado.

Sua participação no estudo é voluntária, você pode optar em participar do mesmo ou não. Entretanto, sua colaboração é muito importante para que eu possa realizar este trabalho.

Ao decidir fazer parte deste estudo você receberá uma via assinada deste Termo de Consentimento.

Tatiana Calheiros Lapas Leão



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaro que li e entendi este documento de consentimento, todas as minhas dúvidas foram esclarecidas oralmente e que participo deste estudo voluntariamente.

Assinatura do (a) voluntário (a) _____ Data __/__/__

Nome completo do (a) voluntário (a) _____

Local e telefone de contato _____

Assinatura da Pesquisadora _____ Data __/__/__

Nome completo da pesquisadora _____

Telefones para contato: Residencial: 3384-2428 - Celular 9227-3865.

Programa de Pós-Graduação em Educação

Curso de Mestrado – UFMS: 3345 7616.

ANEXO 4

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO S1

TRANSCRIÇÃO DE UMA ENTREVISTA

Entrevista com S1

20 de dezembro de 2006

ENTR. - Qual o tipo de preparação e/ou formação que os acadêmicos recebem no curso para corresponder às exigências do mercado de trabalho?

PROF. - bom a preparação é a formação que eles tem é a grade, a grade curricular né, que atende... que atende as exigências do MEC. Agora então eles tem, são 4 anos, eles têm formação, nos dois primeiros anos uma formação básica, muito dela na área de na área quantitativa. Eles têm uma formação geral como sociologia, filosofia, psicologia, contabilidade e no terceiro, eles têm Teoria Geral de Empreendimento que é uma especialidade geral para o Administrador Econômica. E no terceiro e quarto ano eles têm a matéria profissionalizante, são as matérias mais voltadas para a profissão do administrador, nas quais eles tem seis disciplinas optativas, que... essas disciplinas elas mudam de ano para ano e tentam dá uma... uma... uma... formação mais atualizada da profissão. Agora se você me pergunta... Então de um modo geral eu poderia te dizer isso. Agora, essa pergunta, ela também poderia ser entendida assim: correspondem as exigências... as exigências do mercado de trabalho? Nós não... não... temos no curso de administração um... uma ferramenta... vamos pensar assim, o que, por mim, poderia até ser feito na minha disciplina que é quantitativa de Estatística, dentro do curso nós não temos institucionalizado uma ferramenta para saber o que o mercado está exigindo. Eu não sei! Até porque fica difícil, fica extremamente difícil, porque o mercado é..., o mercado é... variável né, extremamente variável. Você vai ter empresas que vão exigir uma determinada formação e outras empresas que vão exigir uma formação completamente diferente. O que a gente tem primado é dar uma formação mais generalística possível, de maneira que eles possam depois se acomodar, as... a... possam ter uma formação mais geral e aí quando o mercado pedir algumas coisas mais específicas, eles, com essa formação mais geral, eles possam se adequar... adequar-se ao mercado. Essas disciplinas do terceiro e quarto ano elas são mais voltadas para um mercado de trabalho nacional né... O que você tem nos últimos anos... você tem... (parou) Sobre as matérias optativas eu posso te responder o seguinte: por exemplo: é... vou te dar alguns exemplos. Nós temos é... Comportamento Organizacional, Pesquisa de Marketing, Organizações de Recursos Humano,

Administração e Produção de Materiais. Todas essas disciplinas são disciplinas específicas do Administrador para a formação profissional dele e aí estão no terceiro e no quarto ano. Agora elas não estão sendo dadas para a realidade específica de Campo Grande para Mato Grosso do Sul. Estão... a bibliografia é geral, a nível de país, com o que a gente tenta se adequar... gente tenta adequar as coisas de Mato Grosso do Sul. Por exemplo: esse semestre uma da disciplina que a gente tinha, a gente chamou toda a semana, tinha palestra com algum empresário da cidade. Então, eles falavam de seus negócios, eles acharam bem melhor. Então nós recebemos gente aqui do Comper, recebemos gente do Carrefour da Coca-Cola, ou seja, gerentes desses lugares falando sobre a função do administrador e do desafio do administrador em cada um desses lugares. Então eu diria que a adequação a mirada no mercado de trabalho, atual, tem sido contemplada dessa forma. Eles têm uma formação que não é a específica para a realidade de Campo Grande mas, acaba sendo uma disciplina que a gente trás gente para poder falar das peculiaridades da cidade assim.

ENTR. - Você concorda que as afirmações que o trabalho hoje é plenamente intelectualizado ou criativo?

PROF. - O trabalho é plenamente intelectualizado ou criativo? Eu... acho que... quem se sobressai no trabalho é uma pessoa intelectualizada ou criativa mas, eu acho que... de um modo geral, não é isso. As pessoas ainda fazem coisas muita burocrática né... Muito burocrático no sentido assim, eu acho que, ainda tem muita mesmice no mercado. Em nível de administrador de curso de Administração, acho que tem muito isso, muita mesmice. É claro que aquele cara que é extremamente criativo, aquele cara que... que... teve uma... uma... tem uma postura mais intelectualizada, aquele cara está se sobressaindo no mercado mas, a grande maioria é no batidão. Aquele negócio que é... aquelas regrinhas ... daquelas regrinhas ainda é... ainda é assim. Nossa! é claro! Não... não... nós... nós... não estamos numa situação em que a criatividade está se sobressaindo... Desculpa... a criatividade ela se sobressai em casos, em casos é... excepcionais... excepcionais. **Talvez até somente em determinadas áreas?** Também acho, também acho.

ENTR. - Você concorda que as características intelectuais e de criatividade para o trabalho só podem ser aprendidas no ensino superior?

PROF. - Acredito piamente nisso! Na verdade, a gente, no curso... no curso de Métodos Quantitativos (parou) é... eu quando começo a minha disciplina, eu trabalho eu... eu... falo para eles de dois livros que eu acho extremamente importante que eles leiam. Um livro

chama “Um Toque Na Cuca” do Roger (xxxx) que é um cara que fez Doutorado em Harvard e, ele dá consultoria para grandes empresas americanas, Macdonald, IBM... e, ele trabalha neste livro uma coisa chamada criatividade, que você está colocando aqui. Exercícios para que você possa desenvolver a Criatividade. Vários deles são: “faça o caminho da sua origem até o seu destino de uma maneira diferente”, “chegue em casa e feche os olhos e tente dirigir até seu quarto”, “procure olhar uma determinada situação de outra forma”..., ou seja, são exercícios que você desenvolve essa habilidade de ver as coisas de outra maneira. E outro livro que eu falo para eles é o livro chamado “Pensamento Lateral” de Eduardo Bonno que trabalha muito isso aí de maneira um pouco mais matemática. Você vê as coisas de uma outra maneira. A gente tem um costume na academia de fazer as coisas fazer a análise em profundidade. Você vai cavando um buraco, cada vez mais profundo e enxergando cada vez menos né..., e... ele fala que se você quiser desenvolver a criatividade você tem que... você não tem que fazer isso, você tem que procurar olhar lateralmente o mais longe possível, fazer as inversões das diversas áreas. Então, essa é uma coisa que, a gente tem de alguma forma... (parou) é..., então, eu acredito piamente que essas são características que você... que a criatividade pode ser desenvolvida.

ENTR. - A cada dia o mercado de trabalho se torna cada vez mais escasso e diferente em suas exigências. Anteriormente o esforço mais exigido era o físico e atualmente é o intelectual, ou criativo. Qual a orientação que os acadêmicos recebem no curso sobre como eles poderiam se incluir neste mercado de trabalho?

PROF. - Eu acho que... eu acho que... a... seria... seria muita pretensão te dizer que a gente tem uma... que a gente tem uma postura específica para desenvolver a criatividade no curso de Administração. Não, nunca, eu diria que a gente tenha. A gente tem coisas isoladas como isso que eu te falei, mais de, sugestão do que, de formação de cobrança. Eu sugiro esses dois livros mas, o percentual de alunos que acabam vindo aqui me pedindo algum deles emprestado ou, vindo atrás, fica em cinco..., dois... quase nada entendeu, então seria... seria... muita... muita pretensão te dizer que a gente tenha uma formação para a criatividade. Agora para este mercado em... eu... a maioria é intelectualizada, eu acho, que aí sim, eu acho que, a própria Grade Curricular do curso e... e... as exigências que o aluno tem para ser aprovado em cada uma das disciplinas faz com que ele tenha uma... que ele tenha uma formação mais... mais... próxima do que o mercado está exigindo né. A gente tem que lembrar assim: eu sempre comento o seguinte: o aluno do curso de Administração da Federal, seja diurno, ou seja, noturno, é um aluno diferenciado. Porque que é um aluno diferenciado? O vestibular este ano

deu 16 para 1, ou seja, 16 para 1, é uma procura enorme..., enorme! Por mais que o processo de seleção, não seja, excepcional, temos algumas deficiências ainda no processo de seleção, como por exemplo: como uma exigência muito pequena na área quantitativa dos nossos alunos a gente tem a mesma... é o mesmo vestibular do pessoal de letras que, são, formações completamente diferente e, a... mas mesmo assim, é um aluno muito bom! Você imagina assim: são 50 vagas, 16 para 1 quer dizer que tem 800 pessoas interessadas em fazer o curso de Administração, ou seja, então... é uma belíssima..., você acaba tendo ótimos alunos e, quando, você tem ótimos alunos eu acho, que essa parte intelectual e... consegue-se trabalhar direitinho né.

ENTR. - O que você entende que seja criatividade?

PROF. – Eu entendo que criatividade é você dá soluções diferentes do que do que a maioria das pessoas dão. É..., vamos pensar assim: não sei se você lembra aquela... tem uma brincadeira que se faz com uma fotografia, com um desenho de Jesus Cristo crucificado? A... cara dele, é... um negócio assim... uns tons de preto e branco que quando você olha para a figura e parece uma figura que não viu nada e, quando, você se aproxima da figura, muito próximo, e ai vai se afastando, a imagem do Cristo vai se formando né. Eu acho que criativo é mais ou menos isso. Criativo é... criatividade é quando você consegue enxergar uma coisa que a maioria das pessoas não conseguem enxergar, no sentido de criar coisas né..., ser criativo é isso. No sentido de... de... criar coisas do... solucionar coisas que os outros não dão conta.

ENTR. - E pensamento criativo?

PROF. – Pensamento criativo é... é você constantemente tá fazendo isso, ou seja, é você tá pensando as coisas não da maneira óbvia que todo mundo tá pensando. Você tá pensando de uma outra maneira, de uma maneira mais eficaz, mais interessante. O que eu entendo por pensamento criativo é isso.

ENTR. - Quais são os fatores que favorecem ou dificultam o desenvolvimento da criatividade?

PROF. – Não. Eu acho que o trabalho... eu acho que o trabalho do curso, a Grade Curricular de um curso, de um modo geral, ela trabalha muito mais é... para dificultar a criatividade do que para desenvolver ela. Porquê? Por que a Grade Curricular ela tem uma postura assim acho que... meio... meio de... de tradicional né! De você perpetuar um determinado conhecimento e, ainda, que as coisas vão evoluindo, no ano seguinte você pode adotar um livro diferente..., um

livro diferente e tal. Mas, eu acho, que a ementa dela, que um plano de ensino dela, de um modo geral, o plano de ensino não, a ementa dela né, eu acho que, ela tem um sentido assim, mais de tolher a criatividade do que propriamente estimulá-la. A menos que você tenha disciplinas voltadas especificamente para isto né. Até você falando agora, fazendo essa pergunta, me... me... surge a idéia de que... quem sabe poderíamos buscar alguém lá da área de Psicologia né... pra dar uma disciplina optativa aqui no curso, no último ano, sobre isso, o Desenvolvimento de Criatividade. Adotar, quem sabe esses livros que eu estou te falando no sentido de desenvolver... Eu acho que isso dificulta o desenvolvimento dela. É um conhecimento que você tem, de alguma forma, adquirir. É uma série de regras, uma série de procedimentos que... o que se move, o que se ensina no curso, é, o óbvio né. É aquilo que um profissional tem que ter, o mínimo que ele tem que ter, pra conseguir é... atuar depois no mercado. **Você acha que se tivesse uma disciplina específica você acha que favoreceria?** Eu acho que seria um fator que favoreceria né. Eu acho que seria. Ou quem sabe até..., ou quem sabe até nós temos uma disciplina chamada Psicologia Aplicada a Administração, quem sabe tem um tópico da disciplina aplicada a Administração que pudesse trabalhar a criatividade poderia como a disciplina é dada logo no primeiro ano ela poderia estimular o aluno para que ao longo do curso ele fizesse isso de uma maneira criativa né.

ENTR. - O Curso prepara adequadamente e/ou forma profissionais criativos / intelectuais para serem inseridos no mercado de trabalho?

PROF. - É eu acho que ele prepara. Eu não sei! Que... quer dizer, eu diria que... um profissional criativo, não. O curso nunca pensou dessa forma certo. Então quando você pensa num curso de Graduação, normalmente é pra cara ter... o mínimo necessário para ele exercer a sua profissão. Basicamente isso né... É... de alguma forma acho que a gente acaba até delegando a responsabilidade ao aluno, de que ele seja, um diferencial, de alguma forma, que ele se vire na diferenciação que ele quer fazer do mercado. Não tem nada no curso especificamente para que ele seja criativo.

ENTR. - Você tem idéia de quais são as maiores barreiras à integração e/ou ingresso e permanência do recém formado pelo curso no mercado de trabalho?

PROF. - Nossos alunos aqui tem uma situação muito peculiar. Que é o seguinte: os alunos do noturno, quase que a totalidade deles, estagiam já desde o segundo ano do curso. Eu, para você ter uma idéia, nos dois últimos anos, eu tenho sido procurado por empresas para que, eu sugira alunos pra... pra... estágios, e não consegui um. Todo mundo está fazendo estágio. No

diurno, muita gente também faz estágio, mais da metade. É... isso..., isso faz com que quando o aluno termine, ou ele seja já incorporado pela empresa né, e continua incorporado ai pela empresa é..., ou que ele vá fazer mestrado tal. Já temos agora alguns alunos ai que... que... estão indo atrás de... de... mestrado. Então, não... não... não saberia te dizer se tem muitas barreiras para eles conseguirem trabalho né. O que eu sei é... eu fiz uma pesquisa, o ano passado, com os alunos de Administração, eu fiz uma pesquisa... a 4 anos atrás com formandos em Administração da minha disciplina. A gente colocou os alunos para ir atrás. Ai, eu fui lá na PREG, peguei a lista dos caras, que tinha formado desde quando começou esse curso, aqui na Universidade. Tinha lá, o endereço deles antigo e tal e a gente foi atrás deles, para saber quanto eles estavam ganhando, se tinham feito alguma Pós-Graduação, se eles demoraram muito para serem inseridos no mercado. Bem, constatamos que a Universidade não tem preocupação nenhuma com o egresso. O egresso - é egresso o cara que terminou né? – Nenhum, os cadastros, completamente desatualizados é... completamente desatualizados. A gente conseguiu contactar 40% dos caras que já tinham terminado. A... e vimos que isso não era só na Administração. Por exemplo: eu orientei aqui uma dissertação de mestrado na área do leite e na área de cultura de corte, a gente perguntava o papel de algumas Instituições nessas duas cadeias. E a Universidade Federal, as Universidades, estão as duas cadeias. Nós temos uma cadeia de frango né... de cultura de corte e uma cadeia de leite. E elas estão lá para quê? Para a formação profissional. Ta, que bom! Já que elas estão lá... estão lá para formação profissional então, nós podemos perguntar para a Universidade o seguinte. Os seus profissionais estão trabalhando nessas cadeias produtivas? Eu não sei! Eu formo Zootecnista aqui mas, não sei onde ele está trabalhando. Não há uma preocupação com o egresso. Eu formo Biólogo e Bioquímico e não sei onde ele está, ou seja, não há... não há uma preocupação com o egresso. Como não há uma preocupação com o egresso, o que você tem são informações assim, esporádicas de egressos que vem aqui, que nos ligam, que encontro na rua e falam “ah! Professor! eu estou trabalhando aqui, acolá”, mas não, se eu fosse ser muito sincero, eu não saberia te dizer. A sensação que eu tenho por conta da criatividade, de pessoas fazendo estágios, por essas informações esporádicas, é que eles não estão tendo muita dificuldade, o aluno de Administração da Federal, em conseguir colocação. Bom naquela pesquisa a gente também notou assim, que 40% dos alunos não estavam mais trabalhando com a administração, estavam trabalhando com outra área porque essa é uma outra realidade interessante. Aqui tem muita gente que faz Administração aqui e faz outro curso... curso, ou seja, ele faz Administração e Direito, ele faz Administração e Turismo, ele faz Administração

e Matemática, ele faz Administração e outra coisa né. Acaba tendo um percentual grande de alunos que está fazendo Administração e outro curso.

ANEXO 5

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE S2

TRANSCRIÇÃO DE UMA ENTREVISTA

Entrevista com S2

21 de dezembro de 2006

ENTR. - O que é produzido pela sua empresa?

EMPR - Silos para sistema de armazenagem de grãos, estruturas metálicas, estruturas portuária, instalações industriais como cervejaria, maltaria. Tudo o que é voltado para a empresa metal mecânica.

ENTR. - Como é o trabalho para a produção destes na empresa? Como é desenvolvido?

EMPR - Tem início na compra de matéria prima né!?!..., É... no caso, começa. Que é a partir da estamparia, que o processo produtivo começa, na estamparia, através das máquinas. As máquinas aqui da Kepler são todas, é... informatizadas, digamos assim, não é bem essa a palavra, mas, elas são todas... é só colocar o metal lá dentro, apertar o botão e ela sai. Na/A Empresa são todas (as máquinas) definidas de uma forma *stand bye* – produção dentro do tempo, uma coisa assim. Então, ela é toda... é, quem fez, quem inventou todo o projeto colocou ela de uma forma que ela facilita o procedimento das peças. Então, cada peça, terminou (n)a primeira, vamos colocar 1, 2, 3, porque eu não sei o nome de todas. Terminou a estamparia, quando ela passa para o outro setor, ela já é uma peça de encaixe desse primeiro setor. Então, desde o começo até o final, ela passa por vários procedimentos até chegar na logística que, é, aonde é feito o... o... vai pro caminhão e exporta. Vai para a Unidade de Panambi, para exportação. Então, cada peça que é produzida, a partir de cada momento aqui, é como se fosse uma... uma... peça de encaixe mesmo. Cada peça que sai, ela vai se encaixando na outra, na outra, até chegar na logística, pronta, somente pra pintura. Antes da logística tem a pintura e ai já despacha. Então assim, o processo dela aqui dentro... quem fez o projeto, de quem fez... foi assim... foi bem inteligente. Ele... ele... pensou! Lá em Panambi é tudo misturado. Então, vai para um canto, depois vai pro outro lado da Fábrica, depois volta. Então, ele pensou! Ele foi criativo! Então, ele pensou em colocar uma máquina do lado da outra..., conforme o procedimento, o processo das peças, do silos, no caso.

ENTR. - Há necessidade de processos criativos por parte dos trabalhadores para a produção destes? Em quais momentos da produção a criatividade dos trabalhadores é necessária? Isto se dá diariamente?

EMPR - Bom é..., diariamente não, mas quando ocorre algum... algum problema, alguma coisa que possa atrapalhar no processo produtivo, ele tem que usar a criatividade para tá achando alguma saída para que não... não... emperre o processo. Para que continue! Até mesmo porque, as coisas aqui têm que, ser muito rápidas, senão pode acabar atrapalhando a entrega de um pedido ou alguma coisa parecida. Então, a criatividade se dá nesses momentos. Nem sempre, mas, então eles precisam se utilizar da criatividade quando surge algum imprevisto. Eles te/êm que arrumar uma saída. Eles te/êm que ter uma idéia que possa consertar esse problema, sanar esse problema.

ENTR. - O que você entende por criatividade?

EMPR - Eu entendo por criatividade que é assim: é uma idéia que você tem, uma idéia que possa ser utilizadas por outras pessoas né?! Você tem que ser criativo nas suas atitudes diárias, a idéia que você tem é algo que deve ser aceito por outras pessoas, algo que seja útil, digamos um diferencial frente a uma decisão, é uma forma de resolver um problema de forma diferente, de forma rápida e inteligente, criatividade é ter idéias distintas das convencionais, uma coisa que vai ser aceita por outras pessoas é... Como que eu posso te falar?... Perai... vamos pensar aqui... criatividade é: ... eu entendo isso: são idéias que vão ser úteis para outras pessoas. Vão ser úteis dentro do processo, vão ser criativos, vão ser alguma coisa... Você vai ter o pensamento mais rápido, assim, para ter uma idéia, pra resolver, pra dar andamento, para melhorar.

ENTR. - E por Pensamento criativo?

EMPR - Bom, pensamento criativo é exatamente isso! É... você ter essa habilidade de pensar rápido, achar uma saída, de ter uma idéia que vai ser apropriada pro momento.

ENTR. - Quais as exigências feitas ao trabalhador para ingresso e permanência na empresa?

EMPR - Inicialmente a exigência é ter os documentos em dia, é escolaridade, dependendo da função que ele for..., dependendo do cargo ou função que ele for exercer ele tem que ter um determinado nível de escolaridade. Por exemplo, no caso do Supervisor, ele tem que ter o Nível Superior completo.

ENTR. - Qual o perfil profissional mais adequado para atuação na empresa?

EMPR - Depende da função. Como aqui são diversas funções, então, o perfil tem que se adequar exatamente com o que vai desenvolver dentro da empresa.

ENTR. - Você concorda com a exigência de que os trabalhadores devem ser criativos feita pelo mercado de trabalho atualmente? Por que?

EMPR - Concordo porque o... o... o funcionário, (se) ele já... ele tem criatividade, ele tem mais facilidade para trabalhar em equipe, pra resolver as coisas então, assim ele ajuda, ele facilita no dia-a-dia, no processo da empresa, nos processos de trabalho.

ENTR. - Existe na empresa um setor responsável pela criatividade na produção, ou ela depende das pessoas? Se tem, a partir de quando a empresa começou a desenvolver atividades criativas?

EMPR - Sim. A Empresa, ela já tem uma política interna né?! Temos nosso Setor de Recursos Humanos que faz essa parte de..., que é responsável por essa parte de criatividade. Então assim, desde que foi inaugurada, em 2004, ela tem esse setor responsável pelo desenvolvimento. A política interna da empresa em relação ao desenvolvimento de pessoal é que todos os colaboradores devem ser avaliados e treinados conforme necessidade, a empresa tem por foco capacitar profissionais e estimular o crescimento profissional e pessoal. Os treinamentos de RH são todos ministrado internamente, a empresa possui um amplo local destinado para cursos, palestras e treinamentos. O tipo de treinamento e pessoas envolvidas são selecionados pela consultora de RH na unidade de Campo Grande.

ENTR. - A empresa investe em criatividade? Como? Quais os mecanismos que são desenvolvidos e utilizados pela empresa? Quais os benefícios da integração do trabalhador criativo na empresa?

EMPR - Ela investe. Ela investe através de treinamentos, cursos, palestras, enfim... Esse é o tipo de investimento que ela faz né!? Os benefícios são exatamente o que eu te falei: ele... o trabalhador acaba ajudando no processo, porque ele recebe o treinamento e, através do treinamento ele consegue ter uma mente mais aberta para estar resolvendo os problemas que eventualmente possa aparecer; que sempre aparecem, não tem jeito. A empresa se beneficia quando investe no colaborador porque os treinamentos refletem diretamente no dia-a-dia da empresa, pois através de treinamentos ela estimula o colaborador a buscar novos desafios e

atingir novos resultados e isso agrega um valor muito grande ao negócio. Eles sentem valorizados por parte da empresa, que está investido neles como pessoa, se a empresa acredita que eles possuem potencial isso ajuda no bem estar deles e isso reflete diretamente no processo de produção. Inclusive temos um programa interno onde os colaboradores que apresentam idéias criativas, são premiados, isso é um exemplo de como o colaborador treinado e com a “mente aberta” para novas idéias ajuda a empresa, tivemos várias reduções de custos por iniciativa dos colaboradores que mostraram novas formas de conduzir determinadas atividades.

ENTR. - Considera que temos, na Região, recursos humanos criativos qualificados para as empresas?

EMPR – Não! Nossa Região é bem carente dessa qualificação. Até mesmo a gente tem que... a gente contrata o colaborador, eu utilizo termo colaborador porque tratamos a pessoa como “colaborador do processo produtivo” acredito que o termo “empregado” já está ultrapassado em algumas empresas privadas e, a gente, tem que fazer o treinamento. O trabalho rotineiro da função o próprio nome já explica - ROTINA – exemplo: é muito simples para uma pessoa que trabalha no carregamento de caminhões, no momento de receber o treinamento ele vai ser instruído a buscar as peças em determinado local e colocar no caminhão, isso é rotina, e no treinamento para a pessoa ser criativa ou utilizar a criatividade (ou qualquer outro treinamento) ele não fará somente esse procedimento operacional, ele pensará qual a melhor forma de transportar essas peças até o caminhão, qual a forma mais rápida para não desperdiçar tempo.

ENTR. - Quais os impactos e conseqüências da exigência ao trabalhador de que seja criativo para ingresso e permanência no mercado de trabalho?

EMPR – Impacto?... Impacto e conseqüência né? A conseqüência é que a empresa quando contrata, ela já tem que ter um determinado custo para treinamento desses colaboradores. Porque, eles vêm muito... muito cru, digamos assim, do mercado. Então, eles te/êm que ser treinado, tem que ter um determinado investimento e até mesmo um período pra ter o retorno deste investimento. Investir no funcionário e mesmo a gente ter um período de retorno. E os impactos, é justamente este! É a dificuldade pra encontrar mão-de-obra que tenha essas habilidades, essa criatividade.

ENTR. - Quais as maiores barreiras encontradas quanto ao desenvolvimento da criatividade na empresa?

EMPR - As barreiras é... as barreira..., as barreiras que a gente encontra é que eles não tem pré-disposição para estar participando dos cursos. A maioria acha que é bobeira, a maioria acha que isso não vai levar a nada. Mas, assim, o treinamento serve justamente para isso, para mudar essa idéia neles. Então, uma das maiores barreiras é a falta de interesse dos colaboradores em aprender sobre criatividade ou sobre motivação no setor de RH através de ferramentas como por exemplo palestras ou vídeos/filmes tenta motivar os colaboradores, saber o que é motivação cabe à psicóloga – consultora de RH). Então, essa é a maior barreira que nós encontramos.

ENTR. - Você acha que a formação Universitária prepara adequadamente o trabalhador para ingresso e permanência no mercado de trabalho, conforme o interesse da empresa?

EMPR - Eu acredito que a formação Universitária ajuda muito teoricamente, mas na prática é um quadro totalmente diferente. Até mesmo para a permanência no mercado de trabalho. Porque a pessoa pode ser formada, mas se ela não tiver criatividade, habilidade se ela não é... buscar aperfeiçoar aquilo que ela foi formada, ela não consegue permanecer no mercado de trabalho e, até mesmo o ingresso. Talvez, quando você está lá dentro da Faculdade você... as portas estão abertas, mas a partir do momento que você sai, que você é formado, as portas se fecham. Então, você tem que ter a prática, juntar com a Faculdade, para conseguir permanecer.

ENTR. - Acredita que a falta de experiências criativas dos trabalhadores dificulta o ingresso e permanência no mercado de trabalho? Por quê?

EMPR - Acredito que dificulta. Porque as empresas, elas estão cada vez mais exigentes. Então, uma das coisas que os consultores..., quem recruta quer que as pessoas seja criativa, até mesmo tem... quando você é contratado por algumas empresas, você passa por alguns processos que você tem que ser criativo, você tem que se destacar com toda as pessoas que estão concorrendo à vaga com você. Então, as empresas tão procurando isso, tão procurando funcionários criativos, eles tão procurando alguém que caminhe sozinho e que possa trazer idéias para a empresa porque, senão, se ficar só neles ali, eles não querem. Então, eles... eles tão buscando isso no profissional. Então dificulta muito não ter essa experiência criativa. Experiência criativa é a pergunta, a explicação está no texto acima, profissionais que possuem

certa facilidade para inovar, para ser criativos, que tenham passado por experiências que agregaram valor como profissional, valores que podem ser aplicados em outras empresas. Não acredito que os trabalhadores estão desempenhando funções pelas quais não são pagos, se não tiverem criatividade para pelo menos tentar resolver problemas relativos ao seu setor ou terem idéias que ajudem a empresa o que será desse profissional? Não que o profissional tenha que resolver todos os problemas inerentes ao processo mas o que estiver ao alcance dele. Exemplo: eu trabalho no RH, mas sei configurar impressora, quando temos algum problema em relação a isso eu não solicito que venha um colaborador específico da área de informática para resolver o problema, eu mesma tenho a atitude de resolver, até mesmo ser for do colega ao lado, economizando assim tempo e deixando o pessoal da informática disponível para atender os problemas da produção, que é o mais importante, isso é um pequeno exemplo. Abaixo alguns exemplos das idéias que os colaboradores tiveram no programa que a empresa mantém premiando as melhores idéias (e nenhum deles está desempenhando funções além do que foram contratados, pois a idéia é referente ao processo diário que desempenham): IDÉIA: Suporte para polias - O Sr. A criou um suporte para colocar as polias na área de Máquinas de Limpeza. Este suporte contribuiu com organização do local de trabalho, com a conservação das polias que acabavam sendo danificadas por estarem expostas no chão da fábrica, e ainda contribui com a segurança dos colaboradores, pois cada polia pesa em torno de 90 kg e em caso de queda poderia causar um acidente de trabalho. Os senhores A e B, colaboradores da área de Pintura, somaram 3.200 pontos através da idéia: **“Colocação de tampa sobre o tanque de imersão para evitar a evaporação”**. A idéia gerou uma economia mensal de aproximadamente 2.600 litros de solvente (equivalentes a R\$ 8.100,00/mês).